



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



ANÁLISE DA PAISAGEM DA FOZ DO RIO DOCE E LITORAL CAPIXABA

2. RECOMPONDO A PAISAGEM

Equipe:

Coordenação Técnica:	Fernanda Rennó
Coordenação equipe UNESCO:	Raul Lanari
Consultores UNESCO:	Alexandra Freitas Cynthia Creatini Clayton Peron Georgia Jordão Sara Aredes
Fundação Renova:	Emília Paiva Silvia Paquelet Thais Herdy

JULHO DE 2020

Sumário

3. <i>Recompondo a Paisagem</i>	3
3.1 Tempo, espaço e pessoas no território do rio Doce.....	3
3.2 Relações entre as tipologias paisagísticas.....	24
3.3 Principais marcos políticos e históricos suas influências nas paisagens da foz do rio Doce.....	69
3.4 Relações entre as pessoas e as tipologias paisagísticas	90
3.5 Sentimentos, paisagens e pessoas.....	110
3.6 Paisagens, pessoas, vivências e olhares.....	124
3.7 O rio Doce e seu lugar nas identidades das pessoas	153
3.8 Percepções do passado, leituras do presente e o futuro imaginado.....	172
3.9 O futuro das paisagens: caminho de possibilidades e potencialidades.....	191
3.10 FLUXOGRAMA PAISAGÍSTICO DA FOZ DO RIO DOCE E LITORAL CAPIXABA	210

3. Reconstituindo a Paisagem

3.1 Tempo, espaço e pessoas no território do rio Doce

A configuração do território da foz do rio Doce e do Litoral Capixaba é resultado de processos históricos de disputas e permanências espaciais, culturais, políticas, bem como, de incentivos econômicos. Olhar hoje para as paisagens da calha é promover um resgate de relações ancestrais que se desenrolam no tempo e se configuram e reconfiguram em diferentes formas, percepções, identidades e representações do espaço e das pessoas. As paisagens nos situam no contexto presente dessa região e nos dão pistas sobre os cenários do porvir.

O tempo é um eixo analítico transversal ora visto sob a perspectiva diacrônica ora visto sob a perspectiva sincrônica. Ele virtualiza transformações recentes e antigas reveladas pelas paisagens, evidencia processos, apresenta resistências e compõe destinos.

A ruptura da barragem de Fundão em 2015 é um importante marco espaço-temporal. O evento e a situação de desastre que perdura no território nos anos subsequentes redesenham relações e ativa identidades específicas. Pode-se dizer, que “a lama” inaugura um antes e um depois nas histórias que se desenrolam por e através do rio Doce. Após 2015 a disputa histórica pelo acesso à terra e a água ganha novos contornos de complexidade na calha e a demanda por segurança hídrica e alimentar ganha visibilidade.

O espaço abarcado pelo território do rio Doce é analisado como um encontro de histórias, constituído e moldado por interações físicas e sociais e, por isso, dinâmico no tempo. O dinamismo espacial se reflete diretamente na construção das paisagens, que, quase sempre, se borram, se complementam e se sobrepõem.

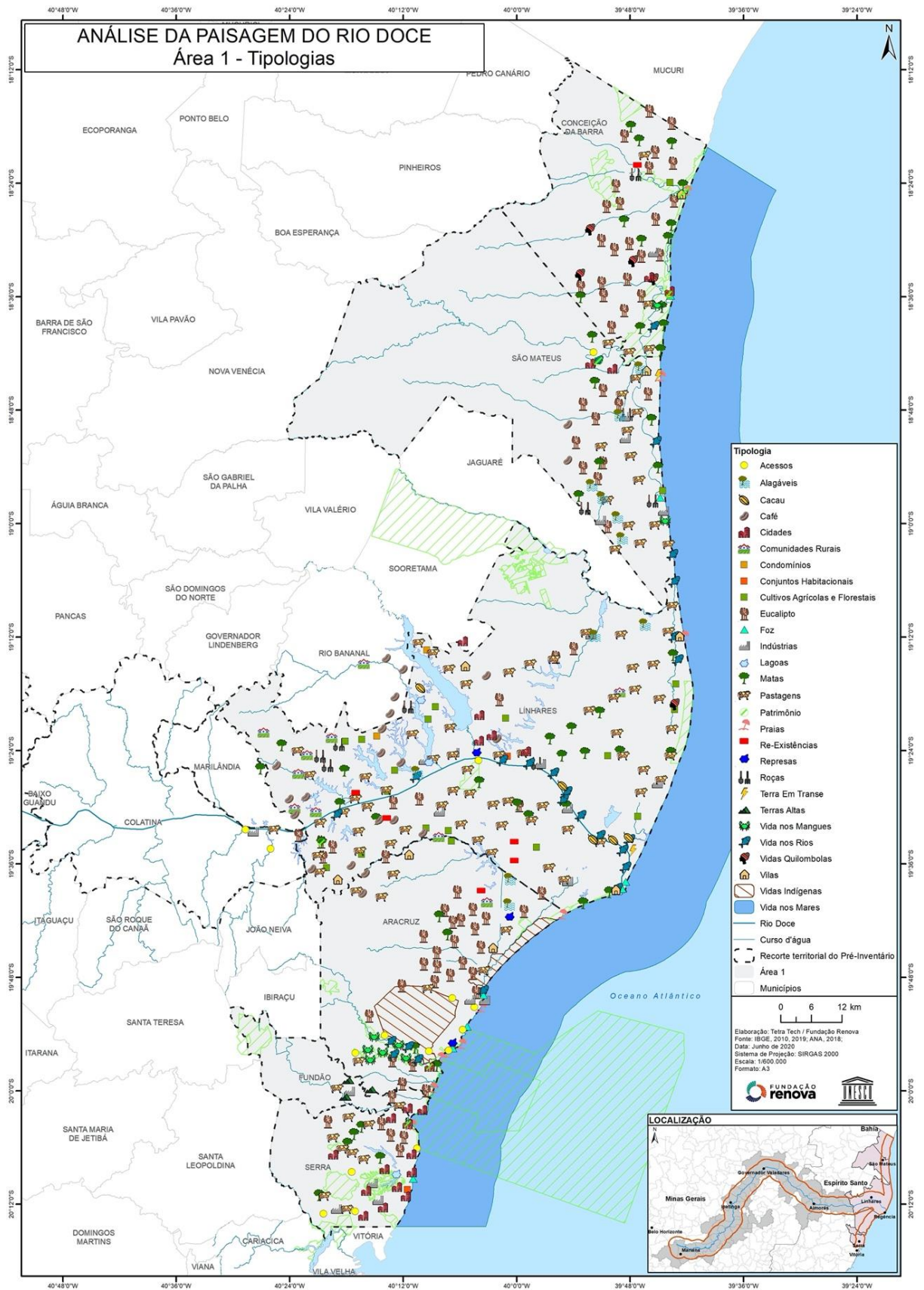
As pessoas e as representações do território do Doce compõem e animam as paisagens identificadas. Embora localizadas, as percepções e peças artísticas revelam relações no e a partir do rio Doce que estão para além do que as distâncias apontam e os olhos alcançam. Trata-se de

sentimentos que costumam relações de proximidade ou distanciamento físico e/ou simbólico das paisagens com o rio e que são fundamentais para o entendimento do povo (do) Doce.

3.1.1. Juntando os fios (paisagísticos) na Foz do rio Doce e no Litoral Capixaba

Na região da foz do rio Doce e litoral capixaba foram identificados vinte e oito tipos paisagísticos que coexistem e se sobrepõem física, sensível e/ou temporalmente (Mapa 1).

Algumas paisagens têm uma forte relação com o rio Doce, outras nem tão visíveis ou diretas. As paisagens que se conectam diretamente com o rio Doce são fortemente influenciadas por condições geomorfológicas, climáticas e pela co-localização de ecossistemas. As paisagens que se conectam indiretamente são, na maior parte das vezes, intermediadas por contextos ambientais, históricos, culturais, econômicos e técnicos que sobrepõem paisagens física ou simbolicamente.



Mapa 1: Tipologias paisagísticas do Litoral Capixaba e Linhares.

O rio Doce é o fio condutor da dinâmica desse território, e será, nas próximas linhas, o responsável pela apresentação de suas paisagens. Essas paisagens engendram relações com esse enorme e sufocado curso d'água e só ganham visibilidade através de análises que englobam componentes técnicos e sensíveis.

Para costurar as paisagens identificadas embarca-se no rio Doce pelo Oceano Atlântico próximo a costa do Espírito Santo. De lá, de onde se "diz terra à vista" forma-se a primeira imagem do tipo paisagístico Vida nos Mares. Essa paisagem, que se estende do norte ao sul do Litoral Capixaba é também cenário da entrada de estrangeiros europeus, naturalistas e pioneiros, que exploraram o território do rio Doce a partir do século XIX. Animada por embarcações das mais diversas, que vão de petroleiros, contêineres de minério a pequenos barcos; o som das aves, do vento e o balanço das águas conduzem os navegantes às paisagens de Praias e Foz.

Os fluxos de pessoas, serviços, mercadorias e energia entre os ecossistemas trazem visibilidade à interação ou

ausência dela entre os tipos paisagísticos com o Rio Doce. Há fluxos de pessoas que vêm de fora, fluxo de mercadorias que vão para fora. Águas que vêm dos rios e dos mares. Águas que se encontram e disputam espaço nas fozes espalhadas no litoral capixaba.

A Foz do rio Doce é uma dança dinâmica. É produto de disputas, acordos, conveniências e solidariedades que constrói e reconstrói os formatos de seu estuário no tempo. É uma paisagem que conecta o Oceano Atlântico (Vidas nos Mares) ao rio Doce e, por esse caminho, amarra paisagens de Praias, Vidas nos Mangues, Vidas nos Rios, Lagoas, Vidas Quilombolas e Comunidades Rurais que estão ao norte e ao sul da costa onde deságua o Doce.

Diretamente, a paisagem de Foz no rio Doce conecta/separa suas margens e liga a paisagem Vida nos Rios a Vilas. É emblemático o caso da forte conexão observada entre Povoação a Regência. Além da proximidade física há uma liga cultural, histórica e identitária que une as duas margens. Esses territórios são palcos da pesca artesanal, da manifestação do Jongo, do Congo e da figura

mítica do Caboclo Bernardo. Ali, os sucessivos processos de ocupação da terra marcam as feições e cores da população e ressaltam a mistura e a co-presença das populações negra, branca e indígena.

Pela foz do Doce chega-se a Vida nos Rios, a terceira margem desse rio. Desse ponto de vista começa a subida do Doce em direção às suas nascentes no estado de Minas Gerais (visada perpendicular ao Oceano Atlântico). Sob a perspectiva das seções de terra que se desdobram paralelamente à calha do rio evidenciam-se paisagens que se configuram a partir desse divisor, embora elas não estejam à sua beira imediata ou integradas a sua rede hídrica.

O extremo norte do território encosta no sul da Bahia e conecta o rio Doce aos fluxos de pessoas, identidades e modos de vida que vêm da região nordeste. É através desses fluxos que as paisagens que hoje se configuram como Vidas Quilombolas têm sua origem. As Vidas Quilombolas identificadas não estão à beira do Doce. Estão em Conceição da Barra, em São Mateus e no norte Linhares, onde cantam

e dançam o Jongo e o Ticumbi. Em Degredo, localidade em que essa paisagem ocorre mais próxima do Doce, a relação com o rio é indireta e reforçada após 2015. Ao chegar no mar, a dispersão da pluma do rejeito de minério impediu o principal modo de vida dessas pessoas, a pesca artesanal no mar, e, por consequência, impactou o pequeno comércio que existia relacionado a essa atividade.

Do contato da porção norte do território do Doce com o sul da Bahia é que se importa as culturas do cacau e da seringa. A demanda por água e a presença de áreas sombreadas geradas pela mata Atlântica nativa à beira do rio Doce orientaram, em meados da década de 1920, a instalação do cacau em suas margens alagáveis e em ilhas fluviais. Desde essa época foi se configurando o que hoje se apresenta como a paisagem Cacau. Embora ela surja no território nessa relação de co-dependência com o Doce e sob o modelo de cultivo de Cabruca, depois da recessão gerada pela vassoura de bruxa nos anos de 1990, essa paisagem se reorganizou na forma e no espaço.

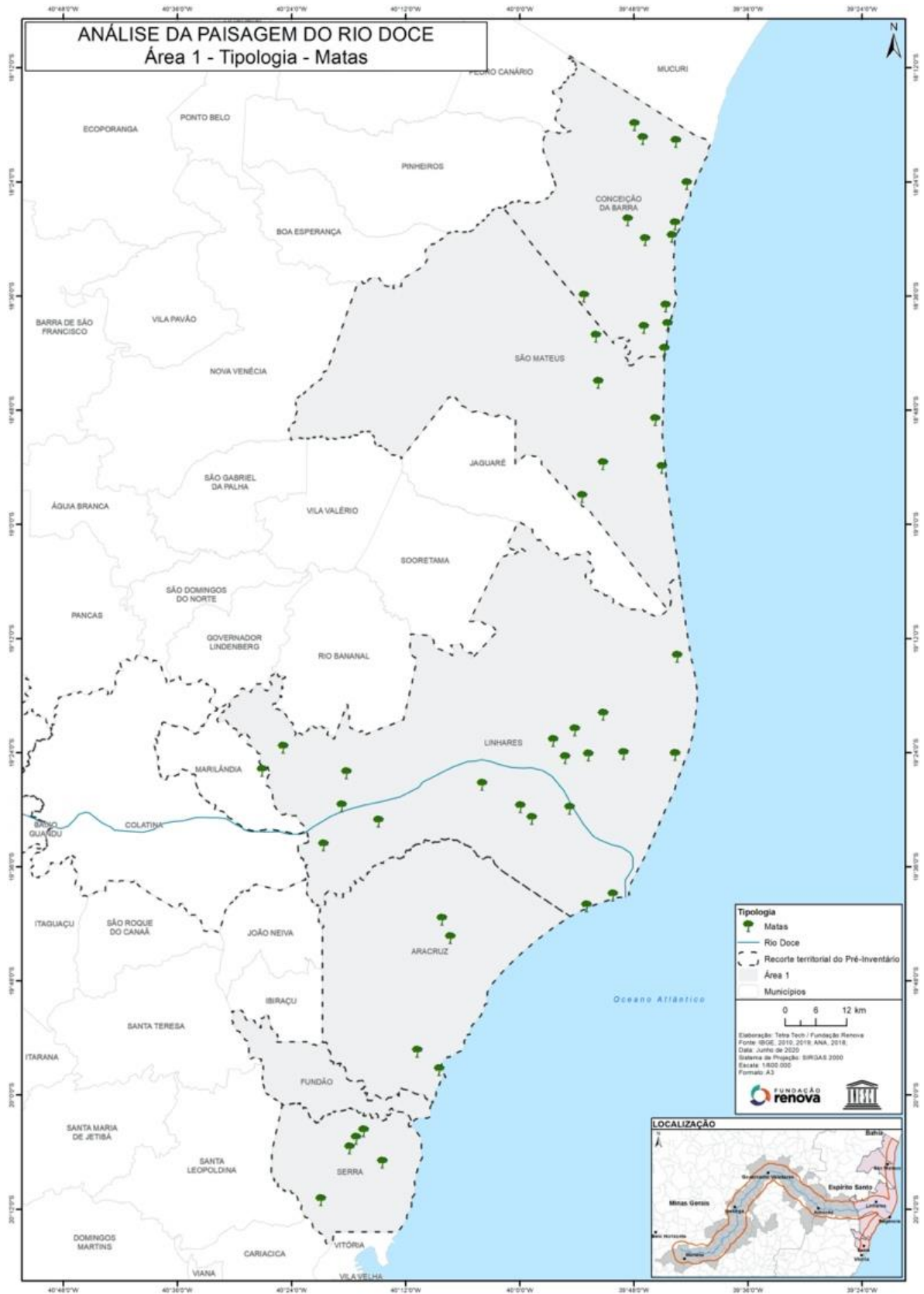
Após 2010 as paisagens de cacau se desvincularam das margens do rio Doce. Agregaram-se novas formas de produção, a exemplo da monocultura irrigada, e, com o desenvolvimento agroindustrial, foram implementadas técnicas de melhoramento genético e enxertia para a produção de plantas mais resistentes ao sol e menos susceptíveis ao ataque de pragas e doenças.

A paisagem Cacau, que ocorre nas margens do Doce, teve um papel ecológico decisivo na preservação de outro tipo paisagístico que resiste no território: as Matas.

As Matas são paisagens resilientes, protegidas recentemente por legislação, e presentes na memória afetiva dos moradores de Linhares e do Litoral Capixaba. Elas guardam a lembrança das feições originais desse território. Para os exploradores elas eram a imagem do selvagem, do misterioso. Para as vidas que com ela se relacionam são fonte de contemplação, recursos e de atualização das tradições.

Na região da Foz e do Litoral Capixaba as Matas ocorrem sob a forma de fragmentos que apresentam alguma

continuidade, caso do corredor que se forma na planície ao Sul do rio Doce, ou dispersos em meio a pastos, cultivos e em unidades de conservação no Norte e no Sul. As Matas espelham no espaço a contundente redução de sua área entre os anos de 1940 e 1960 (*Mapa 2*).



Mapa 2: Matas no Litoral Capixaba e Linhares.

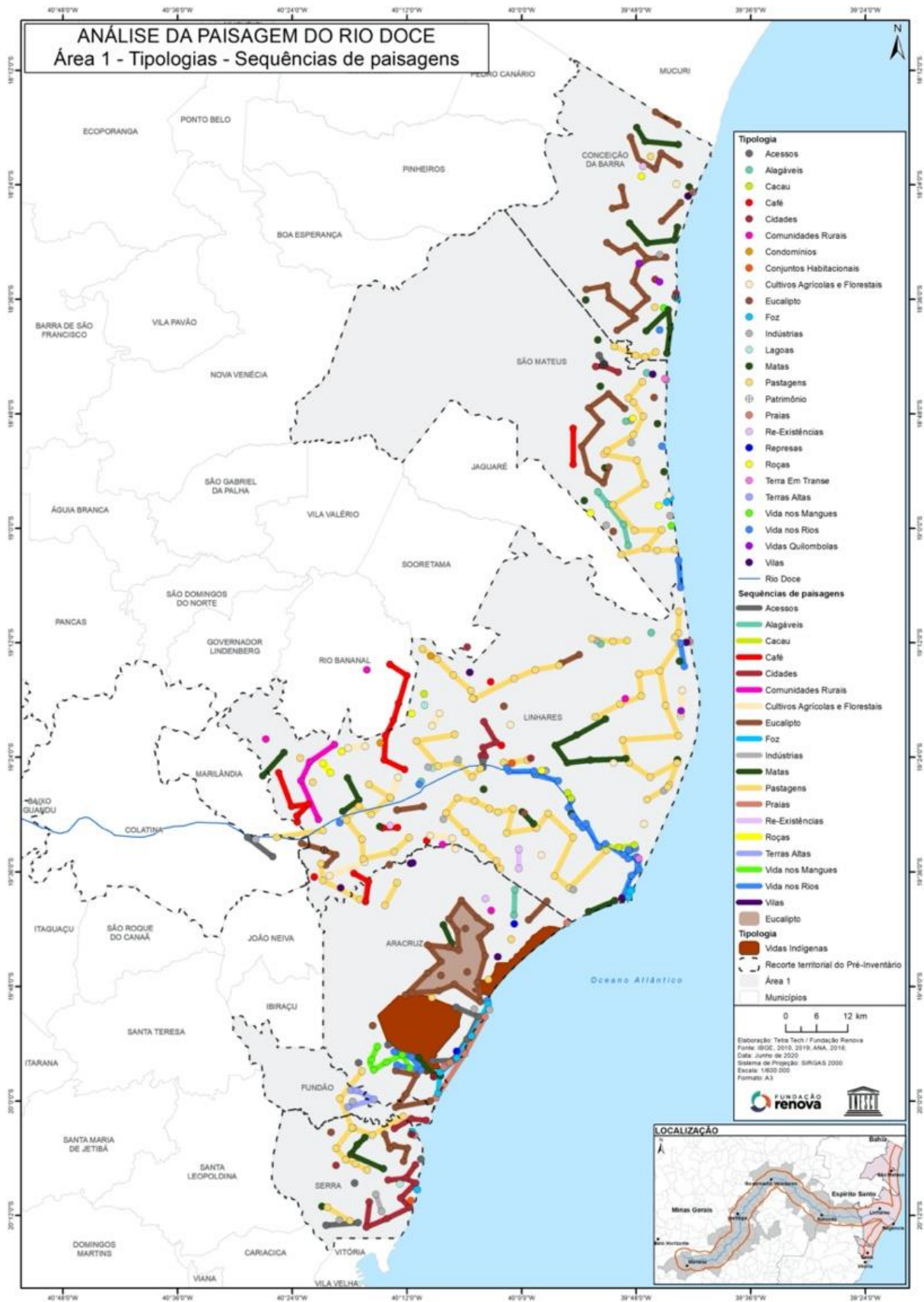
Diretamente correlacionada ao Doce, essas matas estão dispostas em corredores protegidos por legislação ambiental (área de APP) e localizados nas suas margens. Até hoje, embora menos abundantes e atravessadas por roças, bombas d'água e pastagens, as altas verdes matas emolduram o Doce de Linhares a Povoação, até seu devir rasteiro na foz, sob a forma de restinga.

As matas protegem as margens do Doce da erosão gerada pela correnteza e pela flutuação das águas do rio. Garantem sombra, sementes, cipós, sensação de tranquilidade, madeira, temperaturas mais amenas e a reciclagem da água e dos nutrientes para o cacau, para as roças, para as lagoas e para os rios.

Não obstante a importância das matas para as vidas e cultivos que se organizam no território do Doce, o caráter predatório do ciclo da madeira suprimiu grande parte dessa paisagem. Da degradação das matas abriu-se o espaço para a configuração e reprodução das pastagens a partir dos anos de 1960.

Pastagens é a paisagem que ocorre com maior frequência na área da Foz e no Litoral Capixaba. Elas estão presentes em toda a calha no trecho analisado e de norte a sul. As Pastagens mais afastadas do leito não têm relação com o rio Doce. Elas se sobrepõem as paisagens de Indústrias, Alagáveis e Terras Altas e são animadas pela criação de gado leiteiro e de corte. As Pastagens à beira da calha se relacionam com o rio Doce quando estão sobrepostas aos Alagáveis, haja vista a sua co-localização na planície de inundação do rio.

O *Mapa 3* de sequências paisagísticas dá a dimensão da continuidade, abrangência e distribuição das Pastagens na região da foz e do Litoral Capixaba.

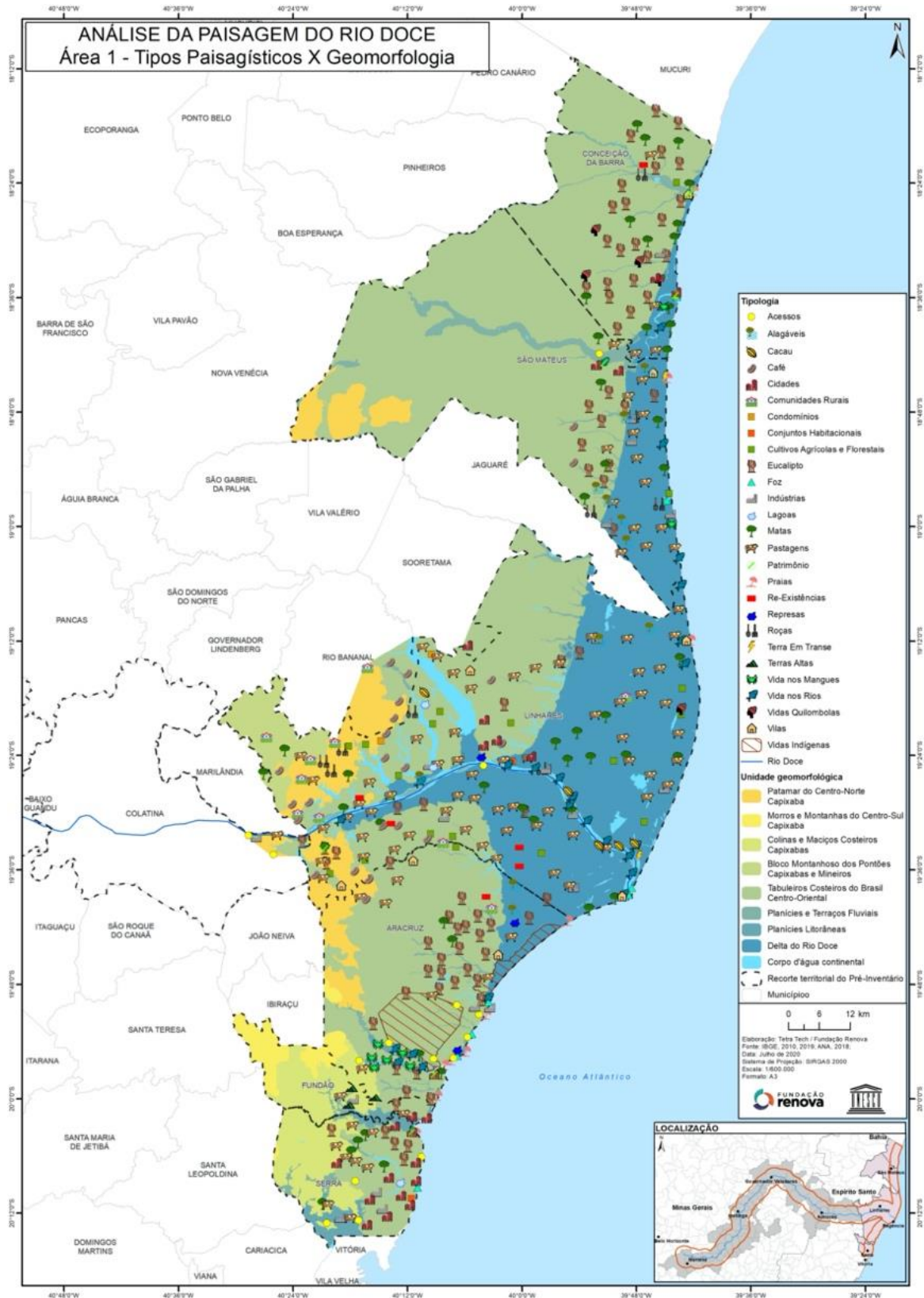


Mapa 3: Sequências paisagísticas no Litoral Capixaba e Linhares

Além do impacto visual, já há reflexos da redução das Matas e acréscimo das Pastagens na perda de biodiversidade e na percepção do microclima local. As temperaturas são percebidas pelos moradores e produtores rurais como mais altas e as secas como mais longas e frequentes. Há a sensação de que a água nos córregos e a que vem dos céus está diminuindo *“Eu lembro que naquela época tinha mais chuva, né. Hoje em dia... quando chove é desgovernadamente”* (Gilvan Francesbilho dos Santos, 37 anos). Os eventos extremos de chuva quando ocorrem, são de grande magnitude e, no Doce, provocam cheias catastróficas, à exemplo dos episódios de 2020, 2013, 1997 e 1979.

Em períodos de cheia, o rio Doce produz, se relaciona diretamente e visibiliza duas tipologias de paisagem que diferem em relação à sua gênese e sua magnitude no espaço: os Alagáveis e a Terra em Transe. Os Alagáveis presentes na calha decorrem da formação geomorfológica do Baixo Doce, das estações do ano e da localização do talvegue do rio na planície litorânea. À beira do rio, os Alagáveis são paisagens configuradas pela dinâmica sazonal

das águas do rio Doce e condicionam modos de vida e formas de uso e ocupação das ilhas e das margens. A localização das paisagens Cacau e Roças à beira do Doce evidencia a correlação entre o uso agrícola, a disponibilidade de água e a dinâmica dos Alagáveis, haja vista a demanda intensiva por água dessas paisagens. O *Mapa 4* evidencia o peso da geomorfologia na definição dos usos do solo e a conexão entre Vidas nos Rios e Lagoas presentes no território do Doce.



Mapa 4: Tipologias paisagísticas e geomorfologia no Litoral Capixaba e Linhares

As Roças que usam a água do Doce estão localizadas nas ilhas fluviais e em algumas seções da calha entre as Matas. Nas Roças que usam água do Doce se produz cacau, banana, raízes e leguminosas para a pequena comercialização e subsistência.

As cheias do Doce promovem a sobreposição periódica entre as paisagens Vida nos Rios, Alagáveis, Roças, Vilas, Cidades e Lagoas. A sobreposição dos Alagáveis com as Lagoas ocorre na altura do núcleo urbano de Linhares, haja vista a conexão entre o Doce e o sistema lacustre dessa cidade.

Na relação com o Doce, a formação da paisagem Terra em Transe difere das Alagáveis por desencadear enchentes de caráter efêmero e não vinculadas a uma dinâmica cíclica, mas sim, cumulativa, disruptiva, extrema, associada às mudanças climáticas. A Terra em Transe provocada pelas enchentes do rio Doce é de grande intensidade na altura do bairro Olaria em Linhares, em localidades situadas ao longo da estrada ES 248 e em Povoação, na região da foz. É uma paisagem que desloca pessoas, causa mortes, acaba com

plantações, altera habitats, danifica infraestruturas e interrompe acessos em áreas localizadas na planície de inundação.

Passadas as fortes chuvas, as águas no Doce baixam devagar. Aos poucos as bombas de irrigação das fazendas de cacau e de roças dos ilheiros e pequenos produtores voltam a aparecer no Doce. De volta à Vida nos Rios, já mais próximo a sede municipal de Linhares, avista-se a paisagem de Indústrias.

O rio Doce tem uma forte relação com essa paisagem que opera em diferentes regimes de visibilidade. In loco essa paisagem é protagonizada por estruturas verticais de baixa tecnologia, utilizadas para a extração de areia. Aí observa-se uma relação de exploração do rio que é dada e visível, embora essa atividade esteja impedida desde o desastre em 2015. Do fundo do rio Doce é extraída a areia que será tratada e comercializada para a construção civil.

Nem tão visível é a relação do rio Doce com outras paisagens de Indústrias que o usam para a travessia, como é o caso do gasoduto que sai da Unidade da Unidade de

Tratamento de Gás em Cacimbas (UTGC) e atravessa para o Sul do Doce rumo às instalações da Vale em Vitória. Da Vida nos rios, ainda próximo a foz, é possível ver os marcos terrestres que sinalizam a passagem do duto pelo leito do rio.

As Indústrias associadas a extração e transporte de gás natural estão, desde meados dos anos de 1980, presentes em toda a baixada litorânea, do norte ao sul do território do Doce. Do Litoral em direção a Linhares é comum no horizonte plano da baixada litorânea observar cavalinhas de petróleo e plantas de extração de gás natural. Os mosaicos de Indústrias e de Pastagens e Indústrias e Eucalipto se sobrepõem constantemente no litoral ao norte e ao sul do rio Doce. O setor petrolífero tem um papel extremamente relevante na arrecadação de receitas municipais do Baixo Doce e do Litoral Capixaba.

Ao sul, o território se conecta a fluxos financeiros, fluxos industriais e fluxos do além mar centralizados pela região sudeste. Vertendo pelo canal Caboclo Bernardo, o Doce se integra pelo interior à bacia do Rio Riacho em

Aracruz. Via Represas, o rio Doce abastece Indústrias ligadas à produção de celulose.

Também ao sul, o rio Doce, no corpo do Rio Riacho, atravessa Eucaliptos e esbarra na ancestralidade do território quando encontra as Vidas Indígenas. Embora as Vidas indígenas no Baixo Doce e Litoral Capixaba estejam circunscritas as terras indígenas Tupiniquim-Guarani e Comboios e, relativamente afastadas do leito do rio Doce, a paisagem configurada por ela têm limites alargados pelos seus modos de vida estruturados na pesca artesanal nos rios e mares. Os indígenas dessas terras pescam e catam mariscos em afluentes do rio Riacho que recebem água do rio Doce, e também no mar, na altura da praia de Comboios, área que sofre impacto da lama de rejeitos que chegou a foz do Doce em 2015.

É o modo de vida presente nas Vidas Indígenas e a localização dessas paisagens no litoral que produz a relação dessa paisagem com o Doce. A sobreposição entre Vidas nos Rios, Represas, Praias e Vida nos Mares conecta o Doce às Vidas indígenas do território. Cultural e simbolicamente, a

conexão das Vidas Indígenas com o rio Doce é forte e próxima, estando presente na pisada rítmica do Congo cantado e dançado no encontro de bandas do Congo em Regência e nas cores e feições das pessoas que circulam e ocupam vilas e povoados na seção ao sul do Doce.

Pelo mar, ainda no sul, o rio Doce interfere na paisagem Praias, Vida nos Mares e Indústrias, cuja a atividade fim é, respectivamente, o turismo, a pesca, a construção naval e a logística de exportação e importação de cargas, com destaque para o transporte de celulose.

O regresso ao rio Doce pelo canal Caboclo Bernardo traz a cena a repetição da paisagem Eucalipto, que, em fins dos anos de 1990, foi a grande motivadora da construção do canal Caboclo Bernardo. O canal foi desenhado para a transposição das águas do rio Doce para a bacia do rio Riacho, localizado na porção sul do território, e com a finalidade de abastecer a indústria de fabricação de celulose.

O Eucalipto, depois das Pastagens, é a segunda paisagem mais frequente nessa porção do território do Doce. Ele ocorre próximo das pontas norte e sul do território e,

desde a década de 1960, vem aumentando ostensivamente sua área e provocando conflitos por terra e água na região. Os conflitos são frequentes entre os empreendedores de eucalipto e pequenos produtores rurais e comunidades tradicionais do norte e sul que se veem cada vez mais pressionados pela expansão desse cultivo.

O crescimento da área de Eucalipto promoveu, nos últimos vinte anos, um significativo deslocamento da população rural para as áreas periféricas dos núcleos urbanos. De 1990 para 2018 o Eucalipto aumentou a área ocupada em 80% no Litoral Capixaba e em 140% no Baixo Doce.

A relação dessa paisagem com o rio Doce se dá através da já mencionada cessão de água para Indústrias na porção sul do território. Ao longo da calha, o Eucalipto aparece nas Terras Altas associado não ao rio Doce, mas aos Cultivos agrícolas e florestais e ao Café. Observações e escutas no território apontam que essa paisagem vem gradativamente substituindo a Café e paisagens de Pastagens onde se cria gado de corte e leiteiro "*Lá dentro,*

que meu filho tem o eucalipto plantado, lá não tem mata não, lá é só pasto, eucalipto e café que ele produz café lá e eucalipto mais aqui, só isso aí mesmo” (Zelia Scarpati, 75 anos).

Das Represas, ainda sob o canal Caboclo Bernardo, observa-se a presença de enclaves de Re-existências entre Eucalipto. Re-existências são paisagens que têm em sua gênese a luta pela terra. Desde os anos de 1970 elas disputam no território do Doce a posse de áreas devolutas e improdutivas sob o ponto de vista social. As Re-existências identificadas no território se relacionam de forma bem diferente com o rio Doce.

As paisagens que estão mais distantes da calha, na altura de Bebedouro em Linhares, utilizavam, antes de 2015, as águas do Doce no canal Caboclo Bernardo para a pesca recreativa ou se deslocavam para pescar na foz do Doce na época do robalo. Já na Re-existências identificada próxima à calha e em Conceição da Barra, no norte, não foi mencionado um vínculo direto com o rio Doce, embora sua importância para a segurança hídrica local tenha sido

destacada. Em Linhares, na Re-existência onde está localizado o acampamento Sezínio Fernandes, a relação com o rio Doce se dá em episódios de cheia e através da chegada da água à lagoa que está dentro dos limites do assentamento.

O retorno ao leito do rio Doce antes da chegada a sede municipal de Linhares nos coloca novamente sob a perspectiva da Vida nos Rios. As águas alaranjadas serpenteiam e refletem no seu espelho o vazio que desde 2015 se instaurou sobre seu leito. A lama de rejeitos interditou a vida no Doce e mexeu com o sentimento dos moradores da calha que têm nesse caudal um lugar de memória, contemplação, lazer e fonte de sobrevivência. A correlação entre a localização de agrupamentos humanos ao longo dos 83 rios do território do Doce é estrutural, simbólica e forte. Segundo dados do CENSO IBGE, em 2010, 67% da população total estava distribuída em até 5km dos 83 rios existentes no território.

A Vida nos Rios da qual o Doce é protagonista foi interditada após a chegada da lama de rejeitos,

evidenciando mais uma relação com a paisagem de Indústrias, dessa vez ligada a presença histórica da mineração de ferro à montante do baixo Doce. A Vida nos Rios no Doce, outrora animada por esportistas, pequenos agricultores, fazendas de cacau, turistas, pescadores artesanais e pelas festas da manjuba e do robalo, de São Benedito e de Santa Catarina, assistiu ao desmoronamento de um ofício que impacta famílias e gerações de pescadores e ribeirinhos. Muito mais do que um trabalho, a pesca artesanal no rio Doce é um modo de ver, ser e de estar no mundo.

Outro impacto contundente da lama na Vida nos Rios foi a contaminação das Roças à beira do Doce e nas ilhas fluviais. Essas Roças representam renda direta para muitos dos pescadores e moradores de povoados lindeiros ao rio Doce e que cultivam alimentos para sua subsistência.

A lama de minério de ferro alterou de forma intensa modos de vida locais que se organizam diferentemente nos meios rural e urbano. Na altura de Linhares, onde a Vida nos Rios se sobrepõe a Cidades, o barulhinho do vapor Juparanã

que ligava Colatina a Regência ainda paira na memória dos mais antigos.

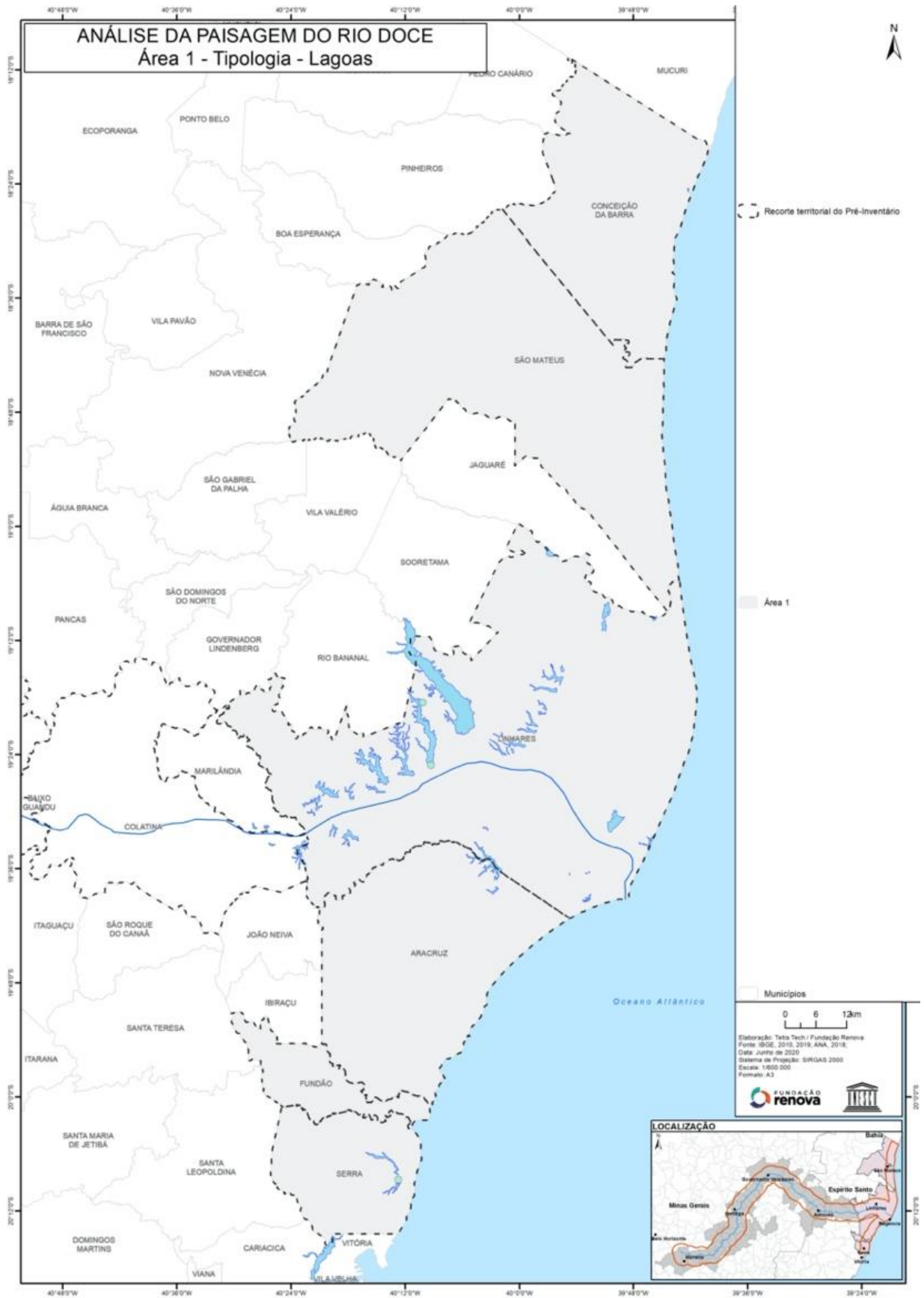
A relação de Cidades com o rio Doce é protagonizada pela sede municipal de Linhares e é uma das relações mais intensas que se desenrola na calha do Doce. Em Linhares, o rio Doce é mais do que um pano de fundo. Ele é um sujeito que assiste, sofre e participa ativamente do desenvolvimento da cidade e da vida de seus moradores, sejam eles nativos ou migrantes que vieram de dentro e de fora do Brasil em busca de uma nova vida nas lavouras, indústrias ou no pujante setor de serviços que floresce no município.

Por mais que Linhares seja um município que cresça em ritmo acelerado nos últimos vinte anos, há resguardado entre os moradores antigos um sentido de pertencimento que cria raízes referenciadas no e pelo rio Doce. O esqueleto da antiga ponte Getúlio Vargas sobre o leito do Doce é um testemunho-patrimônio dessa passagem do tempo, da sucessão de ciclos econômicos, da diversificação de funções

e formas arquitetônicas de Linhares e da sedimentação da paisagem de Cidades nesse território.

A paisagem Cidades que se sedimentou em fins dos anos de 1980 em Linhares se borra nessa altura do Doce com outra paisagem antiga e simbólica nessa altura do território: as Lagoas. Reconhecidas no século XIX pelo imperador Dom Pedro II como um grande atrativo social da região, as paisagens de Lagoas transcendem o corpo hídrico. São mares interiores de água doce. Pequenas e enormes. Fonte de lazer, encontros e sustento de pescadores artesanais e ribeirinhos. Paisagens que criam espelhos nos quais se reflete o orgulho do povo do Doce em abrigar tamanha quantidade de água doce e sociobiodiversidade.

Perpendiculares ao leito do rio Doce, as lagoas observadas no *Mapa 5* são formadas por vales onde corriam afluentes do rio Doce que tiveram sua desembocadura obstruída por sedimentos no período geológico do quaternário. É por essa zona de contato geomorfológica e pela existência de afluentes perenes e temporários, que o rio Doce se comunica e se torna também Lagoas.



Mapa 5: Lagoas no Litoral Capixaba e Linhares

A relação das Lagoas com o rio Doce em Linhares foi redesenhada em 2015, com a construção do barramento no rio Pequeno e o consequente fechamento do acesso das águas do Doce as lagoas Juparanã e Nova. Construída para preservar as lagoas da contaminação pela lama tóxica da barragem de Fundão, a intervenção artificial no leito do afluente configura Represas na área da comunidade do rio Pequeno e promove uma sobreposição temporária entre Cidades, Represas e Lagoas.

A conexão entre o rio Doce e as Lagoas é motivo de tensão na paisagem de Lagoas configurada na área onde está a Juparanã, haja vista sua importância na dinâmica da pesca artesanal local e como fonte de água na manutenção de Cultivos agrícolas e florestais nas quais se produz a seringa, o mamão, o café e a banana. Desde 2015 há relatos de que a piscosidade e as dinâmicas de variação do nível d'água e social na Juparanã foram prejudicadas pela contaminação das águas da lagoa pelo rejeito tóxico de minério.

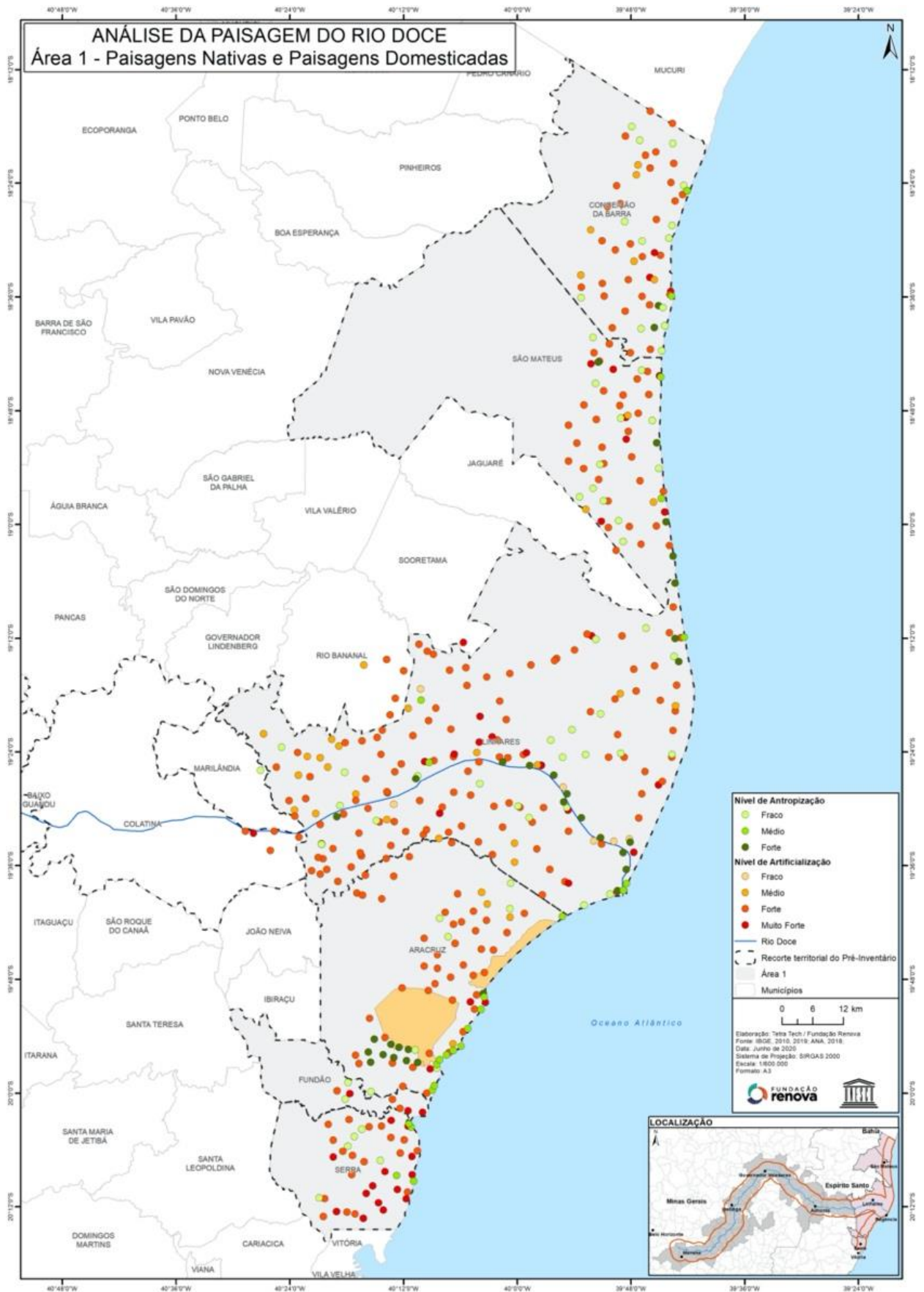
De volta ao leito e seguindo o rio Doce no sentido Colatina identifica-se a paisagem de Cultivos agrícolas e florestais. No território essa paisagem está espacializada no litoral, nas Terras Altas e nas Alagáveis do Doce. Nos Cultivos agrícolas e florestais identificados próximos ao Doce e a Lagoas se produz banana e pimenta irrigadas.

Embora tenham uma grande importância na história socioeconômica do território do rio Doce e demandem muita água, as paisagens de Café não aparecem próximas ao rio ou tampouco estão relacionadas diretamente a ele. Por se adaptarem em ambientes onde as temperaturas são mais amenas e terem se conformado a partir de uma estrutura de organização familiar do trabalho, com origem na imigração italiana no século XX, a espacialização dessa paisagem está associada a Terras Altas e as Comunidades Rurais localizadas em áreas montanhosas.

Assim, a relação do rio Doce com a paisagem de Café é indireta e se materializa nas Vidas nos Rios e Vidas Quilombolas que são constituídas por descendentes de escravos que trabalhavam nas lavouras de café no século

XIX. Pós a abolição, sem ter proteção do Estado, muitos ex-escravos ocuparam áreas próximas a recursos para sua subsistência, dentre elas fazendas e povoados à beira do rio Doce e vilas litorâneas.

A maior frequência de paisagens domesticadas em relação à paisagens nativas observada no *Mapa 6*, demonstra que a região da foz e o Litoral Capixaba são áreas já bastante transformadas por dinâmicas socioeconômicas de diferentes naturezas. Mineração, café, madeira, pastagens, óleo e gás, eucalipto, núcleos urbanos. A sucessão de ciclos econômicos predatórios e o crescimento desordenado e desigual ratificam a discrepância nas frequências relativas das paisagens ao mesmo tempo que sinaliza um rio Doce já bastante modificado, haja vista que a Vida nos Rios aparece com forte nível de antropização. Os maiores níveis de artificialização relacionados ao rio Doce estão presentes na altura de Cidades, Vilas e em áreas impactadas pelas enchentes de grande magnitude do Doce, onde ocorre a paisagem de Terra em Transe.



Mapa 6: Paisagens Nativas e Domesticadas, por níveis de Antropização e artificialização, na Foz do rio Doce e Litoral Capixaba.

A redução da paisagem Matas, o crescimento de Indústrias e Pastagens, a ostensiva expansão do Eucalipto e a presença de Conjuntos habitacionais e Condomínios nas Cidades trazem à tona o caráter predatório e a desigualdade social produzida pelos ciclos de desenvolvimento que se sucedem no território do Doce desde o século XIX. Trata-se de um território e de vidas drenados por práticas insustentáveis e por contextos históricos, econômicos e ambientais que só agravam a situação provocada pela lama em 2015.

3.2 Relações entre as tipologias paisagísticas

No meio do caminho tinha uma pedra,
Tinha uma pedra no meio do **pasto**,
Tinha um pasto **alagado** no meio do caminho
Caminho que era **acesso**,
Acesso que leva às **vilas**,
Vilas que viraram **idades**,
Cidades rodeadas de **condomínios**,
Condomínios que se contrastam com **conjuntos habitacionais**,

Empurrados para a beira das cidades,
Como na beira dos **rios** os ribeirinhos,
Rios com **foz** que desaguam nos **mares**,
Mares com **praias** e dunas,
Dunas que são **montanhas** de areia,
Cobertas ou não de restinga,
Restinga que se parece mata,
Mata que se abriga como pode,
Abriga pássaros, animais e **cacau**,
Animais e pássaros que não aparecem nos **eucaliptais**,
Eucaliptais que contornam vidas,
Vidas quilombolas que restaram,
Vidas que **re-existem** a cada momento,
Vidas rurais,
Vidas rurais que plantam nas **roças**,
Roças vizinhas de terras com **fileiras monotons**,
De frutas e de café,
Café numa pausa para respirar...
Respirar olhando as lagoas,
Lagoas que irrigam as fileiras,
Mas que às vezes se conectam com os rios,
Os mesmos rios que chegam em outros rios,
Ou de novo nos mares,

Encontrando os **Mangues**,
Os mangues e suas vidas,
Vidas extrativistas que extraem o que podem da lama,
Lama essa que é **patrimônio**,
Mas existe outra lama,
Uma lama cuspidada por uma **terra em transe** em um **rio doce**.

Fernanda Rennó, 2020.

Compreender as relações entre as paisagens e apresentar um quadro coerente desse entendimento é um desafio que demanda um esforço contínuo de atenção aos detalhes, somente comparável ao prazer que tal processo proporciona. Com efeito, os elementos presentes no mundo relacionam-se de várias maneiras, a partir de diferentes instâncias, no interior de diversos contextos. Relacionar é compreender essas ligações entre coisas, pessoas e eventos, sem ceder à pretensão de exaustividade. Relacionar, no sentido aqui empregado, não implica identificar todos os níveis e direções em que as paisagens estabelecem seus elos. Significa, uma vez reconhecida *a priori* a infinidade desses vínculos, propor uma seleção de ligações,

evidentemente enraizada nos dados, que forneça as condições para a inteligibilidade dessas redes de relações como realidades estruturadas. Sem o comedimento dessa seleção, corre-se o risco de nada entender, caso se ceda à pretensiosa exigência de querer entender tudo.

O primado da seletividade, contudo, não é refúgio para a acomodação. Selecionar implica também sair da órbita confortável da descrição de relações óbvias – sem, é claro, renunciar a ela. É aventurar-se além do lugar comum, encontrando, na aparente disjuntiva entre paisagens, os fios visíveis e invisíveis que as articulam. Desenvolver alguns desses muitos fios é a proposta aqui apresentada.

Dito isso, buscou-se assimilar, a partir da análise de várias fontes, quais as categorias de relações que permitem uma leitura integrada do território da Área 1 – Foz e Litoral Capixaba. Metodologicamente, partiu-se do conhecimento técnico dos consultores da Unesco e realizou-se o cruzamento entre o material produzido no Pré-Inventário, a análise criteriosa das descrições dos tipos paisagísticos, o exame crítico dos mapas resultantes da etapa de campo e a

pesquisa dirigida de citações de entrevistas que referenciavam mais de um tipo paisagístico, reunidas sob forma de projeto no software Atlas.ti.

Tal procedimento, realizado pela equipe de consultores e contando com a participação dos coordenadores do projeto, resultou no reconhecimento de quatro categorias de relação que podem ser aplicadas com êxito na análise do território do rio Doce: relações de localização e proximidade no espaço geográfico, relações costuradas pelo trânsito das pessoas no território, relações baseadas nos usos e meios de vida e relações de concorrência, tensões e disputas entre as paisagens (Gráfico 1). As definições a respeito de cada categoria de relação serão apresentadas nas seções subsequentes.



Gráfico 1: Quatro categorias das relações identificadas.

Por sua vez, essas quatro categorias de relações foram subdivididas em dimensões, de modo a entender suas nuances. As relações de localização foram discriminadas em três dimensões, as de disputas em quatro, as de vidas em cinco, e as de trânsito em seis.

O objetivo da seleção dessas quatro categorias é mais o de fornecer uma malha interpretativa do que o de produzir uma matriz analítica. Em outras palavras, propõe-se um modelo heurístico de tipo indiciário, a ser aperfeiçoado em etapas futuras do projeto.

O relacionamento entre as tipologias paisagísticas a partir do entrecruzamento dessas categorias relacionais mostrou-se extremamente denso, como pode ser observado na Figura 1, que reúne todas as relações entre os tipos paisagísticos a partir das quatro categorias analisadas. Nota-se que, em algum grau e de alguma maneira, todos os tipos paisagísticos estão conectados a vários outros, ou ainda, que a maior parte deles está conectada entre si.

Contudo, a Figura 1 permite visualizar o emaranhado de vínculos entre as paisagens sem, no entanto, determinar a qualidade desses vínculos, ou seja, não indica quais deles são de trânsito, de localização, de disputas ou de vidas. Tampouco determina a qual dimensão no interior de cada categoria determinado vínculo pertence. Pormenorizar essas relações, puxar os fios desse tecido, é o objetivo das próximas seções

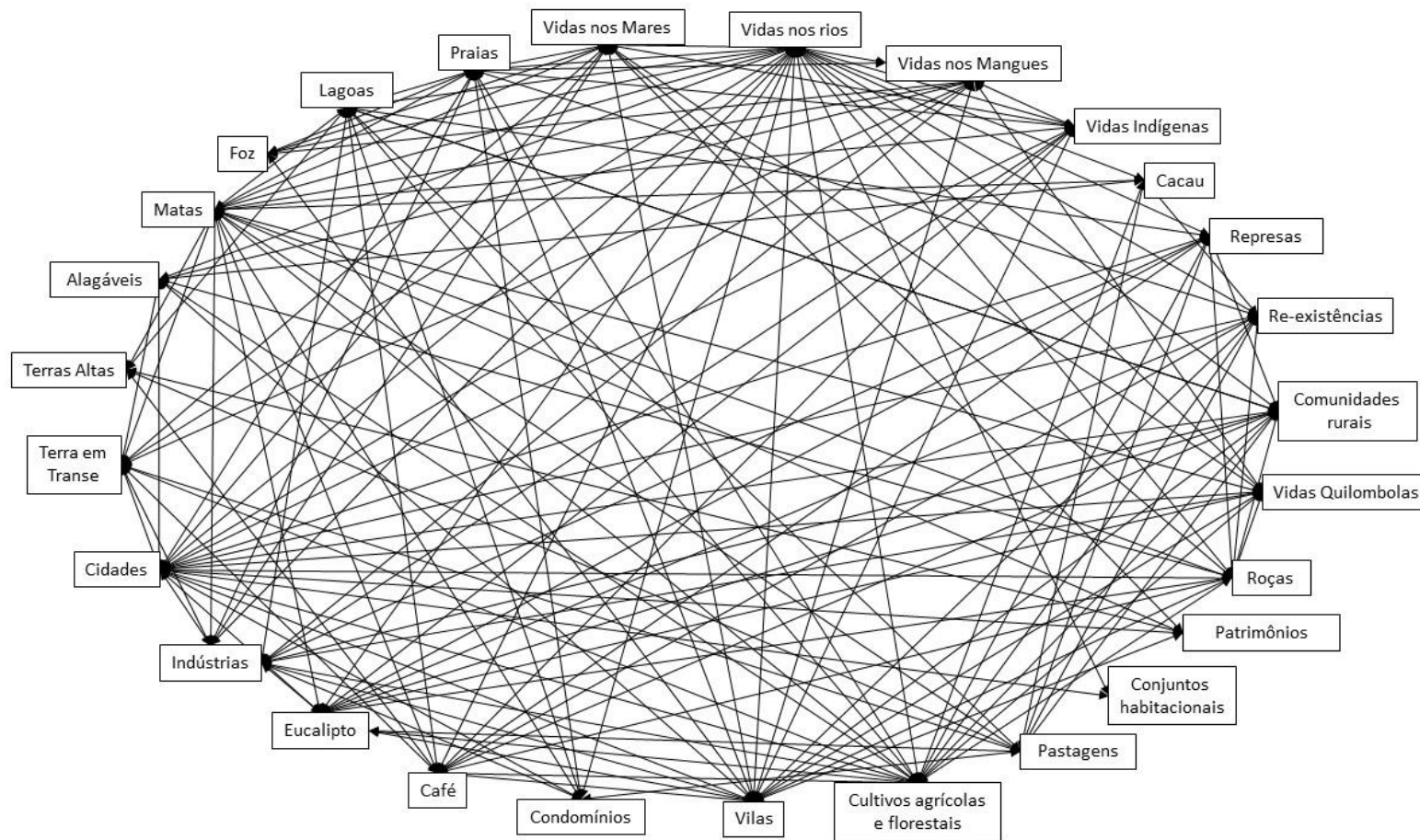


Figura 1: Fluxograma das relações identificadas.

3.2.1. Localização: a proximidade entre as paisagens do território do rio Doce

Muitos dos elementos tangíveis do território compõem, ao mesmo tempo, diferentes paisagens. Um mesmo rio, por exemplo, pode ser parte da composição paisagística de Vidas nos Rios e de Vidas nos Mangues. No entanto, as paisagens se formam a partir da interação entre os elementos tangíveis com características sensíveis, compreendendo o universo das necessidades, anseios e sentimentos humanos. Dessa forma, são os elementos sensíveis que caracterizam as paisagens Vidas nos Rios e Vidas nos Mangues, para muito além dos cursos de água e dos manguezais que os contornam. São os elementos sensíveis que caracterizam a Igreja Três Reis Magos, situada em Nova Almeida, como uma Paisagem-Patrimônio, diferenciando-a de tantas outras igrejas existentes nas Vilas e Cidades da região. A partir desse entendimento, percebe-se que as paisagens são contínuas, fluídas, existindo inclusive espaços de intersecção e sobreposição entre elas.

As relações de localização se referem aos principais fatores que influenciam a distribuição das paisagens no espaço geográfico. Com vistas a destacar as relações mais significativas, elegeu-se três dimensões principais: ecossistemas, ocupação e produção.

A análise dessas três dimensões indica que há predominância das relações de localização pautadas na produção (45% das relações identificadas) em relação às relações de localização baseadas nos ecossistemas (29%) e ocupação humana (26%) (Gráfico 2). Essa tendência também é observada em termos de extensão territorial, ainda que em proporções distintas: as áreas produtivas ocupam a maior extensão territorial, seguidas da extensão do território representada pelos ecossistemas nativos e por fim, das áreas destinadas à ocupação humana.



Gráfico 2: Proporção em relação às dimensões de localização.

Há séculos, quando a região do rio Doce era uma terra conhecida como silvestre e bravia, existiam predominantemente as paisagens nativas. Os povos originários que habitavam o território viviam a partir da coleta, extrativismo e manejo dos recursos naturais, e a proporção do território modificada por meio do cultivo de gêneros agrícolas nas roças de subsistência, por exemplo, era pequena. Com a chegada dos imigrantes que

colonizaram a região, as paisagens nativas foram se transformando, gradativamente cedendo espaço para as paisagens antropizadas através dos vários ciclos de ocupação e produção. Hoje em dia, as paisagens antropizadas ocupam a maior proporção do território, sendo que algumas relações de localização e proximidade podem ser observadas, tanto nas paisagens nativas que resistiram ao longo do tempo, quanto nas que, pela ação humana, foram transformadas.

Por um lado, as paisagens nativas se relacionam entre si, desde os primórdios, constituindo sistemas estáveis e equilibrados: os ecossistemas. As relações ecossistêmicas são relativas ao conjunto de comunidades vegetais e animais que vivem em um determinado local, interagindo entre si e com o ambiente – o solo, a água e o ar – abrangendo diferentes paisagens nativas que também se correlacionam. Por outro lado, as necessidades e demandas do homem no processo de apropriação do território (como a proximidade dos rios para a obtenção de água), o desenvolvimento de atividades produtivas e as políticas públicas criadas para fortalecerem ambos os processos de ocupação e produção,

influenciaram o surgimento de novas paisagens em localidades específicas, e por esta razão, elas também apresentam correlações de proximidade e vizinhança.

Do ponto de vista dos ecossistemas, as paisagens nativas existentes no território são praticamente indissociáveis, compondo laços fortes na rede de interações. **Vidas nos Mares** apresenta relação de localização com as paisagens **Foz** e, na sequência, com **Vidas nos Rios**, abrangendo também **Lagoas** e **Praias**, já em terras continentais, havendo uma correlação entre todas elas. **Vidas nos Rios** e **Vidas nos Mangues** são inseparáveis, sendo que **Vidas nos Rios** também é vizinha das **Alagáveis** (Mapa 1). As **Matas**, por sua vez, eram as paisagens nativas predominantes e hoje resistem em fragmentos, sendo protegidas pela legislação brasileira e estando co-localizadas com **Praias**, **Vidas nos Mangues**, **Vidas nos Rios**, **Lagoas**, **Terras Altas** e **Vidas Indígenas**. Atualmente, algumas das **Matas** mais representativas para conservação da biodiversidade tornaram-se áreas protegidas e **Paisagens-Patrimônio**, por vezes localizadas em **Terras Altas**, como o Morro Mestre Álvaro situado no município de

Serra. A relação das **Matas** com as **Vidas Indígenas** vai além da co-localização, estabelecendo uma relação de co-existência, como veremos adiante.

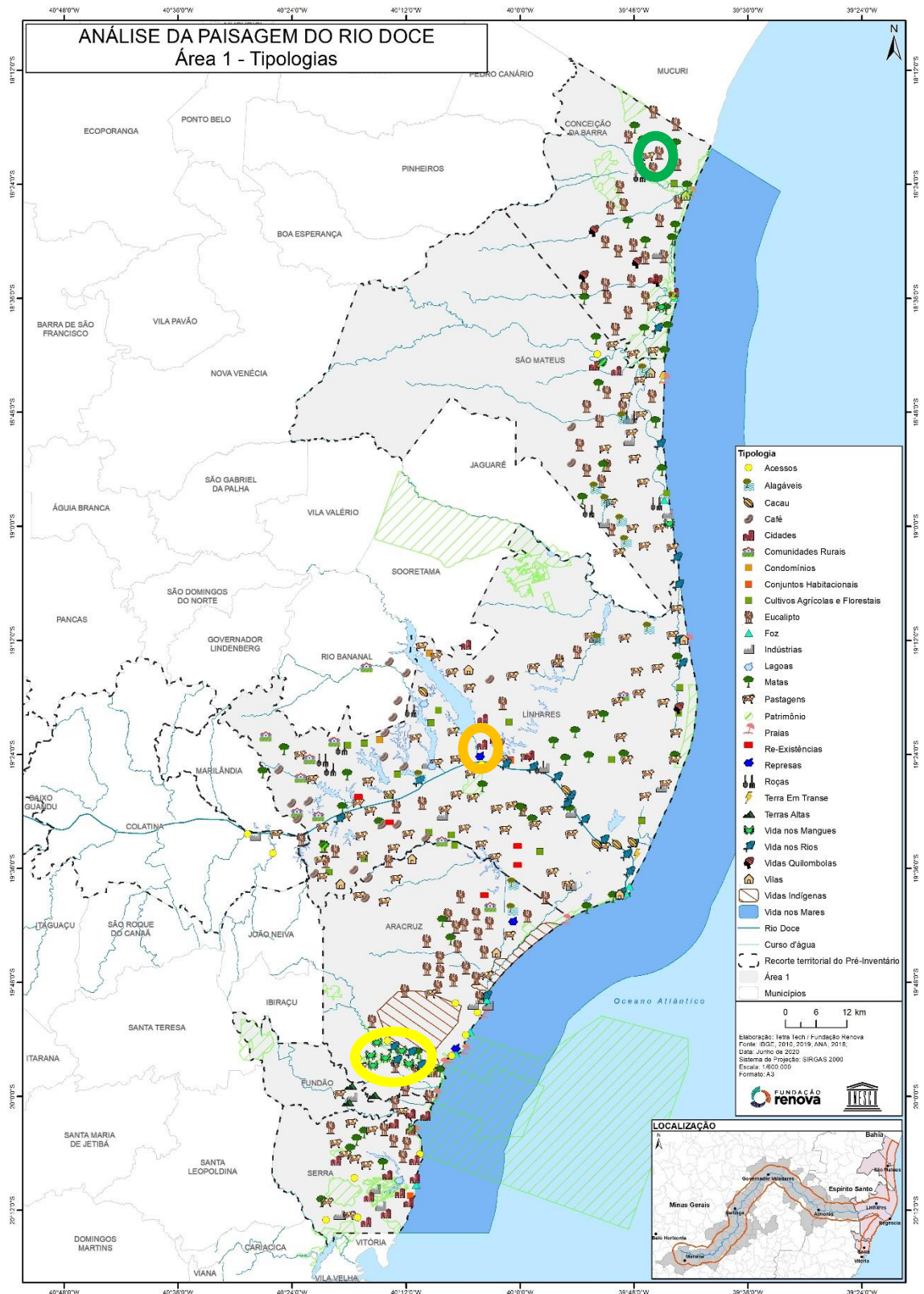
Com a chegada dos colonizadores, as primeiras **Vilas** foram criadas no litoral, próximas às paisagens **Praias**, **Foz**, **Vidas nos Mares** e **Vidas nos Rios**, a exemplo das Vilas de Itaúnas, Regência, Santa Cruz e Vila do Riacho, situadas em locais estratégicos que funcionavam como portos seguros e permitiam, a partir dali, a entrada no continente. O avanço do processo de colonização e expansão da ocupação no território evidenciou a importância da água para a vida humana, influenciando para que a maior parte dos aglomerados urbanos se estabelecessem na beira (ou nas proximidades) dos cursos hídricos. Atualmente, 33% da população da Área 1 – Foz e Litoral Capixaba vive a pelo menos 2km de algum rio, proporção que sobe para 50% da população ao considerar-se uma distância de 5km (Tabela 1). Dessa forma, a partir do desenvolvimento dos aglomerados humanos, também há uma forte relação de localização entre **Cidades** e **Comunidades rurais** com **Lagoas** e **Vidas nos Rios**.

Tabela 1: Número de habitantes vivendo a uma distância de 1km, 2km e 5km das margens de algum rio na Área 1 – Foz e Litoral Capixaba.

	Área total	5km	2km	1km
População total	775123	382645	252099	160383
População feminina	391846	192487	127759	81293
População masculina	383277	190158	124340	79090
Área (km²)	9292	6962	3524	1901

As paisagens **Cidades** também apresentam relação de localização com **Conjuntos Habitacionais**, situados geralmente em áreas urbanizadas periféricas, e **Condomínios**, paisagens que se encontram em áreas privilegiadas dos pontos de vista de segurança e beleza cênica, como o caso do Condomínio localizado na beira da **Lagoa** de Juparanã. Ambas as paisagens **Condomínios** e **Conjuntos Habitacionais** são produzidas pelas **Cidades**, que devido às suas características, aglutina pessoas de diferentes classes sociais, podendo acentuar as desigualdades. O processo de crescimento e desenvolvimento socioeconômico dos núcleos de ocupação

humana resultaram na formação de **Paisagens-Patrimônio** próximas (e sobrepostas) às **Cidades e Vilas**, como o porto de São Mateus, o farol de Regência e a antiga ponte do Rio Doce. Esses três elementos da materialidade (porto, farol e ponte) também formam a paisagem **Acessos**, que, por sua vez, apresenta relação de localização com todos os demais tipos paisagísticos existentes no território (Figura 2).



Mapa 7: Mapa dos tipos paisagísticos e hidrografia na Área 1 - Foz e Litoral Capixaba. O círculo amarelo indica um exemplo de relação de localização-ecossistemas (Vidas nos Rios e Vidas nos Mangues), o círculo laranja indica um exemplo de localização-ocupação (Cidades e Vidas nos Rios e o círculo verde indica um exemplo de localização-produção (Eucalipto e Pastagem)

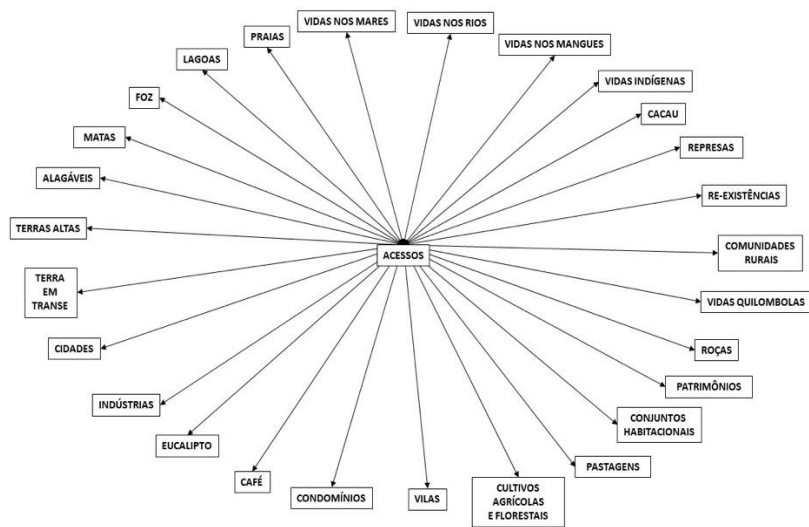


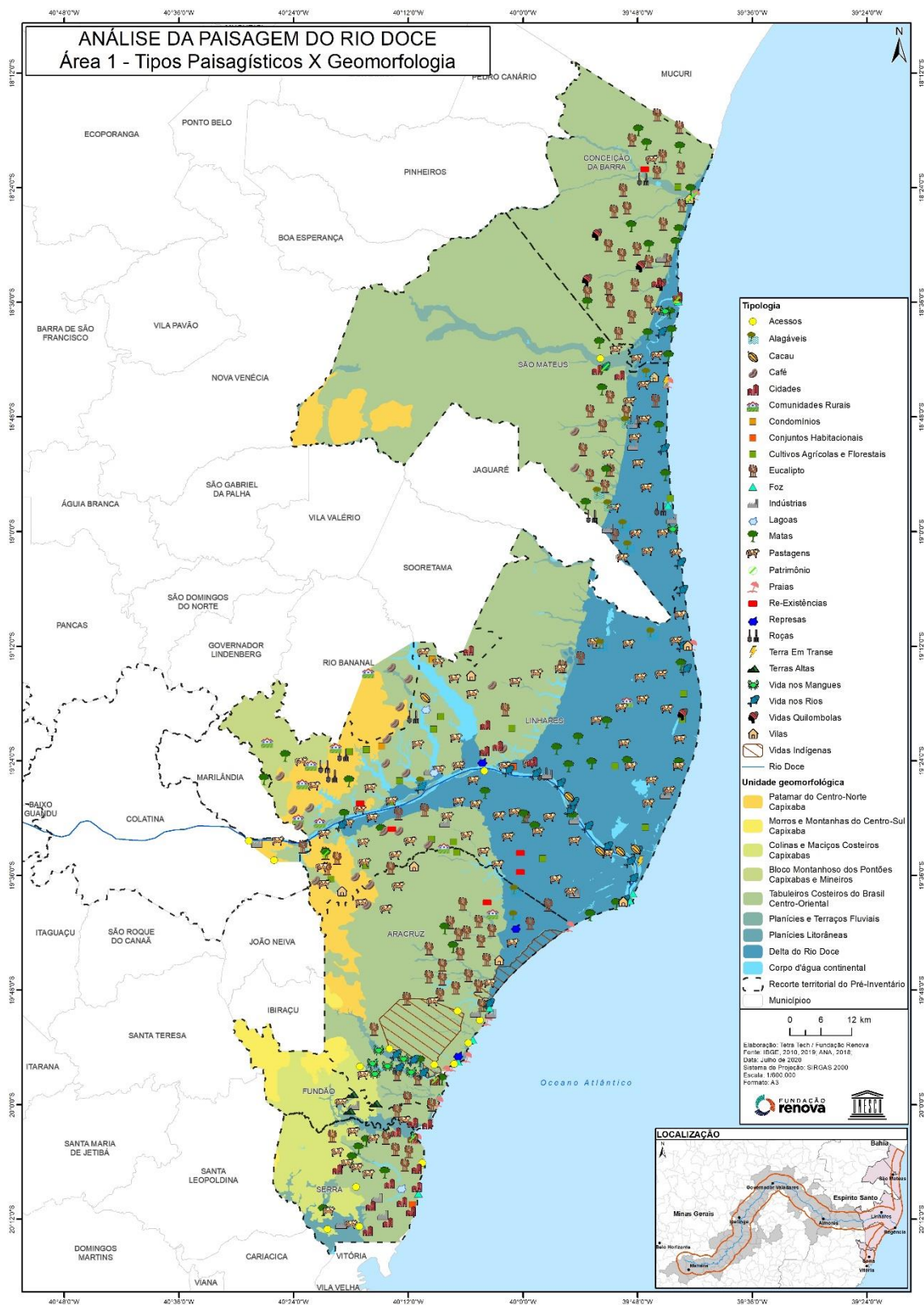
Figura 2: Centralidade da paisagem Acessos nas relações de localização com as demais tipologias paisagísticas.

O terceiro grande vetor das relações de localização entre os tipos paisagísticos é a produção, influenciando especialmente as paisagens modificadas pelo homem ao longo da história. Essas paisagens, no entanto, não foram criadas aleatoriamente no espaço, sendo que suas localizações foram (e, muito provavelmente, continuarão

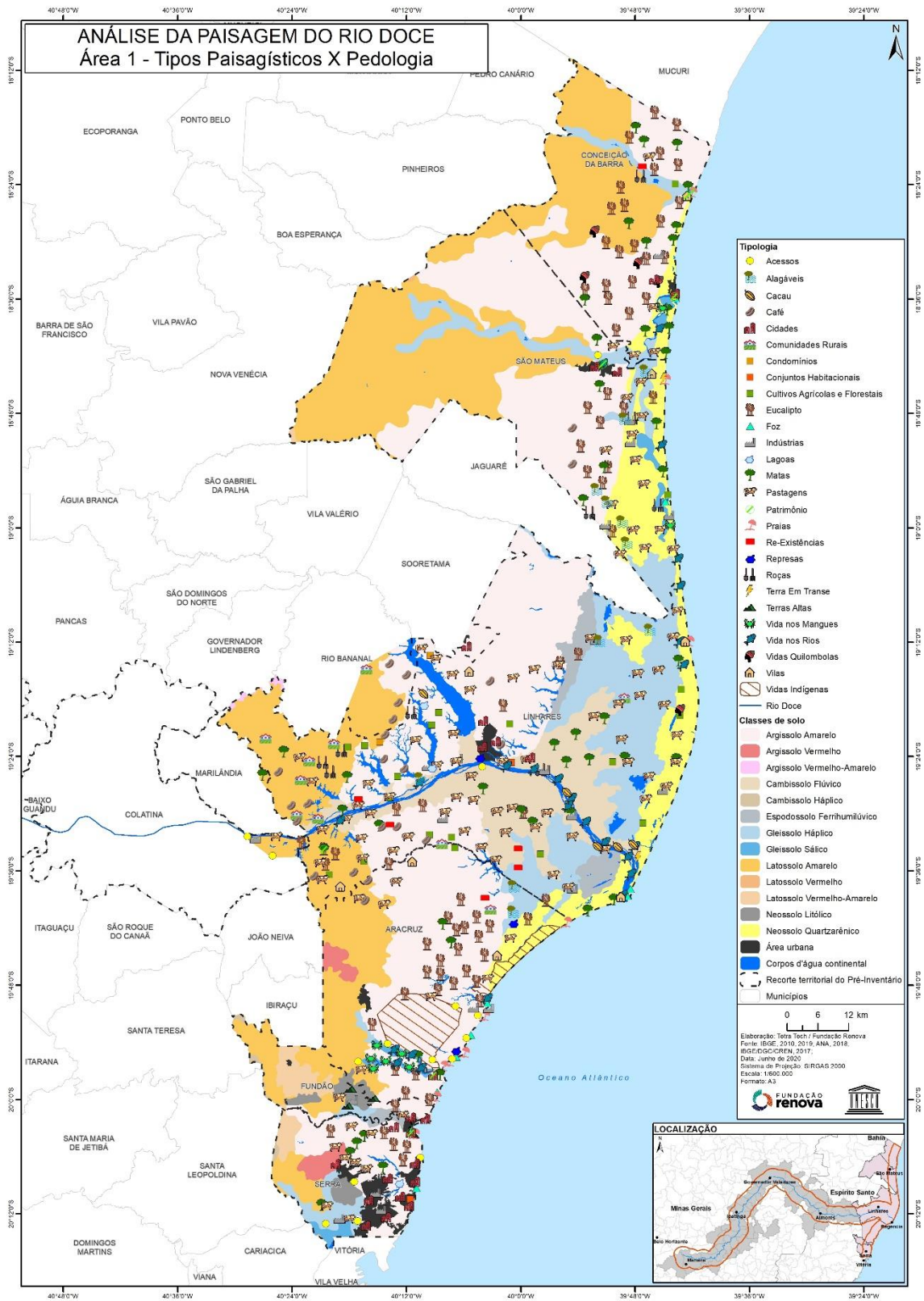
sendo) conduzidas por diversos fatores, dentre os quais se destaca a proximidade dos cursos hídricos e a formação geomorfológica, que origina as variações de relevo e constituição dos solos, resultando nas diferentes vocações e aptidões para o estabelecimento das atividades produtivas.

As primeiras paisagens produtivas que se estabeleceram na região ocupando proporções significativas do território foram as paisagens **Eucalipto** e **Pastagens**. Enquanto **Pastagens** se desenvolve principalmente sobre o Delta do rio Doce e **Eucalipto** ocorre sobre os Tabuleiros Costeiros (Mapa 2), ambas se estabeleceram predominantemente sobre os Argissolos Amarelos: solos que apresentam moderada acidez, textura mais arenosa nos horizontes superficiais e teores de argila que aumentam de acordo com a profundidade, conferindo maior coesão e plasticidade aos horizontes sub-superficiais, que por consequência retêm mais água. Essa constituição favorece o desenvolvimento das espécies propositalmente plantadas nessas paisagens (Mapa 3).

A princípio, grande parte da produção de madeira era exportada, até que empresas de celulose e papel se estabeleceram na paisagem **Indústrias**, construídas intencionalmente nas proximidades da paisagem **Eucalipto**, a fim de otimizar o transporte de matéria prima até o local de beneficiamento, e da paisagem **Cidades**, com vistas a facilitar o deslocamento dos funcionários, bem como o acesso aos insumos e aos setores comercial e de serviços. A paisagem **Represas**, criada pelo homem com objetivos principais de produção industrial e abastecimento humano, também apresentam relações de proximidade com **Indústrias** e **Cidades**. Em termos de produção industrial, há também uma relação de localização entre **Indústrias** e **Vidas nos Mares** devido ao estaleiro Jurong, dedicado à construção naval e tecnologias offshore, instalado estrategicamente em Barra do Riacho, município de Aracruz.



Mapa 8: Mapa dos tipos paisagísticos e da hidrografia na Área 1 - Foz e Litoral Capixaba.



Mapa 9: Mapa dos tipos paisagísticos e pedologia na Área 1 - Foz e Litoral Capixaba.

A formação da paisagem **Eucalipto** foi fortemente condicionada pelos interesses de grandes empresas de celulose, ocasionando a expropriação das terras originalmente ocupadas às **Vidas Indígenas** (ao sul do rio Doce) e **Vidas Quilombolas** (ao norte do rio Doce). Devido às grandes proporções ocupadas pela paisagem **Eucalipto** tanto ao norte quanto ao sul do rio Doce, mesmo com o reconhecimento dos direitos desses povos e a retomada de suas terras, tanto **Vidas Indígenas** quanto **Vidas Quilombolas** se localizam atualmente nas proximidades de **Eucalipto**. Ao sul do rio Doce, as **Vidas Indígenas**, paisagens que abrigam os povos originários, relacionam-se intrinsecamente com grande parte das paisagens nativas devido aos seus próprios meios de vida, meios de subsistência. Em Comboios, pode-se observar a relação de localização destas com **Matas, Vidas nos Rios, Vidas nos Mangues, Vidas nos Mares e Praias**. Ao norte do rio Doce, as **Vidas Quilombolas** apresentam relações de proximidade com **Matas** e **Roças**. A Terra Indígena Comboios foi demarcada em 1983 após mais de vinte anos de disputas por terra entre as comunidades

indígenas e a empresa Aracruz. O processo de delimitação das terras indígenas inclui a identificação das áreas imprescindíveis para a reprodução da cultura e dos modos de vida dessas populações, razão pelas quais as terras indígenas abrigam porções de matas, rios, e outros recursos naturais necessários para garantir sua sobrevivência (peixes, crustáceos, frutos nativos). A conquista da demarcação das terras pelos indígenas contribuiu para a preservação dos ecossistemas naturais, já que o modo de vida dessas populações tradicionais depende da manutenção dos ecossistemas.

Algumas paisagens produtivas existentes no território ocorrem exclusivamente (ou em maiores proporções) nas imediações do rio Doce, sendo que sua localização foi fortemente influenciada pelas características geomorfológicas locais, a formação dos solos e disponibilidade de água. O Delta do rio Doce e as Planícies e Terraços Fluviais sofrem influência das oscilações do rio, havendo uma concentração das paisagens **Cacau** e **Cultivos agrícolas e florestais**, localizadas nas proximidades de **Vidas nos Rios** e

Matas. Nas épocas de cheia, ambas paisagens se sobrepõem a **Alagáveis**.

A região do Patamar do Centro Norte Capixaba apresenta uma maior altitude, o que influencia a temperatura e umidade local para além das características do principal tipo de solo: os Latossolos, solos minerais, homogêneos (com pouca diferenciação de coloração entre os horizontes), normalmente profundos e bem drenados. Os Latossolos apresentam textura mais argilosa e menores teores de alumínio (menor acidez) e devido às suas condições físicas, quando aliados ao relevo plano ou suavemente ondulado, favorecem a prática da agricultura. Dessa forma, há uma concentração das paisagens **Café**, **Comunidades rurais** e **Roças**, que apresentam relações de vizinhança entre si.

Re-existências também apresentou relação de proximidade com as paisagens **Café**, **Comunidades rurais** e **Roças** na região do Patamar do Centro Norte Capixaba, provavelmente porque, nesses locais, os

assentamentos rurais foram estabelecidos sobre grandes fazendas produtivas. Por outro lado, essa relação de vizinhança foi com **Pastagens** e **Eucalipto** quando os reassentamentos foram realizados nas áreas do Delta do rio Doce e dos Tabuleiros Costeiros. Sabe-se que a formação dessa paisagem é também influenciada pelos regimes públicos e privados de propriedade de terra, para além das potencialidades produtivas. Em épocas de chuva ou sob efeito de eventos climáticos extremos, todas as paisagens (nativas ou antropizadas), podem transformar-se, sendo sobrepostas por **Terra em Transe** ou pelas **Alagáveis**, especialmente aquelas que estão em áreas planas e próximas dos cursos de água.

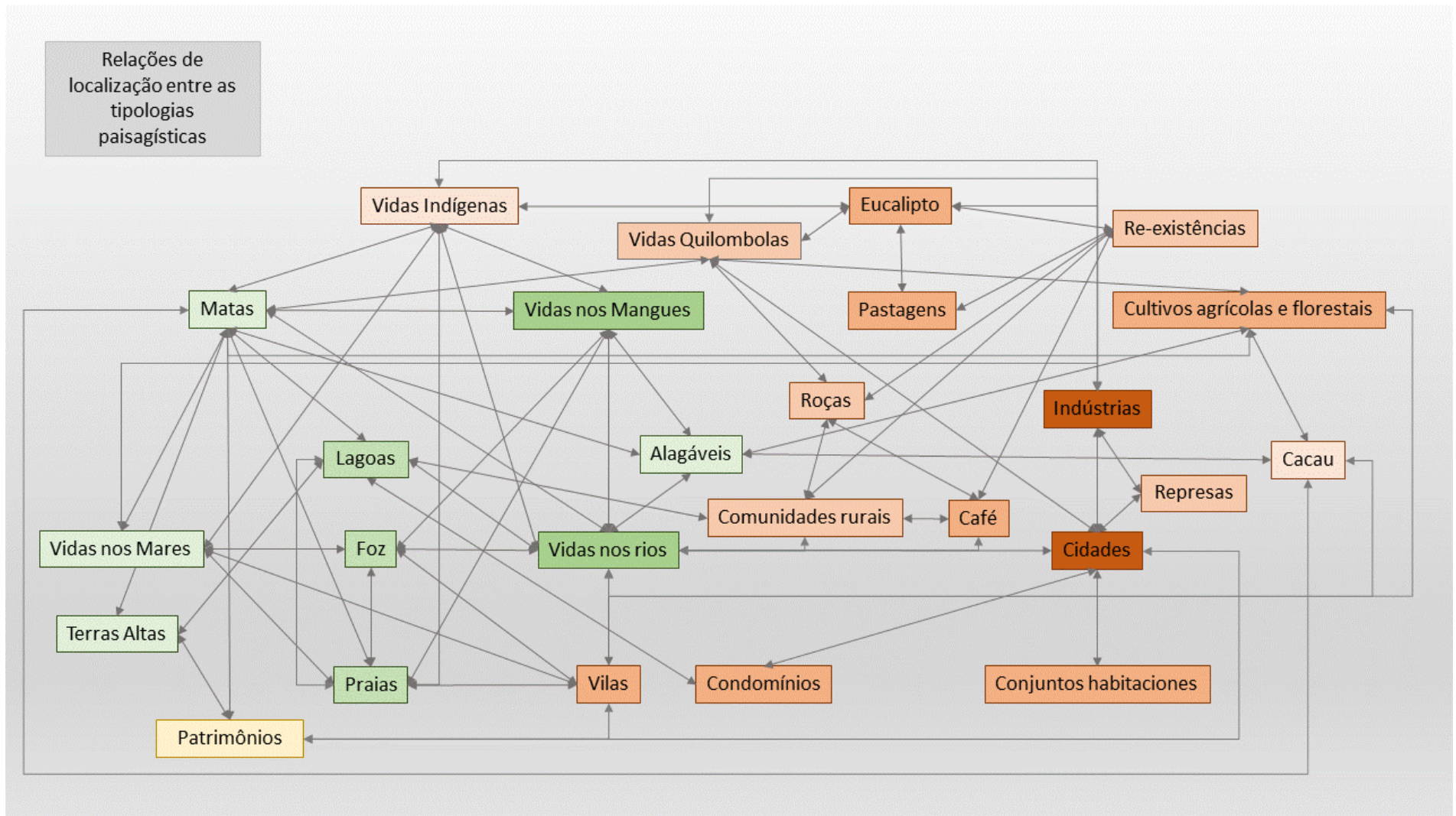


Figura 3: Fluxograma das relações de localização.

3.2.2. Trânsito: o fluxo das pessoas costurando relações entre as paisagens

Como visto na seção anterior, a disposição natural dos ecossistemas e os processos de ocupação e produção conferem às diversas paisagens relações de proximidade e localização. Por outro lado, o movimento das pessoas no território caracteriza relações importantes entre as tipologias paisagísticas que se encontram por vezes distantes territorialmente. Nesse sentido, as paisagens **Acessos, Vida nos Rios, Praias, Vilas e Cidades** se destacam na centralidade das relações entre as diversas tipologias.

A paisagem **Acessos** se espalha e se dilui, cortando e conectando o território por meio da malha de estradas rodoviárias, ferrovias e dos rios navegáveis, estabelecendo caminhos, pontes, portos e travessias para que as pessoas se movimentem, se encontrem, e possam também encontrar aquilo que buscam. Dessa forma, **Acessos** tem um papel central nas relações de trânsito entre todas as demais tipologias (Mapa 4). Essa paisagem

às vezes passa despercebida aos olhos de quem está em movimento, mas também pode se destacar na cena chamando a atenção do observador, como no caso das pontes e dos grandes portos da Área 1 – Foz e Litoral Capixaba (representados no mapa por meio dos pontos referentes à paisagem Acessos).

Os rios são elementos naturais que permeiam todo o continente e, desde os tempos remotos, naturalmente permitiram o trânsito de pessoas entre as diversas paisagens... *“Minha filha, tem um outro rio interessante para falar para você, que é divisa de Serra com Santa Leopoldina, chama-se Rio Santa Maria da Vitória. O rio Santa Maria da Vitória é o rio onde os navegantes vinham e chegavam em uma vila que chamava São José do Queimado, uma vila muito importante no município da Serra. Vinham todos no Rio Santa Maria e daí eles distribuía e vinham para Serra e para outras partes aqui da região. Esse rio também tinha dois portos grandes muito importantes para a época: o porto do Una e o porto de Queimados. Muito importante esse rio na nossa história”* (Teodorico Boa Morte, 69 anos).

Nos dias de hoje, apesar das vias de trânsito terrestres serem mais utilizadas pela maior parte das pessoas em relação às vias aquáticas, os rios ainda são amplamente utilizados para o traslado e comunicação das **Vidas nos Rios** com as **Vilas** e **Cidades**, na medida em que pescadores frequentemente os utilizam para chegarem aos núcleos urbanizados. Os rios também se constituem importantes vias de conexão entre as **Vidas nos Rios** e as **Vidas nos Mangues, Vidas Indígenas, Lagoas, Foz, Praias, Vidas nos Mares**. As paisagens **Alagáveis**, por sua vez, relacionam-se com **Vida nos Rios** e com **Terra em Transe** nas épocas de cheia, quando as estradas e os caminhos de terra são tomados pela água e os ribeirinhos conseguem entrar e sair de suas casas apenas por meio de barcos ou canoas.

Para além dos rios como acessos, foram identificadas outras cinco dimensões que influenciam as relações de trânsito: diversidade cultural, transporte e venda de mercadorias, busca por lazer, diversão e qualidade de vida, busca por oportunidades de trabalho e emprego, e acesso aos serviços. Os resultados da análise

indicam que o acesso aos serviços, especialmente de educação e saúde, caracteriza mais de 30% das relações identificadas (Gráfico 4). Nesse sentido, as **Cidades** ocupam uma posição central na rede dinâmica de relação entre as paisagens (Figura 8).

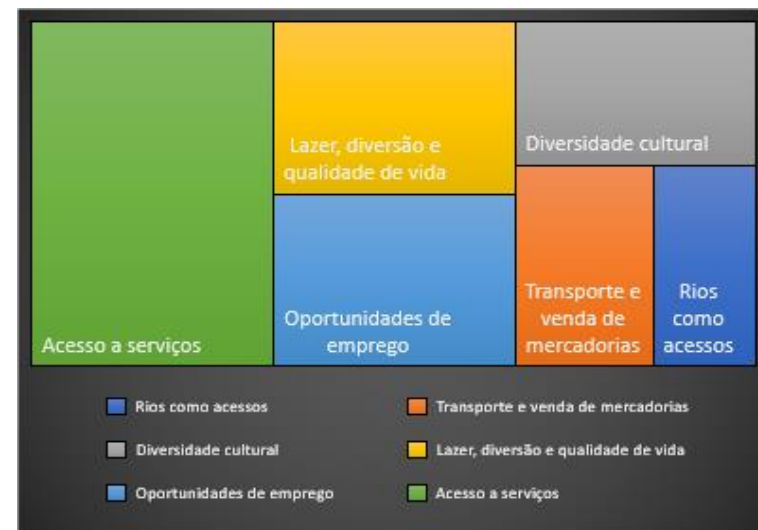
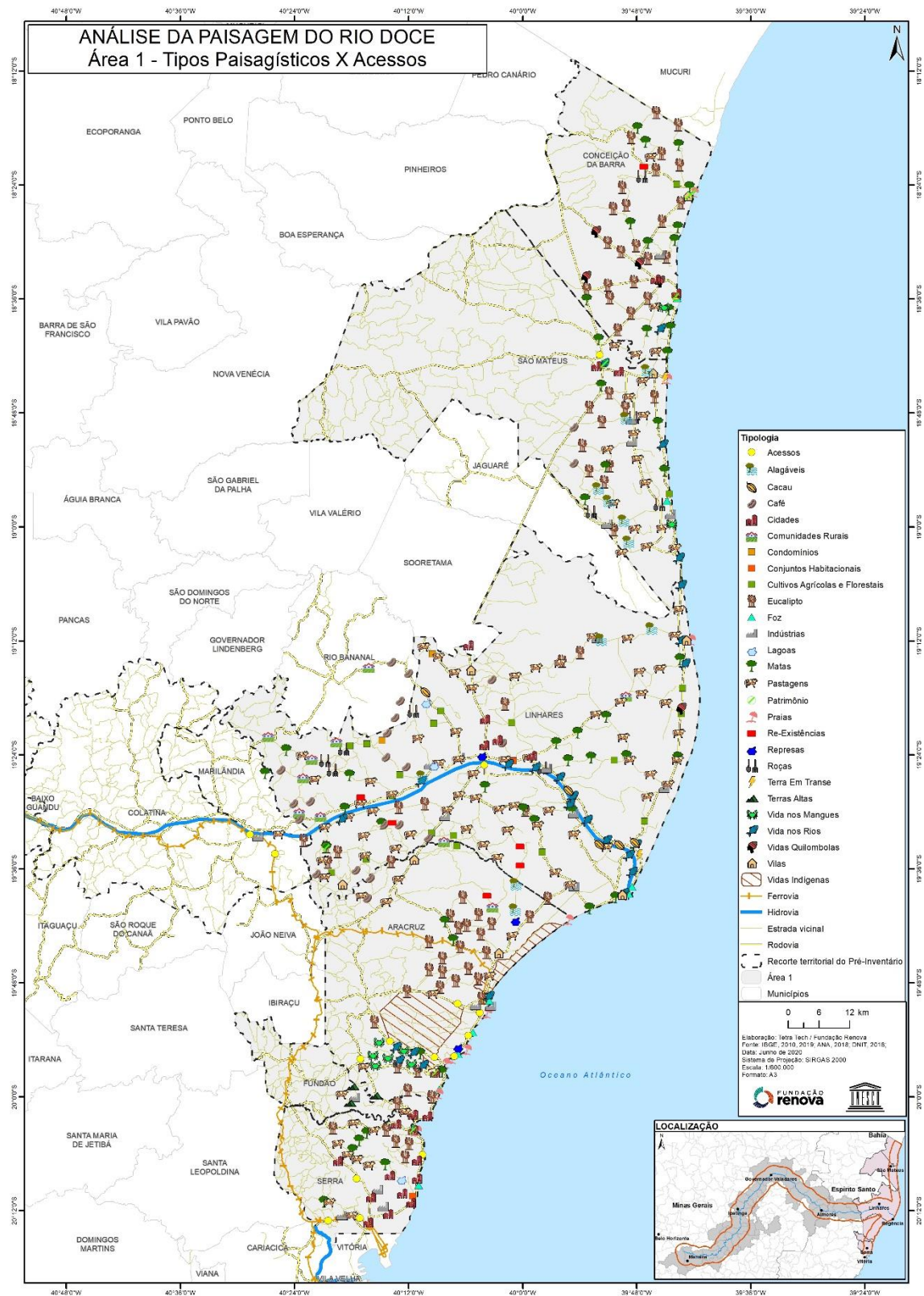


Gráfico 3: Proporção em relação às dimensões de trânsito de pessoas.



Mapa 10: A paisagem Acessos desempenha um papel central nas relações de trânsito entre as diversas tipologias paisagísticas.

Além dos caminhos e das formas com as quais as pessoas circulam entre as paisagens, as razões pelas quais elas circulam no território também caracterizam e qualificam as relações entre as diferentes tipologias paisagísticas. Nessa área litorânea, as paisagens **Praias** são centrais para o fluxo de pessoas que se deslocam das **Re-existências, Cidades e Vilas**, em busca de lazer e diversão ou em busca de uma melhor qualidade de vida.

O movimento das pessoas para lazer e diversão pode ser sazonal, frequente ou esporádico, abrangendo deslocamentos por períodos de um dia, um final de semana ou até uma temporada de verão. Enquanto uma parte das pessoas se desloca até essas paisagens a fim de caminhar, tomar sol, nadar no mar e contemplar a natureza, retornando para seus locais de origem – *“A gente fala de lazer porque nós moramos próximo da praia... A gente vai ali e dentro de 15 minutos a gente já tá em casa”* (Adilson Alves dos Santos Rigonis, 38 anos) –, os veranistas acabam permanecendo um tempo maior devido à infraestrutura local... *“Aqui em Santa Cruz a gente tem uma estrutura boa... uma beira de um rio, uma beira de praia... os turistas*

e veranistas que tem casa aqui se deslocam com a família para cá” (Andreas José Hamer Boos, 55 anos).

A busca por qualidade de vida, por outro lado, configura um fluxo de pessoas que se mudam definitivamente. Esse fluxo pode ocorrer pelas pessoas com mais idade por uma questão de oportunidade, visto que elas já trabalharam, formaram família e se estabeleceram em termos financeiros, podendo optar pela tranquilidade que uma vida praiana lhes oferece em contraste com a agitação dos grandes aglomerados urbanos. *“A gente morava em Colatina, mudamos para Vitória e depois eu aposentei. Aqui é uma área litorânea e como eu não preciso mais de trabalho eu vou ficar aqui né? Na... Orla, que é um lugar mais tranquilo”* (Silvano Ramos, 84 anos).

Há também os jovens e adultos que priorizam o bem-estar, preferindo viver perto da natureza e longe dos perigos que os centros urbanos oferecem *“Vim seguindo essa proposta de trabalhar na escuna e... acabei gostando de morar aqui... longe da cidade, dos problemas sociais, problemas de violência... O que me encanta aqui em Santa*

Cruz é essa questão do rio, da relação com a natureza, com mangue, e por ser uma vida assim de melhor qualidade” (Andreas José Hamer Boos, 55 anos). A região também atrai biólogos, oceanógrafos e gestores que trabalham nas áreas sociais e ambientais “Eu sou bióloga.. vim para cá primeiro como estudante... fiz a primeira campanha das tartarugas marinhas aqui em Itaúnas... Vim fazer essa campanha aqui e fiz o primeiro trabalho de envolvimento social com o programa, com o projeto Tamar, de conservação das tartarugas marinhas... em novembro de 91 esse lugar aqui virou parque... um dos objetivos da criação é proteger a área de reprodução das tartarugas marinhas que estão na zona costeira” (Márcia Lederman, 50 anos).

Se por um lado a busca por lazer, diversão e qualidade de vida orienta o fluxo de pessoas em direção às paisagens **Praias**, por outro lado, a busca por oportunidades de trabalho e empregos coloca as paisagens **Cidades** e **Re-Existências** na centralidade das relações, destacando a importância tanto do urbano quanto do rural, em termos de geração de emprego, alimentos e renda. As **Re-Existências** apresentam uma relação intrínseca com a produção de

alimentos. Na medida em que essas paisagens garantem o acesso e o direito à terra, elas atraíram habitantes das **Comunidades Rurais** e das **Roças**, especialmente os trabalhadores rurais assalariados, temporários, safristas e meeiros, que repartiam anteriormente a colheita com os donos das terras. Pessoas que aguardavam uma oportunidade para se fixarem na terra, e que graças à reforma agrária hoje plantam e colhem alimentos que são consumidos na região... “E com a chegada do Assentamento Paulo Vinhas, tinha pessoas que já tinha o conhecimento lá fora de pimenta-do-reino, de café... Foi só agregando!” (Adilson Alves dos Santos Rigonis, 38 anos). As **Re-existências**, dessa forma, viabilizaram o estabelecimento dos trabalhadores nas áreas rurais, em torno da produção agrícola “Aí veio gente direita com vontade de trabalhar mesmo no lugar e ficou bom” (Adilson Alves dos Santos Rigonis, 38 anos).

As oportunidades de trabalho nas **Cidades** atraem as pessoas das paisagens **Comunidades rurais** e **Vilas** que se deslocam principalmente por razões financeiras para trabalharem no ramo de serviços em geral, caso de alguns

moradores da Comunidade Pirassununga que se deslocam diariamente para Santa Rosa. Por outro lado, Linhares, São Mateus e Barra do Riacho são as localidades que mais influenciam o movimento de pessoas entre cidades devido à proximidade da paisagem **Indústrias**. As empresas do ramo industrial que operam nessas paisagens são verdadeiros motores de transformação de matérias primas e produção de bens de consumo e, por sua vez, requerem profissionais altamente especializados que são contratados para desempenharem cargos elevados e funções complexas, gerando conflitos com os habitantes locais. Em *"Barra do Riacho... nós temos Porto Céu, Suzano, O Brás e agora vem o Porto e vai emendando... E nós estamos nesse meio e o que acontece, nós deveríamos ser as meninas dos olhos de ouro de Aracruz, que é onde todos os impactos saem, mas infelizmente, nós estamos com um desemprego muito grande, para tentar contratação para esse povo daqui. Minha filha, ela teve que ir para São Paulo..."* (Hildete Jorge Caliman, 54 anos). Para além dos setores de celulose, petróleo e gás natural, a construção naval, transformação e reparação de equipamentos *offshore* realizadas no estaleiro

Jurong em Aracruz caracteriza também as relações de trânsito entre **Cidades e Vida nos Mares**.

Uma vez produzidos, matérias primas, bens de consumo e alimentos também são transportados pelo território. O transporte e a venda de produtos apresentam uma demanda específica de maquinários e estruturas, e implicam no movimento de uma maior ou menor quantidade de pessoas, de acordo com o seu destino. As grandes safras colhidas nas paisagens monocromáticas das **Culturas agrícolas e florestais** e **Eucalipto**, ou os minérios extraídos das **Terras Altas**, na região de Serra por exemplo, implicam o uso de caminhões e containers para o escoamento da produção, que é levada em grandes volumes até as paisagens **Indústrias** (ou **Cidades**, no caso de alimentos) nas quais se dá o processamento. Entretanto, a maior parte dos alimentos consumidos pelos habitantes nas **Cidades** são produzidos pelos habitantes nas **Roças, Vidas nos Rios, Vida nos Mangues e Vidas nos Mares**. Nesse fluxo, os alimentos – cereais, ovos, frutas, legumes, farinha, peixe, mariscos e caranguejos – constituem um elo entre todas as vidas, conectando pessoas de diferentes credos e

classes sociais em torno do que as sustenta, reforçando ainda mais os laços entre os ambientes aquático, rural e urbano *"Nós plantamos pra despesa, mas sempre sobra um pouquinho e ele vende, assim... Já tem os fregueses fiéis pra ele levar em Nova Almeida... ele leva, né, banana, leva uns queijozinhos que nós fazemos, ele vai levando e pra vender lá, nós já temos os fregueses certos"* (Elvira Freitas Nascimento, 51 anos).

Sob o prisma da diversidade que caracteriza os povos, a cultura desponta como impulsor do fluxo de pessoas no território. As **Vidas Quilombolas** e **Re-Existências**, por meio dos grupos de Jongo do bairro Santana (um bairro urbano periférico localizado às margens da estrada para Conceição da Barra) e de Santa Isabel (existente no assentamento Paulo Vinhas), circulam e se movimentam pelas **Vidas nos Mangues** e **Vilas**, passando também por **Cidades** e integrando, dessa forma, as várias tipologias de paisagem ao norte do rio Doce *"E nós estivemos em Itaúnas agora e tivemos em Conceição da Barra, foram dois dias, tivemos em Barreiras, foram três dias e não para. A nossa correria do dia a dia, não para. É muito bom, é muito bom,*

é cansaço, é. Mas vale a pena. Vale a pena" (Maria Amélia, 67 anos).

Semelhantemente, as bandas de congo ao sul do rio Doce movimentam as pessoas e animam as festas, integrando principalmente as **Vidas Indígenas, Vilas e Cidades** *"A gente foi pra lá pra Aracruz... mostrar ao povo aracruzenso que nem todos conhecem o que é uma festa de congo... Nem todos conhecem a tradição, principalmente as crianças que estão agora chegando, né?... Tem a banda de congo de Caieiras Velha... Tem a banda de congo de Santo Expedito, tem a banda de congo de São Sebastião, tem a banda de congo que é de Santa Luzia, em Ibiracu... Eu, toda vida, fui congueira. Nós não faltava, uma semana que nós não saía com a banda de congo. Pra Regência, pra Guarapari, pra Piúma, tá? Pra Colatina, como é que é? Baixo Gandu, Itaúna... Já pra lá ficar quatro, cinco dias quando chegava a ir pra festa de Fundão... ia daqui, na Barra do Riacho, ali a pé. A pé!!"* (Astrogilda Ribeiro dos Santos, 86 anos). A região *"tem uma riqueza cultural infinita né? Indígena, afro... muito grande, e você vai começando a descobrir essas coisas..."* (Elisabeth de Souza Areias, 57

anos, conta que...) ...No ano passado mesmo a gente participou do edital da Secretaria Estadual de Cultura com o Congo, mostrando que... é bem antigo e que existe relatos de Dom Pedro, falando, por exemplo, que quando ele esteve aqui, passou em Santa Cruz, em 1860, ele foi recebido por uma banda de caboclo... Aí ele fala que tipo de instrumentos, que tinham os tambores, que tinha um instrumento engraçado que parecia um boneco de casaco, que daí que a gente imagina que vem o nome casaca, né? (...) Então você vai vendo a cultura, os contos, as famílias, as tradições e é uma coisa riquíssima... eu acabei me encantando pela cultura que tem aqui”.

A raiz pivotante da cultura brasileira pode ser encontrada ao sul do rio Doce, onde as **Vidas Indígenas** fincaram suas raízes. Nessas paisagens, Guaranis e Tupiniquins expõem artesanatos tecidos e esculpidos a partir de recursos naturais, e mostram um pouco dos seus meios

de vida na aldeia temática, atraindo turistas de diversos locais.

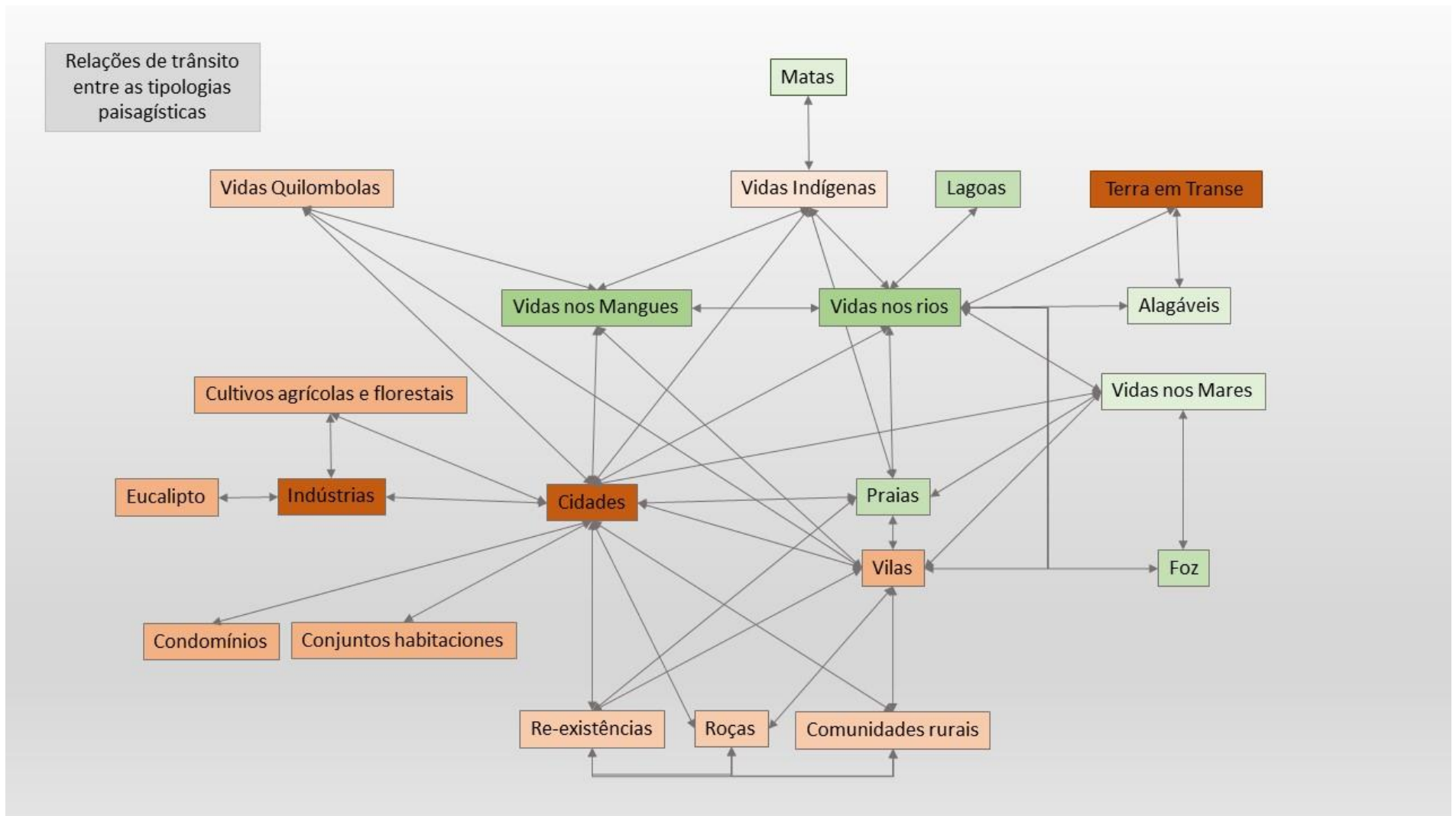


Figura 4: Fluxograma das relações de trânsito.

3.3.3. Disputas: as arenas de enfrentamento entre paisagens

As relações de disputa são definidas pelas interações territoriais que indicam uma dimensão de concorrência, tensão ou de luta. Aludem, portanto, a uma dimensão agonística da coexistência temporal ou da co-localização espacial. É preciso notar que operam como um dos mecanismos da dinâmica paisagística em nível regional, de modo que podem ser consideradas como parte do processo habitual da configuração das paisagens.

Relações nem sempre são positivas. As disputas existentes nos territórios criam tensões que resultam em relações de conflitos, seja por espaço, por recursos ou por elementos materiais que afetam a sua estruturação, gerando alterações recíprocas, com diferentes resultados para as populações. Por exemplo, a disputa em torno do uso da água das **Lagoas**, gera tensão entre os atores dos **Cultivos agrícolas e florestais** e os pescadores e pode gerar insegurança hídrica para a população das **Cidades** que usam essas águas para abastecimento. A disputa fundiária

também pode ter como consequência a insegurança territorial de comunidades tradicionais.

Do ponto de vista quantitativo, as **Matas** e as **Indústrias** ocupam centralidade nas relações de disputa. Ambas estão relacionadas, a partir desse prisma, com mais de dez outros tipos paisagísticos. A centralidade das paisagens **Matas** e **Indústrias** na rede de relações de disputas pode estar relacionada com os níveis de antropização e artificialização das paisagens, visto que ambas estão situadas nos extremos opostos do gradiente paisagístico: as **Matas** são uma das paisagens nativas com menor nível de antropização, enquanto as **Indústrias** são uma das paisagens domesticadas com o maior nível de artificialização. Outras quatro paisagens, **Vidas nos Rios**, **Cultivos agrícolas e florestais**, **Eucalipto** e **Terra em transe** estão contempladas na redes de relações de disputas juntamente com outros nove tipos paisagísticos. **Vidas nos Rios** é uma paisagem nativa com nível forte de antropização. Em outras palavras, as duas paisagens nativas estão envolvidas em redes de relações de disputa que têm potencial para restringi-las, enquanto as paisagens

domesticadas estão em redes de relações de disputa devido aos movimentos expansionistas de certos aspectos do território. Essas relações se intensificam sob uma perspectiva temporal, na qual a proporção territorial ocupada pelas paisagens nativas vem diminuindo enquanto a proporção territorial ocupada pelas paisagens domesticadas vem aumentando. Não foram identificadas relações de disputa com três tipos paisagísticos: **Terras Altas, Conjuntos Habitacionais e Paisagens-Patrimônio.**

Além da análise quantitativa dessas relações, é preciso atentar para sua qualidade. Assim, sob outro ponto de vista, a profundidade ou o grau de tensão das disputas são indicativas de relações mais densas entre tipologias. As disputas que ocorrem nas paisagens podem estar relacionadas com poucos ou mesmo com somente um outro tipo paisagístico, mas essa relação ser absolutamente aguda ou arriscada para sua manutenção. Com efeito, foram reconhecidas quatro dimensões de disputas: por espaço (38% das relações identificadas), por distinção (7%),

conflitos fundiários (12%) e influência da dinâmica de uma paisagem sobre outras (43%) (Gráfico 4).

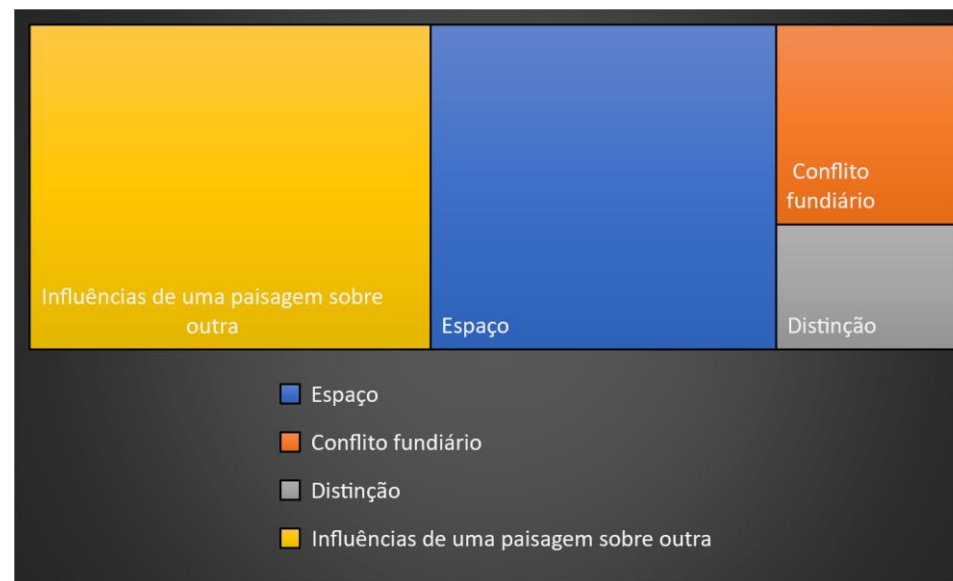


Gráfico 4: Proporção identificada em relação às dimensões de disputas.

A influência da dinâmica de uma paisagem sobre outras é a dimensão mais frequentemente encontrada na área da Foz do rio Doce e região litorânea adjacente. Também é aquela que engloba o maior número de paisagens: 20 dos 28 tipos paisagísticos. É um tipo de relação paisagística que ocorre a partir de uma

externalidade derivada do exercício regular das atividades que acontecem em uma paisagem. Demonstra a conectividade entre tipos paisagísticos a partir de certos fatores compartilhados, posto que muitas vezes as tipologias paisagísticas dividem um mesmo elemento de materialidade (como um rio, por exemplo), essencial para a sua própria dinâmica individual.

Um exemplo típico pode ser o uso utilitário dos corpos e cursos d'água para o esgotamento sanitário inadequado, doméstico e industrial, comum nos centros urbanos. Outro exemplo é a utilização da água para irrigação de cafezais e outras atividades produtivas ou para atividades industriais que exercem influência sobre o abastecimento de água em comunidades ribeirinhas, bem como em centros urbanos. Ainda há que se considerar o represamento de águas, que influencia o acesso desse recurso nos pastos e áreas de produção agrícola (**Vidas nos Rios, Vidas nos Mares, Vidas nos Mangues, Lagoas, Represas Pastagens, Cultivos agrícolas e florestais, Café, Indústrias, Vilas e Cidades**). Todos esses exemplos resultam em insegurança hídrica para as populações da Área 1 – Foz e

Litoral Capixaba, tema candente na região, já que o acesso e a qualidade da água vertebram grande parte dessas dinâmicas.

Indústrias, Cidades, Vilas e Vidas nos Rios são as paisagens que ocupam a centralidade na rede de relações de influência, devido ao seu nível muito forte de domesticação, o que equivale a dizer que se encontram sob constante manejo humano. O ritmo da expansão econômica e da transformação ambiental de atividades industriais, dado o seu dinamismo, dificilmente é acompanhado simultaneamente por respostas regulatórias advindas da pressão reivindicativa das populações em defesa de paisagens nativas, como **Matas, Vidas nos Mangues e Vidas nos Rios**. Isso ocorre sobretudo em regiões da Área 1 – Foz e Litoral Capixaba já cumulativamente afetadas pela presença industrial, como Barra do Riacho, no município de Aracruz. *"Ah, eu vejo como incerto né, eu vejo vários avanços de forma mais desordenada e industrializada e assim, por outro lado tem associações e tal, mas tudo acontece com uma velocidade muito menor, não consegue acompanhar esse desenvolvimento econômico que coloca*

em risco né? A sustentabilidade ambiental” (Breno Barroso Boos, 30 anos).

As atividades industriais também exercem outras influências. Se, por um lado, fornecem oportunidade de emprego e renda para as populações de **Vilas e Cidades**, por outro lado podem contribuir para o aumento de desigualdades locais ou para a descaracterização de modos de vida acoplados a outros tipos paisagísticos co-localizados. *“Por que que nós temos que dizer que só tem uma vocação para esses infelizes de chaminé? Se nós temos essa, como eu disse, essa riqueza tão linda, tão bela e tão poderosa que é esse berço maravilhoso? Então, por que que nós não podemos mudar essa roda? Então quando você me perguntar isso, eu não quero ser marionete. Dizer ‘vai ter assim...’ não, não sei. ‘Ó, vamos ter que vender esse aqui e sair daqui’. Não, nós não temos que sair daqui, que isso? Nós não temos que sair daqui. Nós temos que defender o nosso espaço, temos que ter a resiliência de fazer que predomina o que a gente quer. Até com patrão, entendeu? Então, eu não vejo isso assim, tem que ser conduzido pelo sistema. Não, nós quem temos que conduzir o que a gente*

quer. Se a gente vai conseguir ou não, vamos ver no traquejo da luta do dia a dia, né, aonde vai chegar com isso” (Herval Nogueira Junior, 57 anos).

As relações de influência podem também conduzir a uma alteração completa do tipo paisagístico em certa localidade, levando à sua substituição. Por vezes, algumas dinâmicas territoriais são tão rápidas que as mudanças nas paisagens ocorrem dentro de um período de apenas algumas décadas. A comunidade Lajes, em Conceição da Barra, vem passando por um processo de mudança. Já há algumas décadas essa comunidade de pescadores artesanais vem sofrendo com a queda de seus recursos pesqueiros. Assim, uma parte da população passou a se empregar nas fazendas de coco do entorno, em regime parcial ou integral. Desde 2015, porém, a atividade pesqueira encontra-se praticamente interdita, em função dos impactos causados pelo rompimento da barragem de Fundão. Assim, um maior contingente de pessoas da comunidade deixou de exercer a pesca e começou a trabalhar nas fazendas de coco e de aroeira da região. Pode-se considerar que, na ausência de projetos ou ações que a contra-arrestem, a tendência é que

a comunidade esteja abandonando um modo de vida orientado por sua relação com o rio, a partir da atividade de pesca, e passando a direcionar sua reprodução material principalmente para a "terra", ou seja, para as fazendas da região.

As disputas por espaço são a segunda dimensão mais frequente na região, com o concurso de 17 tipos paisagísticos. Nesse caso, as mudanças de uso do solo podem ocorrer com ou sem a intervenção humana, de modo cíclico, temporário ou permanente. Dada a limitação inerente do espaço, essas alterações, que por vezes são acompanhadas de disputas, pode tanto significar a supressão de um tipo em favor de outro como um processo de dominância, em que outro tipo de paisagem passa a controlar a dinâmica espacial de maneira preponderante, subordinando ou restringindo o espaço de um determinado uso do solo, sem eliminá-lo. Esse processo é refletido em alterações nas paisagens, resultando em prenciar ou flagrar o curso de uma transformação do tipo predominante em certa localização.

No tocante à disputa pelo espaço, pode-se citar a dinâmica dos mares invadindo espaços ocupados por **Cidades** ou pela **Foz**. Nesse último caso a dinâmica contrária também é observada, onde áreas de Foz estão sendo expandidas pela deposição de sedimentos. No que se refere à intervenção humana, áreas anteriormente tomadas por **Roças** foram adquiridas por fazendeiros e convertidas em **Cultivos agrícolas e florestais** ou **Café**, enquanto áreas de **Matas** foram incorporadas por **Indústrias** ou substituídas por paisagens de **Pastagem e Eucalipto**.

As **Matas, Cidades e Vida nos Mares** ocupam centralidade na disputa por espaços. Uma vez que constituem as paisagens nativas terrestres com o nível mais fraco de antropização, compreende-se facilmente por que as **Matas** estão mais frequentemente enredadas nessas relações, posto que quase sempre estão presentes em casos de alterações no uso do solo que pressupõe supressão, em algum tempo histórico, considerando-se o espaço. Além do **Eucalipto**, as atividades rurais presentes nas paisagens **Roças, Pastagens, Cultivos agrícolas e florestais, Cacau e Café** contribuem para a sua supressão. "Ah, as

matas, quer dizer, eles acabaram bastante, mas tem essas moitas, tem...nas fazendas sempre deixa né, essas... essas... essas matazinhas ainda. Mas de primeiro, de primeiro não” (Ronivaldo de Souza Simões, 65 anos).

O desenvolvimento das **Cidades** também é um fator de reorganização espacial, como a interação entre núcleos urbanos costeiros e as **Praias**. *“Aqui você tinha, igual esse bar aqui, o Caranguejão, ali em cima ali, você tinha um quiosque grandão, lá na frente, a praia era mais afastada, você não tinha, tinha um, dois...só por aqui tinha dez, quinze quiosques, o calçadão que fizeram, não tinha calçadão na época, era tipo a rua mesmo, entendeu? Normal e com essas vegetações que está aí até hoje, porém os quiosques tinham mais espaço, atendia o pessoal melhor entendeu? E... e hoje, isso é uma construção do homem. Naquela época era natural, às vezes chegava numa época dessa, no inverno criava umas dunas de areia aqui. Uma imagem que eu tenho da casa da minha mãe, eu ficava da cozinha lá de casa, eu ficava olhando, era bem longe a praia assim e a gente tinha um caminho, uma trilha que a gente fazia por dentro do quintal aqui. Era tipo um sítio né? A gente atravessava essa*

rua, era de chão daqui para lá e a gente demorava mais um tempo para chegar na praia. (...) Assim, não tinha esse tanto de casa muito beirando o mar, tinha essas casas do lado de cá, mas igual tem hoje não entendeu? Eram uns quiosques mais artesanais, feitos de madeira essas coisas assim” (Fábio Silva Clarindo, 44 anos, Conceição da Barra).

Uma terceira dimensão de disputas refere-se aos conflitos fundiários. À diferença das disputas por espaço, esse tipo de enfiamento pressupõe obrigatoriamente alterações e confrontos sobre a propriedade da terra. São 13 tipos paisagísticos estão sujeitos a essa dimensão, com centralidade para as **Vidas Quilombolas**, o **Eucalipto**, as **Indústrias** e as **Vidas Indígenas**. Para as **Vidas Quilombolas**, os conflitos fundiários representam a totalidade de suas relações de disputa com os outros tipos paisagísticos. A relação de conflito fundiário é bastante clara entre essas quatro paisagens: historicamente, a implementação da indústria de celulose responsável pelos eucaliptais e, mais recentemente, a ampliação da indústria extrativa de petróleo foram responsáveis pela expropriação, limitação e cercamento desses territórios tradicionais, assim

como pela criação de áreas de exclusão ou de interdição de acesso aos recursos naturais necessários para a manutenção de seus modos de vida. O “imprensamento” das comunidades quilombolas pelos eucaliptais, também responsáveis pela supressão das **Matas** do entorno das comunidades, já detalhado na descrição das **Vidas Quilombolas**, constitui fator determinante para a insegurança territorial dessas populações. A precariedade de garantia dos territórios tradicionais poderia ser minimizada pela concessão de titulação e demarcação de terras quilombolas. Não obstante, tais expedientes legais, apesar de necessários, não afiançam a completa extinção dos conflitos fundiários, mas fornecem importante marco regulatório para a gestão eficiente desses conflitos.

As disputas por distinção constituem relações agonísticas atinentes à interdição ou regramento do acesso, circulação e usufruto do espaço físico, legitimados socialmente a partir de um recorte de classe. Atritando o espaço físico ao espaço social, inscrevem nas paisagens os princípios de visão e de divisão do mundo social, estando associadas a processos de segregação. Embora residuais em

comparação com os outros tipos de disputa existentes na Área 01 – Foz e Litoral Capixaba, são relações profundas que reúnem sete paisagens, com predominância dos **Condomínios** e das **Praias**. A conversão da propriedade da terra e a requalificação de seus acessos, de público para privado, restringe o usufruto de certos elementos de materialidade, como praias e lagoas, a classes socialmente privilegiadas.

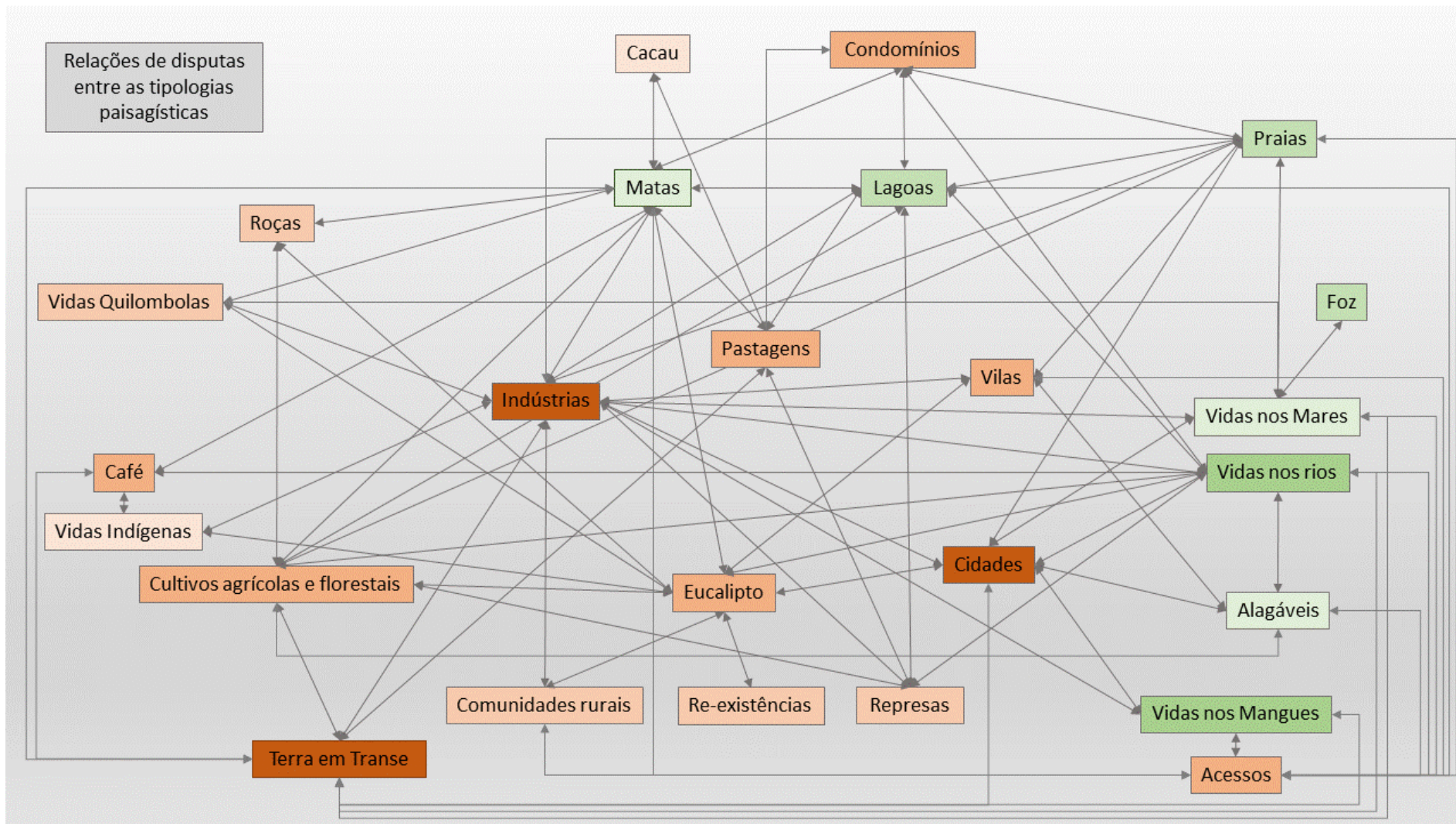


Figura 5: Fluxograma das relações de disputas.

3.3.4. Vidas: a complementaridade na manutenção das paisagens

Tipos paisagísticos compartilham dinâmicas ou elementos que promovem intercâmbios, influenciam seus movimentos de maneira complementar e sua manutenção ao longo do tempo. O que não significa dizer que sejam compartilhamentos equitativos. Há paisagens que demandam mais dimensões e elementos do território para sua manutenção, enquanto algumas demandam menos.

As vidas fertilizadas pelas e nas paisagens são os modos de vida, os usos econômico e do solo, os meios de vida que alimentam tanto os atores como os elementos estruturantes das paisagens. Na reflexão em torno das relações de vida sobressaem as paisagens fornecedoras de água, de produtos rurais para subsistência ou comercialização e de fornecimento de bens, serviços e oportunidades de trabalho.

As paisagens **Vida nos Rios** e **Cidades** situam-se na centralidade das relações de vida na Área 01 – Foz e Litoral Capixaba, com liderança absoluta da primeira. **Vida nos Rios** relaciona-se com 20 outros tipos paisagísticos nesta categoria, enquanto **Cidades** apresenta relações de vida com 14 outras paisagens. As **Roças** possuem vínculos com 11 tipos paisagísticos, os **Cultivos Agrícolas e Florestais** com 10 e as paisagens **Café** e **Vilas** com nove. A **Vida nos Rios** é uma paisagem nativa com nível de antropização forte, já as demais configuram-se como paisagens domesticadas com nível de artificialização médio (**Roças**), forte (**Cultivos Agrícolas e Florestais, Café** e **Vilas**) e muito forte (**Cidades**). **Terra em transe** foi o único tipo paisagístico para o qual não foi identificada relação de vidas com as demais paisagens, até porque possui como uma de suas características centrais as ideias de ruptura e de excepcionalidade, com efeitos obstrutivos e suspensivos justamente sobre as formas rotinizadas de vidas. Foram identificadas cinco dimensões relativas às relações de vida entre as paisagens. A sustentação é a dimensão das relações de vida mais influente na integração entre as paisagens

(43% das relações identificadas), seguida pelo dinamismo socioeconômico (22%) e pela provisão de água (15%). As dimensões de entrepósitos (11%) e de capitalização (9%) são menos frequentes (Gráfico 5).



Gráfico 5: Proporção em relação às dimensões de vidas.

As paisagens tem sustentação. Nesta acepção, certos elementos de algumas paisagens são suportes para a manutenção de outra paisagem, que deles se torna, em diferentes graus e de diversas maneiras, dependente. Existe

uma espécie de acautelamento, em que aspectos como a permanência, a estabilidade ou a transformação zelosa são valorizados como princípios de um intercâmbio que visa a subsistência mútua. Por exemplo, a paisagem **Matas** sustenta elementos utilizados pelas **Vidas Indígenas**, do ponto de vista de seus modos de existência, do mesmo modo em que as **Vidas Indígenas** veem a preservação das **Matas** como necessidade para sua autopreservação, agindo ativamente em seu manejo, fertilização, garantindo sua conservação.

Vista por um outro ângulo, a dimensão da sustentação pode ser encarada como uma forma de precondição para a existência das paisagens. As **Terras Altas** têm elementos que dão sustentação à paisagem **Café** na medida que o cultivo desse grão se beneficia dos níveis de temperatura e de umidade de terrenos em altitudes mais elevadas. Ou os territórios nos quais ocorre a imagem de paisagens **Alagáveis** são capazes de apresentar condições de fertilidade mais propícias aos **Cultivos Agrícolas e Florestais, Pastagens** e ao **Cacau**.

É também possível observar essa dimensão das relações de vida do ponto de vista da transversalidade, em que uma atividade desenvolvida em algumas das paisagens opera como elemento integrador entre várias outras, que não obstante, continuam diretamente desconectadas entre si. É o que ocorre com a pesca artesanal, predominantemente realizada nas paisagens **Vida nos Mares, Vida nos Rios, Vida nos Mangues, Vidas Indígenas, Vidas Quilombolas, Lagoas e Foz**. No contexto da Área 1 – Foz e Litoral Capixaba, a pesca funciona como uma espécie de substrato que une o conjunto das paisagens citadas e faz desse emaranhado uma das tessituras das demais paisagens. Além do sentido mais imediatamente apreensível de fornecimento de seus produtos para a população dos demais tipos paisagísticos, a pesca artesanal, enquanto estrutura comunitária, concretiza em um mesmo ambiente a interdependência entre paisagens, organizando as **Roças**, as **Vilas** e as **Praias** como paisagens codependentes, embora estas se desenvolvam até certo ponto paralelamente.

A atividade de pesca artesanal se caracteriza pelo domínio e manejo eficiente dos ecossistemas lacustres, fluviais, marítimos ou estuarinos. O que não quer dizer que os pescadores se enraízem somente em um desses ambientes. Por vezes circulam, circulando com isso diferentes saberes sobre seu ofício. "*Pescam mais no rio, mas também é dividido porque tem época que é do rio, aí tem época que fecha do rio, aí vão para a do mar, aí o mar fecha, aí volta para o rio de novo*" (Diana Campista, 43 anos). Na atividade pesqueira, a circulação não é só entre os diferentes ecossistemas, mas também entre a água e a terra; há, com efeito, aqueles que pescam desembarcados, no barranco, nas margens ou nas **Praias**, com redes ou anzóis.

Os vínculos de sustentação são as relações de vida mais presentes e que envolvem o maior número de paisagens na Área 1 – Foz e Litoral Capixaba, totalizando 21 tipos paisagísticos. As **Roças**, a paisagem **Vida nos Rios** e as **Matas** são, em ordem decrescente, os tipos mais frequentemente envolvidos em tais relações. A eles se

somam outras duas paisagens nas quais a água é o elemento definidor (**Vida nos Mares** e **Vida nos Mangues**) e uma na qual a produção agrícola é a característica saliente (**Cultivos Agrícolas e Florestais**). Predominam, portanto, as paisagens nativas, em que o intercâmbio entre os ecossistemas é exercido por comunidades tradicionais (ribeirinhas, indígenas, de pescadores artesanais, marisqueiros etc) e em que a domesticação da paisagem para finalidades de segurança alimentar é materializada pela paisagem **Roças**. *"É igual eu falei para você os primeiros moradores eram as pessoas mais simples né, viviam do seu trabalho rural e poucos comércios que tinha aí, né? Eles eram simples, pessoas que trabalhavam na lavoura e na pesca. Os pescadores, na zona aqui, pescadores. Viviam mais disso"* (Teodorico Boa Morte, 69 anos).

O dinamismo socioeconômico também pauta as relações de vida que permeiam as paisagens. Pelo termo compreende-se a existência de paisagens que são polos de capital e de trabalho, isto é, que se constituem enquanto mananciais de intermediação de força de trabalho e/ou que

desempenham papel fundamental como motores das economias municipais ou regional e como atradoras de pessoas. **Cidades, Indústrias, Vida nos Rios** e **Vilas**, respectivamente, são as paisagens que aparecem mais repetidamente neste tipo de relação, que abarca 14 tipos paisagísticos.

Os núcleos urbanos (**Cidades** e, em menor medida, **Vilas**) fornecem mão de obra para a reprodução dos demais tipos paisagísticos, em virtude de sua densidade populacional, como polos atradores de mão de obra oriunda de outras paisagens, devido à presença de estruturas mais amplas vinculadas ao setor terciário. *"Olha, aqui são marisqueiros, é....muita gente trabalha no SESC aqui né, porque tem o SESC que emprega bastante pessoas da região aqui, na cozinha, nos serviços gerais, como guarda vidas, como eletricista, porque o SESC ele movimenta muito, o turismo né? Turismo voltado para dentro do SESC não é o turismo da região, é o turismo dentro do SESC ali. Então o SESC acaba empregando bastante gente, mas tem também pescadores, pessoas de serviços gerais, empregadas*

domésticas que trabalham em Coqueiral, mas a maioria da mão de obra, assim, menos qualificada é daqui entendeu? Eles pegam um ônibus pela manhã, cheio de mulheres e aí todas elas vão trabalhar na casa de alguém lá em Coqueiral né, que é onde emprega” (Elizabeth de Souza Areias, 57 anos). A dinâmica econômica presente em vilas e cidades oferece às pessoas de seu entorno geográfico oportunidades de suplementação de renda, como por exemplo no caso em que membros das comunidades de pesca artesanal obtêm renda adicional ou suplementar, vinculando-se a atividades de turismo durante a temporada, o que tem como resultado a maior monetização de suas localidades de origem.

As atividades industriais possuem centralidade nessa dimensão de relação de vidas exclusivamente como polo demandante de mão de obra, relacionando-se mais frequentemente com as populações citadinas e que vivem em vilas, e mais raramente com as pessoas que habitam comunidades ribeirinhas, quilombolas ou de pesca artesanal marítima (**Indústrias, Cidades, Vilas, Vidas nos Rios, Vidas nos Mares** ou **Vidas Quilombolas**). A fragilidade

das relações com essas comunidades, do ponto de vista da oferta de vagas, decorre da insuficiência de capacitação técnico-profissional de sua população para os postos de trabalho abertos.

O dinamismo socioeconômico concorre também para a estruturação de outras paisagens, em sentido literal. É o caso dos **Condomínios e Indústrias**, em que a instalação da Aracruz Celulose na região esteve na gênese do Condomínio Coqueiral, agora bairro, localidade situada em Aracruz. *“É um bairro originalmente criado pela Aracruz Celulose né, não sei a quantos anos foi criado, foi um bairro criado, desenvolvido, desenhado para atender a fábrica né, e principalmente para os funcionários, nisso, muitas coisas aconteceram quando eu vim morar estava num processo de transição que só funcionários e depois começaram a dar escrituras e começou a e... popularizar os bairros então as pessoas começaram a vender as casas, a estrutura, isso abriu meio que assim, a sensação que a gente tinha é que Coqueiral meio que se fosse uma bolha né, tinha tudo (...)”* (Andreas José Hamer Boss, 55 anos).

As mesmas dinâmicas de Capital e Trabalho também estão presentes no ambiente rural, em que os **Cultivos Agrícolas e Florestais**, o **Café** e as **Comunidades Rurais** são locais onde há o emprego da força de trabalho para gerar algumas das atividades com maior representação econômica na configuração regional, haja vista a posição que o café, o cacau e o mamão ocupam em algumas dessas economias municipais, como Linhares e São Mateus.

A provisão de água é a terceira dimensão de relação entre vidas presente na Área 1 – Foz e Litoral Capixaba. A referência engloba o abastecimento de água potável para a população, de fornecimento de água para irrigação de culturas agrícolas ou de captação para uso industrial e geração de energia elétrica, assim como o uso dos cursos d'água para o despejo ou destinação de resíduos das mais diversas atividades (domésticas, rurais, industriais etc.). Dezenove tipologias paisagísticas estão sujeitas a esse tipo de relações. Represas e rios são elementos materiais que mais fornecem água, enquanto cafezais são um de seus principais demandantes. A instalação de **Represas** tem a

finalidade de gerir (armazenar e distribuir) os recursos hídricos destinados às atividades econômicas e sociais, sendo realizada pelo poder público ou por **Indústrias** em **Lagoas** e em cursos d'água.

A provisão de água que visa ao abastecimento de água potável dirige-se de corpos e cursos d'água e de represas (**Vidas nos Rios, Lagoas e Represas**) para a zona rural – comunidades e propriedades rurais, comunidades quilombolas, assentamentos, comunidades ribeirinhas, territórios indígenas -, para comunidades de pesca artesanal marítima (**Comunidades Rurais, Roças, Vidas Quilombolas, Vidas nos Mares, Re-existências, Vidas Indígenas e Vidas nos Mangues**) e, nos contextos urbanos, para os **Condomínios, Conjuntos Habitacionais, Vilas e Cidades**. Para a finalidade de irrigação, o direcionamento é realizado para os pastos, cafezais, plantações de cacau ou de outros gêneros e eucaliptais. (**Pastagens, Café, Cacau, Cultivos Agrícolas e Florestais, Eucalipto e Roças**). Para o uso fabril, a água é destinada às atividades industriais (**Indústrias**)

enquanto, para a destinação de resíduos, a relação de destino se inverte, com todas as pessoas e organizações direcionando seus despejos, muitas vezes contaminados, para corpos e cursos d'água (**Vidas nos Rios** e **Lagoas**). Esta última forma de utilização das águas, embora rotineira para a manutenção das relações de vida, também carrega o seu oposto, anunciando indícios de uma relação de dependência que gera prejuízo (poluição das águas) que, embora não necessário, é recorrente. *"Uma das mais chocantes que a gente vê, é quando eles fazem... Engraçado, o esgoto, ele veio tomando conta, dos nossos rios... E esses dias atrás, eu fui lá no final das Conchinhas, onde que esgota o esgoto da Suzano e a gente vê assim que fica muito bonito, as pedras, os esgotos tudo fechadinho. Mas, ali é um lugar terrível. Um lugar que você vê e você chora, porque você vê que está tudo praticamente acabado"* (Hildete Jorge Caliman, 54 anos).

Com relação à dinâmica das vidas, há também entrepósitos. Alguns lugares cumprem a função de locais de transações comerciais monetizadas, aos quais as populações

de outras áreas acorrem para a obtenção de víveres e a venda de seus produtos. É um tipo de relação que afeta dez tipos paisagísticos, de maneira bem estabelecida, regular e previsível. De um lado, as **Cidades, Vilas** e **Acessos**, conectadas ao universo urbano; de outro, as paisagens **Vidas nos Rios, Vidas nos Mares, Vidas nos Mangues, Vidas Quilombolas, Vidas Indígenas, Roças** e **Re-existências**, representativas dos universos de comunidades tradicionais e rurais.

A relação se estabelece de tal maneira que é como se a etapa necessária de realização da reprodução da vida social por vias monetárias das comunidades tradicionais e rurais só pudesse ocorrer em seu exterior, pela mediação outras localidades. Nas **Cidades, Vilas** e portos, pontos de desembarque pesqueiro ou rodovias, as populações negociam seus excedentes ou produtos deliberadamente voltados para a comercialização e adquirem gêneros e bens materiais não produzidos em seus respectivos contextos comunitários. Trazem seus peixes, seu artesanato, sua produção agrícola e os alienam em dinheiro, a ser aplicado

atualmente ou futuramente nesses entrepostos para a aquisição de bens industrializados ou não produzidos em suas localidades de origem. *“Então assim, eles fazem esse comércio dos artesanatos, às vezes final de semana você vem uma família de índios Guarani vendendo artesanato e até talhando, mas os nativos né, o próprio artista fazia e assim você também tem um ponto onde, você vai do asfalto de Santa Cruz em direção à Coqueiral, após a ponte, retorna, onde aquela parte esquerda é toda a reserva indígena, reserva de mangue, a mata clara, a mata escura e ainda está pegando próximo à polícia tem um ponto mesmo que eles têm várias barracas que eles concentram ali né?”* (Andreas José Hamer Boss, 55 anos).

A capitalização igualmente se apresenta como uma derradeira dimensão de relação entre vidas. Essa forma de vínculo pode ser descrita inicialmente como a conversão de uma área ou local em valor, para que outras atividades se reproduzam. Tal conversão pode ocorrer em sentido mercantil, mas não necessariamente. Essa dimensão da

relação de vidas conecta treze paisagens, cuja centralidade é ocupada por **Vidas nos Mares, Eucalipto e Praias**.

A transformação de um local ou área em mercadoria ocorre, por exemplo, quando as águas marítimas são associadas a usos recreacionais potencialmente rentáveis para o setor do turismo. As areias das **Praias** são corriqueiramente desfrutadas como uma mercadoria, explicitamente durante a temporada de turismo. Para que esse tipo de valorização tenha sucesso, é preciso que a mercantilização ultrapasse essas areias e alcance o seu par na composição cênica. Subordinado, o mar vendido como mercadoria é materializado nos serviços de esportes náuticos (o dinheiro despendido na atividade de mergulho, a pesca esportiva), e nas atividades marítimas (o passeio de escuna, o tempo desfrutado no *banana boat*).

Em um segundo sentido, a capitalização opera como uma forma de agregação de valor, com rentabilidade não somente econômica, mas simbólica, cultural. É o caso da absorção ou conversão de um porto, patrimônio cultural, ativando as conexões das memórias e das histórias locais

com elementos da materialidade, atribuindo outros valores além do valor de uso utilitário de um porto – que, inclusive, pode ter sido descontinuado. Não está excluída a possibilidade de mercantilização por meio do turismo, dinamizando a economia local, o que indica a sobreposição desses processos.

Finalmente, em sentido puramente econômico, a capitalização pode introduzir modificações nas formas de

propriedade e de relações de trabalho que se estabelecem por ocasião do uso do solo. Por exemplo, a dinâmica dos cafezais gera alterações nas relações fundiárias e de trabalho que ocorrem em regiões montanhosas, ou seja, sua conversão, ou de parte delas, em propriedades agrárias de diferentes tamanhos e sujeitas a diversos graus de comercialização e de uso da terra (propriedade privada, arrendamento, uso como meeiro etc.).

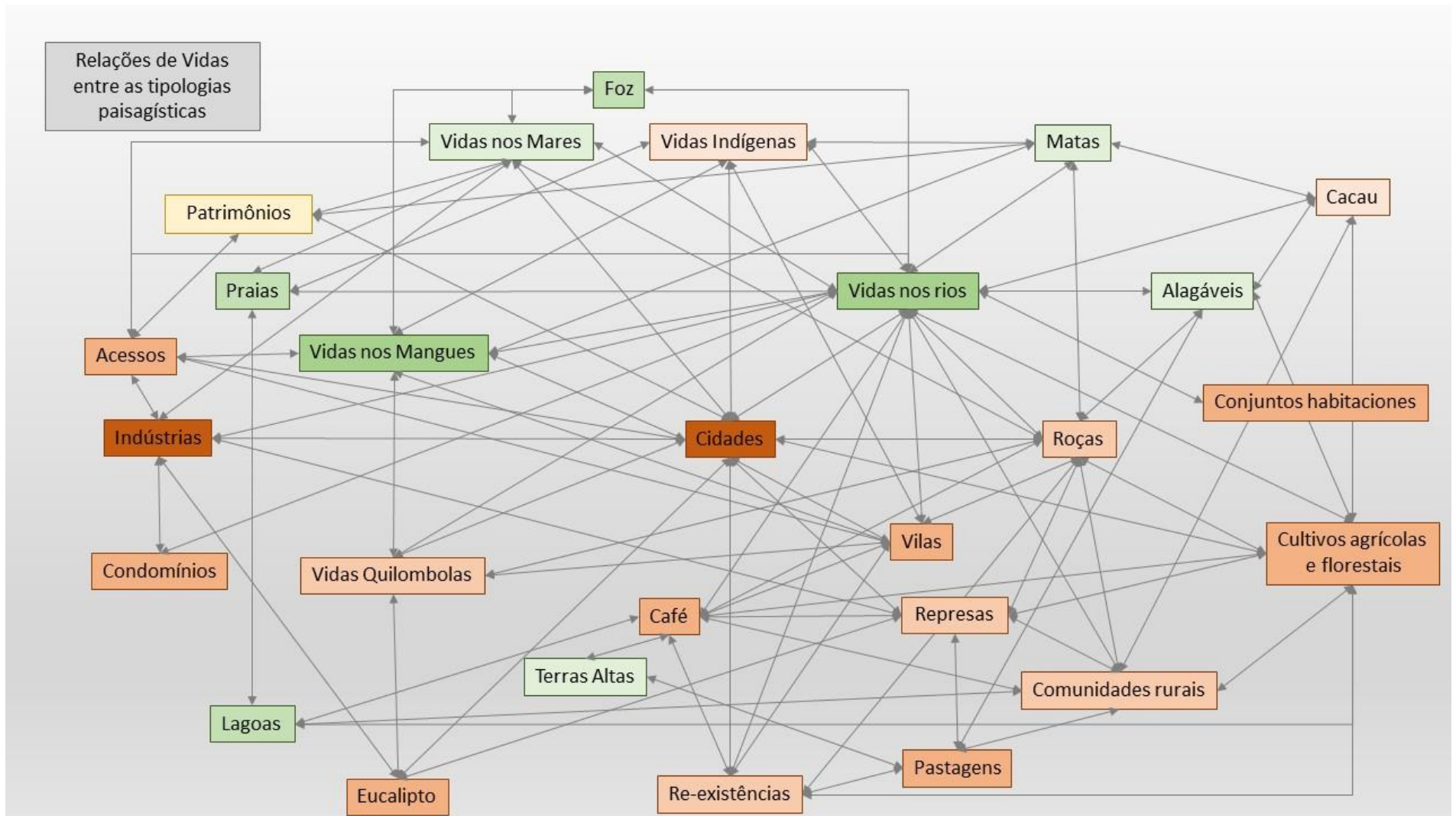


Figura 6: Fluxograma das relações de vidas.

3.2.5. Reflexões sobre as relações entre as tipologias paisagísticas

As análises precedentes revelaram que um tipo paisagístico pode estar vinculado com um ou com vários outros a partir da mesma categoria de relações. Ou, então, que pode estar vinculado com poucas paisagens por intermédio de diversas categorias e dimensões de relações. Dito de outra maneira, uma paisagem pode ter mais de uma categoria de relacionamento com outra (por exemplo, vidas e disputas), assim como pode apresentar várias dimensões de vínculo de uma mesma categoria com determinada paisagem (por exemplo, uma paisagem pode estar simultaneamente relacionada com outra em mais de uma dimensão de relação de vidas, tal como capitalização e sustentação). Caso os gestores optem por aprofundar esse conhecimento, é possível a realização de uma análise de redes sociais com a definição de indicadores de densidade da rede, grau de centralidade e intermediação dos nós, bem como a hierarquia das redes de relações.

Frente a isso, é possível reconhecer a fertilidade do estabelecimento de um esquema de relações para a interpretação dos vínculos entre paisagens. Como dito inicialmente, não se trata de inventariar todas essas relações até seu virtual esgotamento. Tal qual os cartógrafos do brilhante conto “Sobre o rigor da ciência”, de Jorge Luís Borges, quem o tentasse seria levado à conclusão da inutilidade da tarefa, posto que tornaria desnecessário todo o esforço analítico, já que a análise coincidiria com a própria realidade, em escala 1:1.

A vantagem do estabelecimento desse esquema é que ele revela padrões das tramas e urdiduras do manto de relações que cobre o território da Área 1 – Foz e Litoral Capixaba. Enquanto esquema, ele pode ser revisitado, ou a ele podem ser apensadas outras categorias e dimensões de relações, sem prejuízo da argumentação que o sustenta.

3.3 Principais marcos políticos e históricos suas influências nas paisagens da foz do rio Doce

Nesta seção, o enfoque da análise recairá sobre a dimensão das temporalidades e a interferência ou marca dos processos históricos nas configurações atuais das paisagens da foz do rio Doce. Como já observado, as paisagens que se interconectam no território da foz do rio Doce e do Litoral Capixaba decorrem de relações de localização, trânsito, disputas e vidas em contato, e essas relações também podem ser observadas sob o prisma das temporalidades e dos marcos (datas e processos) históricos que atravessaram este território. Processos e acontecimentos são elementos que permitem interpretar os processos históricos e que atentam para diferentes durações. As paisagens encontradas no litoral capixaba e na foz do rio Doce são recortadas por dinâmicas temporais que constituem as formas de autoidentificação, as formas de apropriação do espaço e os modos de vida, o que inclui as formas de trabalho e de subsistência. Essas temporalidades se

mostram presentes nas materialidades, nas sensibilidades e nas representações obtidas ao longo do território, e buscaremos, neste ponto, centrar a atenção nos marcos históricos e políticos e suas reverberações nas paisagens do rio Doce. A intenção neste ponto da análise, então, é identificar como processos históricos (muitas vezes associados a marcos cronológicos específicos) e, também, eventos específicos interferiram e interferem na configuração material e nas sensibilidades a respeito das paisagens do território da Área 01.

O roteiro, aqui, parte dos usos das terras da região pelas populações originárias, os Povos Indígenas, intercepta o processo de conquista e colonização do Brasil pelos europeus, aprofunda nos modos de vida estabelecidos pela sociedade colonial e as marcas da escravidão e da resistência a ela, identifica o processo de desenvolvimento de arraiais, vilas e cidades, a influência das comunidades imigrantes no início do século XX, a consolidação de “vocações” econômicas como o cultivo do cacau, a extração de madeira, o estabelecimento de comunidades rurais e

roças, das pastagens e cultivos agrícolas e florestais, do eucalipto e das indústrias. Aqui, ao invés de seguirmos o fluxo do rio, seguimos o fluxo do tempo e seus processos que recortam o espaço e situa a vida das pessoas no *continuum* que é a existência no Planeta Terra.

3.3.1. Vidas Indígenas, processo colonizador e estabelecimento dos povoados e cidades na Foz do rio Doce e Litoral Capixaba

Organizando esta análise em diálogo com o Pré-inventário paisagístico, iniciaremos analisando as reverberações do processo histórico de contato entre os povos indígenas e os portugueses que aportaram no continente americano no início do século XVI. As Vidas Indígenas existentes no território analisado, localizadas ao sul do rio Doce, são representadas pelas Terras Indígenas de Caieiras Velha II, Tupiniquim e Comboios. Elas são habitadas por remanescentes Tupi-Guarani, especificamente por Tupiniquins e Guaranis, e seu acesso é possível apenas

quando autorizado pelas comunidades, mediante processo formal de consulta aos Conselho de Caciques. Essas Terras Indígenas são frutos de disputas físicas e legais que atravessaram as décadas da República brasileira e chegaram na elaboração da atual Constituição Federal. Muitas delas fazem divisa diretamente com áreas de expansão da ocupação costeira por casas de veraneio, antigos condomínios de trabalhadores transformados em bairros, como Coqueiral, em Aracruz, e estabelecimentos comerciais nas margens da rodovia ES-010. Com a garantia da titulação dessas terras e diante do processo de ocupação da zona costeira, as comunidades nelas residentes buscaram preservar seus modos de vida, controlando o acesso de não indígenas. O contraste entre as paisagens que cercam as Vidas Indígenas e a restrição de acesso a elas estabelecido pelas próprias comunidades dá a dimensão da marca estabelecida pelo contato com o colonizador no que diz respeito à organização dos modos de vida.

A atual profusão de empreendimentos e equipes de pesquisa para a elaboração de estudos de impacto, também,

sinaliza para um histórico recente de embates contra os impactos que as atividades industriais estabelecidas nas imediações trazem para os cursos d'água e outros elementos ligados aos modos de vida indígenas. Assim, recentemente o Conselho de Caciques deliberou pela não permissão de entrada de equipes de pesquisa de quaisquer empreendimentos ou projetos, com a justificativa de que as contrapartidas percebidas pelas comunidades não trouxeram benefícios efetivos até o momento. Com isso, não foi possível acessar as Terras Indígenas Caieiras Velha II, Tuiniquim e Comboios, respeitando a decisão do Conselho de Caciques. Os registros referentes às Materialidades das Vidas Indígenas aparecem sempre de fora delas, por meio da navegação do rio Piraquê-Açu e de seu braço, o Piraquê-Mirim. Vistas de longe, essas Vidas são as resistências que remontam às vidas dos indígenas que aqui estavam quando o colonizador iniciou o processo que significou, segundo Ailton Krenak, "o início do fim do mundo". Ainda segundo Krenak, o que as Vidas Indígenas procuram, ainda hoje, é adiar esse fim do mundo para perpetuar sua existência integrada à natureza. Se o acesso às paisagens que

impulsionam as Vidas Indígenas é restrito, as referências à cultura dos habitantes originais das terras ao sul do rio Doce, atualmente pertencentes ao município de Aracruz, permeiam algumas das entrevistas realizadas com os habitantes locais, associadas majoritariamente aos hábitos alimentares e práticas de pesca e extração de mariscos: *"Exatamente, aqui, como eu falei né? Aqui era uma aldeia, quando eles chegaram aqui, os primeiros... dizem que tinha quase três mil índios. Então tudo isso influi como é que...podemos imaginar como era isso, aldeia, os índios eram, também eram criadores da pesca, eles viviam da pesca e a lavoura era básico primordial em todas as coisas, em todos os sentidos né?"* (Teodorico Boa Morte, 69 anos).

São justamente as formas de vida ligadas ao aproveitamento dos recursos da natureza que mostram, para além das paisagens das Vidas Indígenas, a profundidade histórica de costumes indígenas perpetuados mesmo com o processo colonizador, como as práticas associadas às vidas nos Mangues, nos Rios e nos Mares. Estas aparecem nos utensílios e petrechos utilizados pelos

viventes nas comunidades que beiram rios e mangues, em suas embarcações e formas de extração de mariscos, nas culturas escolhidas para as roças de subsistência.

Contudo, onde a colonização consolidou usos antropizantes e artificializadores que submeteram o meio às necessidades humanas e encararam os indígenas como o “outro” a ser civilizado ou combatido, as referências aos habitantes originais das margens do rio Doce são esparsas e imprecisas. Quando mencionados nas entrevistas realizadas no município de Linhares, os indígenas eram uma memória longínqua, integrantes de um passado não mais acessível das margens do rio Doce. Essa “presença ausente” pode ser observada na representação monumental encontrada na zona rural de Linhares, nas proximidades da divisa com Colatina. A embarcação indígena, provavelmente utilizada até a década de 1950 segundo datação feita por acadêmico da Universidade de São Paulo, foi recolhida do leito do rio Doce em uma das grandes secas ocorridas no ano de 2015 e atualmente se encontra exposta na área destinada à

visitação na sede da Fazenda Tupã, conforme é possível observar na Figura 7.



Figura 7: Embarcação indígena exposta para visitação na sede da Fazenda Tupã, zona rural de Linhares. Janeiro/2020

.Retirada do rio Doce, onde foi ativa em décadas passadas no transporte dos indígenas que ainda retiravam sustento do rio e de suas margens e o utilizavam para a locomoção, a embarcação, atualmente monumentalizada em uma

propriedade privada, mostra que os modos de vida associados ao rio guardam, de múltiplas maneiras, as memórias das vidas indígenas que integraram a paisagem do rio Doce. Fora do rio, sustentada por peças de madeira e coberta por estrutura coberta de palha, a embarcação é esvaziada de seu uso e passa a representar uma memória de algo que não existe mais.

Outras paisagens remetem ao processo de ocupação do território da foz do rio Doce pelos portugueses que conquistaram as áreas habitadas pelos indígenas e estabeleceram a dinâmica colonial. Destacam-se, nesse sentido, as paisagens de patrimônios em Nova Almeida, município de Serra, e Conceição da Barra. Ambas surgiram nos primeiros anos da chegada dos colonizadores e sediaram aldeamentos indígenas. Em Conceição da Barra, tais referências remetem à chamada Costa do Descobrimento e a fundação do primeiro arraial, em 1554. *"Teve início na época da colonização no Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho, quando aqui no Rio Cricaré foi morto o filho do segundo governador geral do Brasil, Fernão de Sá, filho de Mendes Sá, foi assassinado pelos índios. E foi depois*

dessa batalha de Cricaré que iniciou um pequeno povoado aqui, que atualmente é Conceição da Barra. Que era Barra, depois veio Vila de Nossa Senhora da Conceição da Barra, depois Barra de São Mateus, e mil oitocentos e oitenta e um Conceição da Barra" Salomão da Silva Pinto, 54 anos).

No centro histórico, a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída no século XIX, remonta ao estilo arquitetônico das igrejas edificadas nas vilas criadas pelas primeiras expedições portuguesas, com apenas uma torre sineira e feições mais singelas quando comparadas a templos de outros períodos. A Matriz é elemento bastante presente nas representações referentes à região de Conceição da Barra, seja em gravuras, pinturas ou fotografias. Essa presença pode ser associada à permanência, nas políticas de preservação do patrimônio edificado brasileiro e no imaginário sobre a formação da cultura nacional, de uma leitura que ainda coloca em primeiro plano as manifestações da contribuição europeia na formação das paisagens de vilas e cidades ao longo do país. Observa-se, em muitas das paisagens patrimônio legitimadas pelas políticas oficiais de preservação, esse foco

nas edificações religiosas e civis referentes ao processo de formação das sedes municipais de Linhares, São Mateus, Conceição da Barra e Aracruz, com menor centralidade em Fundão e Serra. Segundo apurado no Pré-Inventário paisagístico, os municípios da foz do rio Doce e do litoral capixaba são aqueles em que as políticas de preservação do patrimônio cultural possuem menor grau de institucionalização e de canais de participação comunitária, como Conselhos Municipais do Patrimônio Cultural. A ausência dessas instâncias contribui para que a representatividade das comunidades indígenas e quilombolas, dentre outros grupos tradicionais, permaneçam sub-representados entre as paisagens patrimônio reconhecidas pelas instituições oficiais.

Ao sul do rio Doce, por sua vez, Nova Almeida é a grande referência no que se refere ao processo de colonização pelos portugueses, seja pelas referências à antiga povoação, seja pela centralidade da Igreja dos Três Reis Magos nas políticas de preservação do patrimônio cultural edificado. A edificação possui forte presença entre as representações encontradas no município de Serra, como

a Figura 8, que mostra representação da igreja elaborada pelo artista Antônio Vilarinho. O que se pode concluir, nesse quesito, é que as políticas patrimoniais corroboram para a afirmação de uma identidade que coloca o esforço colonizador e as influências religiosas europeias como eixo central da narrativa sobre a nação e o lugar da costa capixaba no processo de construção nacional.



Figura 8: Igreja dos Reis Magos e residência, 1615. Antônio Vilarinho (sem dará). Acervo Pessoal. Disponível em: <http://blogdoavilarinho.blogspot.com/2010/07/igreja-dos-reis-magos-1615.html>

Nesse sentido, interessa também observar os marcos cronológicos oficiais dos municípios da foz do rio Doce e do litoral Capixaba, pois eles informam sobre a inserção dessas paisagens nas dinâmicas de organização da ocupação do espaço e das atividades econômicas e comerciais. São Mateus, Conceição da Barra, Aracruz e Serra tiveram um primeiro processo de ocupação já no século XVI. São Mateus foi primeiramente erigida por volta de 1544, tendo alcançado autonomia administrativa somente séculos mais tarde, em 1764. Em Conceição da Barra, a data de 1554 é aceita como a do início do povoamento pelos conquistadores, tendo o município sido criado apenas no final do século XIX, depois de ter pertencido à Bahia por muitos anos. Aracruz e Serra, por sua vez, foram fundados em 1556 e 1580, respectivamente, datas dos primeiros aldeamentos indígenas promovidos por religiosos. Observa-se a evocação, nos marcos temporais, do tempo do colonizador como o tempo da fundação, tendo a oficialização administrativa ocorrido posteriormente, majoritariamente no século XIX (Serra em 1833, São Mateus e Aracruz em 1848). Linhares foi fundada na virada do século XVIII para

o XIX, em 1800, tornando-se Vila em 1833. Fundão, por sua vez, foi emancipado apenas em 1923. As políticas municipais na área da preservação do patrimônio cultural protegem edificações e conjuntos localizados nos núcleos de formação da malha urbana das sedes, estando essas áreas atualmente cercadas de novos núcleos de expansão. As condições e usos variam, possuindo integração às políticas culturais, como no caso da Praça 22 de Agosto em Linhares, o Centro Histórico de Conceição da Barra e o porto de São Mateus. Em outras localidades, como em Fundão e Serra, a ocupação costeira distante da sede municipal e o processo de metropolização – especialmente em Serra – contribuem para menor centralidade das paisagens de cidades nas narrativas patrimoniais.

3.3.2. A Foz do rio Doce - ocupação e imaginário relacionado aos marcos e heróis

A Vila de Regência também é marcada pela influência dos marcos históricos de ocupação do território da foz do rio Doce. Antigamente chamada de Regência Augusta, ela se

encontra presente nos relatos dos viajantes europeus que transitaram pela costa capixaba ao longo do século XIX e esteve associada à fundação do Quartel de Regência Augusta com a finalidade de controlar o acesso ao rio Doce. Inicialmente de dimensões e população diminuta – Saint Hilaire, por exemplo, informou existirem no local não mais que 5 ou 6 pessoas na década de 1830 – o quartel representou a consolidação da interdição do rio Doce e, ao mesmo tempo, sua porta de entrada.

Além do quartel, que representava a tentativa de controle, Regência foi o ponto onde as tentativas de navegação da costa e da foz do Rio Doce levaram a naufrágios, o mais famoso deles na década de 1880, quando centenas de pessoas foram ao mar com o afundamento de um navio de passageiros. Muitos deles foram salvos pela pessoa do então conhecido como “Caboclo Bernardo”, que se lançou ao mar para o resgate dos naufragos. Com o sucesso na empreitada, ele foi chamado à presença da Princesa Isabel, então no comando do governo imperial, para congratulações. Na ocasião, a Princesa lhe concedeu o direito a um pedido, tendo sido solicitada a construir e

instalar um farol na vila de Regência Augusta. Este farol, instalado na localidade, constituiu um marco simbólico que se associou à imagem do Caboclo Bernardo, tendo ambos se afirmado como elementos paisagísticos icônicos da foz do rio Doce, o que reverbera com potência até os dias atuais. Corroboram para essa análise o fato de que parte do antigo farol constitui importante bem cultural do atual povoado, sua centralidade nas representações sobre Regência (logomarcas, impressões em camisetas e bonés, canecas, entre outros *souvenirs* comercializados na localidade) e sobre Linhares, onde o farol e o Caboclo Bernardo aparecem em murais e monumentos. O Farol de Regência e o Caboclo Bernardo também integram esforços dos órgãos municipais de educação e cultura para a disseminação dos elementos culturais locais, com ações de educação patrimonial como as representadas na Figura 9. A representação, uma história em quadrinhos a respeito da saga do Caboclo Bernardo, apresenta elementos que conformam a identidade dos moradores de Regência, como os costumes herdados da ocupação tradicional dos indígenas e caboclos, a ligação com o mar e com a pesca, as habitações simples dos primeiros

moradores e a sujeição às condições climáticas na foz do rio Doce, em contato com os fortes ventos que sopram no litoral capixaba.

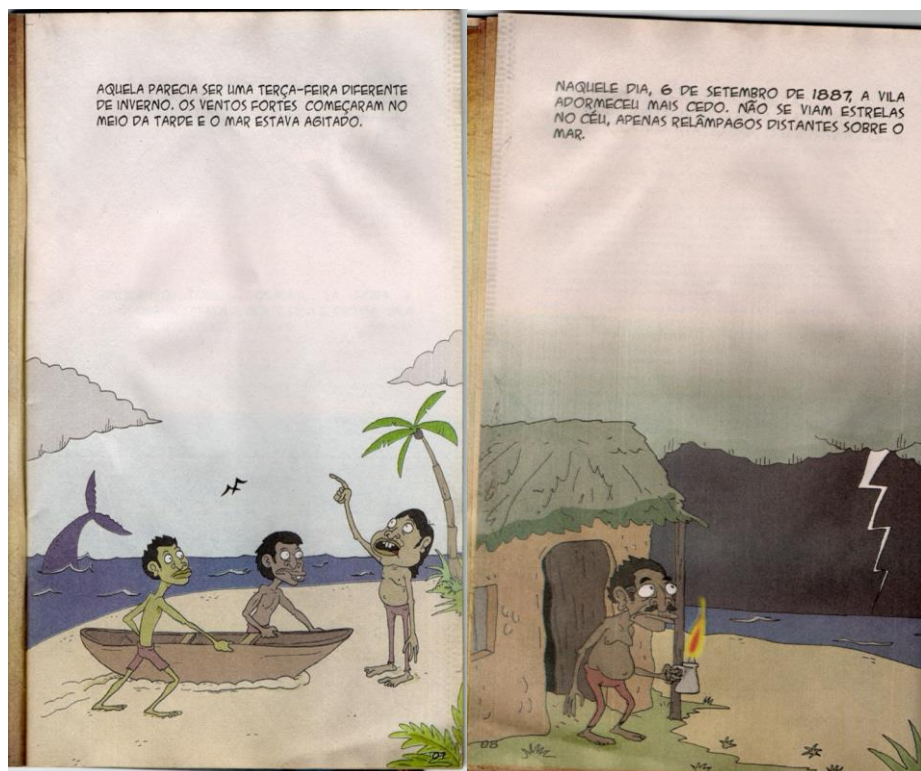


Figura 9: História em quadrinhos da epopeia do Caboclo Bernardo, distribuída pela Secretaria Municipal de Educação de Linhares para as Escolas municipais e projetos sociais locais. Janeiro/2020.

A afirmação dos modos de vida tradicionais consolidados em Regência a partir da formação do povoado se associa também à valorização das influências afro-indígenas, com a apresentação de tipos caboclos. As representações mostram a visão de que esses povos viviam em construções simples, utilizando-se das técnicas tradicionais para obterem seu sustento e observando as condições da natureza para planejar suas atividades. Os ventos da foz de Regência poderiam anunciar bons ou maus agouros. Essas pessoas simples, como o Caboclo Bernardo, seriam aquelas que, conhecedores das características da região, saberiam ler os sinais do tempo. O herói Caboclo Bernardo, também um conhecedor dos sinais da paisagem local, teria, então, se valido de seus conhecimentos, dentre eles o de nadar em alto mar, para resgatar os integrantes de um navio que desafiava as águas da foz do rio Doce. A vida simples dos habitantes de Regência e o heroísmo do

Caboclo Bernardo representados na história em quadrinhos procuram ressaltar elementos como as práticas tradicionais, a coragem de enfrentar as intempéries do clima e das marés, o cuidado com o próximo e o respeito às forças da natureza como traços identitários distintivos da comunidade. A paisagem da foz do rio Doce é, portanto, atravessada por sentidos conferidos a partir de sua integração aos processos históricos de controle e abertura do rio Doce para a navegação. Esses elementos históricos possuem grande importância para a localidade, que tem no turismo a sua principal fonte de entrada e circulação de recursos.

3.3.3. Vidas Quilombolas: história, cultura e resistência

Outras paisagens remontam a importante processo histórico na formação da população brasileira: o estabelecimento e consolidação do trabalho e do comércio de negros escravizados. As marcas desse processo são observáveis ao norte do rio Doce, na região de São Mateus, importante porto de chegada de escravos no século XIX. O

Porto de São Mateus, paisagem patrimônio reconhecida pelas políticas municipal, estadual e federal de proteção ao patrimônio cultural, e as Vidas Quilombolas, existentes majoritariamente ao norte do rio Doce, (ou seja, na direção de São Mateus) são paisagens que contêm as memórias da escravidão em seu âmago. Em comunidades quilombolas como as de Degredo e Linharinho, ou como o bairro de Santana, em Conceição da Barra, erigido em região historicamente habitada por comunidades afro-brasileiras, tradições e formas de transmissão de conhecimentos ancestrais se misturam à luta pelo reconhecimento dos territórios negros e lançam luz sobre as formas com que os ex-escravos e seus descendentes foram incluídos na sociedade e no mercado de trabalho local no pós-abolição.



Figura 10: Ticumbi no Pontilhão de Conceição da Barra, 1978. Acervo Casa de Cultura "Hermógenes Lima da Fonseca", Conceição da Barra/ES.

No bairro de Santana em Conceição da Barra, importante núcleo quilombola no final do século XIX hoje integrado à dinâmica urbana, as permanências da cultura afro-brasileira se mostram na materialidade, com construções que exibem nos muros pinturas com motivos afro-brasileiros, nas sensibilidades, que confirmam o sentido de pertencimento identitário relativo aos remanescentes de

quilombos, e nas representações, articuladas em torno do Jongo e do Ticumbi (Figura 10), formas de expressão que misturam toques de tambores de madeira, cantos cifrados em modo de "pergunta e resposta" com coros femininos, roupas compostas por tecidos de chita, camisetas com motivos religiosos e adereços como colares de contas, chapéus e instrumentos decorados. Os Jongos existentes na região da foz do rio Doce e no litoral capixaba apresentam grande concentração nos municípios de Conceição da Barra e São Mateus, que possuem, juntos, cerca de 10 grupos de Jongo, o que confirma a hipótese da centralidade das Vidas Quilombolas ao norte do rio Doce, segundo levantamentos realizados pelo IPHAN entre 2013 e 2018. As comunidades jongueiras são importantes elementos das Vidas Quilombolas que celebram a ancestralidade e sua afirmação no presente, mesmo quando as dinâmicas quilombolas se misturam ao processo de urbanização experimentado ao longo do século XX. Para além da organização das formas de manifestação cultural e de culto, elas cumprem papel importante na assistência social das populações das comunidades de seus entornos, tendo assumido

personalidade jurídica como Centros Culturais, Pontos de Cultura ou Associações Comunitárias. Dessa maneira, conseguem apresentar projetos voltados para a afirmação das práticas culturais tradicionais entre as gerações de jovens e crianças de suas localidades, alimentando os elementos humanos que compõem muitas das paisagens das Vidas Quilombolas ao norte do rio Doce.

3.3.4. Lavouras de ontem e de hoje

A foz do rio Doce também apresenta paisagens que trazem a marca de atividades econômicas que tiveram destaque na consolidação do estabelecimento do povoamento local, como as culturas do cacau e do café. Essas paisagens se destacam dos demais cultivos agrícolas e florestais justamente por essa profundidade histórica que remonta à trajetória de estabelecimento da sociedade colonial e seus desdobramentos após a Independência do Brasil.

No caso do cacau, por influência de povoadores e fazendeiros vindos da Bahia, estabeleceu-se a cultura com a utilização de clareiras abertas na mata atlântica, as chamadas cabruças. Esse sistema tradicional de cultivo, dotado de grande potencial agroecológico, foi assimilado aos hábitos e atividades produtivas tradicionais dos habitantes da foz do rio Doce, seja de suas margens ou das ilhas existentes em seu curso, levando ao estabelecimento de diversas plantações. No início do século XX, o cacau figurou como uma importante fonte de recursos para as populações locais e levou ao estabelecimento de diversas fazendas. No município de Linhares ainda é possível observar antigas edificações de fazendas de cacau da primeira metade do século XX, atualmente utilizadas para outras finalidades. Mais recentemente, na virada para o século XXI, a cultura do cacau passou por processo de recuperação no município de Linhares após décadas de estagnação. Com isso, antigas lavouras de cacau recuperaram suas produções e novas propriedades foram utilizadas para o estabelecimento de plantações. Enquanto algumas adotam sistemas de cultivo agroecológico, buscando agregar valor ao produto

ressaltando a dimensão sustentável dos cultivos e buscando padrões internacionais de excelência, outras são voltadas para a produção em larga escala, adotando o sistema “a pleno sol”.

O café, por sua vez, está associado ao processo de atração de imigrantes para o Brasil entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX. São paisagens cuja marca da imigração se mostram nos sobrenomes das famílias que habitam localidades como Desengano, Humaitá, Japira, São Rafael e Palmas, em Linhares. A descendência italiana – e também alemã – são elementos fortemente evocados por famílias que, há gerações, trabalham nas lavouras de café, como lavradores ou proprietários de áreas cultivadas. Mesmo famílias que atualmente não trabalham mais com o café evocam o passado associado ao cultivo do grão quando da chegada ao novo continente, como no caso da família Cellia, cujo um de seus membros, Adão Cellia, atualmente dirige a Fazenda Tupã, na zona rural de Linhares. Sua família se estabeleceu em Nova Venécia, importante região receptora de imigrantes italianos no Espírito Santo, tendo se dedicado ao cultivo de café.

Atualmente, Adão Cellia não possui envolvimento com a cultura do café, mas a imigração italiana integra os elementos afirmados em elementos constituintes do Alambique Princesa Isabel, localizado nas imediações da sede da Fazenda Tupã. Nele, a afirmação da contribuição da imigração italiana nas paisagens da foz do rio Doce e do Espírito Santo aparecem em banners a respeito da chegada e estabelecimento da família Cellia no Brasil, como é possível observar na Figura 11, na próxima página.

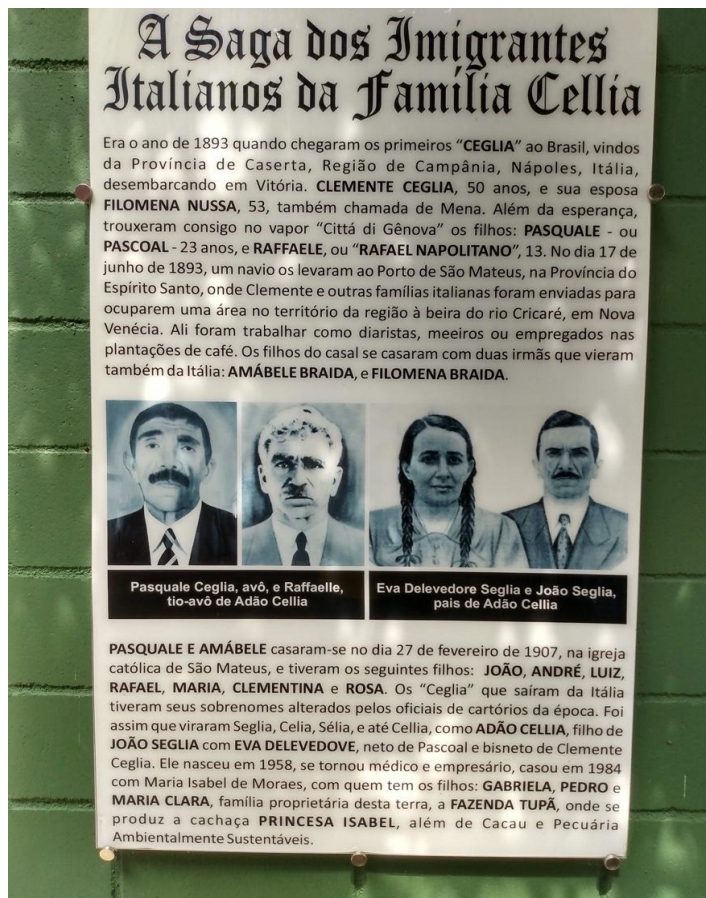


Figura 11: Banner em homenagem à família Cellia na sede do Alambique Princesa Isabel, na Fazenda Tupã, zona rural de Linhares. Janeiro/2020.

Outras regiões no município de Linhares são marcadas pela presença de descendentes dos imigrantes italianos que

chegaram à costa capixaba na virada do século XIX para o XX como, por exemplo, Desengano, onde famílias como os Scarpatti ainda se dedicam ao cultivo do café, ainda que não com a mesma intensidade de outros tempos. Em outras regiões, como nas imediações do Córrego Doutor Jones, famílias descendentes de imigrantes se misturam a proprietários e trabalhadores chegados mais recentemente, atraídos pela produtividade das terras locais. As paisagens de café nas imediações do rio Doce apresentam marcas não apenas dos fluxos populacionais históricos que trouxeram os imigrantes, mas também a outros fluxos históricos, dessa vez internos, que trouxeram pessoas de outras regiões do Espírito Santo e de outros estados, predominantemente Minas Gerais.

3.3.5. Fazendas, roças e comunidades rurais

Muitas das paisagens da foz do rio Doce possuem ligação com os modos de vida das fazendas estabelecidas no território especialmente a partir do século XIX. Essa

dinâmica de vida, ligada aos afazeres cotidianos das fazendas, que incluíam o cultivo, as criações, o beneficiamento de produtos para o uso ou comercialização, a relação direta com o rio para locomoção, pesca ou lazer, imprime diversas marcas nas paisagens registradas ao longo dos trabalhos de campo e nos materiais recolhidos nas localidades visitadas. Ela aparece na descrição dos lugares onde se vive, em que os modos de fazer, os saberes e maneiras de lidar com os desafios da vida são relatados como algo aprendido no fazer diário e a partir da atenção aos mais velhos, pais, mães, irmãos, avós que, mais versados nos segredos da lide no mundo, ensinam os caminhos para a solução dos problemas do dia-a-dia. Para além da esfera dos sentimentos, já analisada anteriormente, interessa aqui observar como determinados ícones materiais encontrados ao longo da foz do rio Doce remontam à vida nas antigas fazendas estabelecidas na região.

A vida nas antigas fazendas pode ser observada nas formas de locomoção, que mesclam o antigo e o moderno. Nesse sentido, cavalos e carroças coexistem com motocicletas, carros e caminhonetes, mostrando a quem

percorre essas regiões pelos seus diversos acessos as permanências e as adaptações do cotidiano das zonas rurais nas imediações do rio Doce. Algumas representações mostram a permeabilidade das imagens sobre a vida rural entre os habitantes das comunidades rurais, das fazendas, roças e vilas localizadas na área de estudo. Nelas, elementos como os carros de bois, os utensílios usados na lide com os animais ou na preparação de alimentos nas fazendas, como observado na fazenda Tupã, zona rural de Linhares (Figura 12, próxima página).



Figura 12: Carro de bois localizado nas imediações do centro de visitas e degustações da Fazenda Tupã, na zona rural de Linhares/ES. Janeiro/2020.

É possível observar, também, as marcas deixadas nas paisagens da foz do rio Doce e do litoral capixaba pelo processo de supressão das matas localizadas em suas margens aparecem em diversos pontos do território analisado. Como analisado no Pré-inventário paisagístico, em meados do século XX observou-se a consolidação de um período de expansão econômica com base na

comercialização de madeiras e sua utilização pela indústria moveleira, levando à supressão de grandes porções remanescentes de mata. Nas regiões imediatamente próximas aos cursos dos rios, observou-se a derrubada e o transporte da madeira vinda das matas que cobriam vastas paisagens nas imediações da foz do rio Doce. *"toda essa madeira também, essa destruição da bacia do rio Itaúnas passou toda por aqui, ela navegou no rio Itaúnas, desceu por esse rio e lá na foz do rio tinha uma... é... Uma serraria e uma Maria fumaça, uma linha de trem, que levava madeira da foz do rio Itaúnas para a foz do rio Cricaré, o trem. Carregava essa madeira, ela era beneficiada naquela serraria e era carregada e para poder chegar em São Mateus e embora nos navios porque São Mateus era o grande ponto de, o grande porto do Estado do Espírito Santo"* (Márcia Lederman, 50 anos). Com a supressão das matas, o que ocorreu foi o estabelecimento de muitas áreas de pastagens, algumas decorrentes da derrubada das matas durante o ciclo madeireiro ocorrido nas décadas de 1960 e 1970, outras formadas mais recentemente, a partir do ano 2000, quando

as pastagens passaram a substituir antigos cultivos agrícolas.

3.3.6. Os múltiplos sentidos dos Acessos

São marcos históricos importantes para o Município de Linhares a consolidação da navegação no rio Doce, na primeira metade do século XX, e a construção da Ponte Getúlio Vargas em 1954, cruzando o rio nas proximidades da sede municipal. Exemplos da tipologia "Acessos" remontam a esses marcos históricos, o Porto do rio Doce, em Linhares, e a Ponte Getúlio Vargas, em ruínas, que figura também como Patrimônio local, oficializado pela política municipal.

A navegação do rio Doce povoa o imaginário local com representações fotográficas, como as do acervo do SERLIHGES e pinturas, como a que consta na descrição da tipologia "Acessos", sobre o Vapor Juparanã. Os portos fluviais, importantes paisagens de acessos carregadas de histórias, marcam essa influência das formas de apropriação

das águas para a garantia do trânsito no território: *"quando eu cheguei em Linhares eu fui morar na Rua da Conceição, pertinho do Rio Doce, bem lá beirinha do Rio Doce, onde antigamente tinha o barco a vapor né, então ouvia muitas histórias lá em Linhares sobre quando não tinha a ponte, aquela ponte, do Rio Doce. Que aquela rua era uma rua de efervescência, onde o vapor chegava, então também era aquela coisa do porto e quando eu cheguei que eu aluguei uma casa na Rua da Conceição bem pertinho do rio Doce, a minha alegria foi que ali em Linhares tinha um rio, sabe?"* (Elizabeth de Souza Areias, 57 anos).

A ponte Getúlio Vargas, por sua vez, foi objeto de diversas fotografias desde o início de sua construção. Essas fotografias, muitas vezes integrantes de coleções oficiais, mostram como a construção configurou um importante elemento no imaginário a respeito da modernidade local, promovendo a superação do rio, visto como barreira ao escoamento de produtos e a consequente entrada de recursos. *"(...) quando você, quando eu saía de Linhares né e voltava, a primeira imagem, você via a ponte Presidente Vargas, aqueles arcos né, maravilhosos né, que caiu, essa*

ponte caiu né?” (Reuber Costa Nascimento, 61 anos). Desativada desde 1995 devido a danos estruturais, ela veio abaixo em 2009, permanecendo parte de sua estrutura, que figura agora como paisagem patrimônio presente em representações identificadas, como o rótulo da edição comemorativa da cachaça Princesa Isabel, produzida no alambique de mesmo nome, localizado na Fazenda Tupã.

Segundo Adão Cellia, proprietário do Alambique, a intenção para a elaboração do rótulo (Figura 13) foi homenagear o município de Linhares com a representação de uma paisagem icônica, tendo sido escolhida a ponte devido ao crescimento econômico proporcionado quando de seu surgimento e pela beleza cênica da construção sobre o leito do rio Doce. O rio Doce, protegido pelo quartel e domado pela ponte, significa, na representação aqui analisada, a valorização do esforço das comunidades humanas locais para submeterem a natureza ao controle e as necessidades dos seres humanos.



Figura 13: Rótulo da edição comemorativa da Cachaça Princesa Isabel, com representação da Ponte Getúlio Vargas sobre o rio Doce. Alambique Princesa Isabel, Fazenda Tupã, Linhares, janeiro/2020.

3.3.7. Águas que integram, que transbordam e que dão seus avisos...

O próprio rio Doce dita dinâmicas e estabelece marcos temporais que integram as paisagens. Nesse sentido, as cheias constituem marcos temporais importantes nas percepções daqueles que vivem próximos dos cursos d'água. Muitas das sensibilidades apontam para a percepção de que as cheias dos rios vão e vêm, elas são eventos com os quais os habitantes das paisagens da foz do rio Doce e do litoral capixaba contam em seus cálculos práticos e referências temporais. Entre os moradores das imediações do rio Doce, é comum ouvir depoimentos sobre mudanças de localidade devido às enchentes: *"Eu nasci em Bebedouro né, município de Linhares, vim de uma família assim, bem carente, depois na enchente de setenta e nove, nós viemos para Linhares, para morarmos realmente na sede de Linhares"* (Eliane Gregório, 57 anos). Há quem tenha um longo histórico de fugas das águas ao longo: *"(...) eu saí daqui na enchente em 79, 2002 e 2015"* (Astrogilda Ribeiro dos Santos, 86 anos). As enchentes, além de

envolverem a remoção dos locais onde as pessoas tocavam suas vidas, representam também eventos-limite em que as pessoas correm perigo real de vida, encarando a morte de perto: *"(...) minha mãe morreu tem seis anos, na enchente de dois mil e treze e daí, sempre eu, minha família e meus irmãos estamos aqui"* (Diana Campista, 43 anos,).

A sensação de impotência diante dos eventos naturais que estabelecem marcos temporais, para além da constatação de dinâmicas próprias dos rios e, ao mesmo tempo, de modificações no fluxo de suas águas e nas condições climáticas, como já analisado em seção anterior, traz o alerta dos impactos trazidos pelos processos históricos que envolveram a modificação nos usos tradicionais do rio Doce e de suas margens, incluindo o litoral capixaba. As análises relativas ao uso e ocupação do solo ao longo das últimas três décadas mostram a acentuação do processo de mudança na cobertura do solo na região, o que foi motivo de atenção de moradores das imediações do rio Doce envolvidos com projetos ambientais: *"(...) nasci perto do Rio Doce, fui criado perto do Rio Doce e desde 87 a gente já fazia um trabalho mostrando que o Rio Doce estava sofrendo*

processo de degradação” (Carlos Sangália, 53 anos). Nos anos de 1991, 1994 e 1997 foram realizadas Caminhadas Ecológicas, expedições ecológicas e científicas que acompanharam a criação do movimento em prol da criação do Comitê da Bacia do rio Doce. A partir dessas ações, foram criadas Comissões interministeriais dedicadas ao rio Doce, que resultaram na criação de comitês regionais, que passaram a formar, em 2014, o Comitê da Bacia do Rio Doce. As atividades do Comitê passaram a se voltar, então, para a recuperação das margens do rio Doce, onde ainda assim, havia a maior porção de mata preservada de toda a bacia.

3.3.8. Um marco derradeiro – A Lama

O último marco histórico responsável por alterações nas paisagens do rio Doce foi o rompimento da Barragem de Fundão, em novembro de 2015, que espalhou grande quantidade de rejeito de minério de ferro nas águas do rio Doce. O rejeito despejado no leito do rio chegou às águas do

Oceano Atlântico dias depois, contaminando a água e matando plantações localizadas a diferentes distâncias das margens do rio. As comunidades habitantes das imediações viram seus modos de vida serem drasticamente afetados com a indisponibilidade da água que historicamente irrigou o território e abasteceu as famílias viventes no território. As alterações trazidas pelos eventos de 2015, são percebidas, como visto anteriormente, como eventos sem volta, a partir dos quais uma série de laços foram quebrados, gerando incerteza, descontentamento, resignação e disposição para a reivindicação de medidas de compensação e reparação.

Novembro de 2015 constitui um marco inescapável para muitas das comunidades da foz do rio Doce e do litoral capixaba *“(...) porque é a nossa fonte de alimentação, a nossa vida está ali, a gente sobrevive do rio, aqui dentro a sobrevivência é rio, tem pessoas que trabalham na roça, mas a sobrevivência vem do rio, acaba sendo do rio e isso foi tirado de mim”* (Diana Campista, 43 anos). Para muitos, 2015 marca o momento em que determinadas paisagens deixaram de ter o mesmo sentido a elas conferido ao longo dos anos, estabelecendo uma espécie de fratura no tempo,

um evento traumático que também foi a culminância de diversos outros processos históricos pelos quais o rio Doce passou nos últimos 500 anos: sua conquista pelos colonizadores e introdução na sociedade ocidentalizada construída com a consolidação do poder colonial e, posteriormente, ao longo da formação do Estado e da sociedade brasileiras. As sensibilidades associadas a este marco histórico para o rio Doce ligam-se às dinâmicas de descaracterização e distópicas. Entre as comunidades que vivem nas proximidades dos cursos d'água que compõem a foz do rio Doce e o litoral capixaba *"o que mais me tocou foi o choro dos idosos, porque eles não tem o estudo que a gente tem, muitos deles não sabem ler, nem escrever, mas eles sabiam que ali, eles estavam vendo o fim de um gigante. Que eles iriam morrer e não iam ver mais o rio como ele era antes, sabe?"* (Luciana Souza Oliveira, 48 anos).

Se entre as sensibilidades 2015 aparece como marco temporal amplamente difundido entre diferentes comunidades localizadas nas imediações do rio Doce, as representações que abordam o evento também permitem

vislumbrar o sentido de rompimento, quebra indelével de uma ligação estabelecida ao longo dos séculos.

"Imaginem como era o rio
Trazia um olhar de mestre
Mas o homem ganancioso
Modificou o legado
E a beleza do rio
Desmatou todo o reinado
E as belezas naturais
Provocando a morte súbita
A vida dos animais...
Deixando a nódoa do ódio
E também no peito a mágoa
Porque nos tempos modernos
O homem com a ganância
Na mais tensa arrogância
Contaminou suas águas."

(Lenda do rio Doce/ Autoria: Teodorico Boa Morte, Nova Almeida/Serra)

Com os desdobramentos do rompimento da barragem e o despejo do rejeito no leito do rio Doce, chegando ao mar

e a outros rios no litoral capixaba, observa-se a delimitação de um “antes” e um “depois” de 2015, momento em que os modos de vida ligados ao rio Doce e suas paisagens foram alterados desde suas configurações básicas, com o morar, comer, beber e cultivar, como no que diz respeito aos atores envolvidos nas dinâmicas comunitárias. Com as medidas determinadas no sentido de criar políticas de compensação e reparação aos danos e impactos causados pelo rompimento da Barragem do Fundão entre as comunidades atingidas, dinâmicas sociais e comunitárias foram alteradas com a introdução de novos atores, como a Fundação Renova. Essas alterações são vistas, por alguns, como elementos que ajudam as comunidades a atravessarem os tempos difíceis pelos quais passam, um dever dos responsáveis pelo evento-marco da inauguração de um novo tempo caracterizado pela privação. Ao mesmo tempo, observa-se que a chegada dos novos atores e benefícios trouxe consigo o aumento de tensões envolvendo moradores, pessoas recém-chegadas e representantes da comunidade na disputa pelos benefícios. Soma-se a este processo o crescimento populacional com urbanização

desordenada, aumento de problemas sociais como alcoolismo, assaltos e prostituição infantil, processos registrados pelas estatísticas populacionais e ressaltados nas entrevistas com moradores locais. Assim, o marco temporal de 2015 se articula com a chegada do rejeito pelas águas do rio Doce, inviabilizando a realização de muitas das atividades tradicionais dos modos de vida locais.

3.4 Relações entre as pessoas e as tipologias paisagísticas

Parte da análise para compreender as relações entre as pessoas e as paisagens considerou o universo amostral de 50 pessoas. Foram analisadas diferenças em relação à localização das pessoas (ao norte, ao sul ou nas proximidades do rio Doce). Essa comparação foi possível porque do total de entrevistas, 18 foram realizadas com habitantes situados ao norte do rio Doce, nos municípios de São Mateus e Conceição da Barra; 18 foram realizadas com habitantes situados ao sul do rio Doce, nos municípios de Serra, Fundão e Aracruz; e 14 entrevistas foram realizadas

com habitantes nas imediações do rio Doce, no município de Linhares, de forma que as subamostras se apresentaram de forma comparável. Devido à pequena variação destes números, no entanto, os resultados serão apresentados em termos percentuais de entrevistados.

Tentou-se estabelecer diferenças e variações de percepções em relação ao gênero e faixa etária dos entrevistados, análise que se mostrou inconclusiva devido às disparidades pertinentes a essas subamostras. Das 50 entrevistas analisadas, 28 foram realizadas com homens, 20 foram realizadas com mulheres e apenas duas foram realizadas com um casal (um homem e uma mulher juntos). Em relação à faixa etária, 20 entrevistas foram realizadas com pessoas idosas de 60 anos ou mais, 28 se deram com adultos de 30 a 59 anos, e apenas duas com jovens de 18 a

29 anos. Mesmo que inconclusiva, os resultados dessa análise serão apresentados nessa seção.

As paisagens mais citadas nas falas das pessoas foram **Vida nos Rios, Matas, Cidades, Vilas, Acessos, Vida nos Mares e Praias** (Gráfico 6). Essas sete paisagens foram citadas em 30 entrevistas ou mais (ou seja, por mais de 60% dos entrevistados), sendo paisagens com as quais as pessoas apresentaram relações bem estabelecidas. Grande parte dos entrevistados vive nas cidades ou vilas da região, usa os acessos (rodovias, ferrovias ou hidrovias) para se movimentar no território, reconhece a importância dos rios e das matas nativas para a qualidade de vida da população, frequenta as praias para lazer e diversão, ou ainda, relaciona-se com os rios e com os mares de forma bastante íntima, dependendo desses ambientes para o próprio sustento.



Figura14: Pessoas cujas entrevistas foram analisadas com auxílio do gestor de informações Atlas TI.



Gráfico 6: Paisagens citadas pelas pessoas entrevistadas.

As relações das pessoas com as paisagens se estabelecem por meio do uso econômico e dos meios de vida, do uso para convívio social, através das percepções das

pessoas em relação às mudanças que ocorreram ao longo do tempo e às disputas que se travaram no território, e pelos sentimentos de afeto ou tristeza que as pessoas sentem pelas paisagens. Dessa forma, de todas as categorias de sensibilidades analisadas, as mais reconhecidas e citadas por mais de 60% dos entrevistados foram: as dinâmicas temporal, disruptiva, de descaracterização, de fluxos populacionais e de potencial transformador; os usos econômico, utilitário e social; as relações de afeto, de raiz familiar, de intimidade, de conflitos, cultural e histórica; e as diversidades tangível e cultural que se apresentam na foz do rio Doce e Litoral Capixaba (Gráfico 7).



Gráfico 7: Sensibilidades dos entrevistados associadas às paisagens citadas.

A percepção das pessoas e as relações que se estabelecem entre elas e as paisagens variaram de acordo com cada indivíduo e sua história de vida. Nesse sentido, pessoas que passaram toda a vida na mesma localidade tenderam a reconhecer menos paisagens do que aquelas que se mudaram várias vezes, e que por sua vez, apresentam uma visão mais ampla do território. O engajamento dos indivíduos com questões coletivas, sejam sociais ou ambientais, também influenciou para um olhar mais integrado das pessoas com relação às paisagens. Em linhas gerais, apenas uma ou duas pessoas apresentaram um reconhecimento ou baixo ou elevado (Gráficos 8 e 9). A maior parte dos entrevistados reconheceu quantidades intermediárias, entre 11 e 14 das 28 paisagens, e entre 11 e 17 das 27 categorias de sensibilidades identificadas.



Gráfico 8: Número de entrevistados x número de paisagens citadas.

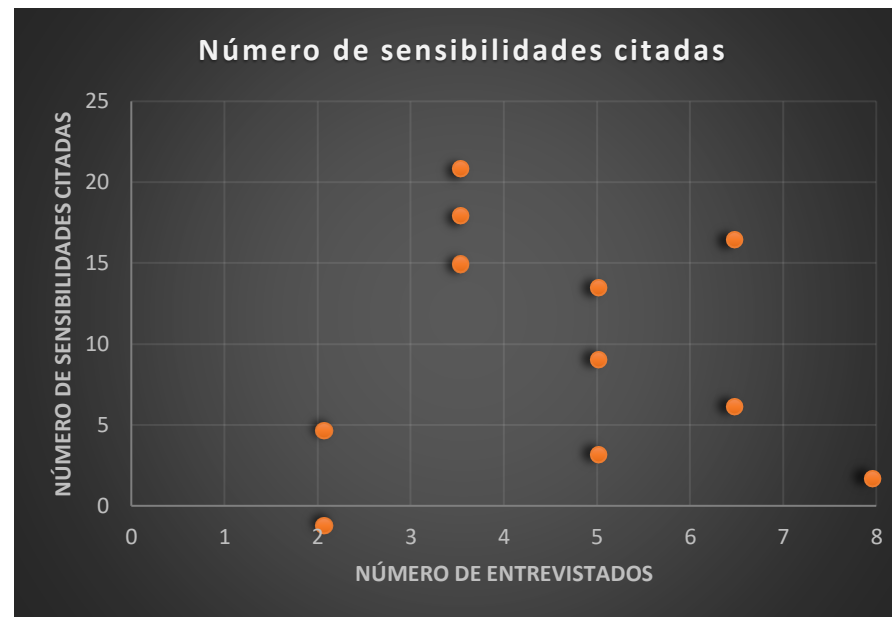


Gráfico 9: Número de entrevistados x número de sensibilidades citadas.

Ao compararmos as percepções de homens e mulheres, bem como de jovens, adultos e idosos em relação ao reconhecimento das paisagens e percepção das sensibilidades associadas a elas, observamos que, em termos gerais, os resultados seguiram as mesmas tendências do universo amostral para toda a região, não apresentando variações específicas ou significativas (Gráficos 10 a 13). Ressaltamos, novamente, que esses

dados não são balizas confiáveis para fins de comparação, havendo necessidade de uma amostragem mais equilibrada entre as variáveis a serem analisadas.



Gráfico 10: Paisagens citadas de acordo com o sexo da pessoa entrevistada.



Gráfico 11: Categorias de sensibilidade citadas de acordo com o sexo da pessoa entrevistada.

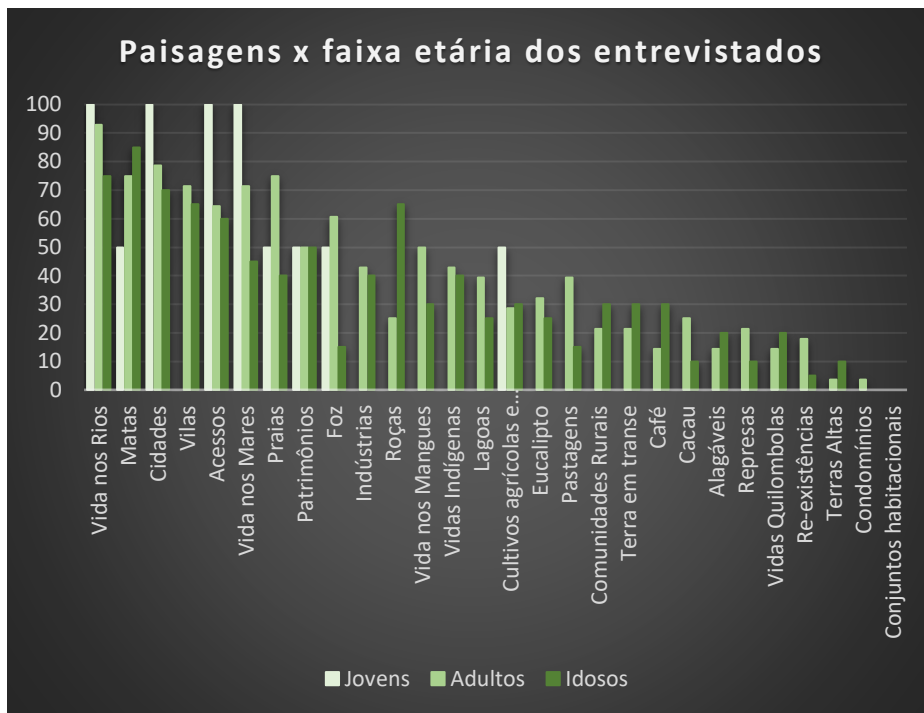


Gráfico 12: Paisagens citadas de acordo com a faixa etária da pessoa entrevistada.

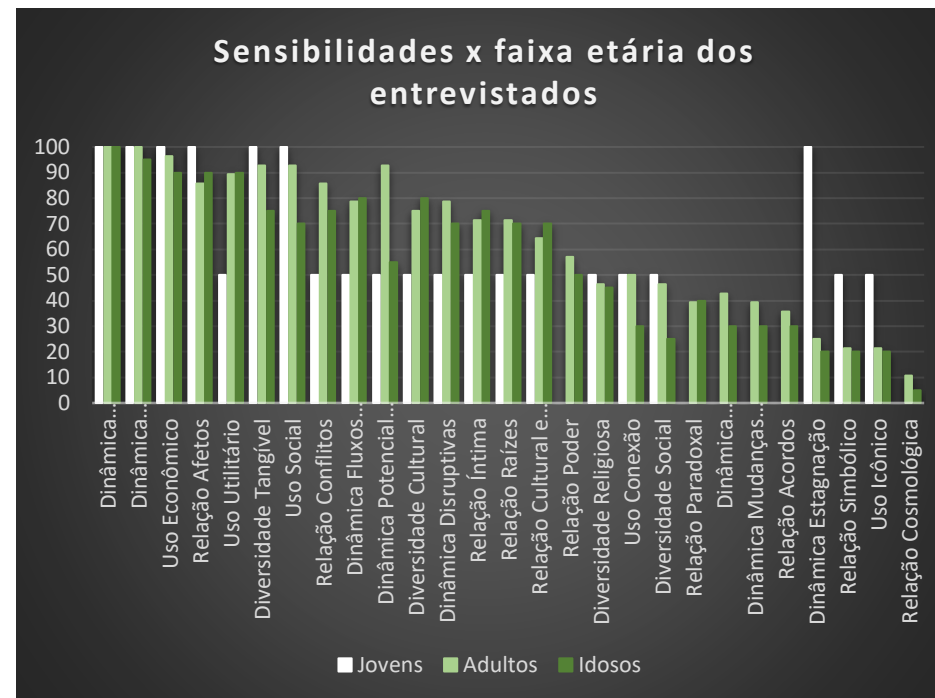


Gráfico 13: Categorias de sensibilidade citadas de acordo com a faixa etária da pessoa entrevistada.

As análises indicam que houve variação no reconhecimento das paisagens e percepção das sensibilidades conforme a localidade das pessoas. Os habitantes ao norte do rio Doce reconheceram majoritariamente **seis** paisagens: **Vida nos Rios, Matas, Cidades, Acessos, Vida nos Mares e Praias**. Os

habitantes das imediações do rio Doce reconheceram **oito** paisagens: **Vida nos Rios, Matas, Cidades, Vilas, Patrimônio, Roças, Lagoas e Cacau**. Finalmente, entre os habitantes ao sul do rio Doce, **dez** paisagens foram identificadas por mais de 60% dos entrevistados: **Vida nos Rios, Matas, Cidades, Vilas, Acessos, Vida nos Mares, Praias, Indústrias, Vidas Indígenas e Vida nos Mangues** (Gráfico 14).

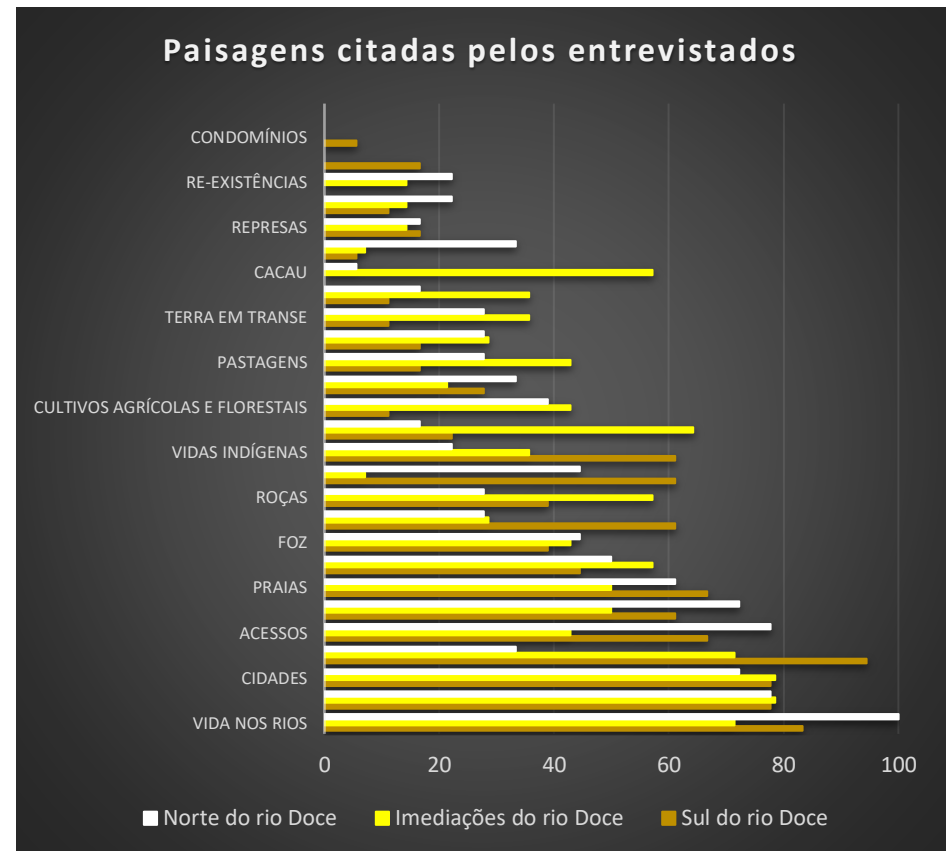


Gráfico 14: Paisagens citadas pelas pessoas entrevistadas de acordo com o setor do território em que vivem.

Em comparação com os dados globais do universo amostral para a Área 1 – Foz e Litoral Capixaba, há sobreposição de seis tipos no caso dos habitantes situados

ao norte do rio Doce: apenas a paisagem **Vilas**, citada na Área 1, não compõe as paisagens majoritariamente reconhecidas por essas pessoas. Quando contrastadas com os resultados obtidos em relação aos habitantes situados nas imediações do rio Doce, quatro paisagens coincidem (**Vida nos Rios, Matas, Cidades e Vilas**), enquanto outras quatro paisagens amplamente reconhecidas pelos habitantes das imediações do rio Doce não foram identificadas majoritariamente na Área 1: **Patrimônio, Roças, Lagoas e Cacau**. A percepção dos habitantes ao sul do rio Doce apresentou correspondência total com as sete paisagens majoritariamente reconhecidas na Área 1, e além destas paisagens, essas pessoas destacaram três paisagens diferentes nas suas entrevistas: **Indústrias, Vidas Indígenas e Vida nos Mangues**.

No tocante às sensibilidades mais citadas pelos entrevistados das localidades, observa-se que os habitantes ao norte do rio Doce reconheceram **17** categorias analisadas: dinâmicas da temporalidade, de descaracterização, de fluxos populacionais, disruptivas e de potencial transformador; usos econômico, social e utilitário;

relações de afeto, de conflitos, íntimas, de raízes, de poder e culturais e históricas; e diversidades cultural, religiosa e tangível (Gráfico 15).

Entre os habitantes das imediações do rio Doce, **15** categorias de sensibilidade foram reconhecidas por mais de 60% dos entrevistados: dinâmicas da temporalidade, de descaracterização, de fluxos populacionais, disruptivas e de potencial transformador; usos econômico, social e utilitário; relações de afeto, de conflitos, íntimas, de raízes e culturais e históricas; e diversidades tangível e cultural. Os habitantes localizados ao sul do rio Doce perceberam majoritariamente **14** das categorias de sensibilidade analisadas: dinâmicas da temporalidade, de descaracterização, de fluxos populacionais, disruptivas e de potencial transformador; usos econômico, social e utilitário; relações de afeto, de conflitos, íntimas e de raízes; e diversidades tangível e cultural.

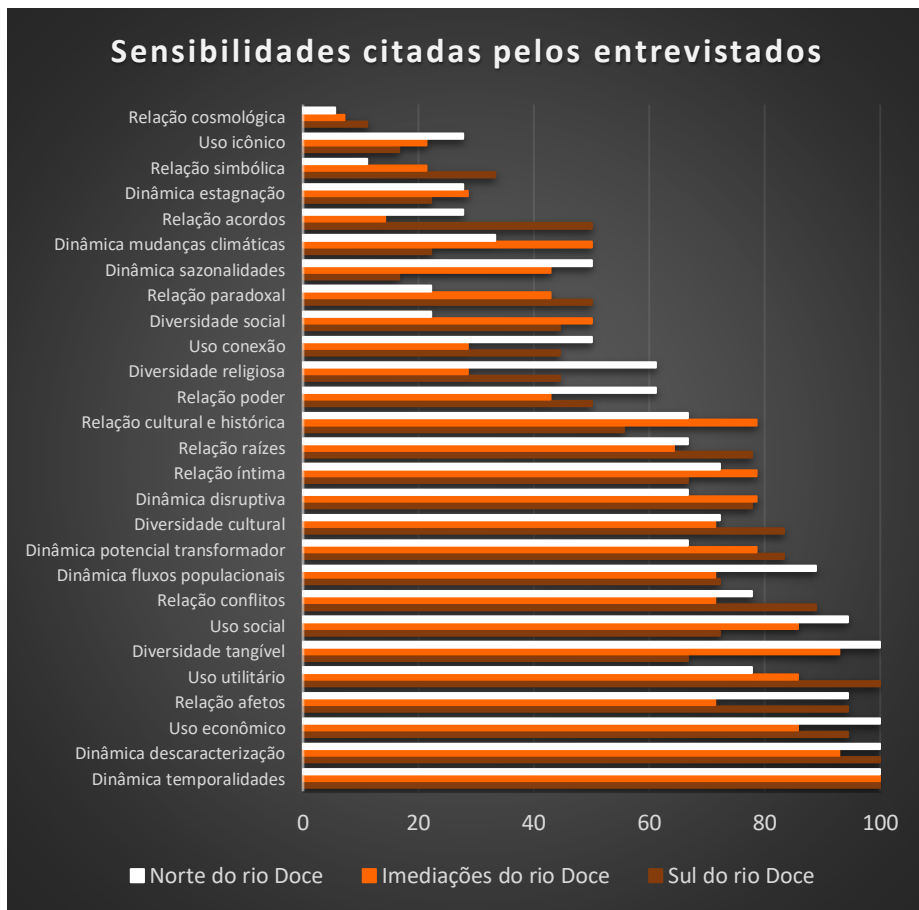


Gráfico 15: Sensibilidades citadas pelas pessoas entrevistadas de acordo com o setor do território em que vivem.

Regra geral, as categorias de sensibilidade percebidas pelos habitantes de cada localidade coincidiram com as 15 categorias de sensibilidade encontradas para a Área 1. Entre os habitantes do norte do rio Doce, essas categorias foram acrescidas por outras duas: diversidade religiosa e relações de poder. A percepção dos habitantes das imediações do rio Doce coincidiu com a percepção encontrada no universo amostral em relação a toda região, enquanto os habitantes ao sul do rio Doce apresentaram majoritariamente uma percepção a menos: relações culturais e históricas.

A análise comparativa dos resultados das percepções dos entrevistados sobre as paisagens e sensibilidades citadas de acordo com suas localidades desperta uma série de questões e curiosidades quanto a configuração territorial e a maneira com a qual as pessoas se relacionam com o território em que vivem.

Por um lado, o reconhecimento das paisagens está fortemente associado com as relações de localização dessas paisagens no espaço. As **Vidas Indígenas** se encontram ao sul do rio Doce, sendo natural que as pessoas dessa

localidade as reconheçam mais facilmente do que os habitantes do norte do rio Doce. Semelhantemente, os manguezais dos rios Piraquê-Açu e Piraquê-Mirim somam em um único complexo cerca de 40% da área total de mangues existentes em toda a região analisada, razão pela qual a **Vida nos Mangues** seja percebida prioritariamente ao sul do rio Doce. A vocação industrial do município de Barra do Riacho e os impactos que o pólo industrial desta localidade geraram em todo o município de Aracruz também pode ter contribuído para que os habitantes localizados ao sul do rio Doce reconhecessem mais facilmente a paisagem **Indústrias** do que os habitantes das imediações ou do norte do rio Doce. O delta do rio Doce, por sua vez, propicia melhores condições para o estabelecimento das paisagens **Cacau** e **Roças** em suas imediações, além de formar e acolher grande parte das **Lagoas** da região.

A constatação que os habitantes do sul reconheceram mais paisagens do que os habitantes das imediações do rio Doce, e que por sua vez estes perceberam mais paisagens do que as pessoas que habitam o norte do rio Doce, incita uma questão: há de fato um gradiente de diversidade de

paisagens que aumenta do norte em relação ao sul geográfico? Os dados coletados em campo sugerem que possa existir um gradiente de diversidade de paisagens ao longo do território: foram identificadas 23 tipologias de paisagens diferentes ao sul do rio Doce, 24 tipologias nas imediações e 20 tipologias de paisagens diferentes ao norte do rio Doce (Gráfico 16 e Mapa 1). No entanto, para corroborar essa hipótese também faz-se necessária uma análise sobre as variáveis que influem na percepção dos entrevistados em relação ao seu entorno, como por exemplo, os níveis de circulação das pessoas (visto que pode existir uma circulação menor de pessoas ao norte do rio Doce), bem como o grau de dispersão e de representatividade das paisagens no território.

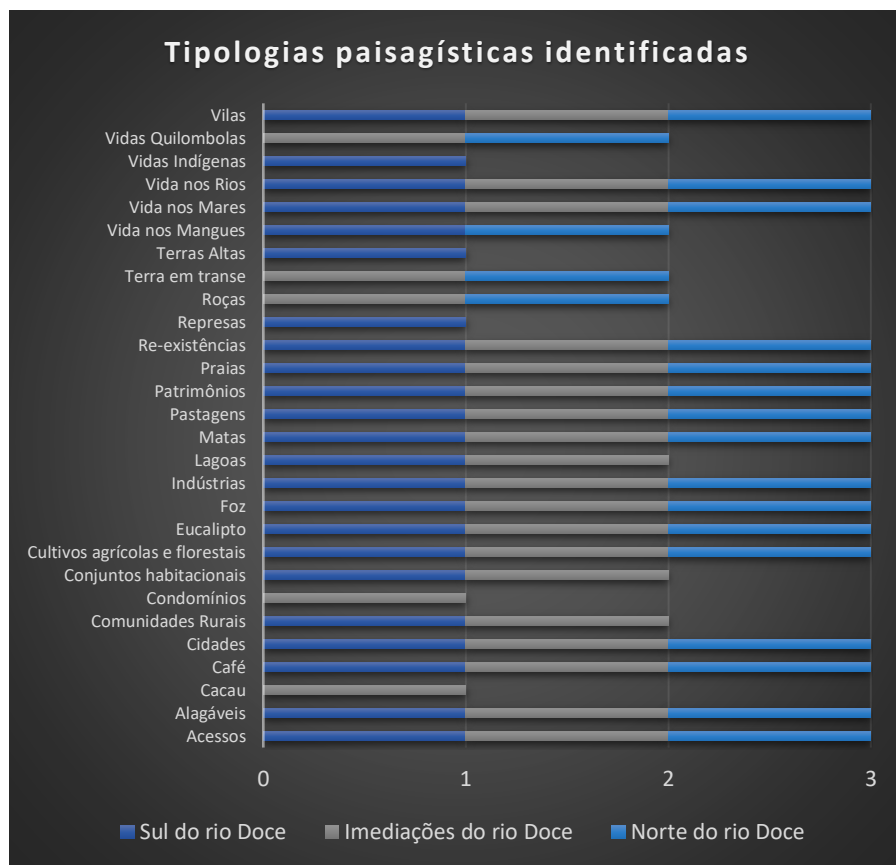


Gráfico 16: Tipologias paisagísticas identificadas em campo na Área 1 - Foz e Litoral Capixaba.

Por outro lado, as inferências sobre as causas e raízes das sensibilidades que afloram em relação às paisagens são um pouco mais difíceis de serem realizadas, posto que cada

pessoa é um universo em potencial, com sentimentos, pensamentos e reações muito distintas. Sobretudo quando, paradoxalmente, observamos que houve um gradiente invertido ao compararmos com o gradiente de reconhecimento das paisagens: entre os habitantes ao sul do rio Doce a tendência de percepção das categorias de sensibilidades foi menor em relação aos habitantes de suas imediações, que seguiu-se em comparação aos habitantes do norte. Ainda assim, considerações e análises a partir das Sensibilidades e Representações serão apresentadas em seções posteriores.

Ao se observar mais profundamente os resultados, uma série de perguntas surge a respeito: Por que as paisagens Eucalipto e Pastagens, apesar de ocuparem grandes porções do território, não estão entre as paisagens mais reconhecidas tanto no sul, como no norte e nas imediações do rio Doce? As dinâmicas territoriais teriam resultado em acordos mais relevantes ao sul do rio Doce, como a criação de Terras Indígenas e Unidades de Conservação? As mudanças climáticas são mais facilmente percebidas e sentidas nas imediações do rio Doce devido à

proximidade com esse curso d'água? As dinâmicas de sazonalidade exercem um impacto mais forte nas localidades ao norte do rio Doce? Por quê a diversidade religiosa e as relações de poder são mais percebidas ao norte?

Ainda que uma mesma paisagem possa despertar diferentes percepções, sentimentos e sensações nas pessoas, é possível identificar algumas tendências nas relações entre as paisagens e as sensibilidades associadas a elas. A figura a seguir indica quais sensibilidades estiveram majoritariamente relacionadas com cada paisagem. Na imagem, as quadrículas em branco indicam que os entrevistados não relacionaram as tipologias de paisagem com as categorias de sensibilidade identificadas; as quadrículas em laranja claro indicam que houve de uma a nove citações relacionadas pelas pessoas entrevistadas; as quadrículas com tonalidade intermediária de laranja indicam que houve de 10 a 29 citações relacionadas; e as quadrículas em laranja escuro indicam que houve 30 ou mais citações realizadas pelos entrevistados relacionando sensibilidades e paisagens.

Naturalmente, as paisagens que são os palcos onde grande parte das vidas se desenvolvem (**Vilas, Cidades e Vida nos Rios**) apresentaram um número maior de citações sensíveis relacionadas. Os habitantes locais percebem a forte influência que o passar do tempo e as dinâmicas temporais promovem nas paisagens, permitindo a transformação de suas características pelos agentes locais. Um dos principais usos transformadores é o econômico, e as principais naturezas das relações que permeiam o território são as de afetos e de conflitos (Figura 14).

RELAÇÕES ENTRE AS PAISAGENS E AS CATEGORIAS DE SENSIBILIDADES CITADAS PELAS PESSOAS	CONDOMÍNIO	TERRAS ALTAS	REPRESAS	ALAGÁVEIS	CACAU	CAFÉ	TERRA EM TRANSIÇÃO	COMUNIDADES	PASTAGENS	EUCALIPTO	CULTIVOS AGR. E FLORESTAS	LAGOAS	VIDAS TANGÍVEIS	VIDA NOS MANGUEIROS	ROÇAS	INDÚSTRIAS	FOZ	PATRIMÔNIO	ACESSOS	PRAIAS	MATAS	RE-EXISTÊNCIAS	VIDAS CULTURAIS	VIDA NOS MARES	VILAS	CIDADES	VIDA NOS RIOS
DINÂMICA DESCARACTERIZAÇÃO																											
DINÂMICA DISRUPTIVAS																											
DINÂMICA ESTAGNAÇÃO																											
DINÂMICA FLUXOS POPULACIONAIS																											
DINÂMICA MUDANÇAS CLIMÁTICAS																											
DINÂMICA POTENCIAL TRANSFORMADOR																											
DINÂMICA SAZONALIDADES																											
DINÂMICA TEMPORALIDADES																											
DIVERSIDADE CULTURAL																											
DIVERSIDADE RELIGIOSA																											
DIVERSIDADE SOCIAL																											
DIVERSIDADE TANGÍVEL																											
RELAÇÃO ACORDOS																											
RELAÇÃO AFETOS																											
RELAÇÃO CONFLITOS																											
RELAÇÃO COSMOLÓGICA																											
RELAÇÃO CULTURAL E HISTÓRICA																											

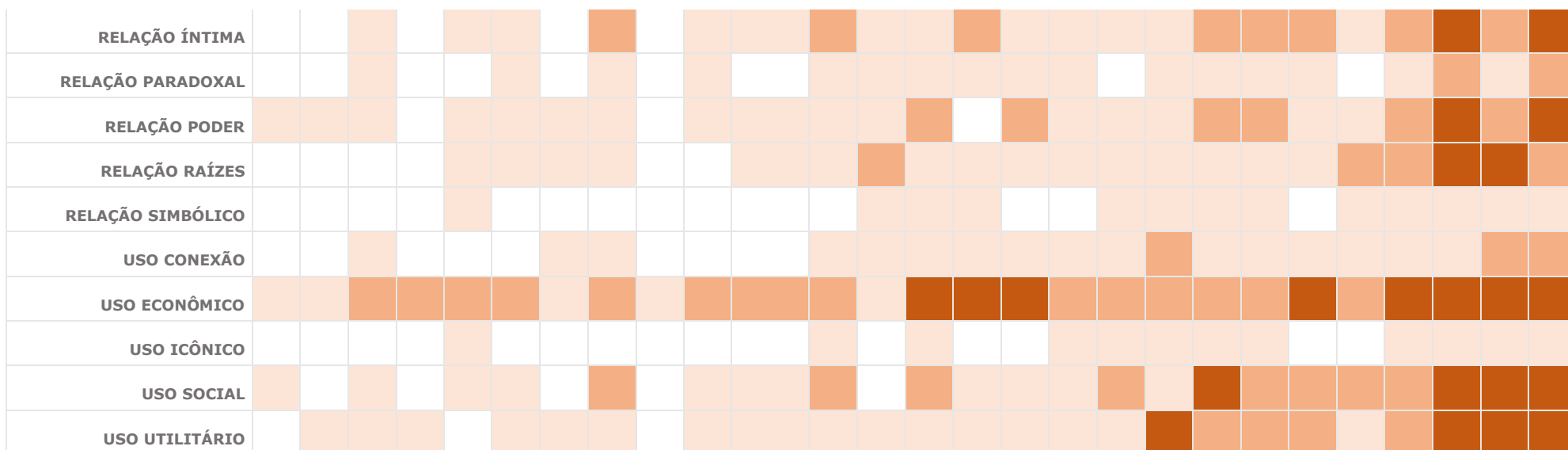


Figura15: Tabela de co-ocorrência entre os Tipos Paisagísticos e as Categorias analíticas das Sensibilidades. Quadrículas em branco = 0 citações; em laranja claro = 1 a 9 citações; em laranja médio = 10 a 29 citações relacionadas; em laranja escuro = 30 citações ou mais. Fonte: ATLAS TI.

Os Gráficos 17 a 20 indicam a proporção das citações dos entrevistados relacionadas às diversas categorias de sensibilidade para cada tipologia de paisagem. As dinâmicas temporais e de descaracterização foram associadas a praticamente todas as paisagens (com exceção de descaracterização em relação à **Terras Altas**). Nas paisagens **Vidas nos Rios, Foz e Vidas nos Mares**, as proporções de citações relacionadas às dinâmicas disruptivas indicam haver o rompimento de processos (ou dos usos) associados à essas paisagens. Observa-se que a dinâmica de trânsito também exerce uma forte influência, especialmente sobre as paisagens **Vilas, Cidades e Acessos** (Gráfico 17).

As afetividades e relações de acordos foram associadas com todas as tipologias de paisagem, com exceção das **Alagáveis, Terra em Transe e Pastagens**. As relações identitárias e de natureza íntima se destacaram principalmente em relação às **Vidas: Quilombolas, Indígenas, nos Rios, nos Mares e nos Mangues**, bem como em **Roças, Re-existências, Praias e Lagoas**. As relações cosmológicas estiveram associadas com

Patrimônios, Roças, Vidas Quilombolas, Vidas nos Mares e Vidas nos Mangues. Cacau e Patrimônios foram as paisagens mais associadas às relações culturais e históricas, enquanto **Pastagens, Eucalipto e Indústrias** foram as paisagens onde a maior parte das citações realizadas pelos entrevistados estiveram associadas a relações de poder e de conflito (Gráfico 18).

Os entrevistados também relacionaram a expressão da diversidade de elementos tangíveis a praticamente todas as paisagens (com exceção de **Terras Altas**). A diversidade religiosa esteve associada principalmente às paisagens **Re-existências, Comunidades Rurais e Vidas Quilombolas**, enquanto a diversidade cultural teve destaque nas citações realizadas em relação às **Vidas Indígenas, Vidas Quilombolas, Vilas e Cidades** (Gráfico 19).

Além do uso econômico (associado em grande medida pelos entrevistados à todas as paisagens), o uso social também esteve presente em grandes proporções nas citações relacionadas às **Praias, Patrimônios e Lagoas**. Ainda que em proporções menores, o uso icônico teve

destaque nas paisagens **Praias** e **Patrimônios**, enquanto o uso utilitário se destacou em relação aos **Acessos** e **Terras Altas** (Gráfico 20).

Algumas dessas relações parecem ser claras e evidentes, outras, no entanto, são bastante sutis, indicando os caminhos para as análises sobre como os sentimentos humanos comandam as ações dos homens e, dessa forma, influenciam a dinâmica territorial.

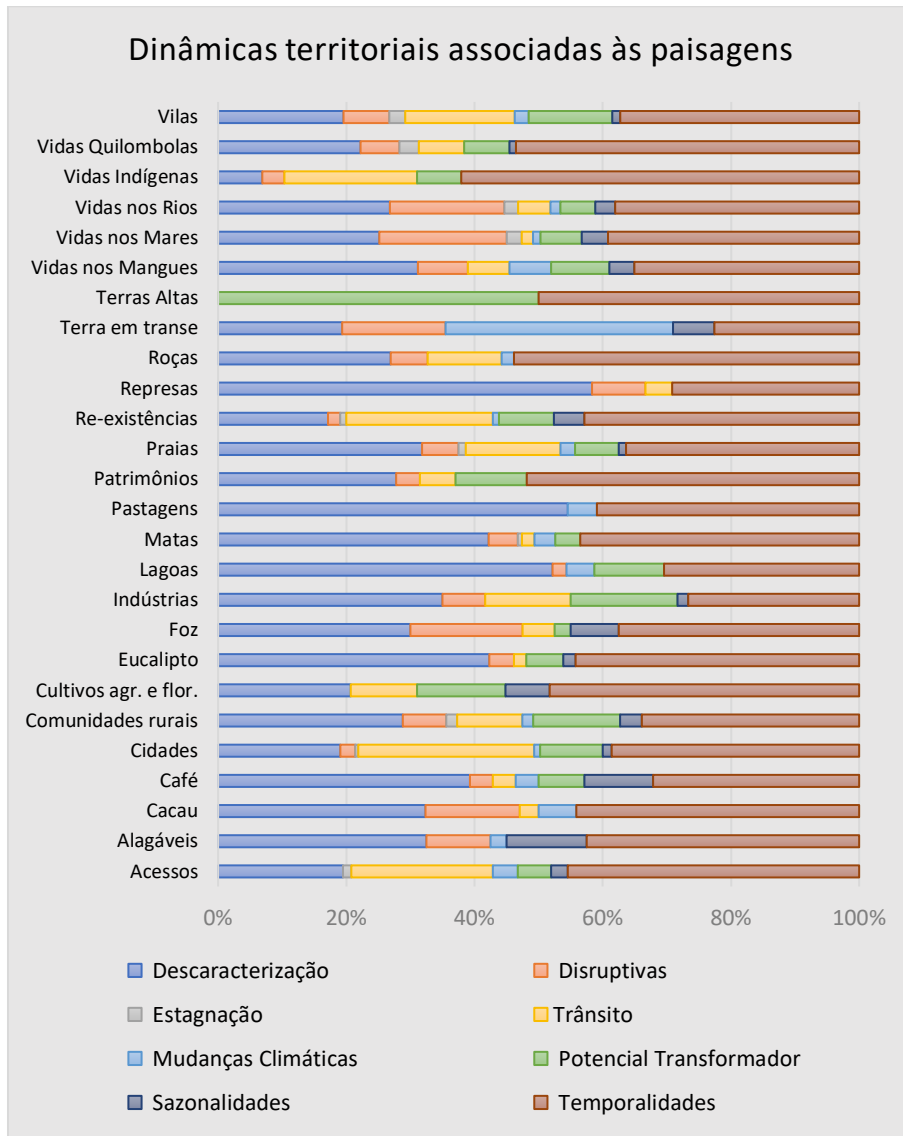


Gráfico 17: Dinâmicas associadas às paisagens pelos entrevistados.

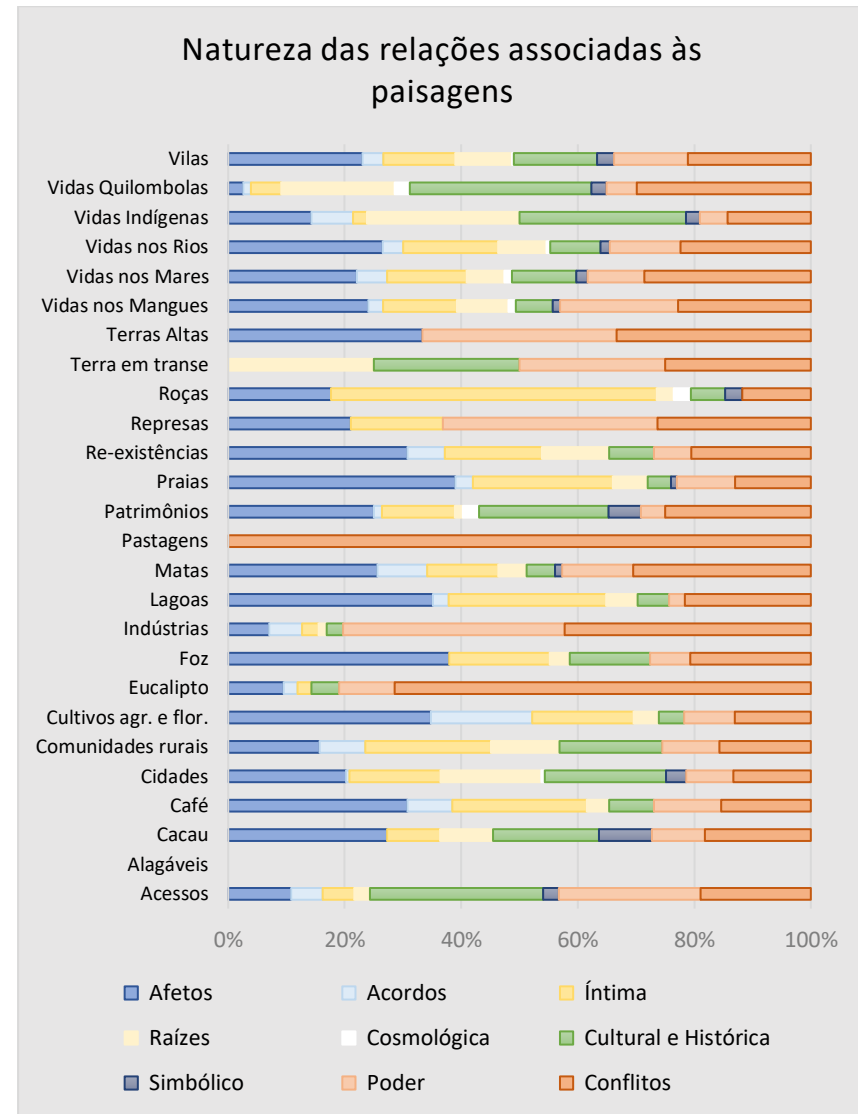


Gráfico 18: Natureza das relações associadas às paisagens pelos entrevistados.

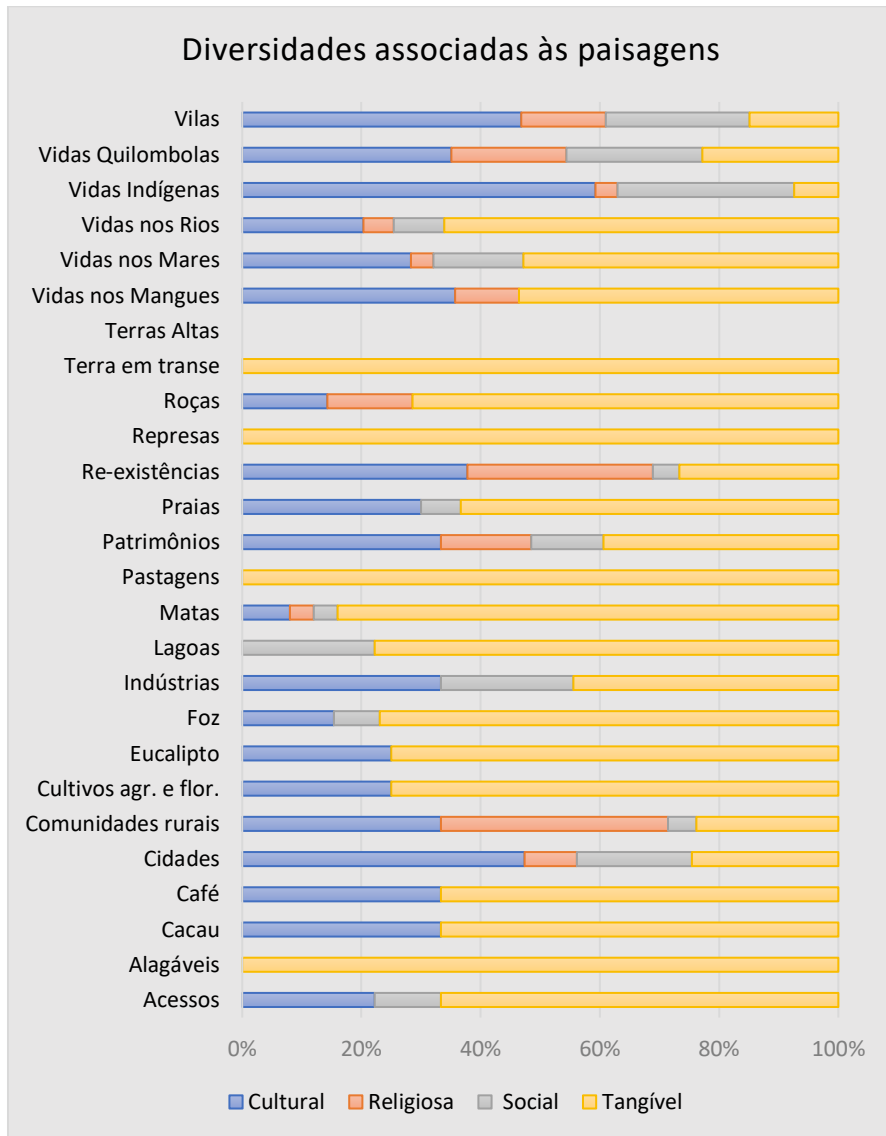


Gráfico 19: Diversidades associadas às paisagens pelos entrevistados.

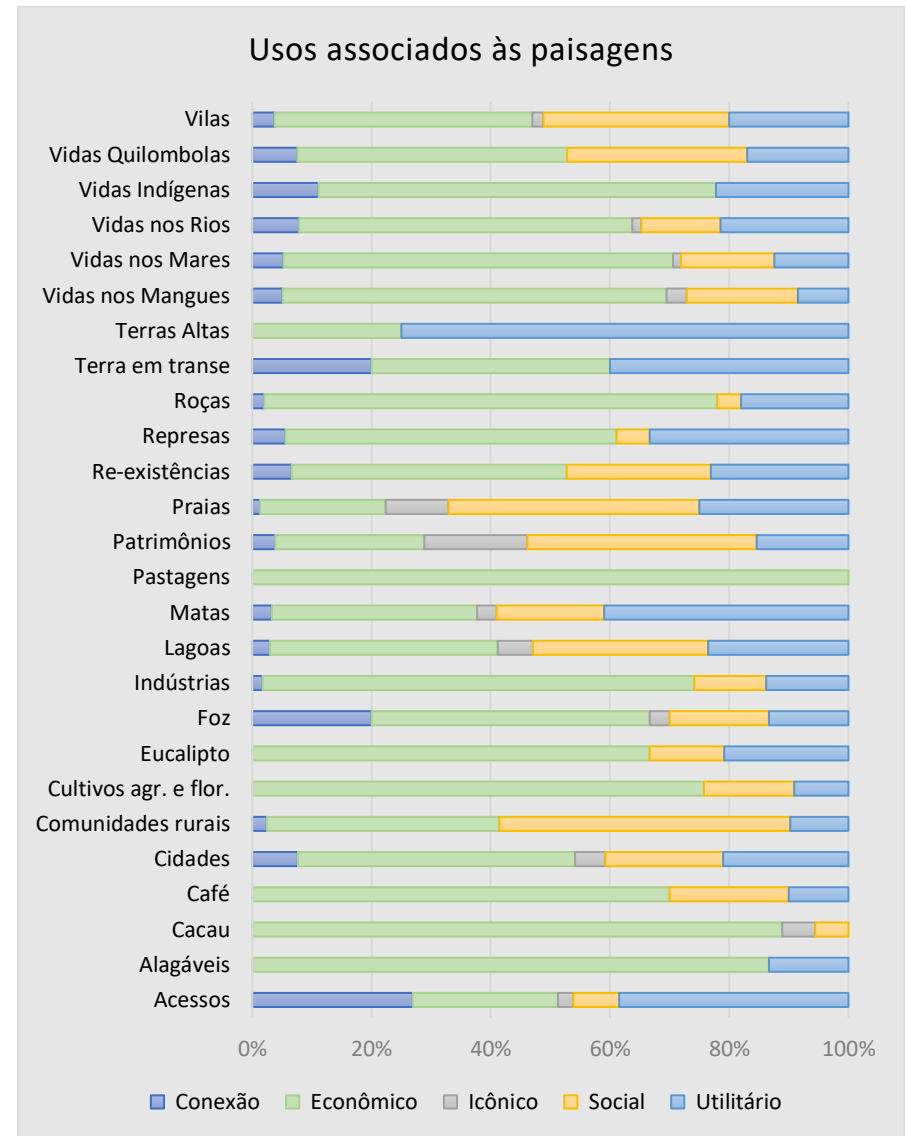


Gráfico 20: Usos associadas às paisagens pelos entrevista

3.5 Sentimentos, paisagens e pessoas

Ao atuarem na dinâmica das paisagens e na produção de lugares ao longo das histórias particulares e coletivas, as pessoas passam a pertencer às localidades e ambientes em que cresceram, tanto quanto estes pertencem a elas (INGOLD & KURTTILA 2000).

A partir da matriz exposta na seção anterior e visando compreender os sentimentos manifestados em relação às paisagens do território do da foz do rio Doce e o quanto eles influenciam nas dinâmicas dos tipos, definiu-se seis categorias de sensibilidades para alinhar essa abordagem: Relação de Afetos, Relação Íntima, Relação de Raízes, Relação Simbólica, Uso Icônico e Conflitos. Como visto na seção anterior, Vida nos Rios foi disparadamente a paisagem mais comentada entre todas as entrevistas, fato que leva a

considerar a centralidade dessa tipologia e como, a partir dela, a análise se expande para as demais paisagens.

Em linhas gerais, as relações íntimas, de afetos e de raízes se mostraram relacionadas entre si e configuram o coração da análise dos sentimentos. Elas aglutinam emoções muito próprias ao humano, desde os antepassados mais distantes. São sensações de aconchego, segurança e identidade relacionadas ao lugar que se ocupa no mundo e ao qual se acredita pertencer. A casa ou o lar significam a constituição de uma família, de uma comunidade pautada em preceitos sociais. Curiosamente, entre os romanos e etruscos, “lares” eram os deuses que protegiam a casa e a família¹. Importante destacar que, como uma condição humana, sentimentos de pertença e acolhimento são reconhecidos em todos os grupos sociais, assim como a necessidade de estabelecer raízes e vínculos com o espaço habitado. Contudo, há variadas formas de definir o que seja um lar ou uma casa, atributos culturais que expressam a

¹ <https://www.dicio.com.br/lar/>, acesso em 18/06/2020.

diversidade humana. A análise da paisagem possibilita ampliar esses entendimentos, sendo respaldados pelas falas dos habitantes locais, que também não são uníssonas, mas que muitas vezes partilham expressões sobre modos de estar e relacionar-se com o mundo, isto é, com o universo mais próximo, aquele das paisagens habitadas no presente, em tempos passados e no imaginário futuro. “[Levaria] Uma foto desse ambiente aqui todinho. Das árvores, que eu amo essas árvores aqui todinhas. É o lugar mais importante que eu acho é nossa casa. (...) A nossa casa, a minha casa, a nossa casa, eu acho que é o melhor lugar do mundo. Eu levaria foto da paisagem da minha casa, porque quando eu olho pra paisagem da minha casa, eu lembro tudo que acontece à volta” (Cláudia Martins Rigonis, 42 anos).

O gráfico 1 possibilita verificar que em 11 das 28 tipologias de paisagens, relações íntimas, de afetos e de raízes somaram juntas mais de 70% das citações feitas – paisagens Roças, Cultivos Agrícolas e Florestais, Café, Comunidades Rurais, Praias, Re-existências, Vidas Indígenas, Foz, Cidades, Lagoas e Vidas nos Rios. Verificando as tipologias atreladas aos sentimentos de

intimidade, apreço e pertencimento, é possível estabelecer a hipótese de que eles expressam os vínculos com o mundo habitado, sintetizam as relações com paisagens que atendem necessidades distintas: alimentares, econômicas, de deslocamento, lazer, coletividades e culturas.

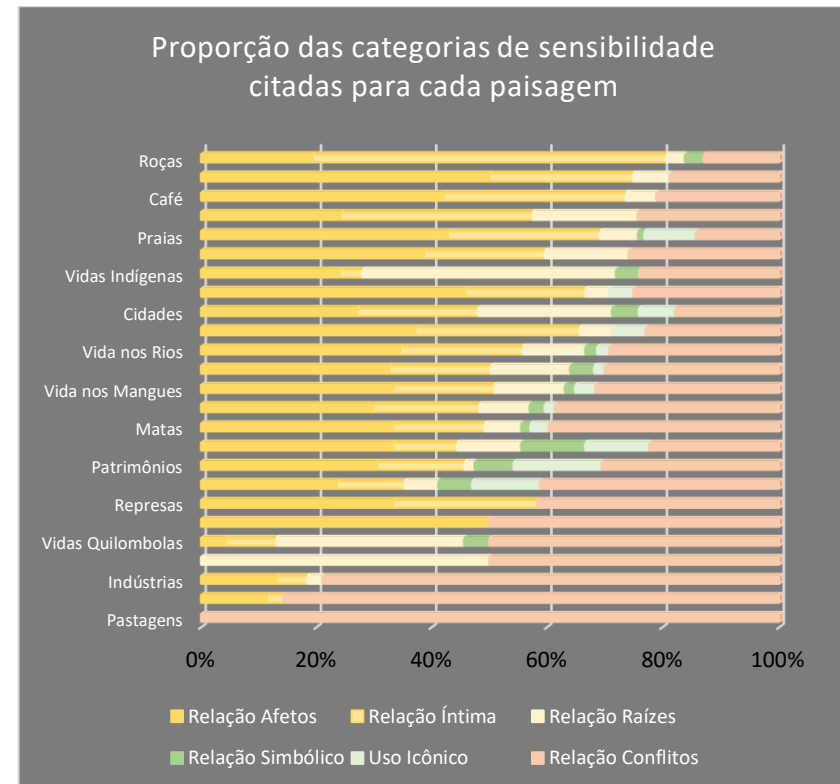


Gráfico 1: Proporção das categorias de sensibilidades citadas para cada paisagem.

Em termos de porcentagem, Roças é a paisagem que mais se destacou na categoria de sensibilidade atrelada à intimidade, levando a crer que os vínculos estabelecidos com a produção de alimentos no meio rural vão além das necessidades de subsistência. Eles falam também das próprias pessoas envolvidas com o semear, com os plantios e as colheitas, bem como sobre a centralidade do sentido de comunidade presente nessas paisagens. A categoria de afetos, isoladamente, se mostrou igualmente presente nas paisagens relacionadas aos meios produtivos das Roças e dos Cultivos Agrícolas e Florestais, assim como naquelas paisagens das Vidas nos Rios, Vidas nos Mares, Vidas nos Mangues e Praias. Já observando exclusivamente as relações de raízes, essas apresentaram uma proporção significativa (30%) nas citações relacionadas às Vidas Indígenas e Vidas Quilombolas, indicando um forte vínculo identitário das pessoas com relação a essas tipologias em especial.

Para as relações simbólicas e de uso icônico, destacaram-se citações relacionadas às paisagens Acessos, Patrimônios e Cacau. Essas duas categorias de sensibilidade

não foram selecionadas porque centralizaram um grande número de narrativas relacionadas aos tipos, mas particularmente porque dizem respeito ao modo como as pessoas representam simbolicamente e/ou por meio de ícones, as paisagens das quais se orgulham e, portanto, que desejam dar destaque: *"(...) já desenvolvemos um projeto do portal de Linhares, que ela vai simbolizar um cacau central, que é o símbolo máximo do desenvolvimento de Linhares, deve-se muito Linhares ao cacau, junto, na traseira com os arcos da ponte Presidente Vargas dentro do nosso portal na cabeceira da ponte Joaquim Calmon que é o nome da Ponte atual, Joaquim Calmon que foi o prefeito na época da inauguração da ponte Presidente Vargas, que é o patrono dessa casa que vocês viram aqui, um dos maiores visionários de Linhares entendeu? Gostava de Linhares como ninguém"* (Reuber Costa Nascimento, 61 anos).

Por fim, quando se trata dos sentimentos das pessoas habitantes do território do rio Doce, não há como deixar de analisar as relações de conflitos, já que essas atravessam as narrativas contrapondo-se às expressões de alegria e às recordações positivas. Os conflitos aparecem como

transversalidades em distintas manifestações de sentimentos sobre as paisagens e, assim, justamente por seu caráter inevitável, estão dispostos ao longo do texto como cruzamentos. Tais relações adquiriram uma proporção de 30% a 40% nas citações que estiveram relacionadas às paisagens que, por sua vez, abrigam ecossistemas naturais, permitindo o desenvolvimento dos meios de vida de populações ribeirinhas, extrativistas e pescadores artesanais. Dessas, se encontram Matas, Vidas nos Rios, Vidas nos Mangues e Vidas nos Mares. Por outro lado, as relações de conflito somaram mais de 80% das citações realizadas sobre as paisagens Indústrias, Eucalipto, Pastagens e Alagáveis.

² O processo de análise da paisagem implica necessariamente um processo criativo de apreensão de sentidos e formas que compõem as paisagens em tela. Nesse sentido, as palavras podem surgir

3.5.1. Rios: águas que escoam permeadas de afetos e intimidades

Feita essa breve introdução, convidamos o leitor a percorrer sensivelmente o território do rio Doce entre terras altas e baixas, monocromáticas ou de tonalidades variadas, áridas, alagadiças e úmidas, estéreis pelo concreto das cidades ou férteis como ventres em processo de fecundação. Suas águas embalaram exploradores, indígenas, navegadores e pescadores desde muito tempo. Essas águas em fluxo – doces e salgadas – se encontram em lugares nevrálgicos, reconhecidos como fundamentais para os modos de vida das populações locais e historicamente identificados como portas de entrada e elo entre a costa e o continente. Tratam-se das localidades onde estão as fozes, do rio Doce e de outros rios importantes para a configuração “territo-rial”² (terra-rio) dessas paisagens. Nesse território,

descontroladamente, termos que até então eram inexistentes passam a reverberar em pensamento para compor um olhar mais apurado e integrado com os dados levantados. Esse é o caso da

os rios e as vidas que lhes são intrínsecas são as artérias do ecossistema, desse lar ou casa que é o Doce – o templo de um gigante que desperta sentimentos diversos ao longo da história: temor, cobiça, carinho, agradecimento, nostalgia, alegrias e tristezas.

Sob tal enfoque, Vidas nos Rios se mostra disparadamente como uma paisagem que concentra afetos, pois muitas pessoas se veem dependentes desses lugares, dos recursos dos cursos hídricos que são desfrutados para diferentes fins. No entanto, dentre as paisagens nativas, os rios e também os mangues apresentam o maior nível de antropização e, por conta disso, especialmente os rios disparam memórias daquilo que já não existe mais, como consequência da descaracterização ambiental. São sentimentos que expressam ternuras sobre um tempo em que os rios possibilitavam sociabilidades entre familiares e amigos. Revela-se a saudade, as boas lembranças que

palavra “territorial” para referir-se a aliança entre terras e águas, talvez os dois elementos mais tangíveis aos humanos dentre os

preenchem o humano, alegrias de uma vida simples junto à natureza, quando alimentar-se e divertir-se era resultado de uma mesma ação, disparando sentimentos de fruição e prazer. “*Sim, fim de semana pescava. Durante a semana a gente ia lá, com vara na beira do rio, levava os netos para pescar, aí a gente pescava o peixe, aí a gente trazia para cá, limpava, comia o peixe entendeu? Então era um meio que a gente tinha de divertimento*” (Eliane Gregório, 57 anos).

Os rios possibilitam a contemplação dos movimentos das águas e dos animais (peixes e aves) que neles vivem. São locais de encontro entre amigos e/ou companheiros de jornada (pescadores) no início ou ao final do dia. Uma paisagem que possibilita o aprendizado de técnicas de relacionar-se com as águas doces e seus seres. Rios e pessoas se constituem mutuamente, corpos que se atravessam. Assim, também as tipologias Vidas nos Mares e Vidas nos Mangues destacam o caráter fundamental de existência de coletividades humanas, animais e vegetais que

quatro. Inclusive, alguém já chamou atenção para o fato de que nosso Planeta deveria chamar-se Terra-Água.

se retroalimentam nos respectivos ecossistemas. A partir das entrevistas recolhidas percebe-se que há sentimentos comuns partilhados nesses modos de vida, porque são sentimentos que traduzem uma compreensão própria de como relacionar-se com a natureza que nos cerca. Em algumas circunstâncias, tais paisagens são mencionadas concomitantemente, seja porque espacialmente estão próximas, dizem respeito às formas específicas de subsistência, propiciam aprendizados e ofícios que constituem identidades, ou porque tudo isso opera juntamente com tantas outras referências. Nesse amplo território, os rios, o mar e os mangues se apresentam coexistentes, por suas localizações geográficas e impressões afetivas.

Aproximadamente, 45% da população da área em estudo se localiza a uma distância de dois quilômetros das margens de algum rio. *"Ah! Não sei viver em outro lugar. Dizem que quem bebe a água lá de baixo do Riacho nunca mais deixa de voltar aqui. E eu poderia estar em outro lugar, mas eu construí minha vida aqui e eu amo esse lugar. Eu, quando eu vim para cá, nem sei a expectativa, eu era nova*

e foi aqui que eu me tornei essa mulher, essa mulher que vai mesmo correr atrás do que precisa". (Hildete Jorge Caliman, 54 anos). Muitas pessoas expressam sentimentos de amor intenso pelos lugares onde cresceram e/ou construíram a vida e os rios são centrais nas localidades. Falar de si, da família ou de um rio são temas imbricados, compostos.

Além do rio Doce que transpassa o território, outros rios destacam-se como paisagens de determinadas localidades. Historicamente, os trajetos das águas doces conduziram navegadores vindos de longe, através do oceano para o interior do continente. Na foz de cada um desses rios foram fundadas as vilas, formando comunidades e comércios. Na região ao Sul do rio Doce, o rio Riacho, o rio Piraquê-Açu e o rio Reis Magos consagraram-se na configuração das ocupações Barra do Riacho, Santa Cruz e Nova Almeida, respectivamente. Já na área ao Norte do rio Doce, o rio Cricaré (São Mateus) e o rio Mariricu – afluente do primeiro – aparecem como essenciais à constituição de Conceição da Barra e São Mateus.

Cada um desses rios é referenciado com profundo carinho pelos habitantes locais. Porém, percebendo a descaracterização e impactos ambientais, alguns moradores expressam tristeza diante da poluição das águas afetadas pelos dejetos das casas, dos resíduos dos barcos e do lixo trazido do mar com as marés cheias. No caso do rio Riacho, por exemplo, em vista da ausência de tratamento de esgoto das casas, atualmente a comunidade não pode mais banhar-se como faziam em tempos passados. Ainda assim, durante o encontro com uma das entrevistadas que vive nessa comunidade, quando questionada sobre qual imagem levaria de Barra do Riacho se fosse fazer uma viagem longa, ela destacou: *"Eu levaria desse fundo do meu quintal, esse manguezal, esse rio, os barcos, que coisa linda você acordar e vê aqueles barcos lá"* (Hildete Jorge Caliman, 54 anos). A água do rio Riacho reflete os cascos das embarcações atracadas como uma pintura sensivelmente projetada para aqueles que admiram a paisagem.

Um pouco mais ao sul, ainda em Aracruz, se encontra o rio Piraquê-Açu. Especialmente nessa área convivem as tipologias Vidas nos Mangues, Vidas Indígenas, Vidas nos

Mares, Foz e Vilas. As narrativas descrevem as relações de sobreposição e justaposição entre essas tipologias, destacando o caráter de integração e mútua dependência. Por parte das pessoas, manifestam-se sentimentos de intimidade com as águas, o caráter visceral que integra humanos e elementos do ambiente circundante. Algumas aldeias indígenas estão localizadas à margem direita do rio Piraquê-Açu, pontos de entrada e saída da comunidade. No rio transitam canoas com pescadores solitários que pacientemente se lançam ao tempo de espera. Ali também circulam caiaques e pequenas embarcações com turistas e veleiros.

Já o rio Cricaré – traduzido na língua Tupi como rio dorminhoco, preguiçoso – desperta nos habitantes sentimentos de tranquilidade, uma compreensão simbiótica entre águas, fluxos e pessoas, algo expresso na índole dos próprios membros da comunidade. *"(...) o rio corre tranquilo e esse rio toda vida veio com a calma que existe né? Nas pessoas, na tranquilidade, do bairro aqui que é calmo, tranquilo, suave, né? E... O rio tem muita importância para o nosso povo"* (Salomão da Silva Pinto, 54 anos). Há nessa

localidade litorânea um sentimento de profunda ternura pelas águas, como se as pessoas reproduzissem a fecundação do amor que observam entre o rio e o mar.

Considerando os rios como uma paisagem fortemente antropizada, o rompimento da barragem da Samarco em 2015 veio somar-se a um cenário de impactos anterior. Mas, em especial, esse evento se constituiu como um marco na história do território e de sua gente. Sob o fio da navalha do rompimento (da barragem) que cortou o tempo e o espaço, os impactos foram adquirindo proporções dramáticas, inicialmente dadas no campo visual, para enfim extrapolarem todos os sentidos de apreensão das relações com a paisagem. *"Eu devo tudo que eu sou ao rio, o rio é uma parte de mim, é uma parte da minha história, é uma parte da minha família, quando a lama chegou, a gente foi para o rio chorar como os índios. Os índios não choram quando, quando alguém da família ou um guerreiro ou alguém amado da tribo morre. Eles não choram depois, eles choram antes para que a pessoa parta, sabendo que... o quanto ele é amado. E a gente foi para o rio chorar, esperar a agonia lenta, nociva de uma lama, de uma tragédia*

anunciada. E o que mais me tocou foi o choro dos idosos, porque eles não têm o estudo que a gente tem, muitos deles não sabem ler, nem escrever, mas eles sabiam que ali, eles estavam vendo o fim de um gigante. Que eles iriam morrer e não iam ver mais o rio como ele era antes, sabe?" (Luciana Souza Oliveira, 38 anos).

O desastre foi vivenciado de maneira dolorosa pelas comunidades que assistiram a lama chegar. O corpo do rio foi velado como um parente cuja vida foi ceifada. Comovidas, as pessoas que se entendiam a partir da própria existência do rio Doce sentiram a avalanche da lama no interior delas mesmas. Porém, como o rio de fato não pôde ser enterrado para que o luto fosse vivido com plenitude, e as identidades também não se desconstroem automaticamente, as pessoas seguiram suas vidas, dando sentido às transformações a partir das suas visões de mundo. *"Eu... eu tenho essa relação intrínseca, sensorial e alógica, espiritual, acho que todo povo da água, todo mundo que é da água (...). Então todo mundo que se classifica como ribeirinho, como pescador, como morador da calha do Doce é uma relação de amor e de gratidão pelo rio. O rio é uma*

extensão de cada um de nós, lutar pelo rio, é lutar todo dia pela nossa existência, é lutar pelo direito de ser quem nós somos, de não deixar que isso nos torne indiferentes do que...indiferentes do que está acontecendo ali sabe?" (idem)

Para alguns a tragédia trouxe desesperança, para outros o desafio de batalhar contra o próprio sentimento de desânimo, reafirmando identidades e os modos de vida. Se os peixes não podem mais ser pescados e banhar-se também passou a ser impedido, como seguir vivendo? Quais atividades e reinvenções permitem que as pessoas sigam a vida? Em nossas conversas com as populações locais, nativas, que vivem e subsistem dos cursos hídricos, que cresceram e se percebem como gente das águas, foi inevitável ver os olhos marejarem e algumas lágrimas escorreram. Sentimentos profundos que palavras não traduzem, desabafos de emoções guardadas que jorram quando encontram escutas e acolhimento.

Mesmo para aquelas pessoas que não possuem uma relação direta com o rio Doce, o desastre da lama é um acontecimento que se tornou de conhecimento geral. Nesse

caso, a vila de Regência por estar na foz do rio Doce, talvez tenha sido de toda a região litorânea um dos lugares em que os moradores e as pessoas que frequentavam a localidade mais sentiram os abalos e dores: *"O dia que eu cheguei lá em Regência, que eu vi Regência, eu sai de lá triste, eu vi sangue nos olhos do rio. Isso para nós foi um choque e ele vai, como eu te falei, na esperança de melhorar, mas, a gente consegue ver, a nossa natureza chorando. Eu vejo isso e eu me entristeço quando eu falo da natureza, fico muito triste de ver isso tudo que está acontecendo"* (Hildete Jorge Caliman, 54 anos).

Para os afetados diretamente, o evento mudou rotinas e trouxe à tona sentimentos de perda, desalento e tristeza. *"Não tem mais, nós só olha lá, pra lá, e só vê tristeza. Porque de lá nós tinha o nosso sustento. Nós tinha o siri, nós tinha o camarão. Nós selecionava o que nós queria comer. Nós tinha uma vida digna. (...) Agora hoje a nossa vida acabou. Se nós falar assim "eu quero comer um robalo", não tenho dinheiro pra comprar o robalo, porque é um peixe caro. (...) Então, o rio pra nós aqui acabou. Então morreu. Nós olha e só vê tristeza. (...) E meu bote tá ali ainda, olha, tá lá*

estragando meu bote. Tá ali dentro meu bote, minhas redes, tudo aqui. Tudo parado. (...) E a Renova já paga nós pra poder nós não comer nada do rio. Então a gente não vai lá pegar nada pra comer.” (Maria da Conceição dos Santos, 74 anos).

O alto nível de antropização dos recursos hídricos do território do Doce impacta diretamente as coletividades – indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pescadores, marisqueiros – que constituem suas identidades na interação com esses recursos naturais. Para tais grupos humanos, as histórias da própria vida são narradas através das paisagens (que ainda estão ou que já se transformaram) e as lembranças dos parentes, das partilhas e dos aprendizados, reverenciadas nesse campo de constelação de ambientes e gentes. *“Porque são coisas que são vitais pra gente, quem vive sem água? Quem vive né, sem o peixe de lá, tudo que eles trazem de lá. As pessoas que vivem diretamente daquilo ali também sofrem muito, eu digo nem só ali o impacto financeiro né? Porque o psicológico das pessoas também né?”* (Rui Barbosa, 43 anos).

Com a chegada da lama, a contaminação ocorreu não apenas no rio Doce, no mar, como também em outros rios. Os nativos das localidades atingidas sentem que perderam uma boa parte daquilo que lhes permitia o desfrute sensorial com as águas. *“Ahh, isso aí eu prefiro nem falar, é de tristeza. De saber que hoje nós não temos mais o nosso rio, que antigamente a gente podia tomar banho no rio, poderia pescar, levar o neto, hoje o rio está morto, infelizmente. Ao falar do rio é a coisa pior que tem (...). O rio é... nosso rio era... quem ama o lugar, que sabe o que aquele rio representa para nós é triste falar, ver nosso rio morto, infelizmente por pura irresponsabilidade do homem, mas infelizmente na realidade nós temos que aprender a conviver com ela e eu acho que o nosso rio nós não vamos ter”* (Evânia do Rosário Conceição, 30 anos).

3.5.2. Fincar raízes ou romper raízes: dinâmicas territoriais entre paisagens

Se na foz do rio Doce e no Litoral Capixaba, atualmente, um dos conflitos ambientais mais eminentes é o rompimento da barragem do Fundão, em outros períodos ocorreram situações adversas que também impactaram esses grupos sociais e que mobilizaram inclusive ações de transformação das dinâmicas das paisagens, como no caso do reconhecimento e identificação das terras indígenas em Aracruz, das terras quilombolas em Conceição da Barra ou mesmo da criação de Unidades de Conservação. No caso da identificação dos territórios tradicionalmente ocupados pelos povos indígenas em Aracruz, a conquista foi resultado dos conflitos estabelecidos com empreendimentos voltados para a produção de celulose: *"(...) nas últimas décadas não sei quando que foi isso, mas assim, desde a implantação da Aracruz Celulose, ele tem a retomada de pelo menos um pouco da terra que era tudo indígena aqui da região né, e era Tupiniquins principalmente, Guaranis vieram depois e assim na última década eles conseguiram (...)".* (Andreas

Jose Hamer Boss, 56 anos). Igualmente, na porção norte do rio Doce, o reconhecimento dos territórios quilombolas resulta da mobilização dessas comunidades e seus aliados: *"(...) porque nós estamos lutando pelo nosso direito, nós estamos tomando o que é nosso, nós estamos lutando, nós temos... Lá na Constituinte tem uma lei hoje que nós estamos querendo o nosso... o que é nosso nós estamos querendo pegar de volta"* (Mauro Sérgio dos Santos, 60 anos).

As Vidas Indígenas, assim como as Vidas Quilombolas, despertam sentimentos de enraizamento, de pertença, de origem. Isso ocorre não somente para aquelas pessoas que de fato se reconhecem como membros desses grupos, como para outras pessoas que, por viverem em áreas próximas aos territórios quilombolas ou às terras indígenas também identificam aproximações com esses modos socioculturais. A fala de Luciana Souza Oliveira explicita essa compreensão: *"Mas se você é de Regência, se você é nativo, se você é ribeirinho, se você está na calha do Doce, você tem no seu sangue... um, sabe? Um chamado dos povos primitivos, dos negros que fugiam da senzala. Você tem os índios que não*

se dobraram a esse julgo, essas duas raças né, tão diferentes, mas tão iguais. A sede de se valorizar tanto quanto povo, quanto raça, quanto costume e isso se reflete na batida do tambor do Congo. Então você não tem como não se arrepiar.”

Outras paisagens atreladas fortemente à categoria de sensibilidades raízes foram as Vidas nos Rios e as Vilas. Em relação à primeira, espera-se que o percorrido até aqui tenha ilustrado suficientemente as raízes que sustentam as Vidas nos Rios, os sentimentos de origem, pertença, identificação. Já nas Vilas, as entrevistas apontaram para as origens históricas das localidades, as dinâmicas de ocupação e territorialidades dos colonizadores, indígenas e afrodescendentes, os modos de subsistência, as expressões culturais repassadas entre gerações, como é o caso do Congo, as manifestações religiosas e festivas e, ainda, os vínculos de parentesco com aqueles vistos como os primeiros moradores. *“A minha família é todinha daqui, nós nascemos aqui, fomos criados aqui e... aqui assim, esse patrimônio aqui, tudo baseado em peixe, peixe e também tem a lavoura”*. (Diana Campista, 43 anos).

As raízes se contrapõem ao desenraizamento, são vetores opostos presentes em paisagens que acabam sendo associadas por motivos diversos. Nesse jogo de forças e intenções que vão expondo interesses diferentes no mosaico das paisagens, observa-se que ocorreu em diferentes momentos a instalação de paisagens que afetaram os elos de identificação das pessoas com determinados lugares. Como exemplos se encontram as paisagens de Eucalipto e Indústrias, cada qual, respectivamente, apresentando um nível de antropização: forte e muito forte. Nas narrativas, essas tipologias concentram sentimentos atrelados à categoria dos conflitos. Especialmente sobre a tipologia Eucalipto, os entrevistados associaram a monocultura com a descaracterização das florestas nativas, um projeto que na região de Aracruz tem sido implantado desde os anos 1970. *“Árvore, o problema dos animais, acabaram tudo, hoje é só mesmo o eucalipto, infelizmente a região toda é de eucalipto, os pequenos proprietários não existem mais. Então o pessoal cuidava da lavoura, dava uma vida, hoje não existe mais é eucalipto, eucalipto, eucalipto e só”* (Silvano Ramos, 84 anos). A fala repetitiva de Silvano destaca a

paisagem das árvores de eucalipto, enfileiradas uma ao lado da outra elas compõem grandes extensões territoriais e trazem um sentimento de monotonia e perda em relação à biodiversidade anteriormente conhecida e também às formas de relacionar-se com o ambiente. A paisagem Eucalipto passou a ser instalada como um projeto econômico atrelado à indústria de celulose. *"Eu acho que apesar de todos, floresta de eucalipto para a gente é negativo. É bom para o lado... para o lado econômico é bom, mas para o lado de paisagem nativa, você ter um passeio nativo, igual a nossas trilhas né, onde é natural, aqui nós não temos muito isso"* (Silvano Ramos, 84 anos).

As Indústrias, por sua vez, instaladas em áreas próximas de pequenas comunidades, como é o caso do polo industrial de Aracruz junto a Barra do Riacho, trazem uma série de transformações ambientais e contrastes sociais, de ritmos e necessidades. *"Ah, eu vejo como incerto, né? Eu vejo vários avanços de forma mais desordenada e industrializada e assim, por outro lado tem associações e tal, mas tudo acontece com uma velocidade muito menor, não consegue acompanhar esse desenvolvimento econômico que*

coloca em risco né? A sustentabilidade da natureza". (Breno Barroso Boos, 30 anos). Tais contrastes espelham as inclusões e exclusões operadas pelo modelo econômico vigente nas Indústrias, o que gera desafetos, revolta, incômodos. *"E a comunidade fica revoltada tá? Fica muito revoltada. Tanta empresa e tanta gente desempregada na Barra do Riacho, o pessoal só vem de fora trabalhar. Complicado isso daí. Então eu não vejo muita coisa boa não. Não vejo. Estou sendo sincera a você. Ainda bem que meu filho foi para fora daqui, senão..."* (Elenir Ribeiro Rodrigues, 61 anos).

3.5.3. Patrimônios: riquezas do território do Doce

Historicamente compreendido como herança, uma forma de compreender a noção de patrimônio é a partir daquilo para o qual se concede valor e deseja-se deixar de legado para as futuras gerações. Na análise da paisagem do território do Doce, a paisagem Patrimônios esteve diretamente associada às relações simbólicas e icônicas,

bem como àquelas de profundo afeto, sendo uma paisagem privilegiada para se compreender os elos temporais estabelecidos entre as pessoas e as paisagens.

A partir da importância dada aos recursos naturais, é interessante pensar que para alguns membros das pequenas comunidades espalhadas por esse território, o meio ambiente é um patrimônio, que vai além do entendimento sobre as áreas naturais de conservação protegidas legalmente. Retomando a ideia de que os afetos e a intimidade estabelecida com os elementos do espaço habitado apontam para relações tão viscerais que se tornam espécies de vínculos parentais, esses patrimônios, como já demonstrado, abarcam os rios, as matas, as lagoas, praias, espaços das vilas e das cidades.

Por outro lado, como patrimônio tem-se também os elementos icônicos que representam determinada localidade, e que nesses casos se ampliam para além dos rios, das matas, das lagoas. É assim, por exemplo, que se mostra o farol de Conceição da Barra, reconhecido e valorizado pela história que conta através de si mesmo. "O

farol fez parte até da história como se fosse um membro da minha família. Nós moramos ali perto, eu fui para ali com quatro anos de idade, para perto do farol e fazia parte da nossa família. Nós fazíamos fotos de várias épocas mostrando as mudanças que ocorreram na paisagem através do farol. O farol com cerquinha de madeira, o farol com um muro, que a capitania dos portos mandou construir e a estradinha do farol em frente ao farol que interligava a Bugia, uma estradinha de areia de barro, aí depois nós temos a erosão chegando, destruindo, o farol sendo retirado né? Com guindaste para ser é... instalado na pracinha do cais. Então, para mim acho que é muito importante essa parte, essa área de Conceição da Barra, o farol" (Salomão da Silva, 54 anos).

Os faróis são materialidades que para as comunidades litorâneas as colocam em rotas de sinalização. Marcam a vida de quem está em terra firme ou dos marinheiros e pescadores que cruzam os mares. Especialmente para esses últimos, os faróis são uma espécie de "luz no fim do túnel", simbolizam a certeza de um porto seguro, um local de descanso, o reencontro com os entes queridos.

De igual maneira, as igrejas e praças também acionam sentimentos afetivos e se somam às paisagens naturais, sendo espaços privilegiados para o estabelecimento das redes de sociabilidades. É interessante notar que as paisagens são construídas historicamente, e nesse ínterim, as pessoas se constroem nos atravessamentos das paisagens. Em conversa com o folclorista Teodorico Boa Morte (69 anos), ele indica justamente que as imagens associadas à região onde vive, o município de Serra, congregam tanto figuras históricas, patrimônios arquitetônicos, quanto as paisagens nativas: *"Tem três imagens na minha mente, primeiro é o Mestre Álvaro que é um histórico, segundo aqui essa igreja maravilhosa, as praias e no estado, eu tenho o convento da Penha, que é conhecido mundialmente. São as imagens, mas nós temos essa região aqui toda encantada. Nós temos a região do distrito de Queimados que é linda, onde mora muito negro, então isso tudo faz parte dessa imagem. E do povo, né também, que tem uma vontade de fazer algo de bom"*. Aqui, se mostra evidente o caráter das paisagens em articulação com os vetores tempo, espaço e pessoas. Talvez,

seja esse, inclusive, um dos melhores exemplos para compreender as paisagens para além daquilo que se vê, mas especialmente e essencialmente, como composição daquilo que está impregnado no movimento, na estrutura e na alma local. Se faz necessário assim, compreender as paisagens desse território com a carga visceral que preenche seus habitantes.

3.6 Paisagens, pessoas, vivências e olhares

Nos textos anteriores, foram apresentadas as tipologias paisagísticas do território do rio Doce, as relações existentes entre essas tipologias, as pessoas entrevistadas e os sentimentos associados a essas paisagens. A partir dessas análises foi demonstrado que as pessoas estabelecem relações múltiplas e diversificadas com as paisagens – que vão desde os usos econômicos, sociais e utilitários – e que essas relações são permeadas por sentimentos – positivos e negativos – assim como pela

consciência – forte ou fraca – das mudanças, da passagem do tempo e das disputas que contribuem para a constituição das paisagens no território do rio Doce. A relação entre pessoas e paisagens é também permeada pelas histórias de cada indivíduo, que dão sentido e significado às paisagens e as próprias relações que são estabelecidas.

Essa trama complexa e dinâmica composta por todos esses vetores – tempo, vivências individuais e coletivas, sentimentos, experiências, tradição, meios de vida, dentre outros – é mobilizada quando as pessoas fazem suas próprias considerações sobre a constituição das paisagens. Nessas considerações, muitas vezes subjetividade e objetividade se misturam, sentimentos se sobrepõem à racionalização, ou vice-versa. Dito isso, interessa aqui abordar as questões que mais afloraram na percepção das pessoas sobre as paisagens do rio Doce, identificando as relações (similitude, diferença, reforço, negação) entre essas percepções e os dados extraídos durante o Pré-inventário da Análise da Paisagem, bem como somando aquilo que foi observado pelos técnicos durante os trabalhos de campo desenvolvidos no Litoral Capixaba.

3.6.1. A relação com a presença e ausência da água

As paisagens do rio Doce no Litoral Capixaba são marcadas pela presença ou ausência da água. Águas doces, salgadas, internas e contidas influenciaram ou influenciam diretamente a configuração dessas paisagens. A presença ou ausência de água, desde tempos antigos, é que determina como os humanos se apropriam do espaço e dele fazem uso. A presença das águas nas paisagens serve para gerar vidas, modificar os usos da terra, movimentar sentimentos, provocar disputas turbulentas, nutrir raízes, esculpir e reafirmar identidades. Razões pelas quais as águas também se apresentam em várias representações sobre o território do Rio Doce. Na área do Litoral Capixaba as paisagens que envolvem a presença da água, como Vidas nos Rios, Vidas nos Mares e Praias estão entre as sete (7) paisagens mais reconhecidas pelos entrevistados, sendo Vidas nos Rios a primeira delas, conforme os dados apresentados no Gráfico 1 (Paisagens citadas pelas pessoas entrevistadas).

Em vista disso, a relação entre pessoas e paisagens que sobressai na área do Litoral Capixaba é também o modo como essas pessoas percebem a presença da água. Assim, além da referência às diversas vidas que estão conectadas pelo uso das águas, dos sentimentos e das disputas que dela emergem, esteve muito presente nas falas dos entrevistados uma forte percepção de que a oferta da água diminuiu drasticamente, e que a água estaria se esgotando. Muitas pessoas relatam que em períodos passados de suas vidas esse recurso era abundante e no tempo presente se assiste a uma progressiva degradação, seguida de escassez de água em várias localidades. *"A água chega aqui, agora não tem mais água limpa em lugar nenhum, nós não temos mais água limpa, acabou né esse negócio, não é em Itaúnas, mas em lugar nenhum não tem água limpa, só onde a água nasce. Aqui nós temos uma água de agrotóxico né? Completamente eucalipto, cana, gado, fruticultura, temos esgoto (...)"* (Márcia Lederman, 50 anos). A consciência da falta de água aparece, em algumas falas, aliada a percepção dos elementos que contribuem ou contribuíram para a degradação e escassez desse recurso. Essa percepção está

ancorada nas experiências dessas pessoas, em vários níveis: individual, coletivo, afetivo, ativo ou passivo, conforme será abordado adiante.

Em muitas falas essa percepção foi associada diretamente ao rompimento da barragem de Fundão em 2015 e à lama de rejeitos minerários que foi depositada no leito do rio Doce. Esse fato, que se configura como um marco temporal importante na relação das pessoas com as paisagens do território do rio Doce, teria gerado uma grande insegurança em relação à qualidade da água disponível não apenas no Doce, mas no Oceano Atlântico, a partir da foz do rio, e também nos diversos rios e manguezais interligados e componentes dessas paisagens. No município de Serra, por exemplo, uma entrevistada relatou a percepção desse impacto: *"Então, o rio Doce, por isso que eu te falo, a contaminação começou nele, vindo pra cá para o nosso mar né? E quando, por isso que quando entra água aqui, a água contaminada do rio Doce vem para o mar contaminando até as lagoas também, aqui nas beiradas do rio também"* (Maria de Lourdes, 59 anos).

Alguns entrevistados percebem o rompimento da Barragem de Fundão como um marco desse histórico de escassez e degradação das águas no Litoral Capixaba. No entanto, essa percepção se desenvolve em vários recortes temporais, não somente no pós 2015. Muitas pessoas conseguem articular a falta de água a outras temporalidades e fatos relacionados ao processo histórico de configuração das diversas paisagens que formam o território do rio Doce, associando-as às disputas pela permanência de várias outras paisagens nesse território.

Desse modo, quando se faz essa viagem no tempo para além do evento ocorrido no ano de 2015 registra-se, subindo o rio Doce em direção ao Norte e à divisa com a Bahia, as falas que enfatizam o impulso governamental nas décadas de 1960 e 1970 para a realização de obras de infraestrutura visando ocupar e liberar terras para outras atividades econômicas; a instalação de complexos industriais nesse território; a conversão do uso do solo em monocultura de eucalipto; a drenagem do Vale do Suruaca e; e ao Sul, em Aracruz, Fundão e Serra, aparecem menções aos empreendimentos industriais e portuários junto a um

grande processo de urbanização da região. *"Que era a fábrica de Aracruz Celulose, a primeira fábrica de celulose. Não existia a Ivoni aqui, só existia a Fábrica de celulose e a Portocel. Foi construída na década de 70. E a Aracruz Celulose não usava totalmente a bacia do rio Riacho. Ela só tinha uma barragem, uma comporta ali, e uma barragem principal. Então tinham vários córregos que ainda não estavam sob o controle dela. Com a fábrica B, no final da década de 80, eles fizeram essa barragem. A segunda barragem. E isso, cada vez mais, foi o rio... Nosso rio foi perdendo a sua força de água?"* (Herval Nogueira Júnior, 57 anos).

Quando se volta o olhar apenas para o rio Doce, desconsiderando uma visada ampla que contemple as paisagens a ele interligadas na área do Litoral Capixaba, verifica-se a mesma dinâmica de percepção da questão hídrica. O rompimento da barragem de Fundão é percebido como um marco, mas os acontecimentos de outras temporalidades também são reconhecidos pelos entrevistados como potenciais causadores da degradação e diminuição das águas. *"(...) Então o rio vinha... o processo*

de desenvolvimento histórico de toda a (calha) do Rio Doce, então a mineração do ouro, a ocupação urbana, depois a mineração do minério de ferro lá em Minas que foi degradando, então, desflorestamento das margens, seja para assentamento humano, seja para pastagens, seja para a produção de cacau, seja para qualquer outra atividade, seja para a mineração e começou o minério de ferro e aí então teve todo esse processo, a industrialização ao longo do Rio Doce, café, gado, então, principalmente essa degradação, se deu todo esse processo, mas o que mais promoveu degradação foi a mineração, e a mineração então do ferro, quadrilátero ferrífero lá de Minas... perigoso então, você vê as indústrias que tem tudo, então..." (Carlos Sangália, 53 anos). Nessa fala, por exemplo, o entrevistado relaciona os processos históricos de várias paisagens que participaram desse processo de degradação do rio: Matas, Terras Altas (mineração), Cidades, Indústrias, Café, Pastagens e Cacau.

A monocultura do Eucalipto, que se firmou como paisagem dominante na área do Litoral Capixaba desde a década de 1970, esteve muito associada à escassez e à

degradação dos recursos hídricos da região. A percepção geral por parte dos entrevistados é que a monocultura do eucalipto seria um grande "secador" de águas. "Os eucaliptos que secaram aqui os córregos nossos aqui, todinhos. Que quando não tinha eucalipto aqui, era água que você podia andar, (e ver) um tanto de córrego. Podia até tomar banho, água boa, água limpa. Agora secou tudo. Agora a água que tem no córrego não presta, não dá nem para tomar banho. Não presta, uma água feia" (Mauro César dos Santos, 60 anos). Os mais afetados teriam sido as Vidas nos Rios, as Vidas Quilombolas e as Vidas Indígenas, que se associam em uma dinâmica temporal e relações conflituosas com o Eucalipto.

Essa questão é complexa e suscita discussões. Por um lado, existe a percepção das pessoas que vivem nas paisagens transformadas em monocultura de eucalipto que necessitam da água para sobreviver, mas do outro lado existem os dados apresentados pelas empresas responsáveis pelos cultivos informando que a transformação das paisagens em paisagem de eucalipto não interfere na segurança hídrica das suas regiões.

Outros fatores não diretamente ligados às interferências antrópicas e temporalidades distintas também foram percebidos como elementos desse cenário de escassez de água. A salinização das águas, provocada pelo avanço do mar em direção aos leitos dos rios nos períodos de maré alta, especialmente durante as estações secas, é sentida pelos entrevistados como possível causador de escassez e degradação das águas doces. Nas paisagens de Vidas nos Rios e Vidas nos Mangues, Cidades e Vilas de São Mateus, esse aspecto foi bastante mencionado: *"O nosso futuro também é onde foi acabado também foi através dessa água salgada aí, porque entra água salgada por dois lados, por Barra Nova, que fica a dois quilômetros daqui e Conceição da Barra que está a trinta. Esse rio aqui vaza em Conceição da Barra, esse rio aqui [rio São Mateus]"* (Mateus José Cairu, 52 anos). A salinização, além de afetar a captação de água potável em Cidades e Vilas localizadas no litoral, afeta drasticamente a biodiversidade dos rios e, conseqüentemente, a fonte de renda dos pescadores e marisqueiros.

Os efeitos das mudanças climáticas também estão presentes nas percepções da escassez de água no Litoral Capixaba. Períodos longos de seca afetaram sensivelmente o relacionamento dessas paisagens com a água, fato que ficou gravado nas memórias das pessoas: *"(...) Não tem mais nada disso tem e não tem mais chuva, as chuvas acontecem assim igual a gente vê aí esse desastre climático, porque chuva no ano de dois mil e dezesseis, que eu morei aqui, talvez choveu quatro dias, nunca vi o que eu vi aqui, a seca em dois mil e dezesseis ela estava assim no auge do extremo, voltou a chover em dois mil e dezoito aqui em Itaúnas, mas mesmo assim os caras estão fazendo retomada para fazer roça, eu falava "gente com que água vocês vão fazer roça, com que água? Vai chover Márcia espera, vai chover" eles falavam um dia vai chover de novo, abrindo poço, se virando do jeito que dava acreditando nesse negócio de que a pessoa que tem essa cultura assim com o lugar né? Sei lá acho que aprendeu assim"* (Márcia Lederman, 50 anos). Nessa fala, percebem-se os aspectos negativos que os períodos de seca promovem nas paisagens: nesse caso a escassez de chuvas ficou como um

marco indelével de uma memória das dificuldades vivenciadas por quem sofreu com a falta de água. Mas nota-se o caráter resiliente das vidas que estão sempre se adaptando às adversidades e confiando no poder de restauração da natureza.

Desse modo, é possível concluir que essa percepção é pragmática na vida das pessoas. Alguns indivíduos conseguem perceber isso de modo prático no seu dia a dia, em suas lutas e dificuldades, nos arranjos para conseguir água para desenvolver suas atividades econômicas, de subsistência ou para continuar desenvolvendo atividades tradicionais, como a pesca. Algumas pessoas de perfil mais ativo, mais engajadas nas causas sociais e no conhecimento das comunidades, conseguem relacionar a mudança na qualidade e disponibilidade desse recurso com eventos de uma conjuntura maior, eventos de caráter histórico de configuração desse espaço, e conseguem fazer as relações entre os conflitos, as imposições e as relações de poder estabelecidas. Essa percepção também aparece num nível mais sensível e afetivo das pessoas, em suas memórias de uma infância em que esse recurso era farto e o acesso a ele

era fácil. É importante ressaltar que todos esses “níveis” de percepção estão em constante diálogo na vida dessas pessoas, especialmente em uma dinâmica de temporalidade.

Essa “queixa” constante e real na percepção dos entrevistados provoca o interesse em compreender os motivos dessa escassez de água em uma área que apresenta um histórico de abundância de recursos hídricos. Durante o Pré-inventário foi identificada a presença de mais de 20 rios no Litoral Capixaba, afluentes do rio Doce ou que desaguam no Oceano Atlântico. Para tentar compreender essa questão, o Pré-Inventário realizou uma análise comparativa dos usos do solo da área do Litoral Capixaba no período abarcado pelo estudo da Análise da Paisagem, ou seja, entre os anos de 1985 e 2018. Em 1985, os usos que ocupavam a maior área eram as Florestas Plantadas e as Pastagens nas duas margens do rio Doce. Já em 2018, além dos usos já citados, houve um aumento significativo das áreas ocupadas por Agricultura irrigada e Infraestrutura Urbana, sobretudo ao Norte do rio Doce. Realizando um cruzamento entre esses usos do solo e as tipologias paisagísticas mencionadas nas falas que se relacionam à percepção da diminuição ou

degradação dos recursos hídricos, é possível observar que a maioria delas são paisagens domesticadas com nível de artificialização forte ou mesmo muito forte, tais quais o Café, Cultivos Agrícolas e Florestais, Eucalipto, Pastagens, Vilas, Indústrias e Cidades, além do Cacau, considerado de baixo nível de artificialização. Os processos de configuração dessas paisagens estão ligados a formas de uso do solo que, de fato, interferem no uso e na disponibilidade da água, o que corrobora com a percepção das pessoas de que há uma diminuição de quantidade e qualidade de recursos hídricos no Litoral Capixaba.

3.6.2. A relação entre paisagens e os efeitos das ações humanas ao longo do tempo

A temporalidade é uma questão fundamental para se compreender a situação das paisagens do território do rio Doce no presente. Sabe-se que além do efeito da passagem do tempo e da ação de forças naturais, a atuação antrópica ao longo da história provocou alterações nas paisagens,

sobretudo em relação à qualidade e disponibilidade dos recursos naturais. Conforme já apresentado, a relação entre as paisagens do rio Doce com a percepção da escassez e degradação dos recursos hídricos se destaca. Mas outros aspectos da interferência de ações antrópicas, como a supressão das matas nativas, a imposição de alguns usos do solo, processos como a industrialização e a urbanização também são percebidos pelos entrevistados como parte desse conjunto de elementos que alteram as características das paisagens.

Ao Norte do rio Doce, especificamente nos municípios de São Mateus e Conceição da Barra, um dos processos identificados foi a erosão marítima, que provocou alterações nas paisagens de Vida nos Mares, Vida nos Mangues, Vidas nos Rios e Cidades. *"A cidade em questão do turismo igual teve uma época que o mar começou a destruir, destruiu até um local que era de pesca, era tipo uma vila de pescadores chamada Bugia e acabou. Também era outra área que abrigava mais de oitocentos pescadores, família de pescadores, voltando todo mundo em família né? E que essa destruição do mar, acabou afetando também a*

cidade, afetou o movimento, era um local de pescadores que gerava também uma... né, gerava emprego, gerava a pesca, o comércio era mais aquecido. Então com essa destruição a cidade ficou abandonada uma época” (Fábio da Silva Clarindo, 44 anos). A destruição do Bairro da Bugia, que era uma vila de pescadores à beira mar, foi tão marcante do ponto de vista social e da memória coletiva que a praia da Bugia aparece em várias representações, mostrando o ressentimento que o desaparecimento dessa paisagem provocou nos barrenses. “Há trinta anos atrás nos tínhamos essa paisagem, essa praia, é... para ter acesso a Bugia era uma estradinha de chão que existia. A Bugia era uma vila de pescadores, ali as pessoas iam a Bugia para visitar e para comprar peixe e camarão. Havia muitas peixarias. Aquela comunidade ali vivia, era uma comunidade que já existia ali né? Há mais de cinquenta anos, aquele povo que vivia junto, tinha sua igreja, onde ainda existe a igreja de Nossa Senhora dos Navegantes e as pessoas frequentavam ali, havia festa de São Pedro na Bugia que era muito animada, tudo isso foi se acabando com a erosão. E as pessoas foram

realocadas para outros bairros né? (Salomão da Silva, 54 anos).

Conceição da Barra, de acordo com os entrevistados, teve alterações em suas paisagens de Cidades, Vidas nos Rios e Vidas nos Mangues por outras ações antrópicas: “Essa erosão também foi devida aí à agressão do homem à natureza, teve um prefeito aí que construiu um bairro, aterrou um mangue para construir um bairro, e o meu pai conta que foram fechadas muitas bocas de rio que existiu né? Por dentro da cidade mesmo hoje onde é o estádio havia uma ponta do rio então a água foi, foram, vedando esses rios e...” (Salomão da Silva, 54 anos). Vidas nos Rios, Vidas Quilombolas, Eucalipto, Pastagens e Indústrias também são paisagens que participam desse processo histórico de degradação dos recursos naturais em Conceição da Barra. “Assim pensando nessa região no baixo Rio Itaúnas, por exemplo, nós temos o rio Angelim, que é o último tributário que é bem importante onde estão os Quilombolas. Esse rio, por exemplo, está super comprometido, rio que recebeu descargas a vida toda do processo de cana-de-açúcar, das destilarias, também do eucalipto e outros, gado, então eu

recuperaria e trabalharia na lógica de recursos hídricos que eu acho que é vital para garantir vida em algum lugar, tiver água dá para o negócio se restabelecer. Agora sem a água doce nós não vamos conseguir (...)" (Márcia Lederman, 50 anos).

Em São Mateus, assim como em outras localidades, os entrevistados identificaram uma histórica supressão das originárias paisagens de Matas para dar origem a outras paisagens, como Roças e Comunidades Rurais, Pastagens e Eucalipto. *"Oh, o meu esposo trabalhou muito, muito mesmo. Foi aquele tempo em que ele puxava de um lado e eu puxava de outro, foi a maior dificuldade. Mas depois tem aquele tempo que ninguém ligava, foram tirando aquelas toras, aquelas madeiras, estacas, e foi ajudando. E isso foi, como diz o ditado, foi acabando com a natureza. Sei que não só nós, né? Todo mundo na mesma onda"* (Maria Glicéria, 81 anos). As Vidas nos Rios também foram percebidas como locais alterados pela supressão das Matas. *"(...) esse rio não era assim, acabado como é hoje. Essa beirada de rio aqui [rio São Mateus] era formada com muitas árvores bonitas e isso aí acabou tudo. O homem... Os fazendeiros chegaram,*

trouxeram máquinas, cortaram, construiu. Hoje estão pagando aí..." (Mateus José Cairu, 52 anos).

Além da supressão das Matas, a drenagem de rios e o consequente desaparecimento da paisagem Alagáveis também foi percebido ao Norte do rio Doce: *"Porque a água vai acabando, vai acabando, vai acabando, vai acabando e o que prejudicou mais aqui, Barra Nova foi essa vala que os fazendeiros fizeram lá em Berdoega. Aquelas dragonas, você vê aquelas valas grandes, naquela época tinha muita água, pântano, eles queriam plantar pasto, aí faziam aquelas valonas que parece um rio, aí fazia aqueles braços de vala. Eu trabalhei muito nisso"* (Ivan Monteiro, 66 anos).

Em Linhares a supressão das Matas e o seu impacto na natureza, especialmente na disponibilidade das águas e nas Vidas nos Rios, também foi percebida pelos entrevistados: *"A imagem que vem na minha cabeça, sabe o quê que é? Que eu conheci isso tudo em mata, mas mata mesmo. Isso aqui era uns pântanos, era... Dava muito peixe ali da lagoa né? Aí a gente vinha aqui pegar peixe, pegava de peneira, enchia um saco para levar embora... E a*

natureza que era pura mata, o povo entrou e foi devastando tudo né?” (Adirson Gomes da Silva, 72 anos). “É... por exemplo, a paisagem da minha infância, ela não existe mais. Eu lembro que quando eu era criança, Regência, antes de sair e chegar de Regência para Linhares, tinha árvores, florestas, as vezes o ônibus tinha que parar porque tinha animal atravessando. A gente ia de casaco de frio porque era tanta floresta que fazia frio né?” (Luciana de Souza Oliveira, 38 anos).

As Lagoas de Linhares também foram percebidas como locais altamente impactados pelas ações antrópicas. Lançamento de efluentes e exploração econômica das Lagoas estão entre alguns fatores que vem causando sua degradação: *“Então essas lagoas, por exemplo, a criação de peixe de tanque de rede, isso aí tem que ser muito bem pensado, muito bem estudado porque se for feito acima da capacidade de suporte da lagoa a gente tem um comprometimento da lagoa, das propriedades da lagoa e isso é muito triste porque eu conheço essas lagoas né, desde quando eu nasci, eu sou daqui e a gente chegava a beber água direto dessas lagoas sem nenhum tratamento né e sem*

problema algum. Hoje a gente não faz isso, porque a gente vê que a qualidade está bem comprometida né, então...isso é muito triste, porque essas lagoas são lindas, são únicas (...)” (Elber Tesch, 37 anos).

Ao Sul do rio Doce, região da área de estudo onde os usos do solo predominantes são as Florestas Plantadas, as Pastagens, a Agricultura e a Infraestrutura Urbana, as mudanças nas características das paisagens são sentidas com muita tristeza. Na maioria das vezes esse sentimento vem ao encontro da percepção de que essas paisagens foram alteradas devido ao processo de urbanização e industrialização da área. Na fala de Hildete Caliman, moradora de Barra do Riacho, município de Aracruz, nota-se como o processo de implantação de paisagens como Indústrias e Represas alteraram as paisagens de Vidas nos Mares e Vidas nos Rios: *“Uma das mais chocantes que a gente vê, é quando eles fazem... Engraçado, o esgoto, ele veio tomando conta, dos nossos rios... E esses dias atrás, eu fui lá no final das Conchinhas, onde que esgota o esgoto da Suzano e a gente vê assim que fica muito bonito, as pedras, os esgotos tudo fechadinho. Mas, ali é um lugar terrível. Um*

lugar que você vê e você chora, porque você vê que está tudo praticamente acabado. E também tem hoje aqui, é que, as pessoas chamam de Lagoa Azul, barragem. As pessoas acham lindo a barragem, o povo chora, porque aquilo ali é um descaso. Mas, o pior de tudo são as represas. É comporta... É comporta que fala?... É... O pior de tudo é isso aí, porque eles fecham o nosso rio... Aí, você não pode passar” (Hildete Caliman, 54 anos).

No mesmo município, o Sr. Silvano Ramos relembra o processo de substituição das Matas para o plantio do Eucalipto e implantação das Indústria de Celulose: *“Não tinha mata mais, já tinha acabado, há quarenta e poucos não tinha mata mais aqui, aqui onde que é o bairro, aqui em cima era tudo limpo, já não tinha mais mata virgem, já estava limpando para fazer o plantio do eucalipto. Que o eucalipto começou a plantar aqui acho que foi em setenta e cinco...setenta e seis. Em setenta eles já estavam cortando as matas para construir a indústria né? A indústria de*

celulose, mas, de setenta para cá começou a desmatar para plantar eucalipto né, então já não tinha nada, já estava mais ou menos para plantar. Mas antes dessa data era mata pura entendeu?” (Silvano Ramos, 84 anos).

Nas áreas urbanas, como o município de Serra em que o território já é quase 100% urbanizado³, os entrevistados indicaram a diminuição das áreas naturais, como Matas, rios e Lagoas: *“Era bem mais rural, aqui também era mais rural. Tinha muitas florestas ainda né? Não é floresta densa, mas capoeira, tinha nascente, tinha rios lindos, era assim a trinta, quarenta anos atrás, isso hoje você não vê mais. Nós até temos aqui em Nova Almeida uma zona mais rural e urbana que é uma região chamada Putiri que é o Chapadão, você vai pelo Chapadão e sai na Serra, ali ainda existe umas capoeiras, alguma coisa, mas tudo está se acabado né? Nossas lagoas eram mais amplas, sentia que brotava mais vida e hoje a gente vê que as coisas não estão*

³ IBGE, 2010.

mais assim, era mais vivo assim” (Teodorico Boa Morte, 69 anos).

Outra percepção revelada pelo olhar dos entrevistados do Litoral Capixaba em relação às paisagens do território do rio Doce é o impacto das ações antrópicas como fator de geração de mudanças climáticas no meio ambiente. *“A gente tem fatores locais que é o próprio desmatamento interfere no clima local, dreno em Linhares e no nosso litoral, aqui nós tínhamos o Vale da Suruaca ou Lagoa da Suruaca que foi drenada a uns cinquenta anos atrás e interferiu no clima local. Mas nós temos também a questão do clima global né, nós temos também, isso é consenso no meio científico que realmente é... o clima está mudando né? Então a gente tem um aporte muito grande de gases de efeito estufa na atmosfera e isso interfere no clima global né?” (Elber Tesch, 37 anos).* Esses temas são muito debatidos em meios de comunicação de massa, de modo que as pessoas conseguem identificar as mudanças de modo sensível e relacioná-las às ações antrópicas que geram alterações climáticas. Temas como falta de chuvas ou enchentes devastadoras em que as paisagens de Terra em

Transe e Alagáveis ganham destaque, além de temas como desmatamento e urbanização não planejada, estão presentes nas falas. *“Eu acho que sim, eu acho que quando se pensa na urbanização, tem que pensar também no aspecto natural para que não, não deteriore, para que nada acabe, porque hoje no mundo está acontecendo coisas por aí a fora que você pode observar. Antigamente chovia mas, hoje tudo que vem, vem para arrasar, hoje o que aconteceu em um dos nossos municípios foi uma coisa que nunca aconteceu entendeu? Arrasou a cidade [Falando do efeito das chuvas de janeiro de 2020 no Espírito Santo]. Lá em São Paulo mesmo quando vem essas chuvas, eu acho que isso é um ponto de falta de... o homem tem que parar, pensar, analisar e projetar coisas para que a Terra suspire melhor. Porque a Terra também cobra tá? Eu acho que nós já estamos sendo cobrados por isso” (Teodorico Boa Morte, 69 anos).*

Todas as situações identificadas nessas e em outras falas dos entrevistados correspondem a processos históricos das localidades já identificados no Pré-inventário ou nos trabalhos de campo, ou a questões relativas aos usos do

solo. Foi significativa a percepção das pessoas em relação a esses fatores, demonstrando que elas, independentemente de questões relacionadas a gênero, classe social, pertencimento identitário, localização rural ou urbana, conseguem reconhecer os processos temporais, históricos e, sobretudo os antrópicos que mais interferem na configuração atual das paisagens e, conseqüentemente, na disponibilidade e qualidade dos recursos naturais.

3.6.3. A relação contraditória experimentada nas vivências de duas paisagens em particular: Acessos e Indústrias

Este tópico é complementar ao anterior, que trata da percepção das pessoas a respeito dos impactos causados pelas alterações antrópicas no ambiente. No entanto, está sendo tratado separadamente porque se refere a duas paisagens específicas e inter-relacionadas: Indústrias e Acessos. Na área do Litoral Capixaba é forte a percepção das pessoas sobre os impactos provocados pelas obras de infraestrutura, como a construção de portos, estradas e a

instalação de empreendimentos industriais. Paradoxalmente, em várias entrevistas também foram mencionadas as dificuldades advindas da precariedade das estruturas urbanas – como as estradas –, e a carência de oportunidades de geração de renda – oferecidas por empresas do setor industrial –, que são percebidas como potenciais meios de desenvolvimento local para as comunidades que carecem de bens e/ou serviços.

Símbolos da modernidade que muitas vezes chegam na esteira dos processos de urbanização, a presença desses elementos construídos na paisagem é, portanto, percebida de forma contraditória pelas pessoas que convivem com as diversas paisagens do rio Doce no Litoral Capixaba. Contudo, se por um lado essa percepção é contraditória, por outro lado ela possui a característica de ser facilmente rastreada no espaço. Em geral, notou-se que nas localidades mais distantes das áreas urbanas, a ausência e a precariedade das estradas, por exemplo, é um elemento que impõe dificuldades e restrições no cotidiano de pessoas e comunidades, na medida em que dificulta o acesso a serviços e a circulação de pessoas e mercadorias – os

trânsitos em geral. Nesses locais também se ressentem a ausência de indústrias e empreendimentos de grande porte, que são percebidos pelos moradores como potencial estopim para o desenvolvimento local e oferecimento de postos de trabalho. Já em outras áreas, onde o desenvolvimento de estruturas industriais, a instalação de complexos portuários e a presença de estradas de grande movimento são dominantes nas paisagens, eles são percebidos como fatores de degradação do meio ambiente, diminuição da biodiversidade e alteração das características naturais. Além disso, as promessas de geração de renda e emprego para os habitantes locais muitas vezes não se concretizam, uma vez que profissionais capacitados para assumir postos de trabalho são trazidos de outros lugares, o que gera insatisfação e ressentimentos nas pessoas. As falas dos entrevistados, conforme será apresentado adiante, conduzem a uma ideia de que essas percepções estariam relacionadas, respectivamente, às regiões ao Norte e ao Sul do rio Doce no Litoral Capixaba. Mas, será que de fato essa divisão nas percepções corresponde à realidade dessas

áreas? Essa é uma hipótese a ser estudada em pesquisas mais aprofundadas.

Em São Mateus e Conceição da Barra as percepções sobre a precariedade das estradas e os limites impostos por essa realidade nas vidas dos entrevistados foi percebida com muita frequência. Lúcia das Neves, da comunidade de Ilha Preta, em São Mateus, afirmou: *"Porque a nossa vida aqui da roça é assim, quando chove, as crianças ficam aqui semanas sem estudar. Nós somos esquecidos aqui! Fica semana as crianças sem estudar, a não ser, quando dá pra gente dá pra ir lá de moto, no caso, pra levar, a gente anda essa lama aqui até lá, escorregando igual quiabo... Quantas que já caíram lá na entrada pra levar lá na beira da pista? Aí é assim: eles estudam dia sim, dia não. Um dia eles vêm meio dia, outro dia não. Fica o dia todo, porque é escola agrícola, aí tem que buscar lá na beira da pista de noite, porque o ônibus não entra, não vem aqui. Aí tem que ir lá na beira da pista buscar de noite (...)"* (Lúcia das Neves, 55 anos). As dificuldades de acesso impostas pelas estradas não pavimentadas também são referidas nos entrevistados da Vila de Itaúnas, em Conceição da Barra: *"(...)* *Aqui é bem*

estruturadinho, tem um postinho de saúde, a gente tem médico, tem enfermeiro, isso tudo tem, mas só que maternidade, a gente não tem. Se você quebrar o braço, quebrar alguma coisa você não tem estrutura aqui, você vai para Conceição da Barra, de Conceição da Barra você tem que ser transferido para São Mateus, maternidade do mesmo jeito. Aí como está vindo o asfalto, a maioria das pessoas não quer o asfalto” (Evânia do Rosário, 30 anos).

Ao Sul do rio Doce, que corresponde à área do Litoral Capixaba onde as infraestruturas urbanas mais cresceram nos últimos 30 anos, a percepção dos impactos provocados pelas Indústrias e Acessos é muito sensível nas comunidades. Os entrevistados dessa área relataram o impacto da construção de portos nas paisagens Praia e Vida nos Mares, dentre outras. *“A nossa beirada da praia, a nossa orla, ela é uma orla política, imagine. Você acredita que, com tanto desenvolvimento, com tantas coisas boas, ao mesmo tempo a nossa orla tá sendo banida. Vai acabar. Por quê? Porque existe sempre as obrigações industriais. “Ah, você tem que cuidar de todas as empresas que vai construir um porto”, né, aí ela tem as condicionantes. É uma palavra difícil*

falar, condicionante. Aí as condicionantes, “ah, você vai, vai plantar restinga, você vai urbanizar e tudo”. Aí a empresa entra, constrói o polo dela. Vem ali e constrói duas raizinhas de restinga e ali vai embora. E continua seu desenvolvimento, né?” (Georgina Morais, 60 anos).

A construção de estradas beneficia o setor industrial, mas desenvolve uma convivência não harmoniosa com os animais silvestres: *“Muitas transformações, especialmente em relação fluxo de caminhão, de carro né, que aqui inicialmente a gente pensava em fazer essa estrada uma estrada parque, mas que não aconteceu, porque os interesses são muitos né? Tem grandes empresas aqui, mas assim, a gente convive com isso né? As mudanças são muitas, por exemplo, na andada de guaiamum, de caranguejo, você vê guaiamum atravessando a pista e carro passando. Nossa, quantas vezes eu já vi preguiça no meio da rua atravessando sabe? E carro do lado, carro do outro, às vezes, muitas vezes você vê muitos mortos né, animais mortos. Que aqui tem um corredor ecológico, nós temos um corredor até Abrolhos (...)” (Elisabeth Areias, 57 anos).*

Além dos impactos naturais, as relações conflituosas promovem impactos sociais, de acordo com a visão dos entrevistados. *"Sempre nós temos que ter a dignidade, por mais que tenha Portocel, por mais que tenha Aracruz, Suzano, Ivani e as outras, tá, ela não é mais importante do que o que a natureza nos dá. Porque a natureza nunca cobrou nada de nós, nunca explorou nada da gente. Agora, isso daí que tá aí é uma farsa que faz com que tenha ajudante. É muito fácil tirar de quem sempre já teve o seu sustento e depois dizer que ele se preparou para o mercado. Se perguntaram quantos empregos diretos tiraram da Pesca? Fizeram essa pergunta antes de vir audiência pública para dizer? Como é que é isso? Mas não. Vem... já vendido, entre aspas, vendido com a mentalidade já convencida, e vencida, dos nossos governantes, dos nossos órgãos, né, que vão fazer uma determinada fábrica que vai gerar x empregos. Mas os cabeças pensantes daquilo ali, que fazem a formalidade, não fazem um estudo de quantos já tem na naquele lugar que a natureza nos dá. (...) Tentam enganar a sociedade e, muitas vezes, enganam a sociedade. Então*

assim, para mim, tá bem claro esse jogo. Pra mim tá bem claro que é isso aí" (Herval Nogueira Júnior, 57 anos).

Essas falas representam o que a maior parte das pessoas percebe em relação aos impactos provocados pelas Indústrias e Acessos em suas vidas e nas comunidades. Em primeiro lugar, elas visualizam os impactos físicos, ambientais e na qualidade de vida atrelada às paisagens. Depois, revela-se a consciência dessas pessoas de que a instalação dessas estruturas industriais e infraestruturais em suas localidades são regidas por relações de poder cujos interesses muitas vezes não estão de acordo com as necessidades das pessoas e do meio ambiente. Por último, pode-se destacar na fala dos entrevistados o ressentimento e a indignação provocados por sua sentida invisibilidade frente a esses mecanismos de poder.

Após analisar os "dois lados da moeda", destaca-se também que a percepção de pessoas e comunidades sobre esse tema não é consensual. Na Vila de Itaúnas, em Conceição da Barra, o trecho da ES-010 entre a cidade e a Vila está sendo asfaltado desde 2019, mas de acordo com

os relatos de pessoas da Vila a “chegada do asfalto” na localidade provoca percepções diversificadas. Evânia do Rosário lembrou os impactos ambientais, mas salientou as dificuldades de acesso à Vila sem o asfalto na estrada, justificando assim seu posicionamento favorável ao asfaltamento: *“Algumas pessoas que falam, tipo assim, tem o impacto e eles botam muita coisa, do impacto ambiental que vai ter, porque dos bichos, porque das vegetações, o rio, porque lá passa os rios, os córregos né? (...) bastante gente que acha que não há necessidade de ter o asfaltamento, mas sim, o ônibus passa aqui oito horas, tem dia que o ônibus chegou aqui dez horas, o de oito horas, porque da estrada. Você não passa. Não passa de jeito nenhum e tipo assim, você ir lá rápido, voltar, a opção mais rápida que você vai ter é o asfalto, o asfaltamento da estrada, não tem outra”* (Evânia do Rosário, 30 anos).

Márcia Lederman, por outro lado, explicou os impactos ambientais e sociais que o asfaltamento da estrada de acesso já está provocando na tradicional Vila de Itaúnas, mesmo antes de ser finalizado. Um desses impactos seria a ocupação desordenada da Vila, tanto do ponto de vista

territorial quanto social: *“Então hoje nós temos uma paisagem bem transformada com uma inserção social desconhecida. Já não é mais nem a comunidade de Itaúnas, nem desse distrito que ocupa essa estrada daqui para lá, a margem da estrada é todo mundo daqui, é o que você vê, agora tem tudo o que você não vê, o que você não vê de ocupação aqui é gigantesco, os caras realmente botaram a madeira no chão, roubaram madeira, venderam madeira e ocuparam. O que é um problema dos donos da madeira lá de eucalipto na parte da madeira e da terra, só que no impacto social e do desenvolvimento isso não dá mais para medir (...). A história é essa da ocupação de um território de uma parte tradicional e outra por um processo de expansão desordenada, pode ser ordenada para construir uma estrada, mas desordenado você não cuidar do que significa o que você está promovendo no lugar”* (Márcia Lederman, 50 anos).

Victor Campos Rodrigues, que possui uma casa de veraneio em Urussuquara, região sul do município de São Mateus, reconhece que a possibilidade de instalação de um porto na localidade é controversa. Ao mesmo tempo em que

é percebida como a possibilidade de melhorias no setor de serviços, ele percebe o potencial de impactos ambientais, paisagísticos e na fruição social do ambiente, especialmente em relação à paisagem Praias: *"O porto que eles estão pra construir, não sei se vai construir ou não vai construir. Todo ano falam: "esse ano vai sair o porto aqui tal". Eu acho que com a chegada do porto, vai dar uma modernizada no lugar. Pra mim não seria algo vantajoso, não vejo como vantajoso. Se continuasse do jeito que está aqui, seria o ideal, mas se vier esse porto, eu acho que também vão trazer melhorias pro pessoal que mora aqui, talvez possa trazer um posto de saúde pra cá, mais comércios e tal (...). Isso daí e na natureza ia gerar um impacto grande, porque ele está projetado pra ser feito num lugar onde é chamado de Praia das Pedras, é um lugar turístico aqui. A Praia das Pedras é um lugar turístico aqui. Vem no Reveillon ou no carnaval você vai para a Praia da Pedras, você vai ver que tem uma fila de um quilômetro de carro estacionado, porque todo mundo vai pra lá e o porto seria ali naquela região. Então iria acabar com aquela parte ali da praia e hoje é um ponto turístico daqui"* (Victor Campos Rodrigues, 33 anos).

Desse modo, as paisagens Acessos e Indústrias foram percebidas de modo contraditório e às vezes não consensual entre pessoas e comunidades no Litoral Capixaba. Tipos Paisagísticos que apresentam forte e muito forte nível de artificialização remetem, de um lado, aos impactos provocados pela presença dessas estruturas; de outro lado, as exclusões provocadas por sua ausência nas vidas. Seria essa contradição uma expressão de contrastes maiores vivenciados pelas pessoas e comunidades do Litoral Capixaba? Poderíamos relacionar o nível de artificialização dessas paisagens aos contrastes da sociedade, de modo geral?

3.6.4. A relação entre afetos e sentimentos em contradição com vivências conflituosas

Em sua relação com as paisagens, as pessoas estabelecem vários tipos e qualidades de vínculos. Conforme já demonstrado quando se discorre a respeito dos sentimentos relacionados às paisagens, algumas dessas

relações são embaladas por vínculos identitários ou de afetos que as pessoas desenvolvem por seus locais de origem ou pelos locais em que se estabeleceram. Alguns entrevistados ressaltaram as qualidades das paisagens com as quais se relacionam como bons lugares para se viver, belos, tranquilos, e até mesmo destacaram o sentimento de felicidade que essas paisagens lhes proporcionam. Essa percepção, no entanto, contrasta com uma observação mais atenta dessas localidades, assim como com dados estatísticos demográficos e socioeconômicos, que demonstram os problemas infraestruturais que impõem dificuldades e diminuição da qualidade de vida dos entrevistados. Em alguns casos, é possível perceber essa contradição dentro de uma única fala realizada pelos indivíduos.

O exemplo a seguir relaciona as paisagens Vidas Quilombolas e Eucalipto: *"Aqui não tem nada de ... aqui é tudo legal, tudo bom! O nosso lugar aqui é bom demais! Ônibus passa aqui pertinho, quer ir no comércio não quer ir no carro, vai, ônibus duas vezes por dia. Pra nós aqui não tem o que dizer não. Graças a Deus é tudo bom. Só o que*

tem que dizer é eucalipto. O eucalipto que consumiu com a terra, com os passarinhos. Passarinho chocou porque nós temos aqui. Se nós não tivéssemos jaqueira, mangueira... eles iam comer o que? O eucalipto não tem nada pra passarinho comer. A 'valência' é que nós temos esse pouquinho de terra aqui, ele tem lá e nós temos aqui, né. Mas é isso aí. Mas o jeito aqui, pra nós é beleza, graças a Deus. Não tem que dizer nada não" (Domingos Cosme dos Santos, 72 anos).

Ainda em Vidas Quilombolas, a Sra. Maria Amélia, mestre de Jongo e moradora de Santana, Bairro de Conceição da Barra tradicionalmente conhecido como área de vivência de povos quilombolas, falou sobre o sofrimento de seus antepassados. Sua fala, porém, foi marcada pela identificação de um passado de dificuldades e um contraditório sentimento de felicidade: *"Nós temos que contar as nossas histórias, as nossas histórias, nós temos que contar. Falar que nem eu falei, nós dormimos em cama de tábuas, esteira mas, nós era feliz. Eram os negros felizes. (...) Os negros do Sapê do Norte é feliz, fora os que já morreram, que Deus os tenha, mas quando nós vamos sair,*

eu lembro deles todos, me acompanham, aonde eu estou, eles estão junto, aonde eu passo, eles estão passando também, que eu não abandono. Ah, porque morreu fica pra lá, não. A gente vive” (Maria Amélia, 67 anos).

Em Barra do Riacho, município de Aracruz, a entrevistada reconhece os problemas advindos da urbanização do local e os impactos sobre as paisagens Vida nos Mangues, Vida nos Mares, Vidas nos Rios, Praias e Vilas, mas ainda assim se refere a localidade como “um paraíso”:
“E às vezes a gente fica até triste em saber que hoje a gente vê... Eu moro na frente de um paraíso, a minha casa dá de fundo para o manguezal e ele vem o rio, o manguezal e a praia, então nós temos o encontro das águas. Eu moro perto do paraíso, então eu vejo aquelas pessoas, nascidos e criados e que vivem da pesca, hoje limitada, mas a primeira coisa que a gente vê de retrato o mar, então tudo o que você vê é área marinha. É o mar, faz parte da nossa vida, não pode falar de riacho se não falar do mar. Não tem como” (Hildete Caliman, 54 anos).

A relação das paisagens com os Acessos e os conflitos existentes na questão da circulação de pessoas e mercadorias entre as localidades proporciona também uma percepção das dificuldades impostas às vidas, como já mencionado. Os dois trechos a seguir demonstram, porém, que apesar de reconhecer as restrições impostas pela dificuldade em transitar pelo território, as pessoas ainda conseguem identificar seus lugares como bons e tranquilos para se viver, relacionados às paisagens Vidas nos Rios e Vidas Quilombolas: *“Olha meu filho, por uma parte a vivência daqui é boa, né? Mas só que o ruim daqui é só o desprezo. Porque é quase que... As estradas aqui. Pra passar aqui, tem vez que pra passar dá luta, tá? Como vocês mesmos viram, né, que vieram de lá pra cá. Tem certos lugar pra lá que é melhor, agora pra cá tem muito buraco e muita lama. Quando chove aqui, tem vez que ninguém sai. Fica preso aqui”* (Maria da Conceição dos Santos, 74 anos). *Aqui, a vida aqui é uma vida assim, muito simples né, a gente tem uma comunidade, que tem vários aspectos com questão assim, de sobrevivência, aquela vida nativa, igual a que a gente leva né? Temos algumas dificuldades em*

questão de estrada, de acesso, a saúde né, a gente usa de outras comunidades vizinhas, por exemplo, transporte que hoje não tem o transporte ainda, ônibus aqui né? Então dificulta muito as coisas, mas assim, é uma comunidade simples, uma vida bem tranquila, já foi mais difícil em questão de acesso como eu falei. (...) Mas a gente...quem gosta daqui fica” (Simone de Jesus, 33 anos).

A Vila de Regência foi descrita como um lugar “mágico” onde “as coisas chatas” são minimizadas. “(...) É só um lugar que a gente traz no coração assim, porque transmite tanta coisa boa, que é muito difícil ter uma definição. Tem o posto Carebão rústico coisas boas, tem o porto onde a gente pode ver os homens indo ao mar, tem uma praia que a gente pode levar é...horas admirando um belo pôr do sol, enquanto pequeninhas tartarugas ganham o mar para voltar anos depois para desovar. Regência é um lugar tão mágico que a gente não vê mendigos, crianças de rua, estupro, violência das grandes cidades, não faz parte da nossa realidade, então, falar de regência é muito fácil porque tem um ou outro problema, todo lugar tem porque tem pessoas e as pessoas são movidas a história, a fatos, a

ações mas é tão peculiar e é tão bom falar que essas coisas chatas se tornam mínimas (...)” (Luciana Souza de Oliveira, 38 anos). A fala de Luciana Souza proporciona a reflexão sobre o modo como a identificação identitária e de raízes com as paisagens pode atuar como amenizador das dificuldades, conflitos e “problemas” estruturais e cotidianos.

Nesse aspecto da relação que as pessoas estabelecem com seus lugares, existem exemplos de falas de entrevistados ligados a paisagens do Litoral Capixaba como um todo. No entanto, certo “ufanismo” sobressaiu nas falas relacionadas às paisagens do território do rio Doce no município de Linhares. “Linhares é um lugar muito privilegiado do ponto de vista de recursos hídricos como eu falei, nós temos sessenta e nove lagoas, nós temos o Rio Doce e... temos o potencial hídrico muito grande e ao mesmo tempo nós temos também uma vantagem paisagística né? Linhares é um local muito bonito, também por causa desses recursos hídricos né, que corroboram e... é isso, é um local muito próspero, tem tudo para poder crescer, para se desenvolver e sustentavelmente né?” (Elber

Tesch, 37 anos). Os entrevistados linharenses identificaram e ressaltaram várias características da região que tornam as paisagens locais de beleza física e variedade cultural. Essa beleza e variedade, porém, são negativamente influenciadas pelas ações antrópicas *"Todo turista que vem aqui eu levo para poder conhecer as lagoas, pelo menos a Juparanã. Mas... Já não levo com tanto entusiasmo como antes né? Hoje a gente leva, a lagoa já não tem aquela água limpa, cristalina, transparente como era antes né? Muitas vezes a gente vai lá está esverdeada né, uma turbidez elevada, então... mas em geral ainda hoje, os locais eu que costume levar os turistas, pessoas que vem aqui são nas lagoas, que são muito lindas as nossas lagoas"* (Elber Tesch, 37 anos).

O rompimento da Barragem de Fundão foi percebido como um elemento que alterou a beleza das paisagens de Linhares. Dotada de uma variedade de paisagens, como Foz, Lagoas, Vilas e Vida nos Rios, Linhares *"é uma região muito linda, muito bonita, mas depois que a Samarco fez isso aí, mudou muita coisa, precisa de ver, acabou mesmo. (...) Gente, nossa...tem a Lagoa de Juparanã, tem a Foz do Rio Doce, tem Regência entendeu? É muito bonito, que Regência*

também foi muito afetada com o negócio da Samarco, até que hoje você vê que até os maruizinhos perturba aqui, até isso apareceu nessa região, mas é isso entendeu? É muito bonito aqui, tem muita região bonita aqui" (Aldair Moreira Costa, 52 anos).

Alguns dados demográficos e socioeconômicos demonstram, por exemplo, que o Litoral Capixaba é a área onde há a maior concentração de renda em relação às demais áreas da Análise da Paisagem do rio Doce. Além disso, há muitas pessoas pertencentes a famílias de baixa renda, de acordo com o CadÚnico do Governo Federal: mais de 301 mil pessoas possuem renda entre meio salário e três salários mínimos, o que representa 30,8% da população total do Litoral Capixaba. Infraestrutura deficitária, desemprego, informalidade, mortalidade infantil, baixa escolaridade, baixa oferta de serviços, má qualidade e deficitária distribuição de águas são alguns dos problemas enfrentados pela população do Litoral Capixaba. Apesar dos dados mostrarem que essas populações vivenciam problemas sociais e econômicos, por que manifestam sentimentos afetivos pelos lugares onde vivem?

Percorrendo essas paisagens e conversando com moradores locais é possível observar alguns desses problemas: as dificuldades impostas pelos acessos precários, a luta pela subsistência de pescadores e agricultores, as resistências cotidianas de indígenas e quilombolas, o posicionamento desigual de homens e mulheres no trabalho e na vida doméstica, a deficiência de acesso a serviços dos quais carecem várias comunidades, os problemas socioambientais que reverberam em má qualidade de vida, a desarticulação de vidas comunitárias e de modos de vida provocados por acontecimentos disruptivos como o rompimento da barragem de Fundão. Tudo isso conduz a reflexão de que é a experiência do sensível, ou seja, os sentimentos, o pertencimento e a existência de vínculos profundos entre pessoas e paisagens que permite que essas pessoas experimentem a referida felicidade nessas localidades.

“A percepção das contradições, entretanto, não deve servir para desqualificar a experiência dos entrevistados em relação às paisagens. Ela apenas indica a necessidade de ter-se em vista que as paisagens precisam ser analisadas objetivamente, considerando o maior número possível de

variáveis racionais e sensíveis, todas elas fazendo parte da relação que as pessoas estabelecem com os lugares, espaços, ambientes e seus modos de vida.

3.6.5. A relação entre o rompimento da Barragem de Fundão e as alterações nos modos de vida do Litoral Capixaba

Conforme já foi demonstrado, as pessoas possuem diversas maneiras de se relacionarem com as paisagens. Usos relativos aos modos de vida (aqui referido também como meios de vida), como os Usos Econômicos, Sociais e Utilitários foram identificados por mais de 60% dos entrevistados (de acordo com os dados apresentados no gráfico 2 (sensibilidades dos entrevistados associados às paisagens citadas). Esses dados sustentam a hipótese de que tais usos constituem uma importante forma de relacionamento das pessoas com as paisagens identificadas no Litoral Capixaba.

Algumas referências relativas à percepção das pessoas acerca do rompimento da barragem de Fundão já

foram mencionadas, principalmente a experiência com a qualidade e disponibilidade de água. Todavia, a lama de rejeitos minerários que tomou conta do leito do rio Doce em 2015 aparece em outras percepções dos entrevistados relativas ao modo como esse acontecimento promoveu mudanças em suas vidas. Para melhor compreender esse aspecto, foram realizadas algumas operações analíticas. Uma delas consistiu em verificar, em números, quantas pessoas associaram o rompimento da Barragem de Fundão a alguma interferência na configuração das paisagens do rio Doce. Desse modo, foi selecionado um cruzamento da categoria de sensibilidade “Dinâmica Disruptiva” com a relação transversal “A Lama”. A Dinâmica Disruptiva diz respeito ao “caráter abrupto com que determinado acontecimento interrompe a dinâmica de vida das pessoas e das comunidades”. Os dados obtidos estão representados no Gráfico 21, a seguir:

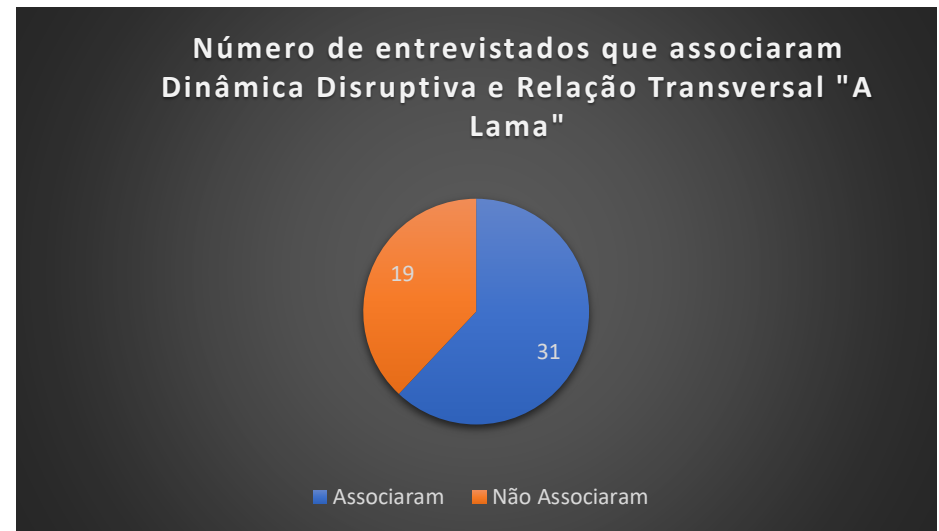


Gráfico 21: Relação transversal “A Lama” associada a Dinâmica Disruptiva x Quantidade de entrevistados

O cruzamento indicou que, no universo de 50 entrevistados, 31 deles associou a Lama a uma Dinâmica Disruptiva, representando um total de 62% dos entrevistados.

Já de um ponto de vista das sensibilidades, foi realizado o cruzamento entre as relações transversais “A Lama” e “Rio Doce” com as categorias de sensibilidade Dinâmica Disruptiva, Dinâmica de Descaracterização, Dinâmica de Estagnação, Mudanças Climáticas e Diversidade

Tangível e, a partir dos resultados obtidos foi possível analisar como esse impacto foi percebido pelos entrevistados. Nesse cruzamento, sobressaiu a percepção do rompimento da Barragem como fator de alteração de modos de vida nas paisagens do Litoral Capixaba.

Os entrevistados relataram a percepção da diminuição do fluxo de turistas no litoral capixaba como um todo. Em Conceição da Barra, Cidade localizada ao Norte do rio Doce, "(...) nós tivemos muito preocupados quando aconteceu essa a barragem né? Que arreventou o rio houve aquela contaminação, as pessoas ficaram preocupadas aqui em Conceição da Barra também. É... turistas se afastaram na época né? Disseram que a praia estava poluída né? A cidade sofreu muito naquele verão, dois mil e quinze (Salomão da Silva, 54 anos). O turismo, conforme podemos observar, está diretamente ligado ao impacto no aspecto do lazer, não apenas dos turistas, mas dos nativos das comunidades. Nas Vilas de Povoação e Regência, em Linhares, na Foz do rio Doce, "O pessoal fazia canoagem, pegava caiaque para dar uma volta ou dar uma volta de barco ou ir na boca do rio Doce. Um ambiente todo diferenciado, tem o rio para um

lado, mar para o outro e lá tem boas ondas e assim, uma das melhores ondas que tem no Estado do Espírito Santo. Então para mim assim, falar de rio Doce, eu lembro disso tudo aí de como Regência tem ainda uma relação muito íntima com o rio Doce que foi drasticamente prejudicado com a contaminação" (Breno Boos, 30 anos). Ao Sul do rio Doce foi mencionado que no município de Aracruz, "(...) na época que teve esse derramamento eu já trabalhava com hospedagem cheguei a ter pessoas cancelando as vindas, deu uma baixada durante o ano porque isso acaba repercutindo muito mal para toda região né. Então senti que eu que tinha muito trânsito de pessoas que vinham fora do Brasil, de gringo mesmo, que vinha do Rio e a pessoa queria ficar aqui, [mas] no primeiro período do derramamento parou de fluir por aqui" (Andreas José Boos, 56 anos). "Eu acho que a redução da procura pelo turismo que assim, saiu noticiário muita coisa falando do Espírito Santo foi contaminado que agora os pescados também. O pessoal que vinha aqui às vezes com a finalidade de comer pescados, frutos do mar, sempre foi um ponto muito forte de Santa Cruz, aí já não vem mais, porque lá está contaminado, aí

também já não passeia de barco e aí não fica na pousada. Toda cadeia de serviços fica prejudicada por isso, por decorrência de Mariana” (Breno Boos, 30 anos). Pelas falas acima, podemos relacionar essa percepção aos tipos paisagísticos Praias, Vidas nos Rios, Vidas nos Mares, Foz, Vilas e Cidades. É possível pensar que, como a relação com as águas nessas paisagens do Litoral Capixaba são dominantes, a insegurança em relação à qualidade das águas após o rompimento da Barragem provocou a percepção da diminuição da atividade turística e de lazer que se desenvolvia rotineiramente nessas paisagens.

Outra atividade que foi impactada pelo rompimento da Barragem de Fundão foi a pesca. *“(...) o pessoal na boca da barra ali [falando do rio Doce], pescava de encher barco, duzentos, trezentos quilos, entendeu? Hoje em dia você não vê isso mais, acabou”* (Aldair Moreira Costa, 52 anos). No município de São Mateus, as falas associadas às paisagens Vidas nos Rios, Vidas nos Mares, Vidas nos Mangues, Foz e Praias, que possuem relação com os modos de vida dos pescadores, ressaltam o impacto nessa atividade: *“Não vou dizer que parou cem por cento de pescar, mas depois*

desse... desastre que aconteceu em dois mil e quinze, com o rompimento da barragem, muitas coisas modificaram aqui, onde... Às vezes você pode até pegar um peixe mas não tem para quem vender, entendeu? O cara não vai querer comprar um peixe sabendo que no local tem um alto nível... índice de contaminação pelos rejeitos” (Pedro Ribeiro Clarindo, 52 anos). Além da insegurança provocada pela desconfiança em relação à qualidade da água, os pescadores de São Mateus relataram que não foram reconhecidos como impactados, especialmente os pescadores ligados aos rios. *“Parou nossa rentabilidade, a gente sobrevive disso aí. Eu para falar a verdade hoje na minha família não tem nem para comer dentro de casa, dentro da minha casa. Uma série de prejuízos, entendeu? Igual eu falei para você. Nós mantemos nossas economias, nossa vida todinha e vem isso aí e acabou! De uma hora para outra. Trazendo prejuízos. Porque sem água nós não somos nada. O gado precisa de uma água, o peixe precisa de uma boa água, a gente precisa de uma boa qualidade de água para poder também beber, entendeu? Tudo dependemos da água, sem água nós não somos nada* (Orlandesson Aguiar, 28 anos). Como se

percebe por meio das falas, o impacto na qualidade das águas repercutiu na extensa cadeia produtiva relativa à pesca: na quantidade dos peixes, no mercado que gira em torno dessa atividade, nos trabalhos mercado que gira em torno dessa atividade, nos postos de trabalho que são desestruturados e nas famílias que perdem sua principal fonte de renda.

Além dos pescadores, os agricultores também se sentiram afetados pelo rompimento da barragem. Alguns entrevistados relataram perdas em produção nas culturas irrigadas realizadas às margens do rio Doce, especialmente nas paisagens Cultivos Agrícolas e Florestais e o Cacau: *"A banana apodreceu a raiz em volta, as novinhas morreram todas, a banana velha apodreceu a raiz em volta daí a pouco estava caindo tudo também. Plantar outra plantação, no primeiro ano, esse ano agora eu plantei, é porque...o feijão não pagava o trabalho de colher, a terra dura igual a um cascalho né? Ruim. A banana desse tamaninho assim, aí até que por muito lugar eles foram lá, já há uns dois anos depois, que na época da lama teve devastação né? O mato, as plantações morrem, aí dava para ver tudo direito, mas aí*

o tempo foi passando, o tempo foi passando, o pezinho de cacau fino, ele morre, com pouco tempo, até com você passando assim perto dele, já quebra ele, é fraco, você não vê mais o pé de cacau" (Simeão Barbosa dos Santos, 70 anos). A atividade do "ilheiro", um agricultor de ilhas como o Sr. Aldair Moreira da Costa, não foi reconhecida como atividade impactada pelo rompimento da Barragem, o que fez com que ele tivesse que procurar outra atividade econômica para sobreviver. *"A minha ilha é pequenininha tipo uma chácara, entendeu? Aí eu plantava muitas culturas...cultura verde no caso né? E depois que veio essa coisa, até hoje... Por isso que eu estou mexendo com reciclagem, nunca mais pude mexer nela né? Trabalhar em cima dela.(...) Porque depois que veio essa, esse resíduo né... Da Samarco entendeu, aí a gente fica ouvindo muitas coisas então... Geralmente está abandonado lá né, nós abandonamos a minha ilhazinha, ela era pequena, mas ela dava uma rendazinha de mil conto por mês entendeu? (...) Tinha verdura, batata, milho, feijão, a gente plantava tudo quanto é culturazinha, quiabo entendeu? E hoje nós estamos impossibilitados, por isso igual falei com você trabalho com*

a reciclagem né? Comprando uma latinha aqui e ali, vivendo a minha vida, vivendo nessa região” (Aldair Moreira Costa, 52 anos).

Um dos impactos percebidos que está relacionado a toda essa cadeia de usos econômicos, foi a diminuição da disponibilidade de empregos, e a diminuição dos postos de trabalho já existentes, principalmente nas Vilas, Praias e Cidades que dependem do turismo de veraneio: *“Caiu. Muito. Tipo, ah, você não vai trabalhar porque não tem ninguém para trabalhar, para...para...tipo assim, eu vou perder o meu serviço, igual eu perdi, porque não tinha gente para trabalhar, tipo assim, para eu trabalhar, eu fui mandada embora” (Edvânia do Rosário, 30 anos).*

O impacto do rompimento da Barragem de Fundão sobre os modos de vida é muito difícil de ser mensurado ou quantificado, assim como estabelecer um parâmetro de comparação para se ter ideia de como esses modos de vida se apresentavam antes do “evento-corte” ocorrido em 2015. Desse modo é praticamente impossível estabelecer um contraponto entre os dados técnicos ou derivados de

observação em campo. Resta, assim, dar voz e visibilidade a essas percepções e aos sentimentos que delas emergiram enquanto se caminhou pelas paisagens do rio Doce.

De modo geral, essas foram as principais percepções sobre as paisagens do ponto de vista dos entrevistados que participaram da Análise da Paisagem na área do Litoral Capixaba: a sensação de esgotamento da água, os efeitos das ações humanas sobre as paisagens, os antagonismos na vivência das paisagens de Indústrias e Acessos, a contradição entre sentimentos afetivos e vivências conflituosas em relação às paisagens e a percepção dos impactos do rompimento da Barragem de Fundão nas vidas. Até aqui, procurou-se demonstrar que as percepções das pessoas em relação às paisagens no tempo presente estão baseadas no tempo (história), nas experiências individuais (vivências, trânsitos) e nos sentimentos (afetos, raízes). Esses fatores são dinâmicos e não é possível compreendê-los isoladamente, pois isolados eles não abarcam a complexidade das paisagens e as relações estabelecidas entre elas.

3.7 O rio Doce e seu lugar nas identidades das pessoas

A noção de identidade cultural se associa à percepção de pertencimento a grupos sociais que compartilham modos de vida, códigos simbólicos que conformam estruturas de pensamento que tornam o mundo pensável a partir de uma determinada perspectiva, uma “lente” de leitura do mundo que direciona a interpretação dos fenômenos da vida cotidiana e dota de sentido a existência em determinado território. Trata-se, portanto de uma concepção que envolve tanto a valorização dos sujeitos como de suas interações no tempo e no espaço.

Inicialmente desenvolvida na virada do século XIX para o XX, esta ideia esteve associada, por muito tempo, a uma concepção totalizante de cultura, que identificava sujeitos homogêneos e coerentes, dotados de identidades estáveis, não raro associadas ao Estado-Nação ou ao espaço geográfico. Com a intensificação das mudanças nos modos de vida trazidas pela instalação da modernidade capitalista,

essas identidades também passaram a ser vistas a partir do recorte da luta entre classes e das disputas materiais e políticas pela afirmação de pautas sociais. Para além da dimensão das nacionalidades e das classes sociais, atualmente se reconhece a existência de diversos domínios identitários associados tanto a categorias clássicas como as de meio, classe, nação e região, quanto a outros elementos trazidos pelo contato entre os saberes e práticas locais com os grandes projetos – civilizacionais, culturais, cognitivos, econômicos – globais que participam da dinâmica da mundialização de dimensões do vivido e do pensável. Tais formas de auto identificação podem se combinar de maneiras criativas, por vezes contraditórias. Identificar-se é também uma operação de escrita de si. Por isso, elementos referentes a vários domínios do viver estão presentes nas sensibilidades dos entrevistados.

As identidades expressas pelas pessoas entrevistadas em diversas comunidades na foz do rio Doce se apresentam, portanto, como um caleidoscópio em que as combinações e reordenamentos não apagam marcas de elementos

constituintes fundamentais das formas de viver. Partimos dessa abordagem para indagar: como se manifestam as diferentes identidades ao longo das paisagens da foz do rio Doce? Quais as relações entre elas e o rio ou, em outros termos, qual o lugar do rio Doce nas identidades dos habitantes do território analisado? Quais suas alterações ao longo do tempo? Quais os desdobramentos do rompimento da Barragem de fundão na dinâmica identitária das comunidades e paisagens da foz do rio Doce?

Para responder a essas perguntas, analisaremos o lugar do rio Doce nas Sensibilidades dos entrevistados ao longo das atividades de campo, com especial interesse nas manifestações que remetem aos usos sociais, usos utilitários, às relações culturais e históricas e de intimidade com o rio. Partiremos, nesta análise, da calha do rio Doce, na foz e subindo seu curso até a divisa entre Linhares e Colatina, e depois nos encaminharemos para as extremidades, ao Norte e ao Sul, áreas do litoral capixaba. O fio condutor, aqui, será sempre a presença do rio Doce na dimensão material e simbólica dessas populações, com

vistas a identificar as formas com que ele contribui para a formação das identidades locais no pré e no pós-2015.

3.7.1. Modos de Vida e identidades na foz do rio Doce

Na foz, entre Regência e Povoação, a centralidade do rio Doce nas identidades dos moradores se associa à sua importância na conformação dos modos de vida ao longo da trajetória histórica das comunidades que vivem na região. Nesse sentido, as categorias de análise referentes aos Usos Utilitário e Social, às Raízes e às Relações Íntimas mostram elementos que, entre moradores da foz e de outras regiões próximas, se associam às identidades locais com o rio Doce.

Em primeiro lugar, destaca-se a associação com as Vidas nos Rios, com a centralidade da água que flui pelo leito do rio Doce para a possibilidade do estabelecimento das comunidades que compartilham o espaço nessa região. O rio fornece alimento, irriga as plantações, garante a

comunicação entre territórios, trazendo condições de estabilidade para a conformação da vida em comunidade. A auto identificação como ribeirinhos, nesse sentido, evidencia a centralidade do rio Doce na forma como os moradores da foz pensam em si. O rio Doce, observa-se, ocupa o papel de provedor, fonte de riqueza e alimento que embala a vida das pessoas que estão instaladas em suas margens. Daí a gratidão daqueles que se beneficiam de sua fertilidade, associada a um ato de bondade das forças da natureza. A gratidão pela dádiva concedida é um elemento central das identidades das populações da foz do rio Doce.

Nas palavras de uma entrevistada, já citada anteriormente, se trata de uma relação “intrínseca, sensorial e alegórica” (Hildete Caliman, 54 anos). O rio torna possíveis os modos de vida, é condição básica de existência das formas de coexistência entre as pessoas que habitam suas imediações. Esse sentimento de identificação direta com o rio aparece em falas como “*O Rio Doce, ele faz parte da minha vida*” (Astrogilda Ribeiro dos Santos, 86 anos), ou “*O rio é uma extensão de cada um de nós*” (Luciana Souza

Oliveira, 48 anos), que articulam as vivências estabelecidas ao longo do tempo com a existência do rio. O rio aparece nas identidades locais, então, como companheiro da vida cotidiana, como promotor de sensações e sentimentos e como alegoria da vida que flui, do tempo que passa e dá lugar às novas gerações. Esse papel do rio Doce nas identidades das pessoas se manifesta na valorização da dimensão familiar e da transmissão geracional de práticas desenvolvidas com o objetivo de agenciar o meio para garantir condições de subsistência, sendo associada a valores como ética e justiça, honra pelo trabalho e criatividade que determina um modo de vida peculiar das comunidades localizadas na foz do rio Doce: “*eu devo ao rio o pai forte, ético que eu tive, eu devo ao rio minha mãe criativa, habilidosa com as mãos, a união da minha família, devo ao rio cada prato de comida que eu tive e...a sabedoria que eu recebi dos meus pais e das pessoas que moravam na minha comunidade, que aqui já não estão mais*” (Luciana Souza Oliveira, 48 anos). Observa-se a valorização não apenas daquilo que se herdou do passado, mas também da possibilidade de passar adiante as experiências acumuladas

por gerações que se estabeleceram na região: *"Eu vivi aqui durante quarenta e seis anos que eu estou falando tranquilamente, criei meus filhos aqui, sete filhos que eu criei aqui (...)"* (Simeão Barbosa dos Santos, 78 anos). O rio Doce e sua foz, que conecta as Vidas nos Rios com as Vidas nos Mares e as Vidas nos Mangues, é aquele que permite o estabelecimento desse elo, manifestado na forma de identidades, que une gerações ao meio e sustenta suas trajetórias de vida. Essa identidade diretamente associada ao rio Doce é presente, na Foz, em Povoação e Regência.

Para os habitantes da Foz, o rio Doce garante abundância e constitui uma região em que a natureza se mostra de maneira generosa. As atividades pesqueiras, largamente difundidas na região, contribuem para a perpetuação dessa interpretação a respeito do rio. Os relatos a respeito do cotidiano da atividade pesqueira mostram como o rio é elemento central para o abastecimento das comunidades locais: *"Pesca de rio, pesca de mar, é pesca...pesca no mar e pesca no rio. (...) Aqui era muito forte por sinal, aqui três qualidade, três espécie de pescado*

aqui que tinha uma influência muito forte era a lagosta do Rio Doce, o camarão, do Rio Doce e o robalo, essas três espécies era que tinha o comércio forte aqui em Povoação. Mas a pescaria do mar era em pequena escala porque a gente não tinha embarcação" (Simeão Barbosa dos Santos, 78 anos).

Os hábitos associados à pesca integram as memórias e as identidades dos moradores da foz do rio Doce, constituindo formas de estabelecimento de elos entre passado e presente e de atribuição de valor às coisas simples e cotidianas da vida: *(...) meu pai pescava muitos camarões né, no rio, a gente passava redinha assim sabe, no valão do Rio Doce tinha um valão e a gente passava redinha e meu pai pegava muito peixe, muito camarão e a gente também, nós tínhamos que aproveitar esse camarão de alguma forma, porque não existia gelo, (...) então a minha mãe fazia fogos do lado de fora, botava em grandes tachos que hoje nem existem mais sabe? E aí botava aqueles tachões enormes com bastante água e muito sal e então aquele camarão era ferventado e a minha mãe colocava em cima*

do telhado da nossa casa para secar e ali o meu pai vendia, levava para Colatina, para Linhares, para as pessoas que vinham comprar peixe dele e aí a gente brincava o dia todo e quando dava vontade a gente simplesmente subia a escada que ficava na parede lá da casa e pegava camarões para comer, lagosta e a gente comia muito, muito, muito aquilo era um caviar para a gente né? (Luciana Souza Oliveira, 48 anos).

O cotidiano das comunidades pesqueiras e a abundância trazida pelas Vidas nos Rios integram as identidades dos moradores da foz do rio Doce, fazendo do rio o elo central, principal responsável por seu dinamismo. Como mencionado em seção anterior na qual foram analisados os sentimentos das populações a respeito das paisagens, as Vidas nos Rios são paisagens que concentram afetos devido à relação íntima estabelecida entre as pessoas e a natureza. Ao mesmo tempo, a experiência histórica e os aprendizados a respeito da dinâmica das águas, com suas cheias e baixas, contribui para a identificação identitária com o rio Doce e outros cursos d'água existentes na região de

sua foz. Não é raro ouvir dos moradores locais afirmações sobre *"a convivência que nós já temos com a água"* (Diana Campista, 43 anos), algumas delas já mencionadas nesta análise. A fluidez das águas, nesse sentido, é a fluidez da vida dessas comunidades, integrante das formulações de pessoas das diversas comunidades ao longo da foz do rio Doce sobre a região onde vivem.

As Vidas nos Mangues também aparecem como elemento identitário de destaque nas sensibilidades dos moradores da foz do rio Doce. As áreas de estuário ao longo das imediações da foz do rio Doce, incluindo alguns dos rios que nele desaguam, como o rio Preto, surgem nas narrativas locais como regiões às quais as populações recorrem para buscar por crustáceos para a alimentação ou a comercialização, estabelecendo uma forma de interação com o meio. Essa interação se manifesta tanto na valorização dos cursos d'água e áreas de mangue quanto dos animais que compõem o ecossistema local: *O guaiamum, gente, tinha tanto, tanto que virava lama isso é área, o guaiamum ele é parente dos caranguejos, só que ele é mais azulado e uma*

carne mais doce, mas é muito bom e mais carnudo também. É área de estuário, área de mangue né? (Luciana Souza Oliveira, 48 anos)

Para além dos usos econômicos, as práticas de lazer e uso utilitário do rio se misturam nas identidades locais consolidadas com os hábitos desenvolvidos desde a infância: *“Sim, fim de semana pescava, durante a semana a gente ia lá, com vara na beira do rio, levava os netos para pescar, aí a gente pescava o peixe, aí a gente trazia para cá, limpava, comia o peixe entendeu? Então era um meio que a gente tinha de divertimento. Era um lazer que a gente tinha e hoje nós não temos mais isso, nós não temos mais o privilégio, que a gente quer comer um peixe a gente tem que comer de fora, mas mesmo assim, a gente tem aquela incerteza, que sabe lá que é de fora? O peixe. Eu mesmo falo que comer peixe hoje, é comer peixe na incerteza”* (Eliane Gregório, 57 anos). O rio e suas benesses são privilégios dos quais os habitantes da foz do rio Doce se orgulham e valorizam na mesma medida em que valorizam seus laços familiares e comunitários. Para quem chega vindo de outras

localidades em Linhares ou municípios nas imediações, a foz é uma oportunidade para aprender a conviver com o mar e, em seguida, banhar-se no rio Doce: *“Para mim é muito especial, porque eu sempre frequentei Regência, eu também já morei em Linhares que é na beira do Rio Doce e em Regência assim, eu tive muita experiência quando criança aprendendo a surfar”* (Breno Barroso Boos, 30 anos).

As formas de estabelecimento de laços comunitários e das sociabilidades atribuídas às comunidades da Foz também integram as identidades locais, também neste caso com centralidade de Regência. A vila de Regência, banhada pelo rio e pelo mar, com sua pequena Igreja, Praça principal, campo de futebol e comércios lindeiros constitui para muitos uma paisagem específica associada à Foz do rio Doce: *“Eu levaria você para poder ver lá na foz, é maravilhoso o encontro do mar com o rio, (..) a praia de banho, a pracinha a noite ali, para ver as pessoas mesmo sentada ali. Ver onde você poderia conversar com a população ali e ver que é (...) acolhedora, carente para um lado e para o outro, mas que aceitam bem quem vem de fora”* (Diana Campista, 43 anos)

). A simplicidade nos padrões de vida traria a sensação de aconchego devido à autenticidade das formas de acolhimento, da associação entre urbanidade e hábitos simples marcados pela proximidade com a natureza. Esses elementos constituem uma versão “verdadeira” das comunidades da foz do rio Doce, colorida por lugares, práticas e elementos da natureza que se misturam à vida em comunidade. Para que o visitante sinta um gostinho da identidade da população da foz do rio Doce, *“ele tem que ter um dedo de prosa com aquelas pessoas que...mais humildes que você acha que não tem nada para contar e ali tem a verdadeira história. Teria que ir no Carebão né? Comer uma moqueca gostosa, comer o peixe, já tem. Mas aí ele pode ir visitar as ilhas que tem muito cacau, muita banana e fazer uma carebada né? Também a noite que é alguns passeios quando...com monitoria, quando...na alta temporada da desova, há uns passeios né, junto com os técnicos do TAMAR enfim, mas eu acho que de tudo que fica mesmo é aquilo que só se enxerga com os olhos do coração”* (Luciana Souza Oliveira, 48 anos). As identidades dos habitantes da foz do rio doce possuem essa interpenetração das Vidas nos

Rios, Vidas nos Mangues, Vidas nos Mares, coloridas pelo Cacau e pelos Cultivos Agrícolas e Florestais, especialmente os de banana, para comercialização, e milho, mandioca e feijão para subsistência. Plantar, pescar e recolher mariscos para garantir a sobrevivência são elementos indissociáveis nas identidades das comunidades da foz do rio Doce.

Entre os marcos da ação do ser humano na foz do rio Doce, destaca-se também a centralidade do antigo Farol de Regência e da história do Caboclo Bernardo, diretamente associada à sua existência. No final do século XIX Regência era uma pequena vila habitada por populações caboclas, fruto dos contatos entre grupos de negros, pardos e indígenas ao longo do processo de ocupação da foz do rio Doce. Em 7 de setembro de 1887, diante de um grande naufrágio envolvendo o Cruzador Imperial Marinheiro, da Marinha Imperial, na costa de Regência, Bernardo José dos Santos, conhecido localmente como “Caboclo Bernardo”, se lançou ao mar levando um cabo de espia para que os naufragos pudessem chegar à costa e, com isso, salvou 128 dos 142 tripulantes da embarcação. Bernardo foi

homenageado na capital da Província, Vitória, e também pela Princesa Isabel, que lhe agraciou com a Medalha de Primeira Classe. Como recompensa, a pedido de Bernardo, foi construído o Farol de Regência, que desde então se plasmou à identidade local, sendo, assim como o personagem histórico, incorporado aos símbolos que remetem à localidade na foz do rio Doce.

Alçado ao status de herói nacional ao longo dos anos pelos moradores locais e, em tempos mais recentes, pela Prefeitura Municipal de Linhares, que construiu monumentos em sua homenagem, o Caboclo Bernardo é exemplo da capilaridade das identidades associadas à foz do rio Doce no território aqui analisado, com destaque para os municípios de Linhares, Aracruz e São Mateus, onde as histórias a respeito do personagem heroico são amplamente difundidas. A Festa do Caboclo Bernardo, realizada em Regência (*Figura 16*, próxima página), é um evento consolidado no calendário municipal e mostra a importância do personagem – e dos valores a ele associados – nas identidades locais da foz do rio Doce. A associação do

personagem aos hábitos de vida simples, ao conhecimento da dinâmica dos rios e dos mares, à coragem para enfrentar as forças da natureza e à abnegação diante das demandas da comunidade contribui para reforçar os modos de vida locais e o foco nas demandas comunitárias. A trajetória do herói, esquecido pouco tempo após seu feito e assassinado aos 53 anos de idade, também ressalta elementos como a falta de reconhecimento das ações locais voltadas para o benefício individual e coletivo.

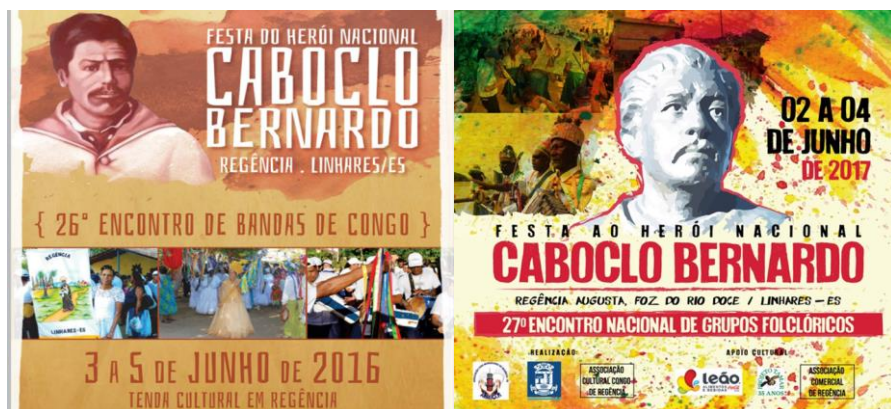
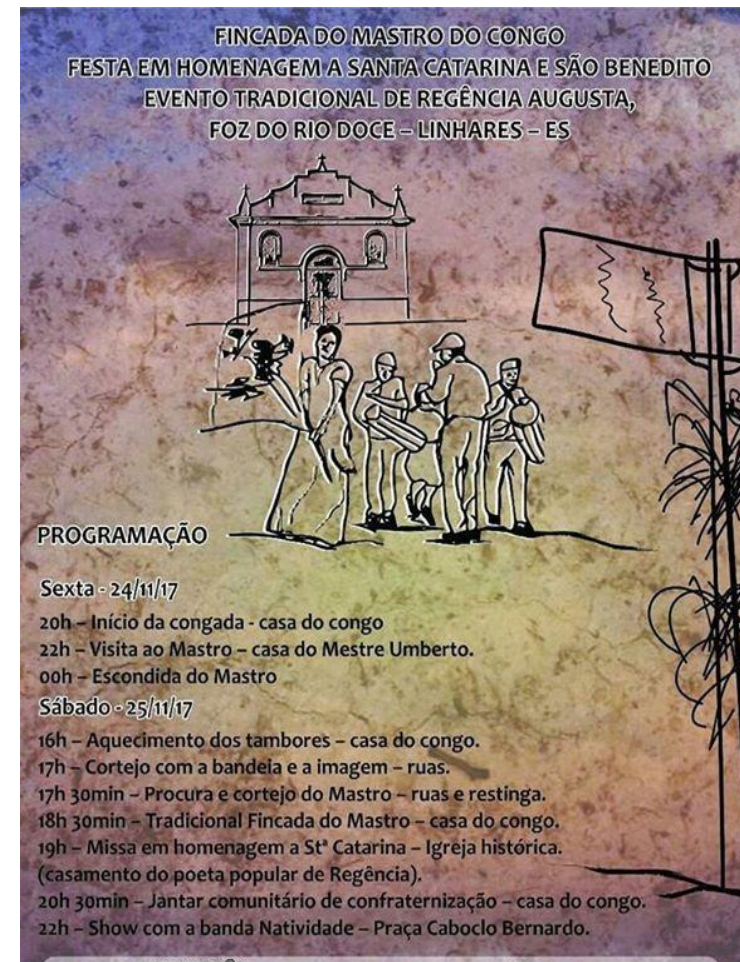


Figura 16: Cartazes da Festa do Caboclo Bernardo nos anos de 2016 e 2017, nos quais aparece a representação do personagem histórico e sua associação com elementos culturais das populações tradicionais de Regência, Linhares/ES.

Nas representações acima percebe-se que as identidades locais associadas aos modos de vida também incluem as celebrações, formas de expressão e manifestações religiosas que explicitam diferentes influências culturais. Expressões culturais como a Fubica - trio elétrico tradicional do carnaval e outras datas festivas - e o Congo - manifestação cultural afro-indígena marcada por cantos e toques de tambores, com danças e vestimentas referentes aos povos africanos e indígenas - atribuem elementos das populações tradicionais habitantes das margens do rio Doce na formação dos modos de vida e,

consequentemente, das identidades locais: "a gente ajudava muito lá em Regência, tinha umas festas culturais que era festa de Congo, anual, superlegal, que era espontânea, todas as bandas de Congo, se perdeu um pouco (...)" (Andreas José Hamer Boos, 55 anos). Como mencionado na seção 04 desta análise, em que discorreremos sobre os sentimentos das populações do rio Doce sobre as paisagens, a associação do rio Doce e dos territórios em suas margens com raízes associadas às populações tradicionais desse território é um elemento que salta aos olhos nas narrativas das pessoas entrevistadas. O Congo, o Jongo e o Ticumbi figuram como elementos centrais na afirmação das permanências de elementos de povos originários e historicamente diminuídos ou invisibilizados nos discursos sobre a formação dos modos de vida em comunidades ao longo da foz do rio Doce. Por meio dos cantos, danças e ornamentações corporais, os praticantes dessas manifestações (re)conectam as paisagens da foz do rio Doce com as Vidas Indígenas e Quilombolas, fazendo das identidades locais formas de resistência diante da massificação dos hábitos de consumo e lazer. Importa

mencionar que essa ligação identitária é defendida como a perpetuação de laços de sangue entre as populações que resistiram ao processo colonizador e à escravização e os atuais habitantes da foz do rio Doce, que persistem na defesa daquilo que consideram como seus modos de vida. A evocação das identidades indígena e quilombola, mais uma vez, promove trânsitos e conecta paisagens, associando práticas, usos do solo, formas de associação e culto às pautas políticas no presente. Manifestações culturais como o Congo (Figura 17), o Jongo e o Ticumbi associam o aspecto lúdico e performático das formas de expressão com a afirmação, sempre política, das maneiras de ser e interpretar o mundo das comunidades da foz do rio Doce. Observa-se, nesse sentido, como as identidades locais podem servir como elementos de perpetuação da resistência de grupos sociais historicamente silenciados pelas narrativas oficiais acerca dos elementos formadores da cultura brasileira e de sua relevância nos dias atuais.



FINCADA DO MASTRO DO CONGO
FESTA EM HOMENAGEM A SANTA CATARINA E SÃO BENEDITO
EVENTO TRADICIONAL DE REGÊNCIA AUGUSTA,
FOZ DO RIO DOCE – LINHARES – ES

PROGRAMAÇÃO

Sexta - 24/11/17
20h – Início da congada - casa do congo
22h – Visita ao Mastro – casa do Mestre Umberto.
00h – Escondida do Mastro

Sábado - 25/11/17
16h – Aquecimento dos tambores – casa do congo.
17h – Cortejo com a bandela e a imagem – ruas.
17h 30min – Procura e cortejo do Mastro – ruas e restinga.
18h 30min – Tradicional Fincada do Mastro – casa do congo.
19h – Missa em homenagem a Stª Catarina – Igreja histórica.
(casamento do poeta popular de Regência).
20h 30min – Jantar comunitário de confraternização – casa do congo.
22h – Show com a banda Natividade – Praça Caboclo Bernardo.

Figura 17: Cartaz de divulgação da Fincada do Mastro do Congo do ano de 2017, integrante do calendário festivo religioso de Regência.

A presença do rio nas identidades das populações da foz se associa à presença das Vidas nos Mares no cotidiano local. Para além da prática de esportes como o surf, a foz do rio Doce também é conhecida por ser local de existência de tartarugas conhecidas como “carebão”, que podem atingir grandes dimensões, e que são foco de pesquisas e ações de preservação ambiental realizadas por projetos sociais já consolidados em Regência, como o Projeto Tamar. A centralidade das tartarugas entre as representações associadas à vila de Regência mostra a importância desse elemento identitário na auto-atribuição de valor à vida comunitária local.



Figura 18: Representações artísticas localizada em área de convivência de estabelecimento comercial na vila de Regência, Linhares/ES. Fevereiro/2020.

Na representação acima (Figura 18), registrada em um estabelecimento comercial em Regência, nota-se a associação entre o Farol, marco edificado que garante a vigilância dos mares, e os animais que manifestam a riqueza das formas de vida locais. As embarcações pintadas na área

destinada a apresentações musicais, na extremidade esquerda, representando as vidas nos rios e a pesca cotidiana, são ligadas ao Farol por ondas e notas musicais e caminham para o mar, com suas plantas e peixes convidando o visitante a se dirigir ao balcão. Nessa representação é possível observar como as identidades culturais manifestadas na foz do rio Doce conectam paisagens. Vidas nos Rios e Vidas nos Mares se conectam na paisagem da foz de Regência, proporcionando um ambiente musical, que alegra as pessoas e promove cultura.

A foz do rio Doce também é vista pelos moradores locais e por pessoas de fora – visitantes, pessoas de outras regiões de Linhares e outros municípios nas imediações – como uma região propícia para o lazer, especialmente a prática de surf e outros esportes e para ações ecológicas que envolvem o rio Doce e as áreas naturais em suas imediações. O rio Doce e sua foz passaram a integrar as identidades de muitos dos moradores das imediações do rio a partir das experiências de infância, quando Povoação e, especialmente, Regência eram lugares buscados para o lazer

familiar. *Tem onda também, sempre foi uma localidade que se desenvolveu muito baseado no turismo da ecologia que é o Projeto Tamar e a reserva lá do IBAMA com visitaçãõ para turista e na cultura o Congo, na cultura tradicional dos pescadores de subsistência e eventos de música né, a cultura também assim e no lazer (...) na natureza. O pessoal fazia canoagem, pegava caiaque para dar uma volta ou dar uma volta de barco ou ir na boca do Rio Doce. Um ambiente todo diferenciado, tem o rio para um lado, mar para o outro e lá tem boas ondas e assim, uma das melhores ondas que tem no Estado do Espírito Santo. Então pra mim assim, falar de Rio Doce, eu lembro disso tudo aí de como Regência tem ainda uma relação muito íntima com o Rio Doce que foi drasticamente prejudicado com a contaminação (Breno Barroso Boos, 30 anos). É justamente essa intimidade com os recursos naturais, promotora de hábitos de vida e formas de lazer, que fomenta o sentimento de pertencimento a uma cultura local comum ou, em outros termos, leva ao compartilhamento de identidades que têm o rio Doce como elo central.*

Subindo a calha do rio Doce, observa-se que a centralidade do rio permanece visível nas sensibilidades locais expressam formas de identificação com os modos de vida desenvolvidos na região, que diferem dos da foz pela inexistência do encontro das águas, das áreas de estuário e das práticas esportivas. Na calha do rio Doce, as águas figuram como elemento identitário associado às Vidas nos Rios e Comunidades Rurais, algumas delas associadas às Vilas localizadas mais distantes do curso d'água, e à sede do município de Linhares. O rio Doce ganha, quando associado à história oficial de Linhares, uma dimensão especial, sendo valorizado como elemento propulsor da economia e promotor do progresso: *"Então, a importância do Rio Doce não só por aquilo que é o nascimento de Linhares que você pode ver que a importância dele na travessia, no progresso que era aquela dificuldade toda em balsa, em canoa e etcetera entendeu?"* (Reuber Costa Nascimento, 61 anos). O rio Doce, elemento essencial para a formação de Linhares como município, aparece nas memórias como o local que causa, ao mesmo tempo, atração e medo nas crianças, traz fartura e eventos disruptivos para

o cotidiano da cidade: *"Ele é monstro, esse Rio Doce, ele é monstro"* (Reuber Costa Nascimento, 61 anos). Sua beleza é reafirmada nas identidades locais da calha do rio Doce, se associando às lagoas locais: *"E esse Rio Doce era nossa referência, além da Lagoa Juparanã, que a gente ia pra lá, pra toda parte praiana nossa era as lagoas né? Você ia para as lagoas de bicicleta, Lagoa Nova, dependendo da proximidade, nadava muito (...)"* (Reuber Costa Nascimento, 61 anos).

Se nas áreas imediatamente contíguas às suas margens o rio Doce protagoniza as identidades locais, afastando-se das margens percebe-se que as ligações se estabelecem a partir do aproveitamento da água, das atividades pesqueiras e do estabelecimento de cultivos agrícolas e florestais, como os de mamão e banana, e a cultura do cacau em terrenos nas margens e ilhas existentes no leito do rio. Ele também faz parte dos ciclos das águas que periodicamente inundam acessos, comunidades rurais, roças, pastagens e fazendas, mostrando seu poder de influência sobre áreas muito mais amplas que aquelas

localizadas nas suas imediações. Essa relação, contudo, não possui a proximidade da encontrada entre os habitantes da foz e das margens do rio, muitas vezes se limitando ao recurso ao rio para a obtenção de matérias primas e recursos para as lavouras e fazendas instaladas nas áreas mais distantes da calha. Para essas pessoas, o rio Doce se apresenta como um lugar perigoso, cujas dinâmicas desafiam os conhecimentos sobre a vida em meio à natureza e que é digno de respeito. Observou-se essas percepções nas regiões próximas às localidades de Cabeceira de Santo Hilário, Chapadão das Palminhas, Rio Quartel, dentre outras localizadas a quilômetros do leito do rio Doce. Ainda que distante, o rio Doce participa do cotidiano e dos contextos de pensamento das pessoas, figurando, ainda que não com a mesma centralidade, nas identidades dos habitantes das comunidades locais.

Tais sensibilidades e representações a respeito do rio Doce, participantes da dinâmica de formação e perpetuação de identidades entre as populações que vivem em suas imediações, apontam para um processo de esgarçamento

dos laços sociais e, em decorrência disso, das formas de manifestação das identidades locais em comunidades localizadas na calha e na foz do rio Doce. Quando perguntados a respeito da permanência dos elementos identitários locais diante do rompimento da Barragem do Fundão e do derramamento de rejeito no leito do rio Doce, chegando ao Oceano Atlântico pela foz de Regência, muitos dos moradores demonstram incerteza quanto às possibilidades de manutenção das identidades diante do evento distópico que assolou as comunidades da foz do rio Doce em 2015: "*Rapaz... ter as comunidades como tinha antes, com o seu modo de vida, é... com suas tradições, seu... todo o seu conjunto cultural...*" (Carlos Sangália, 53 anos).

Essa incerteza se associa à constatação de que o elemento central na configuração das identidades locais, o rio Doce, sofreu considerável alteração em sua dinâmica e composição, afetando não só os modos de vida, mas as formas como os seres humanos se situam no mundo e estabelecem laços com outros seres humanos de sua e

outras gerações. *"É como (...) por exemplo, que você via dos mais antigos aí... chorando lá no porto, igual quando aconteceu lá com os indígenas lá do Parque do Rio Doce... por que que eles choraram? porque aí é um ambiente de memória deles, então passa a ser um ente familiar, entendeu? para os indígenas é até uma divindade"* (Carlos Sangália, 53 anos). A perda do rio que figura ora como suporte para a vida, ora como companheiro cotidiano, ora como ente familiar que ensina os percalços do existir no mundo e também como provedor generoso do sustento desarticula as teias identitárias, interrompendo a transmissão de conhecimentos tradicionais para as novas gerações. De elemento pulsante promotor da vida, o rio Doce passa a figurar nas identidades locais como elemento material da distância entre duas configurações de vida, tendo 2015 como marco temporal inescapável.

3.7.2. O rio Doce nas identidades do Litoral Capixaba

As identidades associadas ao rio Doce foram analisadas, até aqui, tendo como ponto de visada sua foz, localizada na região entre Povoação e Regência, na costa do município de Linhares. Outras regiões costeiras integrantes do território da Área 01, nos municípios de Conceição da Barra e São Mateus, ao norte, e Aracruz, Fundão e Serra, ao sul, também possuem ligações com o rio Doce que apresentam nuances de acordo com os processos específicos de ocupação do território e com a distância da calha do rio. *"Porque eu acho que o Rio Doce é importante não só para nós que passa aqui também, passa aqui também, outros pessoais de outros municípios, outros municípios né? Que passa, cada um tem um jeito né? Um jeito de pensar, uma maneira de pensar sobre o Rio Doce"* (Elenir Ribeiro Rodrigues, 71 anos). Já foi mencionado como, para alguns moradores de localidades do Litoral Capixaba, o rio Doce participa das experiências de infância das pessoas através das práticas de lazer e dos ciclos festivos que comportam

manifestações culturais como o Congo, o Jongo e o Ticumbi. Ao Norte e ao Sul, observa-se também a percepção de uma integração entre as comunidades banhadas pelas águas dos rios, dos mares e lagoas que caracterizam a região: "*Com certeza, é um rio importante também, querendo ou não, influencia a nossa região, é bem próximo né?*" (Rui Barbosa, 43 anos).

Observa-se que, ao norte do rio Doce, as identidades locais se encontram mais associadas aos rios São Mateus e Cricaré, cujas fozes se localizam nas sedes dos municípios de Conceição da Barra e São Mateus, respectivamente. Em termos das interpretações a respeito da história da região consolidadas ao longo das gerações, o rio Doce aparece como um elemento que contribui para a formação do contexto mais amplo das disputas pela ocupação da terra, da implementação de atividades econômicas e de dilemas envolvendo a apropriação dos recursos naturais pelos seres humanos.

Ele também se constituiu como local buscado por pescadores para a obtenção de espécies somente

encontradas em suas águas, integrando o rol de conhecimentos tradicionais a respeito das águas e dos peixes que nelas poderiam obter: "*tem porque o Rio Doce ele é outro que a gente pesca (...), são vários tipos de peixe que desce nele né, que desembocam no mar, eu pesquei muito tempo, o pesqueiro que eu mais frequento geralmente quando eu estou na pesca é o Rio Doce. É em frente ao Rio Doce né? Onde deságua*" (Fábio Silva Clarindo, 44 anos). Para as comunidades pesqueiras, o rio Doce faz parte dos trajetos de trabalho e se integra nas identidades locais, assim como observado na foz, como fornecedor do sustento e das ocupações cotidianas, se constituindo um espaço de intimidade, uso social e econômico. O rio Doce também participa do movimento das águas que marca o cotidiano das comunidades locais ao norte de seu curso: "*Barra Nova nós estamos a dois quilômetros daqui, então essa água passa toda aqui. Quando salga em Barra Nova, com poucos dias já salga aqui também*" (Mateus José Cairu, 52 anos). Assim, é a partir da conexão com as águas que banham a região norte do Litoral Capixaba que o rio Doce aparece nas identidades das populações locais. Observa-se a interpretação de que a

dinâmica do rio Doce interfere nas condições de trabalho, lazer e manutenção dos hábitos de vida das comunidades ao longo dos rios Cricaré e São Mateus, bem como seus afluentes e mangues

Ao Sul, o protagonismo do rio Doce é perceptível ao em sua relação com os rios Comboios e Riacho, que correm em direção a Vila do Riacho e Barra do Riacho, no município de Aracruz, e as populações estabelecidas em suas imediações. Os registros de Sensibilidades locais mostram o trânsito histórico entre as comunidades ao longo do curso dos rios Comboios e Riacho e a foz do rio Doce. Esse contato, estabelecido originalmente pelas Vidas Indígenas representadas atualmente no território pela Terra Indígena de Comboios, se estendeu aos grupos afro-brasileiros ao longo do processo de colonização e às populações ribeirinhas, pesqueiras e tradicionais que se consolidaram na região ao longo dos séculos XIX e XX, tornadas mais complexas com a chegada de imigrantes no início do século XX e de migrantes internos a partir da segunda metade do mesmo século. Mais recentemente, essa relação se tornou

mais presente nas identidades e demandas locais devido à abertura do canal Caboclo Bernardo, em meados da década de 1990, para o abastecimento de indústrias de celulose localizadas no município de Aracruz: *"O Rio Doce, ele faz parte da minha vida, desde quando eu nasci e o Rio Doce, ele faz parte de Barra do Riacho, porque nós temos um braço do rio, um canal, lá desaguando no rio Riacho"* (Hildete Caliman, 54 anos). Além disso, laços de sociabilidade entre os integrantes das comunidades entre a foz do rio Doce e a Vila do Riacho fazem com que o rio Doce integre os locais de trânsito e as identidades locais dessas comunidades localizadas no município de Aracruz: *"E assim, o Rio Doce para mim, vou muito a Regência sabe, Regência era o meu segundo lugar depois de Linhares, desde que eu cheguei em Linhares eu frequento Regência tenho grandes amigos em Regência, eu vou sempre lá"* (Elizabeth de Souza Areias, 57 anos).

Mais distante em direção ao Sul, em Serra e Fundão, observa-se menor presença do rio Doce nas sensibilidades registradas, mantendo-se ele presente majoritariamente

entre as identidades das comunidades pesqueiras locais. Nessas áreas do extremo sul do território aqui analisado, os principais cursos d'água mencionados são os rios Piraquê-Açú, o Piraquê-Mirim, com seus manguezais, e o Reis Magos. Entretanto, observa-se que, entre pessoas mais ligadas às atividades pesqueiras e envolvidas nas pautas ambientais locais, o rio Doce é associado à dinâmica mais ampla da escassez hídrica, da drenagem dos solos e das mudanças climáticas que atingiram não só a costa capixaba, mas regiões mais amplas no Brasil e no mundo. Além disso, o rio Doce permanece presente no imaginário das pessoas localizadas mais ao sul de seu curso através de histórias e canções transmitidas através de gerações: " 'ô meu Rio Doce, doce é o seio da morena flor'... tem músicas lindas do Rio Doce" (Dida Áurea Tomé, 70 anos). Nessas representações, o rio Doce figura como a figura materna que alimenta seus filhos, permitindo o florescimento da vida.

Ao Norte e ao Sul, a presença do rio Doce nas identidades e nas demandas cotidianas das comunidades locais é percebida como mais evidente após o rompimento

da Barragem de Fundão, em novembro de 2015. A conexão entre as águas que embasava os trânsitos populacionais, laborais e culturais ganhou outros contornos ao afetar os hábitos de vida e modos de trabalho tradicionalmente estabelecidos nessas localidades. Com a chegada do rejeito minerário através das águas conectadas dos rios e mares da região da foz do rio Doce e do Litoral Capixaba, essa conexão passou a ser associada à descaracterização e à distopia que, como já analisado em seção anterior, traz as sensações de suspensão, impotência e resignação. *"Porque são coisas que são vitais pra gente, quem vive sem água? Quem vive né, sem o peixe de lá, tudo que eles trazem de lá. As pessoas que vivem diretamente daquilo ali também sofrem muito, eu digo nem só ali o impacto financeiro né? Porque o psicológico das pessoas também né? Por algumas notícias que a gente tem, que a gente recebe, que a gente vê né, a gente percebe que as pessoas sofrem com isso, porque são pessoas que fazem parte né, do rio ainda mais, principalmente os ribeirinhos ali, tem que ver como essas pessoas sofrem"* (Rui Barbosa, 43 anos).

O impacto nas atividades pesqueiras foi um elemento recorrente nas sensibilidades associadas ao rio Doce quando referentes ao pós-2015, destacando-se a percepção de que a contaminação de suas águas e a interrupção das práticas associadas aos modos de vida tradicionais afetaram a manifestação das identidades locais: *"(...) a comunidade local de pesca tinha mais auto estima (...) lá em Regência né? Rio Doce é uma grande riqueza que foi se perdendo, a poluição e a chave de ouro dessa coisa, foi o derramamento de Mariana, né? Que foi a poluição do Rio Doce, hoje é um choque né, ter o potencial que tem, em um mês, se tornar uma água tóxica (...). Metais pesados né? Está no fundo isso lá, né? E isso teve um impacto muito grande na sustentação, na economia, na cultura, era um lugar muito encantador agora estamos tentando sobreviver* (Andreas José Hammer Boos, 55 anos).

O rio Doce, responsável pela conexão nas identidades locais, passou a estar associado à disseminação do processo de descaracterização, sendo através dele que os impactos do rompimento da Barragem de Fundão chegariam até as

comunidades localizadas nas suas imediações: *"Porque todas as águas que vêm do rio Doce, somos nós aqui quem recebemos"* (Astrogilda Ribeiro dos Santos, 86 anos). A afirmação do rio Doce como conector nas identidades locais ressalta o impacto da contaminação de suas águas em comunidades localizadas já a alguma distância de suas margens através da interconexão das águas dos rios e dos mares que banham a região: *"Porque quando acontece a tragédia de Minas Gerais, finaliza aqui em Linhares, Aracruz, Regência, Comboios... Todo mundo é afetado. Todo mundo foi afetado, entendeu? E aí, conclusão, o que que eu vejo? Eu não vejo um conjunto para resolver o problema. Eu acho que deveria haver um conjunto com o governo, presidente, todo mundo botar a mão na massa. Porque, afinal de contas, esse rio acabando, a vida das pessoas vai acabando também. Vai acabando os peixes, vai acabando os mariscos, vai acabando uma série de coisa.* (Georgina Morais Cersana, 70 anos).

Dessa maneira, ao Norte e ao Sul do rio Doce, os impactos sentidos nas vidas das comunidades instaladas no

território analisado conectam as identidades locais ao rio Doce, fazendo dele elemento aglutinador não só de formas de vida, mas também de formas de morte. Essa valorização do rio Doce como elemento identitário diante dos impactos do rompimento da Barragem de Fundão em 2015 faz com que as comunidades de Conceição da Barra, São Mateus, Aracruz, Fundão e Serra associem suas demandas locais com a pauta maior das reparações dos impactos causados pelo despejo do rejeito nas águas conectadas da foz do rio Doce e do Litoral Capixaba. O rio Doce, ainda que por tristes motivos, continua a manifestar sua potência na dinâmica das identidades locais no território aqui analisado.

3.8 Percepções do passado, leituras do presente e o futuro imaginado

Após analisar os sentimentos e as identidades das populações que vivem nas imediações do rio Doce, a análise

da paisagem da Foz do rio Doce e do Litoral Capixaba procurará identificar a forma como essas pessoas percebem as paisagens no passado, no presente e as imagina no futuro. Com isso, será possível observar a articulação dos elementos identitários e dos sentimentos aos processos temporais que recortam paisagens e vidas. Também aqui nos manteremos atentos às Sensibilidades e às Representações para refletirmos sobre aquilo que elas permitem apontar a respeito da percepção das configurações dessas paisagens no tempo. Seguiremos a trilha aberta pela pergunta, iniciando com as percepções de passado e de seus múltiplos enquadramentos, continuaremos com a identificação da situação presente, com atenção ao lugar ocupado pelo rompimento da Barragem de Fundão nas percepções dos moradores entrevistados, e finalizaremos com apontamentos a respeito do futuro percebido, sobre o qual a seção 09 também tecerá relevantes análises.

As percepções dos moradores da foz do rio Doce e do Litoral Capixaba a respeito das paisagens no passado envolvem a valorização das formas tradicionais de

subsistência, da fartura encontrada na natureza que cercava as populações, da dimensão ainda pequena dos povoados e cidades, das formas de lazer e de sociabilidade, do trânsito entre territórios na foz e da paulatina instalação de atividades econômicas que alteraram a dinâmica de uso do solo, conforme foi possível observar em sessões anteriores a partir da análise dos mapas de uso e ocupação do solo entre 1985 e 2015. Essas percepções se ligam, é possível observar, a muitos dos elementos identitários analisados na seção anterior, o que mostra a importância dos modos de vida construídos cotidianamente, ao longo do tempo, pelas populações presentes no território.

3.8.1. Paisagens do e no passado

Iniciemos com as percepções a respeito dos modos de vida nas paisagens da foz do rio Doce no passado. Na seção anterior, foi analisada a centralidade do rio Doce para a

formação dos hábitos que levaram à construção das identidades das comunidades em suas margens, da foz à divisa entre Linhares, Colatina e Marilândia, subindo a sua calha. Como, então, a memória a respeito desses modos de vida aparece nas falas dos entrevistados? Para além dos valores atribuídos às paisagens, já analisados, como essas “aconteciam” no passado?

Muitas das respostas que permitem abordar essas percepções de passado decorrem dos relatos dos entrevistados sobre suas infâncias. Por isso, são narrativas carregadas de saudosismo, não só dos modos de vida apresentados, mas do próprio tempo em que se era criança e se podia desfrutar da paisagem sem as responsabilidades do mundo do trabalho. Essa memória terna das paisagens no passado, assim, estrutura a formação da consciência de uma experiência associada à paisagem que se desenrola ao longo de uma vida, conferindo sentido à existência no mundo. Número significativo de entrevistas mencionaram a centralidade das atividades pesqueiras para a subsistência de comunidades localizadas na foz do rio Doce e Litoral

Capixaba. A centralidade dos rios Doce, Cricaré, São Mateus, Riacho, Piraquê-Açu e Reis Magos, e da pesca marítima aparecem nas entrevistas associada às formas tradicionais de obter o sustento em localidades próximas das margens do rio Doce, como Regência e Povoação (conforme analisado na seção anterior), e em outras mais distantes, como na Comunidade Quilombola de Degredo: *"quando a gente saía cedinho, passada debaixo de círculo. Sempre tinha alguém pescando na praia, sempre tinha uma família, mãe com aquele monte de menino, que é tradicional da comunidade.* (Simone de Jesus, 33 anos). Em São Mateus, ao norte do rio Doce, e em Santa Cruz, município de Aracruz, ao sul do rio Doce, as memórias associam a pesca às atividades extrativistas nos mangues que recortam a região costeira do município: *"Os manguezais... Você via os siris, os caranguejos, eles cresciam! Tem casa aqui em Santa Cruz que tinha guaiamu desse tamanho assim, oh. O pessoal construiu... Os guaiamuns ficavam dentro de casa. Saía da praia, vinha para cá. Fazia aqueles túneis por debaixo da terra e circulava. Era coisa fantástica você ver a relação e*

você ver os bichos vivendo livre" (Georgina Morais Cersana, 70 anos).

A identificação desse elemento associado ao passado das paisagens esteve mais presente quando os entrevistados fizeram referência a paisagens como Vidas nos Rios, Vidas nos Mares, Vidas nos Mangues e Lagoas, aparecendo também nas Vidas Quilombolas e nas Re-Existências. Diretamente ligadas às águas, internas e externas, contidas ou não, essas paisagens, quando abordadas no tempo passado, são identificadas com as práticas e os modos de viver promotores de baixos níveis de antropização do meio e de uso sustentável dos recursos oferecidos pela natureza: *"há uns tempos atrás tinha fartura das coisas, pegava tudo para comer.(...) de primeira a gente vendia muito caranguejo em São Mateus, pegava, levava para São Mateus, pegava muito aqui também, ninguém atropelava a gente não (...). Era amanhecer o dia, sair para o mangue, pegar o caranguejo, (...) levava de canoa, lá saltava, carrega nas costas, chegava lá botava no ônibus, levava para São Mateus para vender e fazer um dinheirinho*

para sobreviver. (José Pinho Ramalho, 75 anos). As paisagens associadas às Vidas nos Rios, Vidas nos Mangues, Vidas nos Mares e Lagoas são percebidas, no passado, como companheiras no sustento diário das pessoas.

Na foz do rio Doce, como mencionado, atividades específicas marcam a percepção do passado das paisagens locais. A cultura do cacau, por exemplo, é uma que figura com elemento mencionado às paisagens da foz em tempos pretéritos, sendo considerada uma peculiaridade da região. A cultura do cacau, estabelecida na foz do rio Doce a partir da primeira metade do século XX, foi um importante meio de obtenção do sustento das comunidades da foz do rio Doce, que formaram ou passaram a compor as equipes de trabalho nas lavouras locais: *"depois começaram com a questão do cacau principalmente mais em povoação, assim, e vieram os baianos pra trabalhar roça de cacau, por exemplo: o Leoni, que é presidente da Associação dos Pescadores, (no engenho da frente), a mãe dele veio da Bahia, ele criança ainda para trabalhar na roça de cacau. E aí, mineiros também, porque tinha... mais a povoação de*

Regência" (Carlos Sangália, 53 anos). Essas lavouras de cacau, integrantes do processo de consolidação da ocupação territorial da foz do rio Doce e do litoral capixaba no início do século XX, já se encontram em grande medida desativadas, sendo mencionadas pelos entrevistados como áreas de cultivo abandonadas nas quais os vestígios das antigas atividades produtivas ainda podem ser encontrados. Contudo, é possível encontrar plantações já estabelecidas de cacau na modalidade "cabruca" em ilhas do rio Doce, nas margens da lagoa Juparanã e nas imediações das localidades de Humaitá, subindo o rio Doce. A percepção a respeito dessas paisagens no passado é a de que, integrantes de um ciclo histórico de desenvolvimento local, elas enfrentaram desafios nas últimas duas décadas para se perpetuarem: *"É cacau, aqui nós temos uma produção de cacau grande, toda essa faixa aqui é cacau. É, fomos castigados um pouco, em função da vassoura de bruxa, que surgiu aqui em 2004, 2005 pra cá. Eu, quando eu cheguei aqui não tinha vassoura de bruxa em 2000, quatro anos depois já comecei a pegar vassoura de bruxa. Então, assim, caiu muito a produção, desempregou muita gente, a vassoura de bruxa, a exemplo*

do que aconteceu na Bahia, em Ilhéus, naquela região lá (Adão Cellia, 61 anos). Como já analisado no Pré-Inventário e no Inventário paisagístico, a praga da vassoura de bruxa, chegada à região no início da década de 2000, contribuiu para o desaparecimento de muitas das antigas paisagens de cacau que existiam na foz do rio Doce, não as dizimando por completo. Assim, as sensibilidades associadas a essas paisagens sempre recuperam tais elementos referentes ao passado para descrever o contexto do lugar onde vivem as pessoas entrevistadas.

Quando relacionadas a um passado mais distante, ao tempo de juventude dos pais e dos avós, muitas das atuais paisagens da foz do rio Doce são apresentadas como matas originárias, como já abordado nas seções iniciais desta análise. Essa característica se associa, nas falas dos entrevistados, a uma percepção de que a vida no passado era, ao mesmo tempo, farta e trabalhosa pois a interação com as paisagens locais exigia sacrifícios para vencer os obstáculos de um meio ainda pouco antropizado e artificializado. Nas palavras de Ivan Monteiro, pescador

aposentado residente em Barra Nova, São Mateus/ES, "*era fácil? Era. Mas era difícil*" (Ivan Monteiro, 66 anos). As referências às dificuldades encontradas para que as famílias e comunidades se sustentassem nas paisagens em tempos passados aparecem em diversas das sensibilidades registradas em campo: "*E meu pai quando queria comprar alguma coisa, saía no meio da mata, passava lá.. Lá onde tem aquela casa lá..lá no fundo, andava de facção no meio da mata. Saía ali por baixo ali na Japira, que era pura mata, saía na casa do finado Antônio [incompreensível]. Lá nas palmas já tinha uma estradinha pouquinho. Ele ia... levava dois dias para ir e dois para voltar, eram quatro dias. Quê que ele podia trazer de Colatina? Quinze quilos de peso, era sal, querosene e mais alguma coisinha, o resto tinha que se virar aqui no meio da mata. A vida era triste, vida dura, vida de índio*" (Adirson Gomes da Silva, 72 anos). A inexistência de estradas e outros elementos infraestruturas, como energia elétrica, em muitas das localidades visitadas são mencionadas como elementos que formaram os modos de viver local a partir da necessidade de se obter o sustento com poucos recursos e aproveitando as forças da natureza:

“Há trinta anos atrás a gente tinha, antigamente não existia essa estrada, de barro, essa estrada ela foi feita em dois mil e cinco, não tínhamos energia aqui também não, a gente não tinha energia, veio através do projeto Luz para Todos do Governo Federal na época de Lula né? Então era muito mais difícil. O nosso trajeto era a cavalo ou pelo rio, antigamente, mais além de trinta anos, a cinquenta anos atrás, sessenta as pessoas faziam troca de mercadorias. O meu pai conta, o Zé Costa, também conta muito sobre isso. Que por exemplo, minha avó, a minha avó eles viviam da farinha, ela fazia a farinha e meu avô pescava. Aí ela fazia aquela farinha três, quatro sacas de farinha aí você levava lá em São Mateus ou em Povoação, para Povoação eram três dias andando a cavalo ou a pé puxando para poder trocar com mercadoria, por alguma coisa que tinha, nas vendinhas que tinha lá em Povoação. Então antigamente era tudo moeda de troca, você usava para você comer, mas também você trocava por não ter” (Simone de Jesus, 33 anos).

Muitas das referências às paisagens no passado recuperam aspectos da vida comunitária nas diferentes

localidades visitadas. Num primeiro momento, salta aos olhos a importância da dimensão familiar para a realização das atividades produtivas. A participação familiar e a necessidade de trânsito no território para obter os materiais necessários ao trabalho são elementos constituintes do passado percebido das paisagens da foz do rio Doce e Litoral Capixaba. A inexistência de bons acessos, a necessidade de utilizar animais para vencer distâncias e carregar produtos e o uso dos cursos d'água para a conexão com outras localidades importantes apareceram nas sensibilidades como elemento estruturante de uma vida que, se por um lado é vista como boa e pura, por outro demanda força, persistência e trabalho: *“Mas como era muito difícil, quando não era isso, era ir para São Mateus, pegava o Rio Ipiranga, que fica próximo aqui, aí você ia de barco, cinco dias de barco navegando a remo, a remo tá? Não é barco a motor não, que isso aqui não existe, a remo, para poder levar essa farinha para poder vender lá em São Mateus. Então as coisas eram muito mais difíceis mesmo. Para estudar a gente ia a cavalo, atravessava rio, quem não tinha cavalo ia a pé, andava quilômetros para chegar na escola (Simone de Jesus,*

33 anos). Em muitos dos relatos das comunidades localizadas em regiões distantes das sedes municipais foi possível identificar essa menção aos elementos pretéritos das paisagens como forma de ressaltar a força, a persistência e a dureza do trabalho das populações. Como já analisado na seção 06, tais elementos integram as identidades dessas comunidades, gerando potencial transformador que será analisado em seção posterior.

Ao mesmo tempo, as paisagens relacionadas aos cultivos, como os de café, banana e mamão, são percebidas no passado como detentoras de configuração menos concentrada no que se refere ao regime de posse de terras e menos danosa ao solo e às águas no que se refere à utilização de agrotóxicos e às formas de irrigação. Essa percepção está diretamente associada à percepção que alguns dos entrevistados manifestaram a respeito das mudanças climáticas, já abordadas nesta análise. Assim, paisagens observa-se que as paisagens antropizadas relacionadas aos cultivos são associadas, no passado, a um menor potencial destrutivo das condições naturais: "*mas era*

muito diferente de hoje naquela época as coisas em todas plantadas, colhido em cada, a gente fazia lavoura de feijão, milho, porco, galinha, tem ainda agora essas coisas assim, mas não é mais igual o que era antigamente, também que não se usava irrigação essas coisas, não precisava que o tempo corria bem o ano inteiro né?" (Zelia Scarpati, 75 anos). Mesmo quando as paisagens abordadas são as de Vilas e Cidades, o passado também é percebido como menos artificializado, mais associado às condições naturais e à adaptação dos viventes ao que elas ofereciam à vida em comunidade: "*não tinha calçada na época, era tipo a rua mesmo, entendeu? Normal e com essas vegetações que está aí até hoje, porém os quiosques tinham mais espaço, atendia o pessoal melhor entendeu? E... e hoje, isso é uma construção do homem. Naquela época era natural, as vezes chegava numa época dessa, no inverno criava umas dunas de areia aqui. Uma imagem que eu tenho da casa da minha mãe, eu ficava da cozinha lá de casa, eu ficava olhando, era bem longe a praia assim e a gente tinha um caminho, uma trilha que a gente fazia por dentro do quintal aqui. Era tipo um sítio né? A gente atravessava essa rua, era de chão daqui*

para lá e a gente demorava mais um tempo para chegar na praia. Então você andava por aqui, pela beira da praia, você andava lá embaixo, você ia daqui, você andava mais ou menos uma hora para lá e uma hora pra cá. Assim, não tinha esse tanto de casa muito beirando o mar, tinha essas casas do lado de cá, mas igual tem hoje não entendeu? (Fabio da Silva Clarindo, 44 anos)

Essa percepção de que as paisagens, no passado, sofriam menor Antropização e artificialização se associa à experiência, nos últimos 50 anos, da instalação de uma série de empreendimentos dedicados à extração de óleo e gás, à atividade portuária e, de forma marcante, à extração de madeira e a instalação das paisagens de Eucalipto. No caso da atividade de extração de madeira, cuja ocorrência mais marcante se deu em São Mateus e Conceição da Barra, a existência das indústrias gerava uma situação contraditória: se, por um lado, essas indústrias garantiam uma oferta mínima de empregos, por outro, suprimiam as matas e alteravam o cotidiano das populações: *"Porque eu lembro bem aqui, lá em mil novecentos e setenta e seis, setenta e*

seis, não tinha nada aqui, só tinha uma, uma serraria, aí a gente trabalhou muito tempo nessa serraria, depois a serraria acabou, mudou, aí apareceu outra serraria do outro lado, então e ali depois também acabou e aí foi migrando né? Saindo para um canto para outro, as matas também foram ficando mais distantes pra poder adquirir a madeira pra poder serrar né? E o emprego que tinha maior aqui era isso" (Manoel Cairú, 61 anos).

No que diz respeito ao Eucalipto, sua expansão sobre áreas anteriormente ocupadas por fazendas faz parte do passado das paisagens de vastas áreas em Conceição da Barra, São Mateus, Linhares, Aracruz, Fundão e Serra. Mesmo pessoas que se instalaram na região em épocas mais recentes, no início do século XXI, remetem a este processo de ocupação de antigas paisagens pelas plantações de Eucalipto: *"quando eu estava comprando aqui, não tinha questão de Fibra e Celulose ainda, né? A Celulose veio mais ou menos na mesma época que eu comprei aqui, eles estavam comprando. Então no interior aqui, na parte dos fundos era muita residência, não é Elisângela? Muitos*

moradores, pequenos proprietários, tinha muita gente (...) quando eu cheguei não tinha um pé de eucalipto ainda não (...) Era café, pasto..." (Adão Cellia, 61 anos). Nas percepções dos moradores a respeito do passado das paisagens, aparecem as marcas da substituição dos usos do solo ao longo do século XX, com a instalação de lavouras e pastagens onde antes existiam matas, algumas delas abrigando plantações de cacau. A instalação das Indústrias em localidades da foz do rio Doce e no Litoral Capixaba contribuiu para o afastamento de algumas populações que desfrutavam das paisagens locais dos espaços onde tradicionalmente desenvolviam suas atividades: *"quando as empresas começaram a chegar, como nós sempre fomos uma classe pesqueira, beirada de ribeirão, o que acontece, nós não tínhamos pessoas capacitadas para ocupar os lugares. Eu me lembro como se fosse hoje, um engenheiro falou para nós assim: "Olha, nós temos para ofertar para vocês, mas vocês não têm para ofertar a nós!" Essa frase ficou gravada!"* (Hildete Jorge Caliman, 54 anos). As alterações percebidas nas paisagens no passado, como é possível observar, deixam marcas na presença das pessoas

nas localidades e, com isso, nos usos do solo e nas relações sociais desenvolvidas entre as pessoas.

As percepções a respeito do adensamento urbano também integram as formas com que o passado das paisagens da foz do rio Doce e do Litoral Capixaba foi abordado pelos entrevistados. Tais dados podem ser corroborados pelas informações apresentadas no Pré-Inventário, que mostram o expressivo processo de expansão urbana em todos os municípios da Área 01, com destaque para Serra, que apresenta atualmente 99% de seu território urbanizado. Em toda a Área 01 foi possível observar as menções a este processo associada à constituição das paisagens de Cidades ao longo do território, com a construção de edificações de veraneio e residenciais em localidades anteriormente ocupadas por comunidades tradicionais: *"o lugar que a gente nasceu, essa região tinha antigamente, não...não tinha nada mesmo, isso aqui era uma mata só, quando ia sair na praia, nem via a praia, passava era caminhozinho né, para sair para a praia tinha uns trilhozinhos né, que eu passava com meus avós e era*

pura mata isso aqui. Não tinha nem casa na região igual tem agora, então era mata mesmo né?" (Edmar Correia dos Santos, 58 anos).

Arruamentos, serviços públicos, estabelecimentos comerciais aparecem – ou aparece a falta deles – como percepções de que o passado das paisagens envolveu um convívio comunitário estreito entre pequenos contingentes populacionais que, com o tempo, ganhou contornos mais diversos com a chegada de pessoas em decorrência de alterações no uso do solo, como em Itaúnas, em Conceição da Barra: *"Em noventa quando eu chego essa vila está instalada, aquela... tem aquele lugar onde bifurca, ali era onde a gente chegava, começava ali nessa bifurcação, começava nessa bifurcação tinham duas ruas principais tinha o espaço territorial da vila, mas não era ocupado não tinha gente para ocupar tudo aquilo ainda. Tinha uns lotes desenhados, umas casas para lá, umas casas para cá, a rua principal ocupada, lugares sem luz, lugares sem água, assim era na década de noventa"* (Marcia Lederman, 50 anos).

Em Regênciã, as percepções a respeito das paisagens no passado envolvem a valorização do aspecto simples, diminuto e solidário da vida cotidiana: *"Regênciã nunca teve menor e nem maior abandonado, chegava algum andarilho lá, logo alguém botava numa casa, dava comida, dava roupa, é... então isso era um... um patrimônio importante, entendeu?"* (Carlos Sangália, 53 anos). Não só em Regênciã, mas em diversas outras comunidades, a vida comunitária construída no passado e que reverbera até os dias atuais é um elemento importante, um patrimônio local na visão de muitos entrevistados, como em na Comunidade Quilombola de Degredo, em Linhares: *"É, igual eu falei, a diversão, o lazer, por exemplo, o lazer para quem está em casa, durante a semana quem trabalha, no final de semana é ir para a praia tomar banho, leva a família toda, aqui a gente costumava muito fazer aquele farofão. Nós temos aqui na nossa comunidade sete lagoas, são lagoas belíssimas, próximas a praia. Então a rotina era, final de semana reúne a família, vamos pescar na praia e tomar banho na lagoa"* (Simone de Jesus, 33 anos). Os contatos cotidianos da vida do trabalho eram, nas percepções dos moradores, coloridos

pelos momentos de lazer que permitem conhecer as belezas naturais da região, transitar entre paisagens e desfrutá-las em companhia daqueles mais próximos. Essa associação comunitária se expressa, nas referências ao passado das paisagens, quando os entrevistados abordam elementos da cultura local que lhes são caros, como em Povoação, Linhares: *“Olha, eu falo para você, eu gosto mais, eu lembro, eu me recordo muito mais de dois mil e dois, do que de dois mil e vinte, dois mil e dezenove, de dois mil e quinze para cá digamos porque em dois mil e dois nós tínhamos a nossa... Povoação tinha a cultura dela tinha a dona Eliete que fazia o carnaval de rua, tudo...a...Amélia que fazia a Festa da Manjuba dela no meio da rua, Festa do Robalo, então era tudo, era tudo muito a cara do lugar”* (Eliane Gregório, 57 anos).

As menções às paisagens no passado incluem, como pudemos observar, referências a processos que ocorreram na região da foz do rio Doce e no Litoral Capixaba ao longo do século XX, mas é possível identificar nas sensibilidades a recorrência do tema do rompimento da Barragem de

Fundão, em novembro de 2015, como marco delimitador de diferenças nos modos de vida e nas paisagens locais. Na seção 08 o evento será analisado em profundidade no que diz respeito à sua consolidação como um marco temporal nas percepções das populações e nas configurações materiais das paisagens. Aqui, interessa observar que essa paisagem percebida no passado não é mais a que os entrevistados manifestam experimentar no presente. Ainda que referências aos modos de vida estabelecidos ao longo do tempo pelas pessoas se mantenham visíveis, os desdobramentos do rompimento da Barragem de Fundão, especialmente o despejo de enorme quantidade de rejeito mineral nas águas do rio Doce -que a levou ao Oceano Atlântico e a outros rios da região-, traçaram uma fronteira entre passado e presente que fica clara na utilização dos verbos, majoritariamente no tempo passado, para se referirem à cultura e aos modos de vida locais, mesmo que alguns desses elementos permaneçam presentes nas comunidades. Abordaremos na próxima seção as formas como as pessoas percebem as paisagens da foz do rio Doce e do Litoral Capixaba no presente, após 2015, identificando

como as pessoas enxergam seus dilemas atuais diante do desastre.

3.8.2. As percepções do presente e as projeções de futuro

Após analisarmos como as paisagens da foz do rio Doce e do Litoral Capixaba são percebidas pelas pessoas no passado, seguiremos esta seção abordando as formas como elas são percebidas no presente e imaginadas no futuro. Como afirmado anteriormente, essas vivências do presente contribuem tanto para a formação das percepções de passado, servindo como ponto de comparação, como interferem nas projeções de futuro, entendidas aqui como leituras do cenário projetadas para os tempos vindouros. Nisso, as percepções podem se diferenciar dos desejos de futuro, que serão abordados de maneira mais aprofundada na próxima seção desta análise.

Se as paisagens Vidas nos Rios, Mangues e Mares e Foz são percebidas no passado como marcadas pela proximidade entre ser humano e natureza promovida pelas águas, com seus benefícios e desafios, o presente dessas paisagens é marcado pelos desdobramentos do processo de degradação do rio Doce ao longo das últimas décadas e, mais especificamente, do desastre de 2015 que despejou nas águas do rio Doce o rejeito minerário proveniente da Barragem de Fundão. Este evento interrompeu atividades cotidianas dessas comunidades, especialmente a pesca e a extração de mariscos, mas também as práticas de lazer comuns às pessoas que residem nas imediações dos cursos d'água. Conforme já abordado nas seções 04 e 05, os sentimentos e as relações estabelecidas pelas pessoas com as paisagens das quais fazem parte passou por processo de esgarçamento a partir da interrupção causada pelo desastre de 2015. Não é incomum ouvir diálogos como o registrado entre Vilma Pimentel de Souza e Agostinho de Souza, residentes em Santa Cruz, Aracruz:

Vilma: Hoje a gente vê não vê mais aquele... Igual ele ficava pescando com o pessoal, saía todo mundo animado e ia pra lá na beira do riozinho... Hoje a gente...

Agostinho: Acabou tudo." (Agostinho de Souza, 59 anos, e Vilma Pimentel de Souza, 59 anos)

A percepção de muitas das pessoas integrantes de comunidades que formam paisagens de Vidas nos Rios, Vidas nos Mangues, Vidas nos Mares e Foz é a de que a proibição da pesca desarticulou uma série de hábitos locais que se consolidaram nas identidades das pessoas e compunham as paisagens no passado, como na Comunidade Quilombola de Degredo, em Linhares: *"Pode ir lá agora que você só vai ver, você não vê ninguém pode até nadar pelado que você não vê mais ninguém (...). É porque está proibida a pesca né? Aqui está proibido, toda a pesca. Não se pode mais pescar. Então, automaticamente a pessoa fica com receio de tomar um banho lá na praia, então você não vê mais, você não vê mais. Então eu fico olhando e imaginando, que eu me vejo ali, quando eu era criança correndo na beira da praia, a minha mãe e meu pai pescando, jogando linha,*

que é uma pesca artesanal mesmo. Jogando linha e nós brincando ali na beira da praia pegando goroçá, entendeu? E hoje assim, na minha mente eu vejo isso, mas infelizmente isso não é mais possível" (Simone de Jesus, 33 anos).

Como vimos na seção anterior, essa percepção da degradação das águas dos rios pode também ser associada ao processo de degradação causado pela supressão das matas em suas margens, pelo despejo de esgotamento sanitário em seus leitos e outros impactos causados por atividades produtivas estabelecidas em suas imediações ao longo do tempo: agora não tem mais água limpa em lugar nenhum, nós não temos mais água limpa, acabou né esse negócio, não é em Itaúnas, mas em lugar nenhum não tem água limpa, só onde a água nasce. Aqui nós temos uma água de agrotóxico né? Completamente eucalipto, cana, gado, fruticultura, temos esgoto... (Marcia Lederman, 50 anos). Mesmo em áreas mais distantes do rio Doce, como em Ituanas, município de Conceição da Barra, as percepções a respeito da disponibilidade e qualidade das águas e dos peixes no presente apresenta sentido semelhante, com a identificação da diminuição drástica do número de peixes

nos rios e mares: *"vamos supor a gente pescava cinquenta quilos, hoje pesca cinco, o resto já morreu está entendendo?"* (Marcia Lederman, 50 anos). Assim, as paisagens de Vidas nos Rios, Mares Mangues e Foz acumulam processos responsáveis pela degradação das condições e modos tradicionais de vida estabelecidos pelas comunidades, o que culminou, em 2015, com a interrupção dessas práticas. Qual o cenário trazido por esse processo?

Em primeiro lugar, o presente dessas paisagens é marcado pela maior dificuldade em obter o sustento cotidiano através das atividades pesqueiras ou comerciais, uma vez que a oferta de peixes de qualidade nas imediações diminuiu drasticamente: *"hoje, para a gente comercializar o peixe para a gente vender na cabana, a gente tem que ir na Bahia buscar, Marataízes, sabe? Conceição da Barra, você acaba comprando uma coisa bem mais caro, um peixe bem mais caro, entendeu? Então para a gente é muito triste isso. Antigamente não, você vinha aqui na beira da praia, ah, pegou tantos quilos de peixe, cem quilos de peixe, duzentos quilos de pescadinha, nós vinha aqui, comprava era pertinho, próximo peixe fresquinho, hoje em dia não tem*

mais isso aí. Entendeu? A expectativa é que as coisas é ficarem cada dia mais difícil. (Simone de Jesus, 33 anos). As medidas de auxílio às populações que sofrem com as alterações nas paisagens no presente, em alguns casos, são vistas como ineficientes diante dos problemas causados pela alteração dos hábitos tradicionais: *"Hoje em dia a gente tem uma dificuldade grande em questão da pesca, a gente recebe um auxílio que na realidade ele não atende* (Simone de Jesus, 33 anos).

A interrupção das atividades pesqueiras também traz outras marcas para as paisagens no presente que são percebidas pelas pessoas. As mudanças nos hábitos de vida refletem nas formas de associativismo e nas práticas culturais locais, muitas delas articuladas em torno das comunidades pesqueiras tradicionais, como em Barra do Riacho, Aracruz: *"A cultura nossa local, ela também se acabou com tudo isso, por que acabou a cultura? Porque acabou a pesca. Por que que acabou os meninos indo embora? Porque as empresas vieram e eles não deram conta. Eles vão trabalhar fora, porque a prefeitura não consegue. Então, eu acho que é isso, eu acho que eu vi isso*

ai” (Hidete Caliman, 54 anos). A oferta de opções de lazer, anteriormente enriquecida pela proximidade com as águas, passou a ser mais restrita: *“O lazer hoje, é para quem bebe, estar em bar ou uma cavalgada que tem de vez quando, praticamente não tem mais essa proximidade com a paisagem, com o ambiente como a gente tinha”* (Simone de Jesus, 33 anos, Degredo). O futuro imaginado, para muitas dessas comunidades, é o da impossibilidade de manutenção de seus modos de vida e da insuficiência da assistência para que consigam adaptar suas práticas ao contexto das alterações nos cursos d`água e nas práticas pesqueiras: *“Não vejo futuro aqui não, porque não pesca, né?”* (Agostinho dos Santos).

Em comunidades diretamente afetadas pela Lama de 2015, as medidas adotadas para a compensação pelos danos causados pelo desastre instalaram, na visão de alguns moradores de comunidades visitadas, tensões e desconfianças internas, abalando laços de associação tradicionais das populações, como em Regência, Linhares, na foz do rio Doce: *“com o lance da lama aí, começou ter briga entre vizinho às vezes até dentro da casa, ou ‘como é que*

minha esposa recebeu e eu não recebi? Meu filho recebeu eu não recebi. Ah, porque eu recebi e o vizinho...’ começou assim e aí as pessoas brigavam e viravam a cara mesmo. Então, todo mundo se dava bom dia, boa tarde, boa noite, apesar das diferenças de time e religião todo mundo se abraçava... é... e aí depois da lama isso deixou de existir. As pessoas começaram... então teve esse afastamento social, afetivo das pessoas, entendeu? E aí como é que você reconstrói isso?” (Carlos Sangália). Como já abordado nas seções 04 e 06, a interrupção das práticas pesqueiras e da proximidade com o rio trouxe sentimentos de frustração, desesperança, desconfiança, resignação e revolta entre os moradores diretamente atingidos pela Lama que possuem peso importante na formação das percepções de presente e de futuro das paisagens das quais participam.

Observa-se, neste caso, a imaginação de um futuro que dificilmente conseguirá garantir a perpetuação dos modos de vida e laços de sociabilidade historicamente estabelecidos pelas comunidades localizadas na foz do rio Doce. A imaginação de um cenário desfavorável no futuro parte da suspensão e alteração das formas de auto-identificação no presente causadas pelo evento-marco de 2015. *“Então, é o que muitos*

atingidos falam: "não, eu queria as comunidades como eram antes, não precisava ter mudado nada." Só que isso daí é difícil de reconstruir, então... que tenha qualidade de vida, né, com as pessoas felizes, a felicidade é a principal coisa, as pessoas felizes, com garantias de assistência social, garantias de saúde, garantias de um ambiente equilibrado, garantias de trabalho, né, não digo empregos, mas de sobrevivência econômica, né, então é a comunidade que tem que ter no... amanhã ou depois, mas é difícil reconstruir isso. ..." (Carlos Sangália, 53 anos).

Ao mesmo tempo, as paisagens da foz do rio Doce, e não só elas, são percebidas no presente como mais populosas, fruto de processos anteriores e da recente chegada de pessoas às áreas atingidas pela Lama em 2015. O adensamento populacional, associado à persistência de desigualdades sociais entre as populações da foz do rio Doce e Litoral Capixaba, trouxe o aumento da insegurança nas percepções de alguns moradores das localidades visitadas, como em Povoação, Linhares: *"Hoje tem mais pessoas, tem mais casas e é menos árvores. E assim e um pouco, você sente a própria presença, você sente que não é tanta paz como tinha antes, porque antes você respirava, podia respirar abertamente, hoje você não pode respirar abertamente. Você antes podia sair o dia todinho e*

largar a sua casa aberta, hoje você não pode fazer isso mais" (Diana Campista, 43 anos). Dentre as categorias de sensibilidades associadas às percepções de presente, a que mais aparece é a que se refere à dinâmica de descaracterização, que aponta justamente para os processos de alteração das configurações tradicionais das paisagens associadas aos modos de viver.

Em Itaunas, Conceição da Barra, essa percepção se associa à criação de novos núcleos de ocupação urbana abertos após a substituição dos antigos moradores da área central do povoado por pessoas vindas de fora que compraram as terras para instalarem empreendimentos: *"Em dois mil e quinze e dezesseis quando eu cheguei aqui, aqueles, o bairro Maria Tersília estava completamente consolidado, o espaço do hotel tinha virado um bairro, expandiu, aquele monte de casinhas, cresceu, pessoas que tinham outros lotes lá repartiram, né? Pessoas que tinham outro lote lá repartiu fez um loteamento e a vila de Itaúnas estava completamente ocupada, já diferente, já tinha começado um processo muito forte de descaracterização"* (Marcia Lederman, 50 anos). Processo semelhante pode ser observado nas localidades de

Guriri, em São Mateus e Urussuquara, entre Linhares e São Mateus. Essas paisagens, no presente, são percebidas como alteradas pela chegada de pessoas de fora que estabeleceram novas dinâmicas de interação social e empurraram populações tradicionais para outras áreas.

O processo de adensamento populacional gera percepções conflitantes. Por um lado, foi possível observar que o crescimento populacional é associado, em alguns casos, à maior oferta de serviços e empregos em cidades da região: *"Hoje hoje tem muitas coisas hoje também pq hoje nós temos várias empresas também localizadas no bairro Litorâneo e nós temos o posto de gasolina, do outro lado do posto de gasolina, tem uma fábrica de água mineral, é a fábrica [incompreensível]. Atravessando pro outro lado tem outra fábrica de água mineral que é essa aí. Essa aí esta localizada logo ali do outro lado também. E aqui nós temos (...) uma Locar, nós temos várias empresazinhas aqui, micro empresas localizadas no bairro"* (Manoel Afonso Cairú, 61 anos).

Contudo, a chegada de empresas nas sedes municipais e em algumas localidades específicas, como Barra do Riacho, São Mateus e Linhares, trouxe grande afluxo populacional que buscou se aproveitar da dinamização da economia na foz do rio Doce e Litoral Capixaba. Com isso, os novos bairros, Condomínios e Conjuntos Habitacionais passaram a ocupar antigas paisagens de matas, cultivos agrícolas e florestais e pastagens, o que é percebido como uma alteração marcante no presente das paisagens locais que suscita a imaginação de um futuro não muito promissor: *"não precisa ser gênio pra ler o futuro, basta ler bem o presente. Acho que vai ser cada vez pior. Pior. Se não tiver uma ação efetiva pensando na ação das pessoas, elas vão entupir. Santa Cruz vai ser uma coisa entupida. Porque você já tem todos esses bairros aí que a gente fala, que é São Francisco, outros santos... Agora, entre esses bairros, há loteamentos enormes que já estão fazendo casas e chegando cada vez mais pessoas.* (Sebastião Pereira da Fonseca, 70 anos).

Somando-se a essa percepção, observa-se que a instalação de indústrias não é percebida por algumas pessoas como efetiva na ocupação da mão-de-obra local, como já observado em outros momentos desta análise. As indústrias são percebidas no presente, nessa chave de leitura, como elementos de modernização e dinamismo econômico, mas incapazes de aumentar a renda das populações de muitas comunidades locais no território estudado: *"em termos de desenvolvimento industrial, eu vejo eles bem evoluídos. É muito foco de trabalho, né? Agora, em termos de problema, de falta de moradia, de excesso de população de fora vindo morar aqui, cada vez está ficando mais precário. Porque o município, ele não está preparado para que venha esse mundaréu de gente de fora e eles não querem voltar (...). Então eles ficam, mas acaba ficando sem emprego. Aí vai juntando, sabe, vai caindo demais a qualidade de vida dessa população geral. Porque quando a população aumenta, né, e você não tem infraestrutura para todo mundo, a natureza vai sofrendo também"* (Georgina Morais Cersana, 70 anos).

Nas Comunidades Rurais, Pastagens, Cultivos Agrícolas e Florestais, Vilas e outras paisagens que são conectadas pelos modos de vida das fazendas, muitas delas mais distantes das margens do rio Doce, as percepções a respeito do presente se associam à manutenção de costumes tradicionais e a elementos novos trazidos pelas novas dinâmicas sociais, culturais e econômicas. Não é raro ouvir, entre os habitantes de áreas ocupadas por fazendas, percepções como as de Adão Cellia, proprietário da Fazenda Tupã, nas imediações dos povoados de Bebedouro e Desengano, em Linhares: *"Olha só, não é muito diferente, do campo e do interior não, de modo geral, no Brasil. Quer dizer, as pessoas têm seus compromissos de trabalho, normal, né? (...) Mas, assim, as pessoas aqui trabalham se divertem muito, porque final de semana sempre tem festa, tem acontecimento, tem reunião de comunidade, tem... O pessoal vai para Linhares, vai para Baunilha, o pessoal tem uma relação grande com uma vila que tem aqui perto chamada Baunilha, outros aqui, Desengano, nós aqui temos mais relação com Desengano e Bebedouro"* (Adão Cellia, 61 anos).

Nessas paisagens, os elementos que marcam as percepções do presente e se associam com a imaginação de futuro estão associados às alterações dos usos do solo nas últimas décadas, tanto com a proliferação das pastagens quanto com a consolidação da indústria de celulose no Litoral Capixava, que levou à instalação de amplas plantações de eucalipto. Para além da discussão a respeito do grau de sustentabilidade das práticas associadas ao plantio de eucalipto, interessa observar que a percepção dessas paisagens possui, no presente e no futuro, caráter negativo referente não somente às alterações nas características do solo, como já mencionado em seção anterior, mas à substituição de atividades estabelecidas na região e a saída de populações locais para as margens das zonas urbanas próximas ou mesmo outros municípios em busca de trabalho. Assim, para além da questão das águas, nessas paisagens observa-se um alerta e um temor quanto ao potencial expansivo do Eucalipto por sobre antigas propriedades rurais. Tais alertas e temores são ainda mais presentes em comunidades historicamente silenciadas, como as integrantes das Vidas Indígenas e Vidas

Quilombolas, como na Comunidade Quilombola de Linharinho, em Conceição da Barra: *"Ah, a minha imagem hoje, eu só estou pensando que... daqui uns tempos se esses filhos nossos não tomarem conta vai ser só isso aí, só eucalipto, vai destruir tudo, né?"* (Domingos Cosme dos Santos, 72 anos)

A despeito desses temores quanto ao futuro, o trânsito cotidiano para as tarefas nas lavouras e pastagens, a visita a outros povoados e às sedes municipais em busca de lazer ou serviços continuam a constituir hábitos de vida que estabelecem laços de continuidade com as paisagens do passado, conferindo a essas populações uma perspectiva por vezes otimista quanto ao futuro imaginado: *"Rapaz, isso aqui não vai mudar muito não. Porque os velhos vão faltando, mas os novos vão crescendo. Os filhos estão trocando, igual lá em casa mesmo, eu não mexo mais com roça, já larguei na mão dos meninos, meus netos já estão consguindo dominar até a irrigação na roça. Então o futuro nosso aqui é quem morre, morre, quem vai ficando, vai tocando."* (Elza Soares, 63 anos)

Passado, presente e futuro são dimensões indissociáveis nas percepções das pessoas que constroem suas vidas em interação com as paisagens, participando de sua dinâmica e sendo, ao mesmo tempo, agentes e testemunhas dos processos de transformação ao longo do tempo. Observamos como as percepções de presente, especialmente após 2015, conformam perspectivas, ao mesmo tempo, pessimistas e otimistas quanto ao presente em relação ao passado e o futuro em relação ao presente. O marco temporal de 2015, contudo, se mostra central nas percepções de presente e imaginações de futuro. A partir dessas percepções fica claro como ele se constituiu como marco temporal inescapável das paisagens da foz do rio Doce e do Litoral Capixaba, constituindo as experiências e expectativas das pessoas e comunidades nelas instaladas. Abordaremos, a seguir, como os marcos temporais, inclusive o de 2015, se articulam na configuração das paisagens da foz do rio Doce e do Litoral Capixaba e, em seguida, os futuros imaginados e os potenciais transformadores das pessoas e comunidades que as integram.

3.9 O futuro das paisagens: caminho de possibilidades e potencialidades

3.9.1. Os desejos para o tempo futuro

O futuro é o tempo do imponderável. Nas relações que estabelece com o tempo, o homem se depara com a impossibilidade de controlar o que acontecerá no dia de amanhã. O mesmo homem que criou a roda, controlou o fogo, desenvolveu a cultura, a sociedade, fez a Revolução Industrial e a tecnológica se depara com duas grandes limitações: a certeza de sua finitude e a incerteza do futuro. Assim, seria mais razoável não criar expectativas em relação ao porvir. Porém, não é assim que os homens se comportam na maior parte das vezes. Movidos pelo instinto de sobrevivência, os humanos estão sempre pensando naquilo que pode acontecer no futuro; como viverão “o dia de amanhã”. Planejamentos são elaborados; vive-se na expectativa de dias melhores; comportamentos ansiosos são moldados a partir de uma excessiva preocupação com o futuro e com o leque de possibilidades que ele abre diante

das vidas. Desse modo, quando se pergunta às pessoas quais são os seus desejos para o tempo futuro, vislumbra-se um posicionamento muito íntimo e particular. Para responder a essa questão, o indivíduo precisa voltar a si mesmo e investigar aquilo que para ele é mais importante, tendo em vista sua vivência, suas experiências, seus anseios e quais são as possibilidades dentro dos recursos disponíveis.

Paradoxalmente, durante algumas entrevistas realizadas no Litoral Capixaba, algumas pessoas reagiram com surpresa a esse questionamento, como se não estivessem habituadas a pensar em seu futuro. Estariam essas pessoas tão sufocadas com a rotina, na busca pela sobrevivência, ou será que o tempo estaria se esvaindo tão rapidamente que as pessoas se esqueceram desse instinto fundamental, que move os humanos a caminhar hoje pensando no futuro? O que teria acontecido no passado ou no presente dessas pessoas que as levaram a reagir desse modo quando perguntadas sobre seus anseios para o futuro? E, na perspectiva do relacionamento com as paisagens do rio Doce, como essas questões se manifestam?

Durante as entrevistas foi possível observar que as respostas sobre o futuro desejado pelas pessoas estão intrinsecamente ligadas à personalidade de cada indivíduo e àquilo que cada um deles conseguiu trazer para a reflexão sobre as paisagens. As respostas vieram muito próximas ao que, em geral, deu “o tom” das entrevistas. Pessoas mais articuladas socialmente conseguiram, por exemplo, demonstrar uma maior preocupação com as questões sociais em seus desejos de futuro. Pessoas que vivenciam um presente de dificuldades econômicas e lutas pela sobrevivência ora imaginam um futuro em que tudo será melhor, ora apresentam certo pessimismo ou conformismo de que nada será modificado no futuro. As pessoas, em geral, que experimentaram situações de um grande trauma em suas vidas, como é o caso da ruptura provocada pelo rompimento da Barragem de Fundão, apresentaram o desejo de que o futuro volte a ser como era no passado, que passou a ser reconhecido como um tempo ideal na vida dessas pessoas. Tendo essas perspectivas no horizonte, adiante serão apresentados alguns desses anseios de futuro expressos pelas pessoas que foram entrevistadas nas

paisagens do rio Doce. E já que o futuro é o tempo das incertezas, mas, também, das múltiplas possibilidades, serão lançados alguns questionamentos sobre o modo como esses anseios podem estar relacionados às paisagens.

Alguns entrevistados expressaram seus desejos de futuro relacionados às necessidades de infraestrutura que poderiam ser construídas (ou melhoradas) para que aspectos ligados ao cotidiano fossem facilitados. Incrementos de serviços locais, como comércios, igrejas, rodoviárias, hospitais, postos de saúde e postos policiais foram mencionados, bem como construção de estradas, portos, pontes, indústrias (para aumento da oferta de empregos) e dragagem de rios. Assim, se expressa um desejo de futuro melhor em perspectiva particular em relação aos usos das paisagens. *"Melhorar assim, não tem, assim, ter alguma coisa, não tem, que a gente gosta, não tem? Igual eu, sou evangélica, não tem, eu gostaria que tivesse uma igreja aqui, não tem. Nós quando vamos pra Santa Rosa, uma mercearia, alguma coisa, o bom é assim, algum lugar pra gente estar comprando alguma coisa, não tem. Eu gostaria que aqui melhorasse, acontecesse isso aí*

não tem (Regina Vieira Pereira, 52 anos). *"Ah, eu gostaria de ser muito diferente. Muita produção, de exportar mesmo e ter aqui mesmo um asfalto, porque aqui é uma via estadual, como o asfalto já tá chegando ali pertinho de Itaúna e já tem até projeto de chegar, pelo menos, até aqui no assentamento Paulo Vinhas. Já seria bom demais se a estrada aqui arrumasse, a gente tem como voltar por aqui de carro e isso aí a agricultura ajuda a fazer isso, entendeu?* (Adison Alves Rigonis, 38 anos). *"Alguns serviços a mais pra população aqui, eu acho que seria muito bom, eu acho que hoje em dia comportar um posto de saúde aqui ou um posto policial também devido a segurança, traria mais segurança para as pessoas daqui, eu acho que é mais isso daí* (Victor Campos Rodrigues, 33 anos).

Esse desejo de um futuro melhor aparece também em falas genéricas, sem um objeto muito definido: *"Rapaz, eu não sei nem te explicar como que eu gostaria que tivesse no futuro. Sempre a gente pede é a melhora né? Agora, como vai ser nós não sabemos"* (Ronivaldo de Souza Simões, 65 anos). Além disso, o futuro melhor é desejado pelos entrevistados tendo em vista sua experiência do

presente: "A gente gostaria só que os preços das coisas fossem melhor entendeu? Por exemplo: se o governo, hoje em dia é assim, nós acabamos a colheita de café, por exemplo, você não sabe se você vai vender o café hoje, amanhã está mais caro entendeu? (...) Então se o governo botasse um preço né, no café" (Tarcísio Dias de Oliveira, 60 anos). "Todo mundo feliz. E sendo as coisas de acordo como pudesse ser né? Hoje como diz o outro, não tem mais nada em mãos para ninguém. Saúde era primeiro lugar, entendeu? E a gente mantimento nossos alimentos quando a renda era do rio, entendeu? (...) Não tem mais nada. Acabou! Acabou nosso sonho, matou nosso sonho" (Orlandesson Aguiar, 28 anos). Estaria esse desejo relacionado a uma percepção das dificuldades e desafios do tempo presente nas vidas das pessoas em sua relação com as paisagens? Nesse caso, o que se pode fazer no presente para que a realidade não seja tão áspera?

Nos desejos de futuro dos entrevistados foi incluído também um desejo de retorno ao tempo passado. Alguns entrevistados mencionaram o desejo de reaver a fartura, beleza e tranquilidade vivenciadas no passado. "Eu hoje, eu

tenho tanta rede ali que eu nem uso mais, eu não vou no rio, eu não boto mais, não compensa. (...) eu gostaria igual eu falei, igual há uns dez anos para trás, aí sim. Há dez anos a gente não se importava com dinheiro, botava a rede aqui e em poucos minutos...tranquilo" (Mateus José Cairu, 52 anos). "Olha, eu gostaria que fosse como há vinte, trinta anos atrás, do mesmo jeito que era entendeu? Tudo de fartura, tudo bonito, você chegava... Tudo... Tudo era mais...era diferente né? Tinha mais, tudo mais...hoje você só fala em tragédia, por exemplo isso que a gente está vendo aí, a gente calcula que seja, seja não, é uma tragédia, entendeu?" (Aldair Moreira Costa, 52 anos). "Eu gostaria que voltasse ao normal né, que tipo assim, não tivesse poluição no mar, não tivesse no rio, para a gente voltar a ter uma vida normal que eu acho...não sei quando que isso vai acontecer" (Simone de Jesus, 33 anos). Diante da impossibilidade de controlar, ou até mesmo de sonhar com o futuro, deseja-se voltar ao passado, tempo em que havia controle e previsibilidade. Nesses casos, impõem-se as mesmas questões: por que será que o presente é tão doloroso que faz com que o desejo das pessoas seja retornar

ao tempo passado? O que fazer no presente para que essa realidade seja transformada?

Outro desejo de futuro expresso pelos entrevistados é que tudo permaneça como está. Oposto do desejo de um retorno ao passado, é um desejo de permanência da situação vivida no tempo presente. *"Que nem tem a dona Rosa mais Jurema, hoje mesmo eu conversei com Jurema, nós não aceitamos que mude, para a gente continua a mesma coisa, porque foi uma recordação deles, porque foi um sofrimento deles que passou por aqui. O sangue deles foi derramado aqui. Eu não quero que mude não"* (Maria Amélia, 67 anos). *"Olha, o que precisar nós temos. Nós temos aí o posto de saúde, entendeu? Todo dia vem um médico de Linhares pra cá. O médico vai embora, sempre tem a enfermeira que, se precisar urgente, ela tá ali. Se o caso não for pra ela, ela comunica imediatamente para Linhares. Nós temos a escola de primeiro grau. Temos o*

carro que transporta quem vai fazer o segundo, terceiro, quarto e até o final. Então... Nós temos igreja, nós temos" (Nadir Costa, 76 anos). *"Eu tenho certeza que o meu gosto não serve para isso, não resolve, porque pelo meu gosto, pelo meu gosto mesmo a cidade nem cresceria mais, ia permanecer do jeito que está. Mas é necessário que cresça, não tem jeito, de que que vai adiantar eu falar que eu queria que ficasse assim?"* (Sebastião Assumpção, 70 anos). Estaria esse desejo ligado a um apego à uma situação de estagnação, um conformismo com a realidade vivenciada ou a um temor às mudanças, às transformações? Nesse último caso, quais seriam essas temidas transformações que as pessoas não desejam em seus futuros?

Um bom número de entrevistados, porém, informaram o desejo de um futuro em que exista uma sociedade melhor⁴. De modo global, temas como igualdade, distribuição de riquezas, sustentabilidade, educação,

⁴ Dos entrevistados que manifestaram seus desejos de futuro, 16 expressaram falas nesse sentido.

emprego, luta e união comunitária, respeito aos povos tradicionais, sensibilidade para a preservação da natureza, cuidado com a água, valorização dos produtores rurais, dentre outros, foram mencionados como fatores importantes para conduzir a sociedade e, conseqüentemente, as paisagens, rumo a um futuro melhor. Estaria esse desejo social ligado à constante necessidade de estabelecer conexões, característica dos humanos? Nessa abordagem do futuro desejado, três tendências foram observadas nas falas dos entrevistados: o desejo de uma sociedade melhor a partir da promoção individual; de uma sociedade melhor a partir da promoção comunitária e de uma sociedade melhor a partir da promoção do meio ambiente. Note-se que são três expressões que foram exploradas durante todo este trabalho, fundamentais para a compreensão das paisagens.

No sentido da promoção individual, podemos destacar falas, como a da Sra. Elenir Ribeiro: *"Todos trabalhando, ter no final do mês o seu salário, comprar o pão, o leite para o seu filho e muita gente desempregada vai viver como? De porta em porta pedindo? Entendeu? Fica difícil dar uma boa educação para o seu filho, a família em*

primeiro lugar, depois a educação" (Elenir Ribeiro Machado, 61 anos). O papel da educação e da geração de renda, no sentido individual, estiveram entre as questões mais mencionadas pelos entrevistados em seus desejos de futuro. Além da Sra. Elenir, que é professora, o Sr. Pedro Ribeiro Clarindo, pescador da comunidade de Nativo, em São Mateus, também afirmou: *"Como eu disse, primeira coisa, as pessoas têm que ter... uma geração de renda pra ele poder estudar, ou colocar os filhos para estudarem, porque sem uma renda, como é que vai dar um estudo a um filho, entendeu? Então, eu acho que primeira coisa que tem que se investir, é nisso aí, é em geração de renda, até mesmo capacitar algumas pessoas mesmo que seja para ficar aqui dentro, que seja para agricultura, que seja para qualquer outra situação, mas que gere renda dentro do lugar, para que as pessoas não precisem sair, pelo menos nós que já estamos mais velhos sair para ir buscar alguma coisa lá fora, os novos não, se a gente tiver uma renda, nós podemos, podemos proporcionar estudos melhores e aí eles tomam o destino deles"* (Pedro Ribeiro Clarindo, 52 anos). Desse modo, a educação e a emancipação individual são

compreendidas como fatores de elevação das pessoas no seu relacionamento com a sociedade - com as paisagens. Assim sendo, qual ou quais seriam as consequências da existência de indivíduos autônomos, educados e fortalecidos enquanto seres humanos, na relação com a sociedade e com as paisagens?

Sensibilizados por uma visão de futuro melhor a partir de melhorias na vida comunitária, os entrevistados destacaram questões como mobilização social, desenvolvimento local, posicionamento comunitário frente aos conflitos e união para superação das dificuldades do passado e do presente. *"Se nós temos essa, como eu disse, essa riqueza tão linda, tão bela e tão poderosa que é esse berço maravilhoso? Então, por que que nós não podemos mudar essa roda (...). Nós temos que defender o nosso espaço, temos que ter a resiliência de fazer que predomina o que a gente quer. Até com patrão, entendeu? Então, eu não vejo isso assim, tem que ser conduzido pelo sistema. Não, nós quem temos que conduzir o que a gente quer. Se a gente vai conseguir ou não, vamos ver no traquejo da luta do dia a dia, né, aonde vai chegar com isso"* (Herval

Nogueira Júnior, 57 anos). *"(...) eu penso em um dia, lá na frente de Povoação ainda ser a menina dos nossos olhos. Para que a gente tenha um turismo bacana, onde as pessoas vão querer vir para cá passar o fim de semana com a sua família, de ter bons restaurantes, boas pousadas e eu penso assim (...). Aí eu penso o futuro, como será o futuro de Povoação. Tudo de Povoação só depende de nós moradores, nós não devemos esperar por Fundação Renova para poder ter um futuro para Povoação. Povoação depende do nosso querer, de nós nos juntarmos, uma comunidade de mãos dadas e unidos e lutar por uma Povoação melhor. Eu acho que somos merecedores disso, depois de tanta tragédia é isso que eu penso"* (Eliane Gregório, 57 anos). Nesse caso, a perspectiva dos entrevistados é de que "a união faz a força" para que se caminhe a um futuro (melhor) desejado para as paisagens. Quais seriam os desdobramentos de comunidades unidas, fortalecidas e atuantes na relação com as paisagens?

O futuro melhor desejado pelos entrevistados passa também pelo respeito ao meio ambiente, a água e à natureza. *"(...)Eu vejo o homem buscando, outras fontes,*

outros planetas...é louvável. Mas oi? Para que que eu vou procurar habitar Marte se a Terra está aqui, se tudo que nós temos é lindo, se nós fazemos parte de uma natureza sabe? Generosa, ela só pede que a respeitamos, que nós cuidamos dela, que nós pensamos antes do construir, que nós respeitamos a margem dos rios, que nós calculamos os impactos ambientais que vai ter naquela área, que nós respeitamos os povos indígenas originários entende? Então tem que ter...a natureza, o ambiente, ele nos respeita, nós é que não respeitamos esse ambiente né? Então o que eu visualizo, o futuro que eu almejo é isso, que nós possamos sensibilizar com tudo isso que está acontecendo e possamos fazer uma política afetiva, assertiva para que nós possamos minimamente garantir a existência das nossas próximas gerações” (Luciana de Souza Oliveira, 38 anos). Elemento central nas paisagens do rio Doce, o cuidado com a água foi percebido como fator importante dentro do desejo de futuro das pessoas em algumas falas: *“Então essa briga constante né, que a gente, que a gente acompanha né? E uma delas é tentar a recuperação disso que já foi degradado ao longo de...nós estamos falando de centenas de anos. Com ações*

igual, voltar as matas ciliares em volta desse rio Doce, tentar tirar desenfreadas construções fora do perímetro regular das lagoas, tirar os esgotos principalmente das lagoas centrais dentro do município entendeu? Isso é o que está faltando para o futuro (...)” (Reuber Nascimento, 61 anos). *“Eu acho que vai ter uma melhora. A gente tem que acreditar que o mundo vai melhorar, não pode piorar. Você tem que acreditar que algo de bom vai acontecer. Porque daqui a pouco nós vamos ficar sem água para beber. Vamos pagar caro para beber água porque não estamos cuidando da natureza como deveria ser” (Georgina Morais, 60 anos).* Nesse ponto, como seria o futuro das paisagens do rio Doce se todos os indivíduos e comunidades assumissem uma atitude de respeito pelo meio ambiente e os recursos naturais? E, finalmente, diante de todas essas considerações dos entrevistados que apontam para a necessidade de uma sociedade melhor por meio da emancipação individual, coletiva e do relacionamento com o meio ambiente, pergunta-se: seria essa a chave para um futuro sustentável para as paisagens do rio Doce?

A análise das paisagens do rio Doce procurou estabelecer uma conexão entre espaço, pessoas e tempo. Por aqui foi tratado muito do que essas paisagens foram no passado e como elas são no presente. O futuro se apresenta diante de todos como uma incógnita, o já mencionado tempo dos imponderáveis. Mas, mesmo assim, as pessoas entrevistadas no Litoral Capixaba demonstraram algumas iniciativas que levam a crer que aquele instinto fundamental – de sobreviver e pensar no devir como um tempo de qualidade, respeito e dignidade, está muito vivo e presente nas relações dessas pessoas com as paisagens do rio Doce. Trata-se de tornar-se artesão da própria vida, moldar o presente como se fosse um pedaço de barro que, ao ser umidificado, vai ganhando contornos mais refinados. As paisagens para essas pessoas são, como vimos nas seções anteriores, extensões delas mesmas e são suscetíveis às transformações do humano, que opera em um jogo de forças com vetores contrários. É como se cada um desses agentes de e em transformação fossem oleiros com as mãos no barro: por vezes a argila ganha um formato harmonioso, mas hora ou outra, o torno escapa da mão e a peça volta a

ser um monte de barro disforme. O potencial de transformação se encontra aí, nas mãos habilidosas que empregam energia nos pontos precisos em que o barro se estrutura. É um trabalho lento, que exige paciência e observação até reconhecer que a peça já está pronta para ser posta no forno, e então, ao enrijecer-se, a cerâmica servirá para abrigar um belo ramo de flores. Essa metáfora é válida para compreender melhor as expressões e movimentos de algumas pessoas que habitam o vasto território do rio Doce. Mesmo diante realidades duras e por vezes até estéreis, elas seguem pacientemente moldando o barro, pois se tornaram oleiras com os aprendizados da vida.

3.9.2. O território do rio Doce: potencialidades humanas de transformação nas dinâmicas das paisagens

Para algumas pessoas, mudar o mundo faz parte daquilo que lhes move ainda que, por vezes, essa carga de motivação sofra lampejos de desesperança diante um cenário de incertezas. Já para outros sujeitos, a passividade opera como se o Estado, os políticos, aqueles que ocupam

posição de poder e decisão ou mesmo o plano espiritual fossem exclusivamente responsáveis por um futuro melhor. Diante disso, o sentido de comunidade e associativismo surge como uma alternativa que incita e fortalece ações e projetos destinados a suprir ou pelo menos atender minimamente às demandas locais, sejam elas relacionadas às pautas ambiental, social e/ou cultural. Na pesquisa realizada no território do rio Doce, o associativismo ou os movimentos em prol de uma organização pela coletividade apareceram nas falas de alguns entrevistados como caminhos para garantir e acessar direitos, denunciar problemas e descasos da parte do poder público ou de instituições privadas. Quando se trata das ideias sobre o potencial transformador, a maioria das pessoas apontou que, conjuntamente, acessam conquistas mais significativas, ainda assim, algumas delas indicaram também que o trabalho pessoal, isto é, as ações individuais, pequenas e quase invisíveis, são tão importantes quanto as primeiras para transformar o mundo positivamente.

Em algumas comunidades menores, a presença de instituições religiosas costuma mobilizar moradores em

ações sociais para atendimento de famílias economicamente mais carentes e para atuação em projetos que promovam melhorias relacionadas à qualidade de vida nas vilas ou nos bairros. As associações – sejam elas de bairro ou voltadas para qualquer outro fim –, os conselhos de saúde e as cooperativas são outras instâncias importantes para a organização e atuação da sociedade civil. Esses espaços promovem o empoderamento dos membros das comunidades diante daquelas necessidades e pautas que verdadeiramente lhes interessam. *"Então, como eu te falei, é tudo um só, acaba sendo um só, como a gente vive numa comunidade pequena, as alegrias e tristezas, elas se resumem na igreja, nas associações, nas nossas casas e no artesanato. Então, acaba que você evoluiu o dia inteiro em função desse trabalho. Ah! vou só atender a igreja ou só... Tem os horários que a gente vai para a igreja, para a associação, mas acaba sendo um todo. É voluntário, então a gente faz as demandas que aparecem"* (Hildete Jorge Calliman, 54 anos).

Entretanto, ainda assim observa-se que não são todas as pessoas que se envolvem com os movimentos sociais,

pois esse tipo de trabalho implica uma compreensão e postura política, dedicação e doação voluntária para causas que são de todos. Nessa seara política, dentre os motivos que distinguem aqueles sujeitos mais ativos dos mais passivos, se coloca o grau de instrução, as condições econômicas, a trajetória profissional e as habilidades e motivações pessoais da personalidade de cada um. *"Então, eu acho que a comunidade ela se envolve, nem tanto como ela deveria, então a gente se vê, nessa de enfrentamento, sozinha. A comunidade devia ser mais proativa, mas ela ainda é passiva. Reclama-se muito, mas ainda temos uma comunidade um pouco passiva. Não que a gente queira que elas [as pessoas] vão lá e quebrem a linha de trem... Nada... Mas, que elas vivenciem essas vias em volta delas, que é a associação, essas ongs, elas precisam acordar para isso"* (Hildete Jorge Calliman, 54 anos).

Mesmo que se tenha registrado falas indicando que, quando organizadas através de associações, as comunidades conseguem impedir situações que lhes prejudicariam, principalmente com a intervenção de órgãos como o Ministério Público Estadual ou Federal, é preciso

expandir esses diálogos ainda mais. De maneira geral, percebe-se que para ampliar o potencial transformador das pessoas que habitam o território do rio Doce, faltam suportes na organização de base, conhecimentos sobre trâmites burocráticos e administrativos e acessos a recursos financeiros por meio de projetos ou investimentos externos. Vale, para aprofundar essa questão, percorrer alguns caminhos que os entrevistados indicaram diante as realidades vivenciadas no passado, presente e aquelas almeçadas rumo ao futuro. Afinal, interessa expor um mapeamento das virtualidades presentes em um campo de múltiplas possibilidades para a melhoria da qualidade de vida, estabelecendo uma compreensão do panorama de necessidades e especificidades próprias a cada comunidade. Talvez seja oportuno lançar a reflexão ao próprio leitor: o que você considera necessário transformar para positivar sua vida hoje, em suas condutas, em sua casa, em seu bairro, cidade ou país? E ainda, o que estaria disposto a empreender para atingir tais objetivos? Pois bem, essas são algumas das indagações que os técnicos levaram para o diálogo junto às populações que habitam o território do rio

Doce. Percorreu-se o espaço, o tempo e as inquietações das pessoas...

Como já destacado em textos anteriores, há décadas, a luta dos povos indígenas da região de Aracruz mostrou-se como um exemplo de mobilização pelo reconhecimento territorial dos usos e ocupações tradicionais. As conquistas das terras indígenas demarcadas garantiram para aquelas gerações e para as futuras, espaços de “bem-viver” – noção filosófica própria aos povos Tupi –, nos quais se expressa o exercício de uma vida integrada com o meio ambiente, onde pessoas e espaços são extensões que compõem o ambiente em si. Destaca-se aqui o caráter atuante dessas coletividades ameríndias, assim como também das comunidades quilombolas do território do rio Doce. Essas últimas, particularmente, com a mobilização política e as alianças entre suas lideranças e parceiros externos têm se mostrado agentes de transformação das realidades locais e das paisagens. A garantia dos direitos constitucionais dos povos indígenas e tradicionais, isto é, o direito de vivenciarem suas práticas, saberes, territorialidades e cosmologias se apresenta como um enorme potencial

transformador, não somente para as vidas daqueles que estão diretamente envolvidos (inclusive humanos e não humanos), como também para toda a sociedade brasileira. Isto porque é a partir da diversidade dos modos de existência, que abarcam a bio, a sócio e a diversidade cultural, que preservamos aquilo que possibilita a perpetuação da própria vida em contraposição às ameaças destrutivas que se colocam nesse amplo território. As conquistas territoriais dos indígenas décadas atrás e dos quilombolas mais recentemente são contrapesos frente uma história de opressão e colonização que ainda hoje afeta esses grupos sociais.

Nesse contexto, os povos indígenas da região de Aracruz, por exemplo, são fontes de inspiração para os não indígenas, pois eles têm desenvolvido frentes de trabalho que operam na afirmação de suas identidades e fortalecimento de seus meios de vida. A abertura de algumas aldeias para visita ao público externo vai além de interesses exclusivamente econômicos e turísticos. São iniciativas que correm em paralelo com aquelas que se passam com outros povos e em outras terras indígenas do

país, todas elas visando promover a aproximação e respeito entre indígenas e não indígenas a partir da troca de saberes e visões de mundo. *"E porque, eles têm organizado essa coisa de visita, de aldeia temática, de encontro, de fazer trilha, tem um pequeno guia lá em indígena, na maneira dele, ele vem, ele te guia, aí você paga uma graninha, lógico, paga uma taxa para ele porque eles precisam de dinheiro também né?"* (Andreas José Hamer Boos, 56 anos).

Mesmo ampliando as perspectivas sobre como compreender as visitas nas aldeias, elas não deixam de ser uma proposta para atender os interesses de um nicho de turistas em especial. Aliás, a região do litoral do Espírito Santo apresenta um enorme potencial para o turismo com distintos fins, ou seja, para diferentes públicos. Alguns entrevistados apontaram que o incentivo ao turismo é uma boa forma de transformar os ambientes positivamente, mas reconhecem que é um setor que necessita de approach externo, especialmente para motivar e organizar as comunidades locais que podem ser envolvidas na geração de renda. Necessariamente, ao se dedicarem para cuidar das paisagens onde vivem, transformando-as em atrativos

turísticos, as comunidades também são beneficiadas com a melhoria da qualidade de vida, a geração de autonomia, organização e autovalorização. Talvez em algumas localidades o viés turístico acabe sendo abafado por falta de incentivo do poder público que acaba potencializando outros investimentos, em setores como o industrial, por exemplo. Ouvia-se em distintos lugares, como em Regência e Santa Cruz, que o rompimento da Barragem do Fundão afetou o turismo drasticamente e, posteriormente, que esse cenário não foi avaliado com o devido rigor para mitigar os impactos. Essas manifestações sobre o desastre da barragem trouxeram à tona descrenças em relação a um potencial transformador desejado para o futuro.

Ao lado dos potenciais turísticos identificados pelas comunidades se colocam as potencialidades culturais que, especialmente sob a ótica de pessoas envolvidas com distintas manifestações artísticas, precisam ser valorizadas urgentemente sob o risco de serem perdidas expressões e sabedorias de grande riqueza. Nas comunidades visitadas foram identificadas algumas pessoas que são reconhecidas como figuras importantes da cena cultural e potenciais

agentes de transformação. São mestres e rainhas de Congo, de Jongo, professores e professoras das artes, artesãos, pintores, poetas, músicos, protagonistas dos ateliês que transitam entre o universo intimista e àquele das ações políticas voltadas para as culturas. Como foi possível observar nas representações coligidas na área do Litoral Capixaba, a arte pinta as paisagens com os tons da sensibilidade humana; são os registros impressos, escritos, expressos, gravados e cantados de paisagens e sensibilidades que ficarão registrados para a posteridade. Essas pessoas se ocupam em exercer e expressar em seus projetos diários a arte como manifestação da vida, do cotidiano, da gente e das paisagens que lhes cercam. São também pessoas que tecem laços, investem a energia em redes de incentivo a projetos culturais, muitos dos quais ainda incipientes, já que carecem de recursos financeiros e apoios externos. Independente do grau de abrangência, todas as iniciativas de projetos culturais identificados são muito importantes para as pessoas, pois são gestos de valorização da nobreza humana na arte da criação.

A maranhense Elizabeth de Souza Areias (57 anos) é uma agente cultural de transformação que na região de Aracruz envolveu-se com as expressões e culturas locais: *"Que aqui tem uma riqueza cultural infinita né? Indígena, afro e... muito grande e você vai começando a descobrir essas coisas né? O Congo é... as histórias das pessoas... e você vai acabando e se envolvendo e você fala, poxa, isso aqui dá um documentário, poxa, isso aqui dá, vamos fazer? Então o meu papel aqui é esse assim, valorizar a cultura local, porque eu também sou produtora cultural né? Então o ano passado mesmo a gente participou do edital da Secretaria Estadual de Cultura com o Congo né, mostrando que aqui nessa região tem o Congo, que é bem antigo e que existem relatos de Dom Pedro falando, por exemplo, que quando ele esteve aqui, passou em Santa Cruz, em mil oitocentos e sessenta, ele foi recebido por uma banda de caboclo".*

Para ela, é preciso acreditar no potencial local, envolver-se "de corpo e alma", esperando que a região irá se desenvolver nesse sentido. Ela inclusive relatou sobre a ocasião em que o museu de Santa Cruz foi reformado como

resultado da mobilização da comunidade local. Ou seja, há situações concretas demonstrando o potencial transformador dessa comunidade (e certamente de tantas outras espalhadas no território do Doce) quando as ações se voltam para a valorização do humano, isto é, do material que constitui as pessoas a partir de suas memórias, afetos, encontros. *"Quando foi restaurado o museu, que inclusive eu participei do movimento lá para a restauração do museu, a gente que puxou, eu e grupo de amigos, a gente puxou essa... (...) ele estava caindo aos pedaços, todo detonado, tinha uma árvore assim, nascendo dentro da parede. Aí a gente começou a fazer, fizemos um abraço no museu para chamar a atenção das pessoas, da importância do museu, a gente fez uma exposição de fotografia antiga das pessoas. Então nós fomos nas casas das pessoas que tinham fotografia para a gente. E elas doaram essa fotografia para a gente mostrar como que era aquilo ali, como que era Santa Cruz, o que que eles faziam. A gente fez para motivar né, para as pessoas se sentirem pertencentes àquele lugar, o que que tinha acontecido naquele museu, o que que era né, o que que aquilo ali..."*

As expressões culturais, especialmente em comunidades menores, são formas de agregar as pessoas, de envolvê-las, de promover encontros e partilhas nas praças. Os eventos mais interessantes são construídos coletivamente, sob o toque das canções, de sonhos partilhados, nos quais as pessoas dialogam e se constroem nas trocas de olhares. Inclusive, grande parte das pessoas expressou dar mais valor para os festejos que celebram a simplicidade, os encontros e as manifestações que realmente tocam a alma das pessoas locais, do que os grandes palcos instalados para apresentações de artistas de fora, desconhecidos da comunidade.

Finalmente, a questão ambiental também provoca uma série de inquietações que mobilizam ou paralisam as pessoas em direção às transformações necessárias. Foram ouvidos registros importantes sobre os embates que as comunidades de distintas localidades enfrentaram e ainda enfrentam. Entre vitórias e derrotas, algumas delas conseguiram, por meio dos movimentos coletivos, fomentar a criação de áreas de preservação ambiental. Por exemplo, a criação da APA Costa das Algas e o Refúgio de Vida

Silvestre de Santa Cruz, foram resultados da organização de um movimento denominado Amigos do Rio Piraquê-Açu que há mais de vinte anos atrás mobilizou profissionais de distintas áreas e moradores de Santa Cruz em oposição aos interesses de uma mineradora que pretendia se instalar na região. *"E foi uma briga bem bonita, bem bacana, bem gostosa, porque eles não instalaram. Porque até a Brasília a gente foi conversar com o ministro na época, falar sobre isso e aí dez anos depois foi criada essa área de preservação, o parque né?"* (Elizabeth de Souza Areias, 57 anos).

Na vila de Itaúnas, em Conceição da Barra, a ONG Sociedade Amigos por Itaúnas – SAPI, incentiva a participação social nos movimentos de preservação ambiental da região. Uma das conquistas desse grupo foi a inserção atuante de membros da comunidade no Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Itaúnas, que tem conseguido avanços na preservação do rio e de sua bacia como um todo. O mais recente é o movimento "Rio Itaúnas Sempre Vivo", que com ações planejadas e crowdfunding incentiva ações de preservação da bacia. Esse movimento produziu e lançou, em 2019, um documentário educativo sobre a história do rio

Itaúnas que alerta para o risco da sua extinção e aponta caminhos para o futuro hídrico da região. *"Retomamos para dentro do comitê, entramos, voltamos para dentro do comitê, aí o comitê existe desde então, dede noventa e oito criado por nós, era um comitê provisório hoje em dia faz parte comitê, comitê da bacia hidrográfica do rio Itaúnas, o comitê mais antigo do Estado. O mais conflituoso, mas também o que mais funciona, assim o território mais conflituoso por uso da água, mas é o comitê mais atuante de todos, assim frequente, atuante, discute, cria, né? Inova. (...) Então, em dois mil de dezessete fizemos a campanha, dois mil e dezoito documentário, lançamos em dois mil e dezenove e a gente continua na nossa, no nosso caminho como ONG, fazemos projetos de educação locais, processos educacionais em contraturno escolar, a gente tem relação aqui, mas também com esse espaço bacio hidrográfico, onde nós escolhemos que assim nosso espaço de atuação é bacio hidrográfico do Rio Itaúnas. Então o maior lugar de atuação é aqui no dia a dia, tem educadoras ambientais, tem projetos que vão trabalhando e tem o viveiro comunitário que*

trabalha com plantas medicinais com resgate de conhecimento, saberes. (Márcia Lederman, 50 anos).

Em Linhares também se observa o movimento recente que surge da comunidade e está sendo apoiado pelo poder público local, com o propósito de transformar algumas lagoas do município em Unidades de Conservação. De acordo com o entrevistado Elber Tesch, que ocupa o cargo de Subsecretário do Meio Ambiente do Espírito Santo, "(...) *existe uma articulação da sociedade civil de Linhares e aqui do entorno e que a gente está dando todo o suporte, eu hoje enquanto Sub Secretário de Estado damos todo o suporte que é para a preservação das nossas lagoas de Linhares, então existe uma proposta correndo lá na Secretaria de Estado de Meio Ambiente e no Instituto Estadual de Meio Ambiente também os nosso técnicos estão avaliando uma proposta para transformar seis, seis lagoas de Linhares em Unidade de Conservação é...Lagoa Nova, Lagoa Juparanã, Lagoa das Palmas, Lagoa das Palminhas, Lagoa Terra Alta e Lagoa Terra Altinha. Então existe uma articulação, um grupo aí para transformar essas lagoas em Unidade de Conservação e eu dou todo apoio porque essas lagoas são*

extremamente importantes né? Do ponto de vista de recursos naturais, do ponto de vista socioeconômico em todos os aspectos né?"

Outro exemplo de mobilização coletiva em prol de questões ambientais que geraram transformações positivas na relação das pessoas com as paisagens foi relatado na vila de Regência, na foz do rio Doce. O socioeducador do Projeto Tamar Carlos Sangália contou como a iniciativa dele e da esposa, no final da década de 1980, gerou um movimento social de grande abrangência na localidade e transformou a relação das pessoas com o rio Doce. De acordo com o relato, foi a partir de um evento, chamado "SOS Regência", que foram unidos os esforços do Projeto Tamar, que atua na localidade desde 1982 e do movimento das "Descidas Ecológicas" do rio Doce, grupo de ecologistas que desciam de caiaque pelo curso do rio, para a formação do Comitê da Bacia do Rio Doce, ação pioneira na formação de comitês de bacias hidrográficas no Brasil. *"Regência tinha muita dificuldade, estradas ruins, não tinha unidade de saúde, não tinha nada, escola era só até a quarta série. E aí fizemos esse evento chamado SOS Regência. Para chamar atenção*

da municipalidade, e começar a mostrar que Regência existia. (...) também, na época foi criada a associação de moradores (...). É... e aí nos começamos enquanto trabalho de educação ambiental focar muito nessa questão do Rio Doce, além do ambiente marinho costeiro, das tartarugas, questão muito do rio Doce. E em 91 teve a primeira descida ecológica, trabalho científico mesmo do rio Doce, primeiro trabalho assim, científico, foi em 91, foi quando foi criado o movimento pró comitê, que não existia comitê aqui ainda no Brasil, e foi criado um movimento pró comitê Rio Doce". Desde o final dos anos 1990, os comitês de Bacia Hidrográfica são importantes meios de participação social na gestão dos recursos hídricos, atuando no gerenciamento de conflitos e problemas ambientais.

O rompimento da Barragem do Fundão ampliou a necessidade de organização coletiva de algumas comunidades que se depararam com inúmeras perdas e, posteriormente, com o diálogo a ser feito junto a Fundação Renova. Diante a situação se colocaram novos desafios e superações, bem como a mobilização de pessoas que, por suas razões e condições pessoais, assumiram posições,

como é o caso da Sra. Eliane Gregório, de Povoação, que se tornou uma das representantes da comissão dos atingidos. *"(...) eu faço parte de todas as campanhas técnicas, participo né? E tento ajudar o atingido naquilo que for possível, entendeu? Ajudando, levando as reivindicações... aquilo que eu posso ajudar eu estou ajudando. Isso aí é um trabalho voluntário, não tem ganho, não tem nada, é tudo feito com muito amor".*

Talvez o que se possa afirmar sobre essas pessoas que inspiraram as conversas com a equipe técnica, abriram as portas de suas casas, de seus quintais, de suas vidas para compartilhar aquilo que acreditam, um mundo onde o "desenvolvimento sustentável seja socialmente justo, economicamente inclusivo e ambientalmente responsável" (Cortez, Henrique, 2005), é que elas se somam e se reúnem em uma espiral de afetos. Cada qual investe a energia pessoal voluntariamente porque acredita no potencial do humano e do planeta. São pessoas que enchem os olhos d'água quando falam de seus lugares de origem, dos mais velhos que já se foram, das paisagens que lhes compõem em memórias, dos aprendizados vivenciados junto à

natureza, das lutas, das decepções e crueldades que atropelam a vida. Sentem-se vivas com o som de pássaros e de tambores, diante o encontro das águas doces e salgadas, com o cheiro da mata e do café passado, com as histórias que ouvem e repassam. Alimentam-se do mangue, do rio e do mar, não apenas porque ali encontram elementos de subsistência que lhes satisfaçam tal necessidade, mas porque vivenciam o sentimento de coexistência e cocriação de suas realidades e, se constituem assim, como identidades, a partir dos atravessamentos das relações que lhes compõem. São pessoas que se movem acreditando na potência interior que em tudo está: *"Hoje eu tento, por exemplo, não comer carne porque eu entendo que eu não preciso matar um ser vivo para saciar a minha fome. Eu tento diminuir a quantidade de descartáveis que são lançados dia a dia né, nos lixões, nas vias de recolhimento. Eu tento fechar a torneira toda vez que eu vou escovar o dente, que eu vou tomar banho, eu faço mínimas coisas que cabem a mim sabe? Não cabe ao governo fazer, não precisa de mudanças grandiosas, basta que a gente mude pequenos hábitos e eu tento ensinar isso para os meus filhos. Então*

eu acho que se eu começo a mudar a mim nessas pequenas, nos pequenos hábitos que são de minha inteira responsabilidade e passo isso para os que estão ao meu lado, mas não passado com uma fala vazia, passar na ação mesmo sabe?" (Luciana Souza Oliveira, 38 anos)

Incansáveis na busca pelos sonhos, fortalezas que imprimem suas presenças atemporais, essas pessoas entrelaçam suas ações juntos a outros que partilham da mesma ânsia pela realização do melhor para todos. Elas seguem inspirando esperança onde e diante do que quer que se apresente, tramam suas vidas e ações, sem muitas vezes perceberem ou sequer terem noção, de que fazem parte de uma corrente entrelaçada nas paisagens desse território que é o Doce. *"Eu sou uma batalhadora na minha comunidade, eu brigo pela minha comunidade, assim como todos os meus amigos, os meus irmãos, as pessoas que estão ligadas a mim. Então eu me vejo hoje fazendo parte, se futuramente, as coisas melhorarem e a gente ter tudo o que a gente conquistar eu sei que eu sou parte disso, porque a gente luta por isso, entende?"* (Simone Silva de Jesus, 33 anos)

3.10 FLUXOGRAMA PAISAGÍSTICO DA FOZ DO RIO DOCE E LITORAL CAPIXABA

Nas seções anteriores foram apresentadas análises referentes às paisagens da Foz do rio Doce e do Litoral Capixaba, divididas em eixos temáticos que ressaltaram as relações entre os tipos e o espaço, entre os tipos e os tipos, entre os tipos e as pessoas. Foram abordados aspectos relativos aos sentimentos das populações sobre as paisagens, aos elementos identitários que constituem as formas de identificação e viver das populações locais, e aos processos históricos que atravessam as paisagens e as integram em contextos sociohistóricos. Essas paisagens, por sua vez, são atravessadas pela história da ocupação do território e pelas trajetórias de vida das pessoas que participam da dinâmica de construção das paisagens. Assim, as temporalidades foram abordadas como elementos constituintes das paisagens através das marcas que deixam na configuração do espaço, nas formas de vida das comunidades humanas, que passaram por modificações ao longo do tempo, guardando elementos que remontam aos

processos e elementos históricos e, ao mesmo tempo, incorporando novos elementos agregados pela transformação no tempo. Também foram abordados elementos a respeito do futuro tal como é percebido e imaginado pelas pessoas, lançando olhar sobre como as aproximações e distâncias entre o que é desejado e o que é percebido pode suscitar a emergência de potenciais transformadores entre comunidades e seus membros.

Nesse longo trajeto, no tempo, no espaço e na análise, foi possível observar como as paisagens da foz do rio Doce e Litoral Capixaba possuem múltiplos fios que as conectam e que estabelecem relações materiais e simbólicas que constituem as formas de viver, as percepções das populações e são difundidas através de representações que possuem difusão local e, em alguns casos, mais ampla, abarcando toda a área estudada. Foi possível perceber também a centralidade do rio Doce em processos históricos decisivos para a consolidação das atividades produtivas atualmente existentes na região e para a formação das identidades locais a partir da afirmação dos modos de vida associados às águas e ao recurso à natureza para a obtenção

do sustento. Ao mesmo tempo, observou-se como processos que vêm de longe no tempo levaram a um cenário de alteração dos recursos naturais que já era percebido antes de novembro de 2015, quando o rompimento da Barragem de Fundão estabeleceu um novo marco temporal que modificou formas de viver, de atuação social e de organização comunitária. Com esse triste marco temporal, diferentes formas de perceber e imaginar o futuro surgiram nas sensibilidades das pessoas, mostrando tanto a perda de esperanças na possibilidade de um futuro melhor até o fortalecimento do sentido de luta pela perpetuação de características comunitárias julgadas essenciais para a manifestação das identidades locais.

Os elementos sensíveis e materiais integrantes da dinâmica das paisagens da foz do rio Doce e Litoral Capixaba são, portanto, indissociáveis e não podem ser analisados senão dentro dos múltiplos contextos temporais atravessados pelo rio Doce e suas populações, não devendo ser considerados como estáveis. As paisagens são, ao mesmo tempo, resistentes e resilientes em suas configurações materiais, são fluidas no que diz respeito às

formas de sua apropriação física e simbólica pelas pessoas. Observou-se, então, a existência de sentimentos que apontam, ao mesmo tempo, para a resignação, para o pessimismo, a incredulidade e para a esperança em um futuro melhor por meio da participação social. As paisagens do rio Doce e Litoral Capixaba, nesse sentido, encontraram caminhos para reforçar lutas já existentes e criar novas formas de pressionar os poderes públicos e os envolvidos no rompimento da Barragem de Fundão para a tomada de medidas adequadas de reparação e compensação aos impactos e danos causados a comunidades e pessoas específicas. Essas formas de reivindicação, como observado na seção final do texto, apontam ao mesmo tempo para a reconfiguração dos laços associativos, em diálogo com os já existentes, e para o surgimento de novas identidades pautadas pela luta que se iniciou a partir do final de 2015.

Assim, novas e antigas relações que envolvem o tempo, o espaço e as pessoas integram a complexa trama que caracteriza a paisagem do rio Doce e do Litoral Capixaba, formada pela interseção das diversas paisagens encontradas no território e suas relações. Essas relações

formam uma rede que, ao conectar as paisagens, mostra o dinamismo e a vida que pulsa, com seus trânsitos, localizações, disputas e vidas, que trazem os usos, os afetos, a criatividade e a esperança. Da sobreposição analítica desses elementos, relacionados às paisagens da foz do rio Doce e do Litoral Capixaba, foi possível obter o fluxograma das paisagens do rio Doce e Litoral Capixaba, que será apresentado na Figura 19, na próxima página. Ele reúne as relações de Trânsitos, Localização, Disputas, as que envolvem as Vidas, os Sentimentos, as Temporalidades e o Potencial Transformador. Foram acrescentadas as informações a respeito dos níveis de antropização e artificialização das paisagens nativas e domesticadas, para permitir a visualização do esquema geral das relações entre os tipos paisagísticos nessa região.

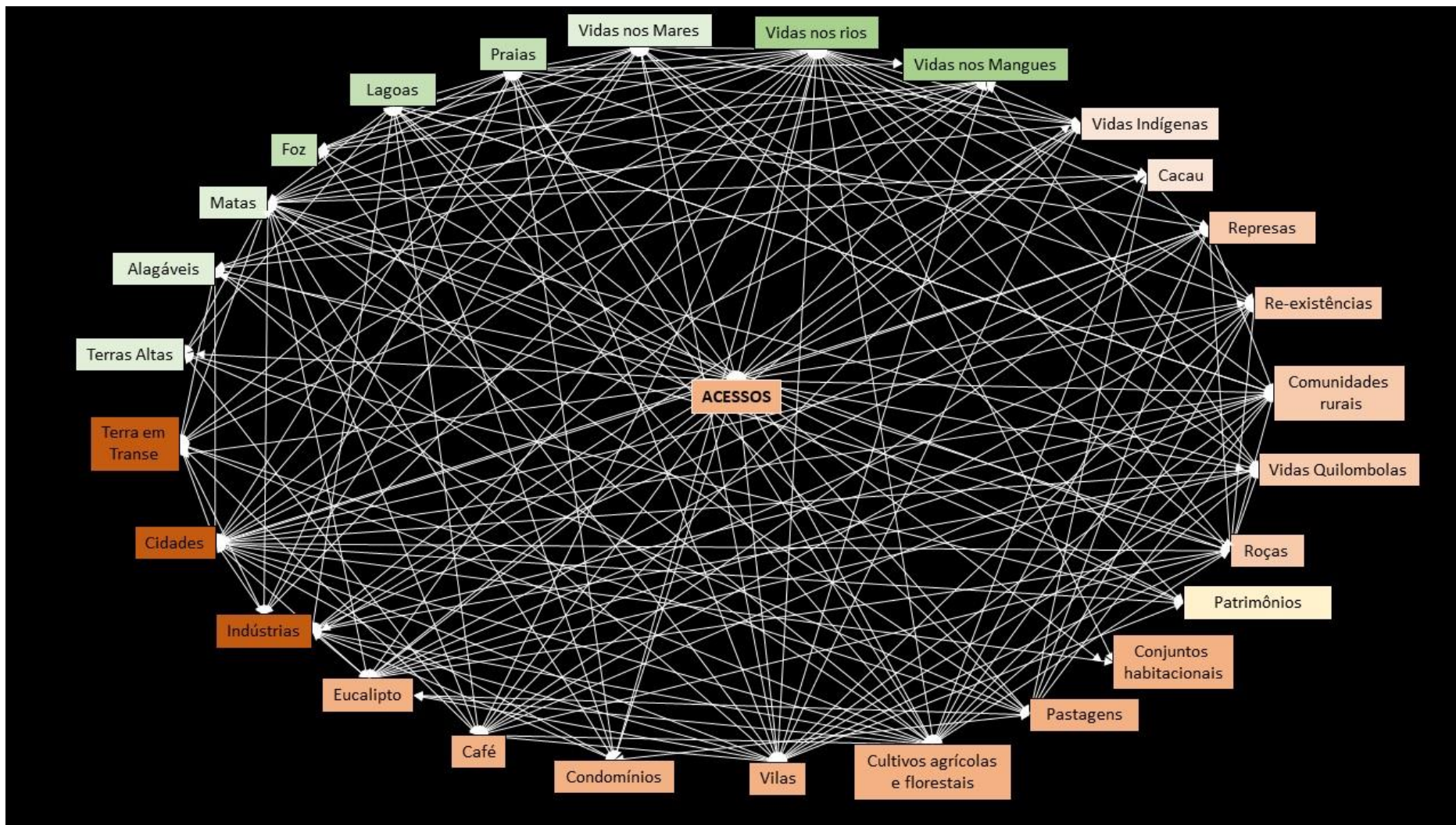


Figura 19: Fluxograma das paisagens da Foz do rio Doce e Litoral Capixaba.